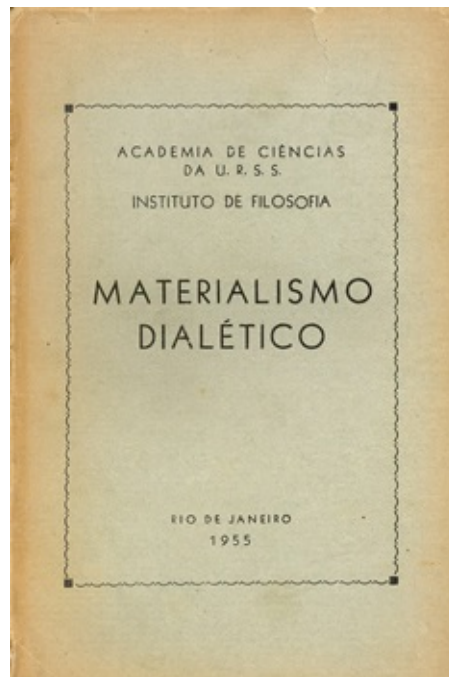
MATERIALISMO DIALÉTICO

ACADEMIA DE CIÊNCIAS DA URSS

βOOK

Arquivo Marxista na Internet

Capa Origianl

Materialismo Dialético

Academia de Ciências da URSS

Instituo de Filosofia

Autores:

V.P. Tchertkov

V.S. Molodtsov

D.M. Trochin

K.V. Moroz

F.I. Kalochin

N.F. Ovtchinnikov

P.T. Belov

I.G. Gaidukov

M.A. Leonov

A presente edição foi traduzida do original russo "Materialismo Dialético", Moscou, edição da Academia de Ciências da URSS, Instituto de Filosofia, 1954.

1955

Editorial Vitória

Índice

O Materialismo Dialético, Concepção do Mundo do Partido Marxista Leninista

V. P. Tchertkov

Segundo a definição do camarada Stálin, o marxismo é

> "*a ciência das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, a ciência da revolução das massas oprimidas e exploradas, a ciência da vitória do socialismo em todos os países, a ciência da construção da sociedade comunista*."(1)

Orientando-se por essa grande ciência revolucionária, o Partido de Lênin e Stálin definiu com clareza os caminhos a percorrer na luta dos trabalhadores pela libertação do jugo dos latifundiários e dos capitalistas, levou os operários e os camponeses à vitória sobre os exploradores, conduziu o povo soviético pela estrada ampla e clara do comunismo, tornou o país soviético poderoso e invencível, transformando-o no baluarte mundial da paz, da democracia e do socialismo.

O materialismo dialético é a única concepção científica do mundo e constitui o alicerce teórico do comunismo.

No trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, o camarada Stálin dá a segunda definição do materialismo dialético:

> "*O materialismo dialético é a concepção do mundo do Partido marxista-leninista. Chama-se materialismo dialético porque seu modo de abordar os fenômenos da natureza, seu método de estudar esses fenômenos e de conhecê-los é dialético, e sua interpretação, sua compreensão dos fenômenos da natureza, sua*

teoria é materialista."(2)

A criação, por Marx e Engels, do materialismo dialético foi um grande feito científico. Marx e Engels generalizaram e reelaboraram criticamente as conquistas do pensamento filosófico, generalizaram e reinterpretaram criadoramente as conquistas das ciências naturais e sociais, bem como toda a experiência da luta das massas trabalhadoras contra a exploração e a opressão.

Utilizando tudo aquilo que de melhor havia sido acumulado pela humanidade durante os milênios anteriores, Marx e Engels realizaram uma reviravolta revolucionária na filosofia, criaram uma filosofia qualitativamente nova.

A essência da reviravolta revolucionária realizada na filosofia pelos fundadores do marxismo reside em que a filosofia se tornou, pela primeira vez na história da humanidade, uma ciência que arma os homens com o conhecimento das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade e que serve de instrumento de luta pela vitória do comunismo. Os sistemas filosóficos do passado se caracterizavam pelo fato de que seus criadores, incapazes de elaborar um quadro único e harmonioso do mundo, amontoavam indistintamente os mais variados fatos, conclusões, hipóteses e simples fantasias, pretendiam conhecer em última instância a verdade absoluta e limitavam assim, na sua essência, o vivo processo de conhecimento, pelo homem, das leis da natureza e da sociedade.

A descoberta feita por Marx e Engels assinalou o fim da velha filosofia, que ainda não se podia chamar de científica, e o começo do período novo, científico, da história da filosofia. A filosofia marxista não é uma ciência acima das outras ciências.

O materialismo dialético é um instrumento de pesquisa, um método que penetra todas as ciências da natureza e da sociedade e, por sua vez, constantemente se enriquece com as novas conquistas das ciências e da atividade prática de construção do socialismo e do comunismo.

O marxismo marca também uma etapa qualitativamente nova na evolução do pensamento filosófico, no sentido de que somente com o marxismo a filosofia se tornou uma bandeira das massas.

J. V. Stálin ensina que o marxismo

> "*não representa simplesmente uma doutrina filosófica. É a doutrina das massas proletárias, sua bandeira; os proletários de todo o mundo a veneram e se 'inclinam' diante dela. Por conseguinte, Marx e Engels não são simplesmente fundadores de uma 'escola' filosófica qualquer: são os chefes vivos do movimento proletário vivo, que cresce e se fortalece dia a dia".*(3)

Foi por isso que A. A. Jdânov, *criticando, no debate sobre filosofia, a errônea interpretação da história da filosofia como simples substituição de uma escola filosófica por outra, observou que*

> "*com o aparecimento do marxismo como concepção científica do mundo, própria do proletariado, termina o velho período da história da filosofia, o período em que a filosofia era uma ocupação de indivíduos isolados, um patrimônio de escolas filosóficas compostas de pequeno número de filósofos e seus discípulos, encerrados em si mesmos, desligados da vida e do povo, estranhos ao povo.*

O marxismo não é uma escola filosófica desse tipo. Ao contrário, é a superação da velha filosofia, que era patrimônio de uns poucos eleitos — da aristocracia do espirito — e o começo de um período inteiramente novo na história da filosofia, em que essa se torna uma

arma científica nas mãos das massas proletárias que lutam pela sua libertação do capitalismo?(4)

Ao ganhar as massas, as ideias da filosofia marxista se tornam uma força material. As doutrinas filosóficas anteriores ao marxismo não tinham e não podiam ter essa força.

A profunda diferença dos princípios entre o materialismo dialético como filosofia marxista e os sistemas filosóficos anteriores reside em que o materialismo dialético serve de poderoso instrumento de influência prática sobre o mundo, instrumento de conhecimento e de transformação do mundo.

Marx afirmou, já no começo de sua atividade revolucionária, que se nos velhos tempos tomavam os filósofos por tarefa apenas explicar o mundo desta ou daquela maneira, deve a filosofia nova, revolucionária, transformá-lo. Sob a bandeira do marxismo-leninismo, o Partido Comunista da União Soviética e o povo soviético modificaram radicalmente a fisionomia da velha Rússia. O materialismo dialético, criado por Marx e Engels e desenvolvido por Lênin e Stálin, é uma poderosa arma teórica nas mãos da classe operária que luta contra o capitalismo, pelo socialismo e pelo comunismo.

| - - | - - | - - |

Uma concepção do mundo é um sistema de ideias sobre o mundo em seu todo, são os princípios básicos segundo os quais os homens abordam e explicam a realidade que os cerca e pelos quais se orientam em sua atividade prática.

Por maiores que sejam as descobertas feitas nos diferentes setores da natureza, elas ainda não fornecem nem podem fornecer uma

compreensão única da natureza, uma interpretação desta como um todo. Poderão, por exemplo, determinadas descobertas no domínio dos fenômenos químicos, determinadas leis químicas constituir uma concepção do mundo, fornecer uma compreensão da natureza em seu todo? Evidentemente não, porque, por mais importantes que sejam, só são válidas dentro de limites bastante restritos — o setor dos fenômenos químicos — e não revelam a essência de uma grande quantidade de outros fenômenos.

O mesmo se pode dizer de todas as demais ciências. Nenhuma das chamadas ciências concretas pode dar uma ideia total do mundo, pode dispensar a necessidade da elaboração de uma concepção total do mundo.

Houve na História muitas tentativas de criar um quadro completo do mundo por meio da extensão das leis de uma das ciências concretas a todos os fenômenos da natureza e da sociedade. Assim, no século XVIII, os filósofos não só estendiam as leis da mecânica a todos os fenômenos da natureza, como tentavam interpretar, por meio delas, os fenômenos sociais. Na segunda metade do século XIX, teve ampla divulgação na filosofia e sociologia burguesas a transplantação para a sociedade das leis do darwinismo, criando-se assim a base teórica para que a sociologia enveredasse por uma orientação tão reacionária como o darwinismo social.

Por vezes, verificava-se também o oposto, isto é, tentativas de estender as leis sociais aos fenômenos da natureza. A vida dos insetos, por exemplo, era comparada à atividade do Estado; afirmava-se que "também os animais trabalham", etc.

As tentativas de aplicação das leis peculiares a certos fenômenos

a outros são anticientíficas e reacionárias. Este gênero de teorias profundamente reacionárias encontra grande campo de desenvolvimento na época do imperialismo, quando os defensores do capitalismo em decomposição deturpam conscientemente a ciência, esforçando-se por justificar, custe o que custar, o capitalismo e as guerras de agressão e de rapina.

Para elaborar uma concepção do mundo completa e total, é necessário generalizar as leis da natureza e da sociedade, descobrir leis gerais inerentes a todos os fenômenos, objetos e processos da realidade — leis que possam servir de princípios diretores e de ponto de partida para abordar-se os mais diversos fenômenos da realidade. A descoberta de leis desse tipo, a elaboração do método de abordar a realidade e de interpretá-la é tarefa de uma ciência especial — a filosofia.

Intervindo no debate sobre filosofia, em 1947, A. A. Jdânov afirmou:

> "*A história cientifica da filosofia é, por conseguinte, a história do nascimento, origem e desenvolvimento da concepção materialista e científica do mundo e de suas leis.*"(5)

A história da origem e desenvolvimento da concepção científica do mundo não é um processo autônomo qualquer de desenvolvimento de ideias puras, que saiam umas das outras. Na realidade, as diversas descobertas no domínio da filosofia representam sempre a generalização — consciente ou inconsciente — dos conhecimentos reais sobre a natureza, o reflexo — consciente ou inconsciente — de determinadas necessidades do desenvolvimento da vida social.

Engels afirma que:

"*não foi, de forma alguma, a força da ideia pura que impulsionou os filósofos, como eles imaginavam. Ao contrário, o que na realidade os impulsionou foi, principalmente, o progresso formidável e cada vez mais impetuoso das ciências naturais e da indústria.*"(6)

O processo de desenvolvimento do pensamento filosófico foi influenciado não só pela produção, não só pelo desenvolvimento das forças produtivas, como também pelas relações de produção, pelas relações sociais entre os homens. As ideias filosóficas, como superestrutura erguida sobre a infraestrutura real de tal ou qual sociedade, representam sempre e em toda parte o reflexo deturpado, na cabeça dos homens, das transformações ocorridas na esfera da produção e das conquistas das ciências naturais.

Essa deturpação, nas formações sociais em que existem classes antagônicas, é condicionada pelo caráter das relações sociais, pela posição de classe dos autores dos sistemas e doutrinas. A luta entre as classes, a luta entre as forças sociais progressistas e reacionárias encontra expressão na filosofia como luta entre correntes ideológicas opostas. Assim, posto que a sociedade se dividia em classes hostis e era impulsionada pela luta entre as mesmas, a história do pensamento filosófico se apresentava como história da luta entre ideias, luta que refletia a história da luta de classes.

O materialismo surgiu e se desenvolveu em áspera luta contra o idealismo e contra as diferentes correntes idealistas. Toda a história da filosofia é a história da luta entre os principais campos e partidos da filosofia, a qual reflete o conflito entre as classes sociais e os partidos que representam seus interesses.

Lênin afirmou:

"*A filosofia moderna está tão impregnada do espírito de partido como a de dois mil anos atrás.”*(7)

Assim, a história da filosofia é a história da luta entre dois campos opostos — o materialismo e o idealismo. Os materialistas visam a uma interpretação correta da realidade, partindo das próprias leis da realidade, da natureza. Ao contrário, os idealistas tentam explicar o mundo, a natureza, não a partir dela mesma, mas com a ajuda de forças ideais fictícias que, em última instância, são forças divinas.

O concepção idealista do mundo é tão anticientífica e reacionária como a religião, que tem raízes comuns com o idealismo. O idealismo considera o mundo como encarnação da "ideia absoluta”, da "razão universal”, da "consciência”. Do ponto de vista do idealismo, os fenômenos e objetos da natureza que nos cercam — todo o mundo em seu conjunto —não existem por si mesmos, mas são produto de forças do outro mundo pretensamente acima da natureza.

Os idealistas, particularmente os idealistas do tipo do filósofo alemão Hegel, falam muito na unidade do mundo e em que conseguiram elaborar uma interpretação única e completa da realidade. Mas isso são meras palavras. Na realidade, os idealistas não estão em condições de encontrar uma unidade real entre todos os fenômenos do mundo e falam de uma unidade fictícia, inteiramente fantástica.

Todo idealismo, quer forneça um quadro do mundo à base de forças do outro mundo, sobrenaturais, ou considere a consciência humana como o primário, leva inevitavelmente à religião, ao clericalismo. Não é casual, portanto, que o próprio idealista Hegel tenha falado da "razão universal” como ideia do "portador do mundo”, isto é, de Deus, e os machistas tenham, de fato, representado o papel de lacaios do obscurantismo clerical. Todos os idealistas apelam, de uma

maneira ou de outra, para a religião. O idealismo se confunde intimamente com a religião. Nisto reside a essência reacionária, hostil à ciência, da concepção idealista do mundo.

As concepções abertamente religiosas, que pretendem igualmente assumir o papel de concepção do mundo, são também, por certo, idealistas. A concepção religiosa do mundo, que deturpa o quadro real do mundo, é totalmente reacionária. Tanto a religião como o idealismo servem à burguesia como instrumento de escravização espiritual dos trabalhadores.

A religião afirma que os diversos fenômenos da natureza e da sociedade são únicos porque todos eles são "criados por Deus” e devem a Deus toda a sua existência. Entretanto, essa "unidade” interpretada pelos teólogos é fictícia, fantástica. Como demonstra a ciência e a atividade prática diária dos homens, os objetos e fenômenos da realidade existem independentemente de forças do outro mundo, quaisquer que sejam. Ao afirmar que o mundo foi criado por uma força superior, a concepção religiosa do mundo não vê a ligação que realmente existe entre os diferentes fenômenos da natureza, que se condicionam mutuamente e dão origem um ao outro.

A concepção única do mundo deve ser buscada não na imposição artificial das leis inerentes a certos fenômenos, a fenômenos inteiramente diferentes, nem numa "unidade” imaginária, fantástica, divina ou em qualquer outra "unidade” sobrenatural, mas na unidade real entre as próprias coisas e fenômenos da natureza viva e inanimada.

A concepção materialista do mundo em sua forma moderna, superior — o materialismo dialético — é a única concepção científica do

mundo. Lênin escreveu que a doutrina de Marx*:*

> *"é completa e harmoniosa, fornecendo aos homens uma concepção total do mundo, incompatível com qualquer superstição, com qualquer reação e com qualquer defesa da opressão burguesa."*(8)

Todavia, antes que se tornar-se possível a criação da concepção dialética e materialista do mundo, teve a ciência que percorrer um longo e tortuoso caminho de desenvolvimento e criar as premissas necessárias para essa grande descoberta.

O camarada Stálin afirma que:

> "*o materialismo dialético é um produto do desenvolvimento das ciências, inclusive da filosofia, durante o período precedente."*(9)

Na base do desenvolvimento da vida social e, sobretudo, dos êxitos alcançados no processo de produção dos bens materiais, verificaram-se novas e novas conquistas das ciências naturais, descobertas no domínio da interpretação dialética e materialista da natureza e tentativas de sua generalização filosófica.

Todos os êxitos alcançados pelas ciências naturais e pela filosofia foram, em última análise, provocados pelas necessidades da produção. Engels afirma que a origem e o desenvolvimento das ciências foram condicionados desde o início pela produção, pelas necessidades práticas da sociedade. Foi justamente o desenvolvimento da produção social no período do regime escravista que deu nascimento, nos primeiros tempos, a uma ciência ainda rudimentar e não diversificada, da qual faziam parte também as ideias filosóficas.

As primeiras tentativas no sentido de elaborar uma concepção única do mundo tiveram lugar ainda na remota antiguidade — na China

e Índia antigas e, posteriormente, na Grécia antiga. Os filósofos da Grécia antiga, materialistas e dialéticos, consideravam que o mundo não fora criado por nenhum Deus e que existe independentemente da consciência dos homens. O mais eminente deles, Heráclito, ensinava que o mundo é um todo único e que todos os fenômenos têm origem no fogo e voltam ao fogo.

Os pensadores da antiguidade tinham uma ideia tão geral da natureza que não viam as profundas diferenças existentes entre seus diversos fenômenos. Sua concepção da natureza ainda era ingênua. Entretanto, a ideia de que a natureza existe por si mesma e está em constante transformação era extremamente produtiva e progressista, não surgiu em vão e deixou profunda marca na história da ciência.

Os filósofos materialistas franceses do século XVIII — Diderot, Helvetius, Holbach, etc. — fizeram uma ousada tentativa de descrever um quadro único do mundo.

Sendo ideólogos da burguesia do período ascensional — em que ela era uma classe progressista que impulsionava o desenvolvimento das forças produtivas da sociedade — os materialistas franceses defendiam as ideias filosóficas avançadas, isto é, manifestavam-se firmemente contra a interpretação religiosa do mundo e tentavam explicar, em bases científicas, todos os fenômenos da natureza. O nível de desenvolvimento da ciência ainda não possibilitava, contudo, naquela época, descobrir a verdadeira interdependência entre os fenômenos da natureza, não possibilitava observar as complexas transições dialéticas de uns fenômenos a outros, o processo de transformação de uns fenômenos em outros. Por isso, os filósofos materialistas franceses do século XVIII, sendo em geral metafísicos, faziam apenas conjeturas isoladas a respeito do desenvolvimento. Além

disso, os pensadores franceses, falseando suas próprias intenções de mostrar o mundo como um todo único, caíam, ao examinar os fenômenos sociais, em posições idealistas porque não sabiam descobrir as bases materiais da vida social. É claro que a concepção do mundo própria do materialismo francês não era e não podia ser consequente, estritamente científica e completa.

O desenvolvimento posterior das ciências naturais e da prática social deu novo impulso ao desenvolvimento do pensamento filosófico.

Como afirma Engels, em fins do século XVIII e começo do século XIX:

> "*a geologia, a embriologia, a fisiologia animal e vegetal e a química orgânica, se desenvolviam, e (...), na base dessas novas ciências, já por toda parte surgiam conjeturas geniais, que anunciavam uma avançada teoria da evolução (...)*".(10)

Dessa forma, o desenvolvimento das ciências naturais, refletindo os êxitos no desenvolvimento da produção, apresentava sempre e em escala cada vez mais ampla o problema da interpretação dialética da natureza.

No primeiro terço do século XIX, Hegel tentou ligar todos os fenômenos do mundo à ideia da comunidade de seu desenvolvimento. Essa tentativa não foi coroada de êxito, porém. A filosofia idealista de Hegel foi uma reação contra o materialismo francês. Ideólogo da burguesia alemã atemorizada pelo movimento das classes não privilegiadas e exploradas da sociedade, Hegel foi um pensador conservador. E embora Hegel tivesse conhecimento das mais importantes conquistas das ciências de sua época e tivesse tirado da realidade objetiva a própria ideia do desenvolvimento universal, apresentava tudo isso, em virtude do caráter reacionário de suas ideias

políticas, de forma deturpada.

Hegel afirmou que a unidade do mundo não está em sua materialidade, mas no fato de tudo ser produto do espírito. Declarou que todos os fenômenos da natureza são graus do desenvolvimento da "ideia absoluta", por ele inventada. Assim, segundo seu sistema, o mundo tem princípio e fim, seu desenvolvimento "começa" a partir do momento em que o "espírito universal" inicia o processo de seu "autoconhecimento" e "termina" quando o mesmo "espírito universal", representado pela filosofia do próprio Hegel, conclui seu "autoconhecimento".

Por esse motivo, a dialética idealista de Hegel não era nem podia ser um método científico de conhecimento. A dialética de Hegel achava-se voltada para o passado e não para o futuro. Hegel negava o desenvolvimento da natureza e esforçava-se por acabar com o desenvolvimento da sociedade, eternizando na Alemanha o Estado dos junkers prussianos chefiado por Frederico Guilherme III.

Entretanto, a ideia do desenvolvimento, embora limitada pelo sistema metafísico e compreendida por Hegel de maneira deturpada, idealista, foi a "medula racional" de sua filosofia, sendo aproveitada pela filosofia em seu desenvolvimento posterior.

Feuerbach — outro filósofo alemão que representou grande papel na história do pensamento filosófico — tampouco criou filosofia que fosse uma concepção científica e completa do mundo. Assim como todos os materialistas anteriores a Marx, Feuerbach continuava a considerar de maneira idealista os fenômenos e leis da sociedade, para não se falar no caráter metafísico do seu materialismo.

Os filósofos russos Hertzen, Bielinski, Tchernitchévski e

Dobrolíubov foram, entre os filósofos do passado, os que mais se aproximaram da concepção científica, dialética materialista do mundo. Os pensadores russos foram democratas revolucionários que conclamavam as massas populares à luta contra a ordem feudal. Ao mesmo tempo, os pensadores russos submetiam a uma severa crítica o capitalismo, com sua falsa democracia e sua falsa igualdade. Todos eles consideravam a filosofia como instrumento de luta contra a desigualdade social e nacional.

É justamente pelo seu democratismo revolucionário que se explica o fato de que houvessem submetido a uma aguda crítica o idealismo hegeliano com seu temor a tudo que é avançado e revolucionário. Como materialistas e dialéticos tinham uma ideia mais completa do movimento da própria natureza "desde a pedra ao homem", ressaltavam o papel decisivo das massas populares no progresso social e expressavam pensamentos geniais sobre as causas internas do desenvolvimento da sociedade.

Aproximando-se mais que outros da concepção científica do mundo, os filósofos russos, no entanto, tal como todos os demais materialistas anteriores a Marx, não souberam interpretar de maneira materialista os fenômenos da sociedade — não podendo, assim, elaborar uma concepção científica do mundo acabada e completa.

Somente os fundadores do comunismo, Marx e Engels, criaram uma concepção do mundo realmente científica, que abrange todos os fenômenos da natureza e da sociedade. Essa concepção do mundo é o materialismo dialético, que só pôde ser criado num determinado nível do desenvolvimento das ciências naturais e das ciências da sociedade e, sobretudo, num determinado grau de maturidade da luta de classes do proletariado contra a burguesia.

Os êxitos alcançados pelas ciências naturais foram uma das premissas mais importantes para a criação do materialismo dialético.

A primeira metade do século XIX foi assinalada por grandes descobertas no domínio das ciências naturais. Entre essas descobertas é necessário mencionar, antes de mais nada, a lei da conservação e da transformação da energia.

A tese da unidade da natureza, da eternidade da matéria e do movimento, foi fundamentada ainda no século XVIII pelo fundador da ciência russa, M. V. Lomonóssov, que formulou então a lei da conservação da matéria e do movimento. Em 1748, em carta a Eiler, Lomonóssov escreveu que:

> "todas as transformações se verificam na natureza de tal maneira que aquilo que é acrescentado a alguma coisa é retirado de outra, na mesma proporção. Assim, a quantidade de substância adicionada a um corpo é retirada de outro, a quantidade de horas que durmo é retirada da quantidade de horas em que permaneço acordado, etc. Essa lei da natureza é tão geral que se estende também às regras do movimento: um corpo, que impulsiona outro corpo e o põe em movimento, perde seu movimento na mesma proporção em que o transmite ao outro corpo."*(11)*

Aprofundando as teses de Lomonóssov sobre a conservação da matéria e do movimento, o sábio russo G. G. Guess estabeleceu em 1840 a lei fundamental que liga os fenômenos térmicos aos químicos, dando assim a primeira formulação da lei da conservação e da transformação da energia em relação a esses processos concretos. No começo da década de 40, R. Mayer Joule, o sábio russo E. K. Lents e outros formularam a lei geral da conservação e da transformação da energia, consolidando a compreensão da unidade entre as diferentes formas do movimento da matéria.

O sábio russo P. F. Gorianínov, em 1827-1834, e a seguir o sábio tcheco Purkínie, em 1837, lançaram as bases da teoria celular da estrutura dos organismos vivos. Em 1838-1839, os sábios alemães Schleiden e Schwann desenvolveram a teoria celular, confirmando assim a unidade entre todos os fenômenos da natureza orgânica.

Em 1859, Darwin apresentou a teoria da evolução do mundo orgânico e, em 1869, o grande sábio russo D. I. Mendelêiev criou o sistema periódico dos elementos químicos. Engels considerava a metade do século XIX como um período do desenvolvimento das ciências naturais

> "em que o caráter dialético dos processos da natureza impunha-se irresistivelmente, em que, por conseguinte, somente a dialética podia ajudar as ciências naturais a superarem as dificuldades da teoria.*"(12)*

Engels diz ainda:

> "Liberta do misticismo, a dialética torna-se uma necessidade absoluta para as ciências naturais, que deixavam domínio em que bastavam as categorias fixas (...)(13)

Em suma, as ciências naturais exigem insistentemente a passagem da metafísica à dialética, do idealismo ao materialismo, que considera a natureza em seu desenvolvimento dialético.

O estudo dialético e materialista dos fenômenos da natureza e da sociedade significa analisá-los tais quais são, objetivamente.

Marx escreveu que o método dialético que criou

> "não só é radicalmente diferente do hegeliano, como é mesmo seu oposto direto. Para *Hegel*, o processo do pensamento, que ele chega a transformar, sob o nome de Ideia, em sujeito

independente, é o demiurgo (criador, edificador) do real, e este apenas a forma fenomenal da Ideia. Para mim, ao contrário, o ideal não é nada mais do que o reflexo do mundo material transplantado para a cabeça do homem e nela transformado." *(14)*

Hegel considerava a dialética como a ciência das leis do espírito absoluto, das leis da consciência. Para Marx, ela é antes de tudo a ciência das leis da própria natureza e da sociedade. A dialética não foi inventada por Marx ou criada do nada. Marx a descobriu nos próprios objetos e fenômenos da natureza e da sociedade.

Para a criação de uma concepção científica e completa do mundo não bastavam, porém, as ciências naturais. Era para isso necessária certa madureza das relações sociais, a fim de que os homens pudessem ver e compreender os móveis internos do desenvolvimento da sociedade.

Ao contrário de todas as formações sociais anteriores, as forças produtivas desenvolvem-se no capitalismo de maneira extremamente impetuosa e, pela primeira vez, torna-se possível observar que é justamente a produção que constitui a base do desenvolvimento social e que as mudanças ocorridas na produção acarretam transformações em todos os outros setores da vida social. Ao mesmo tempo, o capitalismo simplifica e põe a nu as contradições de classe. Marx e Engels afirmaram no *Manifesto do Partido Comunista* que a época burguesa substituiu a exploração velada por ilusões religiosas e políticas

"pela exploração aberta, direta, brutal e cínica."

Essa circunstância permitiu estabelecer teoricamente o fato de que

"as classes sociais que lutam entre si são, em cada momento, o

produto das relações de produção e de troca; em uma palavra: das relações econômicas de sua época (. ..)”.(15)

A condição decisiva para a criação do materialismo dialético foi o aparecimento de uma nova classe, o proletariado, e sua atuação na arena histórica como força política independente.

As maiores manifestações revolucionárias do proletariado nesse período foram os levantes de Lyon em 1831 e 1834, na França; o movimento de massas dos operários na Inglaterra, que recebeu a denominação de movimento cartista e que alcançou seu ponto culminante em 1838-1842, e o levante dos tecelões da Silésia em 1844, na Alemanha. Esses acontecimentos históricos, afirma Engels, "*provocaram uma reviravolta decisiva na compreensão da História."* Assim, sem o aparecimento, na arena da História, da classe operária revolucionária, era impossível compreender cientificamente a história da sociedade e, sem essa compreensão, era impossível elaborar uma concepção científica do mundo.

Na sociedade capitalista, a classe operária é a única que, por força de sua posição social, está interessada na criação de uma concepção científica do mundo, de uma filosofia científica. À classe operária cabe o papel histórico de derrubar o capitalismo e acabar para sempre com todas as formas de escravidão econômica, política e espiritual, estabelecendo sua ditadura e utilizando-a como alavanca para a construção da sociedade comunista sem classes. A classe operária acha-se, por isso, vitalmente interessada na criação de uma filosofia que forneça um quadro real do mundo e que possibilite não só conhecer a história da natureza e da sociedade e as leis de seu desenvolvimento no presente, como também prever a marcha dos acontecimentos no futuro, dominar as leis da natureza e da sociedade e

obrigá-las a servir aos interesses de toda a humanidade. Isto explica o fato de que as grandes conquistas das ciências na primeira metade do século XIX serviram justamente aos ideólogos do proletariado, como material para a elaboração de uma concepção científica do mundo. Por outro lado, em virtude de sua situação de classe, os ideólogos da burguesia não chegaram, nem podiam chegar, às conclusões necessárias que decorriam das descobertas científicas daquele período.

Somente na transformação total e radical das bases do regime capitalista e no movimento da sociedade para um regime social novo, mais elevado, é que o proletariado encontra o caminho para livrar-se da escravidão capitalista. É por isso que a doutrina dialética do desenvolvimento e da transformação, da vitória do novo sobre o velho, é organicamente assimilada pelo proletariado, como confirmação e esclarecimento de suas aspirações de classe. O proletariado revolucionário e sua vanguarda, o Partido Comunista, não veem nem podem ver outros meios de luta pelos seus objetivos fora da luta de classes contra as forças reacionárias, contra os exploradores. Para a classe operária a dialética materialista apresenta-se como a ciência que ilumina a luta revolucionária das massas; é na doutrina dialética de que o desenvolvimento é o resultado de contradições, da luta entre opostos, que o proletariado encontra, sua arma teórica natural na luta contra o capitalismo e pelo socialismo.

Marx afirma:

"Assim como a filosofia encontra no proletariado sua arma material, também o proletariado encontra na filosofia sua arma espiritual (.. .)*(16)*

Depois de terem reelaborado, de maneira crítica, tudo o que de avançado e progressista já havia sido alcançado na história do

pensamento humano, Marx e Engels criaram, assim, uma completa concepção científica do mundo, colocando-a a serviço dos interesses do proletariado.

| - - | - - | - - |

O materialismo dialético, como concepção do mundo completa e científica, caracteriza-se pela unidade entre o método dialético e a teoria materialista, pela unidade entre o método e a teoria. O método dialético, criado por Marx e Engels e enriquecido e desenvolvido por Lênin e Stálin, é uma das mais grandiosas conquistas da ciência. V. I. Lênin e J. V. Stálin ensinam que a dialética é a alma do marxismo. O proletariado revolucionário e sua vanguarda — o Partido marxista — utilizam conscientemente as leis da dialética e veem nela a arma para lutar pela aceleração do progresso social.

O método do conhecimento não é algo artificialmente criado e desligado da realidade objetiva; é constituído por determinadas leis objetivas existentes na realidade, descobertas pelos homens nas próprias coisas e fenômenos, e que servem de meio para seu conhecimento.

Os idealistas assumem posição oposta. Os representantes de uma das escolas da moderna filosofia burguesa dos Estados Unidos, que se dizem instrumentalistas, interpretam o método e a teoria do conhecimento de maneira subjetiva, como muitos outros idealistas e reacionários. Segundo esses inimigos da ciência, não existem leis objetivas na natureza e na sociedade. Afirmam que o método do conhecimento é artificialmente criado pelos homens, que é um instrumento "conveniente" por meio do qual o homem dá forma aos fenômenos e ordena a natureza a seu modo.

Na realidade, porém, o método de conhecimento não pode ser criado artificialmente. Como já afirmamos, o método é constituído pelas próprias leis do desenvolvimento da natureza, descobertas, fielmente compreendidas e conscientemente empregadas pelos homens no processo do conhecimento.

Mas dentre as leis da natureza quais são as que constituem o método de seu conhecimento?

Conhecemos leis matemáticas, físicas, químicas, biológicas, fisiológicas e outras leis concretas, que atuam com relação a determinados fenômenos naturais. Podem algumas dessas leis constituir um método de conhecimento de todos os outros fenômenos? Não, não podem, porque cada uma delas atua apenas em seu setor de conhecimento. Do que se trata é de leis da natureza que, descobertas e fielmente compreendidas, tornem-se um método geral de conhecimento de todos os fenômenos da natureza.

A história da filosofia e das ciências em geral conhece uma grande quantidade de tentativas frustradas de criação de um método universal de conhecimento. As tentativas mais frequentes foram feitas no sentido de considerar as leis da matemática como método de pesquisa de todos os fenômenos da natureza. E até hoje muitos sábios da burguesia mantêm esse ponto de vista. A inconsistência de tais tentativas é, no entanto, evidente: nenhum dos setores especiais do conhecimento, por mais importante e pormenorizadamente desenvolvido que seja, pode, do ponto de vista dos princípios, pretender o papel de método universal.

Somente o marxismo-leninismo descobriu o único método científico e universal de conhecimento da natureza e da sociedade. Este

método é constituído pelas leis gerais que atuam com relação a todos os objetos e fenômenos, sem exceção. São justamente essas leis que o marxismo-leninismo considera como método universal de conhecimento.

Na *Dialética da Natureza,* Engels afirma que

> *"*a dialética é concebida como a ciência das leis mais gerais de todo movimento. Isso significa que suas leis devem ser válidas tanto para o movimento na natureza e na história humana como para o movimento do pensamento."*(17)*

Engels afirma ainda:

> *"*É, portanto, da história da natureza e da sociedade humana que são abstraídas as leis da dialética. Elas nada mais são, precisamente, que as leis mais gerais dessas duas fases do desenvolvimento histórico, bem como do próprio pensamento*."(18)*

Assim, as leis da dialética, como as mais gerais e universais, encontradas sempre e em toda parte, constituem o método de conhecimento dos fenômenos da natureza e da sociedade. A ciência afirma, assim, que entre todos os fenômenos da natureza viva e inanimada existe certa interdependência, que eles não estão isolados uns dos outros. Daí se conclui, portanto, que os fenômenos da natureza animada e inanimada não devem ser estudados isoladamente uns dos outros, mas em sua real ligação mútua.

A ciência afirma que em todos os fenômenos da natureza animada e inanimada têm lugar processos de transformação, renovação e desenvolvimento. O desenvolvimento é uma lei de todos os objetos e fenômenos da natureza animada e inanimada. Trata-se, por conseguinte, de lei geral, universal, que se manifesta sempre em toda

parte. Bastou descobrir-se uma vez essa lei geral das próprias coisas e fenômenos, e compreendê-la corretamente — coisa que Marx e Engels foram os primeiros a fazer na ciência — para que se tornasse possível empregar essa lei objetiva da natureza como método de pesquisa e orientar-se conscientemente por ela no estudo de todos os fenômenos da natureza, da sociedade e do pensamento.

O mesmo se deve dizer da lei dialética da unidade e luta entre os contrários. O marxismo demonstrou, sob todos os ângulos, que a luta de contrários é a origem interna do desenvolvimento de todos os fenômenos da natureza animada e inanimada. Essa lei da dialética também é geral e universal. É por isso que o conhecimento dessa lei possibilita caminhar com segurança na pesquisa de fenômenos novos, ainda desconhecidos para nós, ensinando-nos a procurar a origem do desenvolvimento dos mesmos não em forças externas, de um outro mundo, mas no caráter internamente contraditório dos próprios fenômenos.

Conclui-se, assim, que graças ao conhecimento de leis gerais já descobertas e corretamente compreendidas — as leis da dialética — a pesquisa das leis concretas tornou-se consideravelmente mais fácil; os homens as procuram com segurança e as encontram. Nisto consiste a significação orientadora e metodológica do método dialético, o seu papel como poderoso e fiel instrumento para o conhecimento da verdade.

Na dialética materialista, tem o Partido marxista não só um método para a explicação dos fenômenos da vida social, como também os princípios que o orientam na procura dos caminhos e meios para a transformação desses fenômenos.

O método dialético é um método de ação revolucionária. Orientando-se pelo método dialético marxista, o Partido bolchevique baseia sua política, sua estratégia e sua tática numa acertada análise científica do desenvolvimento econômico da sociedade, na consideração das condições históricas concretas, e parte da correlação das forças de classe e das tarefas reais que se apresentam à classe operária numa determinada situação.

Um dos mais importantes princípios do materialismo dialético é a tese de que todos os fenômenos da natureza e da sociedade se desenvolvem de tal maneira que, em determinada etapa de seu desenvolvimento — quando o período do desenvolvimento gradual e evolutivo é substituído pelo período do desenvolvimento sob a forma de saltos, revolucionário — passam de um estado qualitativo a outro.

Referindo-se ao desenvolvimento da sociedade, o camarada Stálin escreveu em seu trabalho *Anarquismo ou Socialismo?:*

> "*(...) o método dialético afirma que o movimento tem dupla forma: uma evolutiva e outra revolucionária.*
>
> *O movimento é evolutivo, quando os elementos progressistas continuam espontaneamente seu trabalho diário e introduzem, na velha ordem de coisas, transformações pequenas, quantitativas.*
>
> *O movimento é revolucionário, quando os mesmos elementos se unem, se compenetram de uma só ideia e se lançam contra o campo inimigo, para extirpar a velha ordem de coisas e introduzir na vida transformações qualitativas, instaurar uma nova ordem de coisas.*
>
> *A evolução prepara a revolução e cria o terreno para ela; e a revolução coroa a evolução e contribui para prosseguir a obra dessa."*(19)

Essas teses da dialética materialista dão uma ideia científica das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, armam a classe operária e todos os trabalhadores com um método acertado de conhecimento e de transformação revolucionária do mundo.

A dialética materialista fundamenta teoricamente a necessidade da luta pela transformação revolucionária da sociedade exploradora.

Se a passagem das transformações quantitativas, graduais e lentas, às bruscas mudanças qualitativas é uma lei do desenvolvimento, torna-se então claro — afirma o camarada Stálin — que as reviravoltas revolucionárias empreendidas pelas classes oprimidas, são fenômeno perfeitamente natural e inevitável. Não é a transformação gradual e lenta das condições de vida da sociedade capitalista por meio de reformas, mas a transformação qualitativa do regime capitalista por meio da revolução e a criação de novos fundamentos para a vida social, que decorre como conclusão prática dos princípios da dialética materialista.

Essa conclusão desmascara os social-democratas de direita, que pregam ideias reacionárias, segundo as quais o capitalismo se transforma em socialismo de maneira espontânea, sem saltos e comoções. Inimigos jurados dos trabalhadores, servis em face do imperialismo norte-americano, os socialistas de direita tudo fazem para demonstrar a "inconsistência" da dialética marxista.

A vida demonstra o contrário, porém. As crises econômicas que periodicamente abalam os países capitalistas, as guerras, as revoluções que amadurecem cada vez mais completamente nos diferentes países e que já golpearam mortalmente o capitalismo em vários países da Europa e da Ásia — atestam a irrefutável verdade da dialética marxista

e a derrota, completa e inevitável, dos seus inimigos.

No trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, J. V. Stálin afirma a inevitabilidade da explosão das velhas ordens sociais nas sociedades divididas em classes hostis. Essa tese de J. V. Stálin explica as revoluções sociais realizadas pelos oprimidos durante séculos e vibra novo golpe contra toda espécie de deturpadores da ciência, que defendem o capitalismo em decomposição.

A dialética marxista ensina que numa sociedade antagônica o novo nasce em consequência da explosão do velho. Nas condições do socialismo, o desenvolvimento se processa de maneira diferente.

Em seu genial trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, o camarada Stálin, desenvolvendo a filosofia marxista, criticou profundamente aqueles que não compreendem a especificidade com que se manifesta, na realidade soviética, a lei da passagem de uma qualidade a outra. O camarada Stálin critica os talmudistas que se deixam empolgar pelas "explosões” e afirma que, na sociedade socialista, a passagem de uma velha qualidade a uma qualidade nova se realiza sem explosões, de forma gradual, porque nessa sociedade não há classes antagônicas. No socialismo, a substituição do velho pelo novo se realiza gradualmente porque o desenvolvimento da sociedade se verifica na base dos princípios do socialismo, através do ulterior desenvolvimento dos mesmos.

Essas indicações do camarada Stálin têm imensa significação teórica e prática. Vibram golpe esmagador nos deturpadores do marxismo-leninismo, concretizam e desenvolvem importantíssimas teses do materialismo dialético aplicado às condições da sociedade socialista e servem de guia para a atividade prática de construção do

comunismo.

O marxismo considera o desenvolvimento da natureza e da sociedade como processo de autodesenvolvimento, porque a natureza e a sociedade se transformam segundo leis internas, que lhes são inerentes. As causas fundamentais de todo desenvolvimento estão no caráter contraditório de todos os fenômenos da natureza e da sociedade; a todos eles é peculiar a luta do novo contra o velho, do que nasce contra o que morre.

Do ponto de vista da dialética marxista, as contradições que existem no mundo material são infinitamente variadas. V. I. Lênin pôs em destaque esta tese, extremamente importante. V. I. Lênin afirmou, em carta a Máximo Gorki:

> "*(...) a vida se processa através de contradições e as contradições da vida são muito mais ricas, diversificadas e profundas do que parece, à primeira vista, à inteligência humana.*"(20)

Na sociedade dividida em classes antagônicas, o caráter contraditório do desenvolvimento se expressa na luta entre as classes. A história da sociedade exploradora é, por isso, a história da luta de classes.

Se a luta entre as forças opostas, a luta entre classes antagônicas faz avançar o desenvolvimento da sociedade exploradora, daí decorre a seguinte conclusão: não devemos dissimular as contradições da sociedade capitalista, mas pô-las a nu, não devemos refrear a luta de classes, mas levá-la até o fim.

Foi sempre em completo acordo com essa lei da dialética materialista que o Partido bolchevique elaborou sua tática e procurou os

caminhos e métodos de luta por um novo regime social. O Partido bolchevique mobilizou os trabalhadores da Rússia para a luta decisiva contra os capitalistas e os latifundiários, pela vitoriosa realização da Grande Revolução Socialista de Outubro, pela liquidação dos elementos capitalistas da cidade e do campo e pela construção da sociedade socialista e, hoje, conduz com firmeza nosso povo para o comunismo. Essas históricas vitórias, conquistadas sob a bandeira de Lênin e Stálin, comprovam a grande força organizadora, mobilizadora e transformadora da ciência marxista-leninista.

Em nossa época, milhões de trabalhadores dos países de democracia popular, dirigidos pelos Partidos Comunistas e Operários, criam com êxito as bases do socialismo. O materialismo dialético e histórico — a teoria marxista-leninista — qual poderoso projetor, ilumina-lhes o caminho do progresso.

As contradições são a origem de todo desenvolvimento. Também no socialismo existem contradições. O esclarecimento de suas particularidades nas condições do socialismo adquire significação extraordinariamente grande para a atividade prática do Partido Comunista e do povo soviético.

Na sociedade socialista, onde não há classes hostis, as contradições não têm caráter antagônico. Todavia, em nosso país também existem o novo e o velho, existem contrários e há luta entre os mesmos. As contradições e a luta entre o novo e o velho existem em novas condições, porém. O desenvolvimento da sociedade se realiza, no socialismo, à base de novas forças motrizes: a unidade moral e política da sociedade soviética, a amizade entre os povos e o patriotismo soviético. A luta entre o novo e o velho na vida econômica, política e espiritual da sociedade soviética não exige a ruptura das

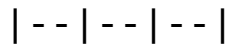
bases da sociedade, mas se realiza no quadro de um maior fortalecimento dos princípios do socialismo, no quadro de uma maior coesão dos operários, dos camponeses e da intelectualidade soviética em torno das tarefas da construção do comunismo, em torno do Partido Comunista. A particularidade da luta entre o novo e o velho e dos conflitos entre os mesmos, na sociedade socialista, reside em que a maioria absoluta do povo — chefiada pelo Partido Comunista — se coloca a favor do novo.

As contradições entre o novo e o velho no desenvolvimento do socialismo são reveladas e resolvidas através do desenvolvimento da crítica e da autocrítica. A crítica e a autocrítica são arma inseparável e de ação permanente do bolchevismo. A crítica e a autocrítica são a chave por meio da qual os homens soviéticos descobrem e extirpam as deficiências e fazem a sociedade avançar.

Tudo isso comprova que a dialética marxista é não só o único método científico de conhecimento, mas também um método de ação revolucionária. O materialismo dialético não só possibilita compreender-se cientificamente o passado e o presente, como representa também inabalável base teórica de previsão e compreensão científicas dos caminhos e métodos de luta pelo futuro.

A grande força transformadora da concepção dialético-materialista do mundo reside em que, sendo a única científica, fornece os princípios para a compreensão do mundo em seu todo e, ao mesmo tempo, indica os caminhos e meios para transformá-lo. J. V. Stálin afirma que o marxismo é uma concepção completa do mundo, um sistema filosófico

> "*do qual decorre, logicamente, o socialismo proletário de Marx.*"(21)

| - - | - - | - - |

O materialismo dialético é a única interpretação científica dos fenômenos da natureza e da sociedade, instrumento de conhecimento e de transformação do mundo.

A teoria materialista, do mesmo modo que o método dialético, não é criada, inventada, artificialmente. Interpretar materialisticamente os fenômenos da natureza animada e inanimada significa concebê-los tal qual são, sem quaisquer acréscimos estranhos.

A teoria materialista marxista, o materialismo filosófico marxista, parte da consideração de que o mundo é material, de que os vários fenômenos no mundo são diferentes aspectos da matéria em movimento, de que o mundo se desenvolve segundo as leis da matéria e não necessita de nenhum Deus, de nenhum espírito, nem de quaisquer outras ficções idealistas.

A teoria materialista parte, além disso, da consideração de que os fenômenos da natureza e as condições da vida material da sociedade são o primário, enquanto a consciência dos homens, toda a esfera da vida espiritual da sociedade, é secundária, derivada.

Considerando a consciência como secundária, como reflexo das leis da natureza e da sociedade, a teoria materialista interpreta da única maneira justa a origem das ideias, concepções e instituições sociais. Assim, a teoria materialista revela o verdadeiro papel das ideias e concepções dos homens, na vida social.

Compreendendo as ideias e as concepções dos homens como reflexo de leis da natureza e da sociedade, — leis que existem objetivamente — a teoria marxista afirma a cognoscibilidade do mundo

e de suas leis.

Essas teses da teoria materialista constituem os mais importantes princípios da concepção do mundo. Têm imensa significação para a compreensão de todos os fenômenos da natureza animada e inanimada.

A teoria materialista não só permite interpretar-se cientificamente todos os fenômenos da natureza e da sociedade, como serve também de poderoso instrumento para a transformação da realidade.

Estendendo as teses do materialismo dialético à sociedade, o marxismo foi o primeiro a ver que a sociedade não é um amontoado de casualidades, mas a realização de leis determinadas, peculiares ao desenvolvimento social. Isso permitiu que as forças sociais avançadas e o Partido Comunista baseassem sua atividade não nas exigências da "razão", da "moral universal" e de outros princípios elaborados por idealistas de diferentes tipos, mas, como afirma o camarada J. V. Stálin:

> "(...) *nas leis do desenvolvimento da sociedade, no estudo dessas leis."*(22)

Obrigando a estudar atentamente as leis objetivas do desenvolvimento social, o marxismo-leninismo atribui, ao mesmo tempo, imenso papel à atividade revolucionária e transformadora dos homens, à atividade das classes e dos partidos avançados.

O marxismo-leninismo ensina que são os homens que sempre criam a História; que na história da sociedade o desenvolvimento não se realiza por si mesmo, automaticamente, mas como resultado da atividade dos homens, através da luta e do trabalho de milhões. Lênin e Stálin ensinam que a queda do capitalismo não sobrevêm automaticamente, mas como resultado de uma luta tenaz contra ele,

luta empreendida por todos os trabalhadores sob a direção da classe operária e de seu partido revolucionário.

J. V. Stálin afirma:

> "*Alguns camaradas pensam que logo que houver uma crise revolucionária a burguesia se verá inevitavelmente num impasse; que seu fim, por conseguinte, já está predeterminado; que a vitória da revolução já se acha, assim, assegurada, e que só lhes resta aguardar a queda da burguesia e redigir resoluções vitoriosas. £ um profundo erro. A vitória da revolução nunca virá por si mesma. E preciso prepará-la e conquistá-la.*"(23)

Pondo em relevo o papel decisivo da produção material no desenvolvimento da sociedade, o materialismo histórico de forma alguma nega a significação das ideias. Pelo contrário, o materialismo dialético, em oposição ao materialismo vulgar, frisa o papel ativo das ideias na vida da sociedade. Em seu genial trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, o camarada Stálin aponta o imenso papel das ideias progressistas e sua significação mobilizadora, organizadora e transformadora. No trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, o camarada Stálin demonstra o grande papel ativo que tem no desenvolvimento da sociedade a superestrutura social, que se ergue sobre a infraestrutura econômica, isto é, as ideias e instituições sociais.

No socialismo, é particularmente grande o papel da atividade dinâmica dos homens, o papel das ideias e das instituições sociais avançadas.

A atividade sempre crescente dos homens soviéticos e o trabalho organizador do Partido bolchevique e do Estado soviético comprovam a grande significação das ideias e instituições avançadas nas condições

da realidade soviética. A função econômica, organizadora, cultural e educativa do Estado soviético, por exemplo, totalmente desconhecida no Estado burguês, tem grande significação para acelerar o movimento da sociedade soviética no sentido do comunismo. O Estado soviético planifica o desenvolvimento de todos os setores da economia e da cultura e mobiliza os homens soviéticos para a luta por novos êxitos no movimento contínuo para o comunismo.

A tese do materialismo histórico, segundo a qual aumenta de maneira extraordinária, no socialismo, o papel da ação consciente dos homens, é cabalmente confirmada pela atividade dirigente e orientadora do Partido de Lênin e Stálin. O Partido bolchevique, armado com a teoria mais avançada — o marxismo-leninismo — determina, na base do conhecimento das leis objetivas do desenvolvimento histórico, a direção do avanço da sociedade soviética. Estudando as leis do desenvolvimento da sociedade, generalizando a experiência do trabalho e da luta das massas, o Partido fixa tarefas concretas para o povo soviético, em cada etapa da construção do comunismo. Ao Partido de Lênin e Stálin pertence o papel decisivo na organização e mobilização das massas de nossa Pátria, na luta por maiores êxitos na construção comunista.

Sendo a única concepção científica do mundo, o materialismo dialético serve e não pode deixar de servir à classe progressista e consequentemente revolucionária da sociedade moderna — o proletariado e seu Partido marxista.

Nisto reside a essência do caráter de classe e de partido do materialismo dialético. O caráter de classe e de partido do materialismo dialético consiste justamente em que o portador dessa ciência, em nossa época, é a classe operária, seu Partido marxista.

As leis da dialética são tão objetivas e exatas como o são as leis da química, da física e de outras ciências. Todavia, se as leis da química, da física e de outras ciências podem ser utilizadas de maneira idêntica por todas as classes, se podem servir de maneira idêntica a todas as classes, já as leis da dialética não podem ser utilizadas por todas as classes, mas apenas por uma classe revolucionária — o proletariado e seu Partido. Por sua própria natureza, o materialismo dialético é a concepção do mundo do proletariado, por ser esta a única classe consequentemente revolucionária.

O espírito de partido do materialismo dialético consiste também em que é um método de conhecimento e de transformação revolucionária da sociedade, baseado nos princípios do socialismo e do comunismo. Por força das leis objetivas do desenvolvimento social, o socialismo substitui o capitalismo. Todavia, de todas as classes da sociedade moderna, somente uma, a classe operária, utiliza conscientemente essas leis, transformando a sociedade na base dos princípios do socialismo e do comunismo.

A essência do princípio de espírito marxista de partido reside, por conseguinte, em que é impossível, na sociedade moderna, ter uma concepção do mundo realmente científica sem partilhar a concepção do mundo própria ao proletariado e a seu Partido marxista.

V. I. Lênin ensina que

> "*o materialismo inclui, por assim dizer, o espírito de partido, obrigando-nos, em qualquer análise dos acontecimentos, a nos colocarmos, direta e francamente, no ponto de vista de um determinado grupo social*"(24), no ponto de vista da classe operária.

Na filosofia, o espírito de partido reside em não oscilar entre as

correntes do idealismo e do materialismo, da metafísica e da dialética, mas manter, de maneira franca e aberta, o ponto de vista de determinada corrente. O proletariado revolucionário e o Partido marxista assumem, de maneira franca e aberta, as posições do materialismo dialético, defendendo-o e desenvolvendo-o com firmeza.

Lênin escreveu:

> "*A genialidade de Marx e de Engels reside justamente em que, durante um período muito prolongado (quase meio século), se empenharam em desenvolver o materialismo, em fazer avançar uma tendência fundamental da filosofia, em realizar essa obra consequentemente, sem marcar passo nem repisar as questões gnosiológicas já resolvidas, e em demonstrar como aplicar esse materialismo às ciências sociais, varrendo implacavelmente, como lixo, os absurdos, o galimatias pretensioso e enfática, as inúmeras tentativas de 'descobrir' uma 'nova' tendência na filosofia (...)*"(25)

A filosofia marxista é irreconciliavelmente hostil à contemplação, ao objetivismo burguês e ao apoliticismo. O espírito de partido da filosofia marxista exige uma luta firme e apaixonada contra todos os inimigos do materialismo, qualquer que seja a bandeira sob a qual se coloquem.

Em nossa época, o espírito de partido da filosofia marxista nos obriga a lutar diariamente contra todo gênero de novas correntes e tendências em moda, que se multiplicam com particular rapidez nos Estados Unidos da América e na Inglaterra e que semeiam o idealismo extremado, a metafísica e o obscurantismo; obriga-nos a desmascarar o caráter servil da atividade dos filósofos da burguesia, que deturpam a ciência em proveito dos imperialistas, justificam o jugo social e nacional e as guerras de rapina.

O traço característico do espírito de partido do materialismo dialético reside também em que coincide com a objetividade científica, porquanto os interesses de classe do proletariado não diferem da linha geral de desenvolvimento da História, mas, ao contrário, concordam organicamente com ela.

Todo o desenvolvimento da sociedade capitalista, apesar dos interesses e da vontade de suas classes dominantes, prepara as condições para o socialismo, torna sua vitória inevitável, e a atividade do proletariado, sua luta pelo socialismo, concorda exatamente com essa lei objetiva do desenvolvimento social.

A revolução socialista, cuja realização é a missão histórica do proletariado, acaba para sempre com a exploração, abre amplo caminho ao comunismo e corresponde, assim, aos interesses fundamentais de toda a humanidade trabalhadora.

É por isso que o ponto de vista de classe do proletariado, seu espírito de partido, expressando com acerto os interesses do proletariado e as necessidades do desenvolvimento de toda a sociedade humana, concorda plenamente com a verdade objetiva. O princípio do espírito marxista de partido exige uma luta decidida pela verdade objetiva na ciência, a qual não só não contradiz os interesses do proletariado, do partido marxista, como também é condição da luta vitoriosa contra aquilo que se tornou obsoleto na ciência e na vida social.

Em suma, o espírito de partido da filosofia marxista é estranho à estreiteza de classe e ao subjetivismo que são inerentes ao espírito de partido da burguesia. E isso se compreende. Mesmo na época em que a burguesia era uma classe progressista, seus interesses, como classe

exploradora, limitavam o campo de visão de seus ideólogos, levavam-nos a entrar em contradição com a realidade, levavam-nos ao subjetivismo. Na época do imperialismo — que é a última etapa na vida do capitalismo, a etapa de seu colapso histórico — os interesses de classe da burguesia estão em contradição com o progresso da humanidade, são irreconciliavelmente hostis a tudo que é avançado e progressista na vida dos povos. É por isso que o ponto de vista de classe da burguesia, na filosofia e na ciência, não coincide com a verdade objetiva, a deturpa e a nega. É justamente no interesse do espírito de partido da burguesia que os diversos lacaios do imperialismo — sábios, filósofos e jornalistas burgueses — deturpam a verdade e mentem, procurando demonstrar a eternidade do capitalismo. Nessa hostilidade da sociedade burguesa à verdade objetiva, científica, manifesta-se apenas a condenação do capitalismo e seu inevitável colapso.

| - - | - - | - - |

A grande e todo-poderosa força do materialismo dialético reside em que nos fornece o único quadro realmente justo do desenvolvimento da natureza e da sociedade.

Uma das condições mais importantes e decisivas da fidelidade das conclusões e das teses do materialismo dialético é seu aperfeiçoamento incessante, com a assimilação das novas conquistas das ciências naturais e sociais e a generalização dos resultados da luta dos trabalhadores contra o capitalismo, pelo socialismo e pelo comunismo.

O materialismo dialético não é uma coletânea de regras e de teses eternas e imutáveis. O materialismo dialético desenvolve-se e

enriquece-se constantemente. E inimigo da falta de espírito crítico, do dogmatismo e do talmudismo.

A própria natureza do materialismo dialético exige essa atitude criadora em relação à ciência marxista.

Se a dialética compreende as leis mais gerais do desenvolvimento da natureza e da sociedade, daí se conclui que as leis da dialética nunca e em parte alguma se manifestam de maneira idêntica. Sendo as mais gerais e eternas, as leis da dialética manifestam-se sempre neste ou naquele setor concreto e se manifestam sempre sob forma concreta e histórica.

Assim, a tese da dialética de que tudo na natureza se encontra em estado de transformação e desenvolvimento é universal e eterna porque eterna é a transformação e o desenvolvimento da natureza, da matéria. Entretanto, esse desenvolvimento e transformação sempre foi diferente quanto a seu conteúdo: num passado longínquo, tinham lugar em nosso planeta determinadas transformações e processos de desenvolvimento; com os primeiros organismos vivos, surgiram novos processos de transformação e desenvolvimento, e o advento da sociedade humana significou o aparecimento de outros processos de transformação e desenvolvimento, desconhecidos até então. E em cada momento dado da vida da natureza, as leis eternas da dialética se realizam de maneira diferente: o processo de movimento e de transformação manifesta-se simultaneamente como movimento dos planetas em torno do Sol, como oxidação dos metais, formação de novas espécies biológicas, criação pelos homens de um novo regime social, etc., etc.

Isso comprova que não se pode considerar metafisicamente a

universalidade e a eternidade das leis da dialética: as leis da dialética são universais, mas se manifestam sempre de maneira nova. As leis da dialética são eternas em sua universalidade e históricas em sua manifestação concreta.

O marxismo-leninismo não só descobriu leis gerais nas próprias coisas, não só soube destacá-las das leis concretas e particulares, como também demonstrou como se manifestam na natureza essas leis gerais.

O marxismo afirma que as leis da dialética, como leis universais, não se manifestam nas coisas ao lado das leis concretas, nem tampouco acima delas, mas através das próprias leis concretas. V. I. Lênin afirmou:

"*O geral só existe no particular, através do particular.*"(26)

No domínio da natureza estudado pela física, por exemplo, as leis da dialética não se manifestam acima e ao lado das leis físicas, mas nelas próprias. O mesmo acontece com todos os demais fenômenos da natureza e da sociedade, nos quais as leis universais — as leis da dialética — só se manifestam através das leis concretas, peculiares aos fenômenos em causa. É por isso absurdo procurar a transformação e o desenvolvimento como tais, deixando de lado os processos concretos de transformação e desenvolvimento.

Numa palavra, por sua própria natureza, a dialética exige uma atitude criadora. Não se trata de "adaptar" os fatos a tal ou qual tese da dialética, mas, pelo contrário, de encontrar a dialética nos próprios fatos, nos quais ela se manifesta sempre de maneira peculiar.

Em seu notável trabalho *O Capital*, K. Marx demonstrou como se

manifestam as leis da dialética materialista num período historicamente concreto do desenvolvimento social — nas condições da sociedade capitalista. Ao mesmo tempo que os sociólogos metafísicos da burguesia procuravam os princípios eternos da moral e do direito, as leis eternas do desenvolvimento da sociedade, Marx estudava dialeticamente, de maneira concreta, uma determinada sociedade a sociedade capitalista — e assim indicou, pela primeira vez e da única maneira justa, as leis reais do desenvolvimento social.

Em seu trabalho *Dialética da Natureza,* Engels demonstra a maneira peculiar pela qual se manifestam as leis da dialética nos fenômenos da natureza orgânica e inorgânica.

É precisamente essa particularidade da dialética, o de se manifestar sempre de maneira historicamente concreta, que condiciona o fato de que os princípios do marxismo também nunca e em parte alguma podem ser aplicados segundo um padrão, mas, ao contrário, só são e só podem ser aplicados tendo-se em conta as particularidades do desenvolvimento econômico, político e cultural de determinado país, tendo-se em conta as particularidades do momento, na vida interna e internacional.

Lênin afirma que a teoria de Marx

> "*(...) fornece apenas as teses orientadoras gerais que se realizam de maneira particular na Inglaterra, diferentemente do que na França, na França de maneira diferente do que na Alemanha, na Alemanha de maneira diferente do que na Rússia."*(27)

A realidade, a vida social em particular, está em constante modificação e desenvolvimento. Em consequência precisamente desse enriquecimento constante das próprias leis, as conclusões e teses da ciência não podem ser invariáveis, mas, ao contrário, sempre se

aperfeiçoam e se modificam.

J. V. Stálin afirma:

"*Os dogmáticos e os talmudistas consideram o marxismo, as diferentes conclusões e fórmulas do marxismo, como uma coletânea de dogmas que 'nunca' se modificam, apesar de se modificarem as condições do desenvolvimento da sociedade. Pensam que, se aprenderem de cor essas conclusões e fórmulas e começarem a citá-las a torto e a direito, estarão em condições de resolver qualquer problema, convictos de que as conclusões e fórmulas decoradas lhes servirão para todas as épocas e países, para todas as circunstâncias da vida. Entretanto, só podem pensar assim aqueles que veem a letra do marxismo, mas não veem sua essência, que decoram os textos das conclusões e fórmulas do marxismo, mas não compreendem seu conteúdo (...). O marxismo, como ciência* — continua J. V. Stálin — *não pode ficar parado no mesmo lugar: desenvolve-se e se aperfeiçoa. Em seu desenvolvimento, o marxismo não pode deixar de enriquecer-se com a nova experiência e com os novos conhecimentos; por conseguinte, algumas de suas fórmulas e conclusões não podem deixar de se modificar com o tempo, não podem deixar de ser substituídas por novas fórmulas e conclusões, que correspondem às novas tarefas históricas. O marxismo não admite conclusões e fórmulas imutáveis, obrigatórias para todas as épocas e períodos. O marxismo é inimigo de todo dogmatismo."*(28)

No período de desenvolvimento da sociedade em que havia, por toda parte, a exploração do homem pelo homem, a ciência conhecia a luta do novo contra o velho apenas sob a forma da luta de classes; quando, porém, surgiu a sociedade socialista, que não possui classes antagônicas, a doutrina dialética sobre a luta entre os contrários se enriqueceu: a ciência sabe hoje que, além dos choques entre as classes, a luta do novo contra o velho pode expressar-se também na

forma da crítica e autocrítica.

Generalizando a experiência da vida da sociedade soviética, J. V. Stálin revelou a imensa significação da crítica e autocrítica como nova lei dialética, como forma particular de luta do novo contra o velho nas condições do regime socialista. O materialismo dialético foi, assim, enriquecido e desenvolvido em sua aplicação aos novos fenômenos da vida social.

Não só esse exemplo, mas também todos os fenômenos mais importantes da época do imperialismo, da época da construção do socialismo e do comunismo na URSS comprovam que a própria vida exige um constante enriquecimento das teses do materialismo dialético.

Os continuadores da doutrina e de toda a obra de Marx e Engels, Lênin e Stálin, desenvolveram o materialismo dialético, aplicando-o a novas condições históricas — às condições da época do imperialismo e da revolução proletária, da época da construção do socialismo na URSS Os fundadores e chefes do Partido bolchevique e criadores do primeiro Estado soviético do mundo enriqueceram o materialismo dialético com a nova experiência da luta revolucionária do proletariado, com novas teses e conclusões teóricas, elevando a filosofia marxista a um grau novo e superior.

Lênin e Stálin elevaram o materialismo dialético a um grau superior, generalizando não só a experiência da vida social, como também as conquistas das ciências naturais.

Em seu notável trabalho *Materialismo e Empirocriticismo,* V. I. Lênin analisou as mais importantes descobertas das ciências naturais durante o período decorrido após a morte de Engels.

O livro de Lênin, escreve J. V. Stálin, é

> "*(...) a generalização materialista de tudo que de importante e essencial foi adquirido pela ciência, pelas ciências naturais em particular, durante todo o período histórico transcorrido desde a morte de Engels até o aparecimento do livro de Lênin Materialismo e Empiriocriticismo.*"(29)

Os trabalhos *Anarquismo ou Socialismo?*, *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, *O Marxismo e os Problemas de Linguística* e todas as demais obras de J. V. Stálin são notáveis modelos de marxismo criador.

As leis e categorias da dialética materialista — como a dependência mútua entre os objetos e fenômenos, a invencibilidade do novo, a possibilidade e a realidade, as formas de transição de um estado qualitativo a outro, a lei da luta entre os contrários, etc. — são enriquecidas e desenvolvidas por J. V. Stálin em sua aplicação às últimas conquistas de todos os setores do conhecimento.

Em seu trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, J. V. Stálin, pela primeira vez na literatura marxista, fez uma exposição harmoniosa e completa dos traços fundamentais do método dialético marxista e do materialismo filosófico marxista. J. V. Stálin se refere aos quatro traços fundamentais do método dialético:

1. a conexão universal e interdependência dos fenômenos;
2. o movimento, a transformação e o desenvolvimento;
3. a passagem de um estado qualitativo a outro;
4. a luta dos contrários como fonte interna do desenvolvimento.

Antes do aparecimento desse genial trabalho do camarada Stálin, era de praxe considerar três leis como leis básicas da dialética:

1. a lei da unidade e da luta entre os contrários;
2. a lei da transformação da quantidade em qualidade;
3. a lei da "negação da negação”.

J. V. Stálin introduziu modificações essenciais na estrutura da exposição do método dialético; introduziu duas novas características do método: exame de todos os fenômenos da natureza e da sociedade em sua ligação e interdependência; seu exame no processo de movimento e transformação, e não incluiu a "negação da negação” entre as características básicas do método dialético marxista. Além disso, J. V. Stálin modificou a sequência da exposição das características básicas do método: distribuiu-as completamente de acordo com o movimento do conhecimento, a partir de uma essência menos profunda a uma essência mais profunda.

Assim, a lei da luta entre os contrários, que revela a essência mais profunda das coisas — a fonte de seu desenvolvimento — deve ser a característica que coroa o método, e assim é encontrada no trabalho de J. V. Stálin *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*.

J. V. Stálin demonstrou, ao mesmo tempo, a interdependência orgânica entre as características do método dialético marxista. Particularmente a lei da luta entre os contrários — que constitui a essência da última característica, a quarta, do método dialético — é considerada por J. V. Stálin como conteúdo interno das transformações quantitativas em qualitativas, isto é, liga indissoluvelmente a quarta característica do método dialético marxista à sua característica anterior, a terceira.

Quanto à lei da "negação da negação”, formulada por Hegel e interpretada de maneira materialista por Marx e Engels, J. V. Stálin

abandonou essa terminologia e expressou, de maneira mais completa e fiel, a essência da dialética nessa questão, apresentando a tese do desenvolvimento "do simples ao complexo, do inferior ao superior."

No trabalho de Stálin *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, o materialismo filosófico marxista acha-se exposto de maneira igualmente harmoniosa e completa.

J. V. Stálin formula as características básicas da teoria materialista marxista:

1. a materialidade do mundo e as leis de seu desenvolvimento;
2. o caráter primário da matéria e secundário da consciência;
3. a cognoscitividade do mundo e de suas leis.

J. V. Stálin ressalta a ligação orgânica entre o método dialético e a teoria materialista e mostra a imensa importância da extensão das teses do materialismo filosófico ao estudo da vida social, da aplicação dessas teses à história da sociedade e a atividade prática do Partido do proletariado.

Em sua obra *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, J. V. Stálin desenvolveu o materialismo histórico, formulando teses básicas que demonstram a aplicação concreta do materialismo dialético à interpretação das leis do desenvolvimento social.

No genial trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, J. V. Stálin enriquece e desenvolve a dialética marxista, o materialismo filosófico e histórico.

Esse trabalho de J. V. Stálin vibra golpe esmagador nos deturpadores do marxismo-leninismo, enriquece e desenvolve importantes teses do materialismo dialético em sua aplicação às

condições da sociedade socialista e serve de guia para a atividade prática de construção do comunismo.

O camarada Stálin critica agudamente aqueles que compreendem o marxismo de maneira dogmática, sem espírito crítico, e aqueles que estabelecem o regime de Araktchêiev na ciência. A luta de opiniões e a liberdade de crítica — ensina o camarada Stálin — é a condição decisiva para o desenvolvimento da ciência.

Com o desenvolvimento criador dos mais importantes princípios do marxismo, com a luta contra o dogmatismo e o talmudismo, o camarada Stálin presta uma inestimável contribuição ao tesouro da ciência marxista-leninista.

A doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin é todo-poderosa e invencível porque é exata. Durante mais de um século de existência da concepção marxista do mundo, os ideólogos da burguesia por mais de uma vez tentaram "refutá-la” e sempre se esfacelaram de encontro às teses e conclusões do marxismo-leninismo, teses e conclusões inabaláveis, cientificamente fundamentadas e confirmadas pela prática social e histórica.

Em nossos dias, os desprezíveis lacaios do imperialismo anglo-americano, ferozes fomentadores de uma nova guerra mundial, empreendem campanha idêntica contra o marxismo-leninismo.

Aguarda-os a mesma sorte inglória, porém. A concepção do mundo do Partido marxista-leninista — o materialismo dialético — ilumina com luz cada dia mais brilhante, para todos os Partidos Comunistas e Operários e para todos os trabalhadores, o caminho do comunismo.

A Dialética Marxista e a Conexão Mútua e a Interdependência dos Fenômenos da Natureza e da Sociedade

---

por V. S. Molodtsov

No trabalho Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico, o camarada Stálin nos dá uma formulação, insperada quanto à sua precisão e profundeza, das quatro características básicas do método dialético marxista.

O camarada Stálin começa a exposição das características do método dialético marxista com a doutrina da conexão mútua e da interdependência entre os fenômenos da natureza e da sociedade, indicando assim que o método dialético marxista exige que consideremos todo fenômeno da natureza e da sociedade em ligação com os demais fenômenos. Essa exigência do método dialético marxista reflete as relações essenciais entre os objetos e fenômenos do mundo material objetivo. No mundo não existe nada isolado, tudo está em relação mútua, em ligação recíproca. Lênin afirma:

> "Há milênios que surgiu a ideia da 'ligação de tudo', da 'cadeia de causas'. A comparação entre as diferentes maneiras pelas quais, na história do pensamento humano, essas causas foram interpretadas, demonstraria de modo indiscutível a teoria do conhecimento."*(1)*

A doutrina marxista da conexão mútua entre os fenômenos da natureza e da sociedade é radicalmente oposta à metafísica que

considera todos os objetos da natureza como existentes isoladamente. Formulando as características do método dialético marxista, o camarada Stálin opõe o método dialético à metafísica e revela a essência anticientífica e reacionária dessa.

Crítica, pela Filosofia Marxista da Negação Metafísica da Conexão Mútua entre os Fenômenos da Natureza e da Sociedade

O método dialético marxista se forjou na luta contra o idealismo e a metafísica. O camarada Stálin escreve:

"A dialética alcançou sua maturidade na luta contra a metafísica e nessa luta conquistou a glória (...)"(2)

> Marx e Engels, fundadores da dialética materialista, desmascararam com firmeza todo gênero de teorias hostis ao socialismo proletário. Criticaram as diferentes concepções metafísicas burguesas e pequeno-burguesas (econômicas, políticas e filosóficas) e nessa luta aperfeiçoaram e desenvolveram o método dialético materialista.

Particular agudeza adquiriu a luta contra a metafísica na época do imperialismo, quando os agentes da burguesia, infiltrados no movimento operário, substituem a dialética marxista pela metafísica com o objetivo de impor à classe operária as concepções burguesas e limitar a amplitude de sua luta revolucionária. Desmascarando as teorias e correntes políticas hostis ao marxismo, Lênin e Stálin sempre revelaram a base metodológica dessas teorias e correntes, seu caráter metafísico.

Já num de seus primeiros trabalhos, *O que São os "Amigos do Povo" e Como Lutam Contra os Social-democratas?,* Lênin

desmascarou a metafísica desses inimigos do marxismo — os populistas.

Separando os fenômenos sociais de suas condições históricas, os populistas afirmavam que a vida social é determinada pelas ideias e que as próprias ideias surgem casualmente, não são condicionadas pelo desenvolvimento econômico da sociedade; os populistas consideravam o processo social como acumulação de acontecimentos casuais. A separação metafísica entre as ideias e as condições materiais da vida da sociedade levou os populistas à interpretação subjetiva e idealista da história da sociedade. Do ponto de vista do populista, a sociedade é uma espécie de agregado mecânico de fenômenos sociais, arbitrariamente ligados pelos "*indivíduos que pensam criticamente".* O populista, escreve Lênin,

> "concebe as relações sociais de um modo puramente metafísico, como simples agregado mecânico de tais ou quais instituições, um simples encadeamento mecânico de tais ou quais fenômenos. Isola um desses fenômenos — a posse da terra pelo agricultor nas formas medievais — e pensa que pode transplantá-lo a todas a: outras formas, como se transporta um tijolo de um edifício para outro. Isso não é, porém, estudar as relações sociais, mas mutilar o material a ser estudado."(3)

Desmascarando o método metafísico dos populistas, Lênin revela, de maneira genial, a essência do método dialético que exige que a sociedade seja considerada como um organismo vivo, completo, em que todos os fenômenos sociais são interdependentes e onde existe uma ligação regular entre os acontecimentos.

A negação metafísica da interdependência entre os fenômenos caracteriza a maioria dos sistemas idealistas. Em sua notável obra *Materialismo e Empirocriticismo*, que marcou época no desenvolvimento

da filosofia marxista, Lênin, desmascarando o idealismo da filosofia machista, critica ao mesmo tempo com rigor seu método metafísico. Os machistas tentavam demonstrar que somente as sensações existem realmente; consideravam as sensações em si mesmas, desligadas da realidade, desligadas dos objetos e dos fenômenos circundantes. Assim, os machistas transformavam em ilusão o mundo exterior material. Nessa base surgiu a monstruosa e "*estúpida filosofia*" dos machistas, segundo a expressão de Lênin.

Lênin escreve:

> "O sofisma da filosofia idealista reside em que a sensação não é considerada como um vínculo entre a consciência e o mundo exterior; mas como uma cerca, uma muralha que separa a consciência do mundo exterior (...).(4)

A crítica que Lênin fez ao machismo torna evidente que, na fundamentação de suas teorias idealistas e na luta contra as ciências naturais e a filosofia materialista, os machistas apoiavam-se na metafísica como método que permite deturpar a realidade.

Lutando incansavelmente contra as teorias hostis ao marxismo, Lênin e Stálin mostram que separar os fenômenos de sua conexão mútua leva inevitavelmente à deturpação idealista e metafísica da realidade e, no domínio da política, ao oportunismo.

A história da luta do Partido bolchevique contra os diferentes falsificadores do marxismo fornece inúmeros exemplos que mostram como o método abstrato e antidialético de abordar a realidade sempre serviu aos vis propósitos dos inimigos do Partido. Desmascarando os trotskistas e os bucarinistas — os mais ferozes inimigos da revolução proletária e do socialismo — o camarada Stálin afirmou por diversas vezes que esse bando de espiões e assassinos interpretava de maneira

deturpada a realidade para atender aos seus abomináveis fins, substituindo a dialética marxista pela metafísica e pela escolástica.

Em 1925, quando, sob a direção do Partido bolchevique, o país terminava o período de restauração, quando a indústria socialista se tornava a força predominante, os trotskistas negavam o caráter socialista de nossa indústria, tentando apresentar a indústria socialista como indústria capitalista de Estado.

Discursando, em 1925, no XIV Congresso do P.C. (b) da URSS, o camarada Stálin. desmascarou a identificação, feita pelos trotskistas, da indústria socialista com o capitalismo de Estado. O camarada Stálin demonstrou que os trotskistas consideravam a questão do capitalismo de Estado

> "de maneira escolástica, não dialética, desligada da situação histórica."(5)

O camarada Stálin demonstrou que não se pode confundir dois períodos diferentes no desenvolvimento da indústria soviética:

> "(...) falar hoje, em 1925, de capitalismo de Estado, como forma predominante de nossa economia, significa deturpar a natureza socialista de nossa indústria estatal, significa não compreender toda a diferença entre a situação passada e a atual, significa abordar o problema do capitalismo de Estado não de maneira dialética, mas de maneira escolástica, metafísica."(6)

Esse exemplo, retirado da história da luta de nosso Partido contra os inimigos do marxismo-leninismo, revela, de maneira evidente, como a metafísica era utilizada pelos inimigos do movimento revolucionário do proletariado com o objetivo de deturpar a realidade.

Nas condições atuais os propagadores das teorias antipopulares

e reacionárias são ideólogos do imperialismo anglo- americano; exercem, também, as funções de porta-vozes do idealismo e da metafísica.

Ilustração evidente da deturpação metafísica da realidade é a chamada filosofia semanticista do moderno imperialismo americano. Os semanticistas lutam ferozmente contra o materialismo em geral e contra o materialismo dialético em particular . Os representantes dessa filosofia subjetiva e idealista (Karnap, Wittgenstein, Auer, Chase, etc.) ensinam que todas as contradições na vida têm sua origem na interpretação arbitrária das palavras e dos conceitos. Auer afirma que

> "não existe a questão filosófica da relação entre o espírito e a matéria; existem apenas questões linguísticas a respeito da definição de alguns símbolos(...)".

Os semanticistas tentam nos convencer de que os conceitos "capitalismo", "fascismo" são palavras fictícias que nada refletem de real.

Os semanticistas isolam metafisicamente os conceitos e os objetos, consideram os conceitos desligados dos objetos e como não refletindo os fenômenos do mundo material.

Embora essa filosofia seja extremamente primitiva, é, porém, amplamente utilizada pelos políticos profissionais para embotar a consciência das massas trabalhadoras. Os ideólogos do imperialismo tentam persuadir as massas de que, se se abolir a palavra "capitalismo", o sistema capitalista estará livre de calamidades e de abalos. Consolam-se com a ilusão de que essa sofistica lhes permitirá enganar os trabalhadores. Entretanto, por mais que os semanticistas tentem enganar as massas populares, o sistema capitalista

inevitavelmente ruirá e só assim passará para a História o conceito capitalismo, odiado pelas massas.

As teorias metafísicas e idealistas da burguesia penetram às vezes também entre os homens soviéticos que ainda não se libertaram das sobrevivências do capitalismo. Pode servir como ilustração disso a penetração, em certos círculos de biologistas soviéticos, da concepção metafísica e idealista do weismannismo-morganismo. Considerando o organismo vivo desligado do meio, os weismannistas-morganistas tentaram demonstrar que as condições de vida do organismo não influem na hereditariedade, que essa é invariável e que é impossível transformar, de modo dirigido, as formas vegetais e animais.

O grande transformador da natureza I. V. Mitchúrin e seus discípulos demonstraram amplamente ser necessário considerar os organismos sempre em ligação indissolúvel com o meio que os cerca e que condiciona seu desenvolvimento, e fundamentaram a possibilidade da transformarão dirigida da hereditariedade das plantas e dos animais. Após derrotarem os weismannistas-morganistas, os mitchurinistas abriram amplo caminho ao desenvolvimento da ciência soviética, ao conhecimento de novas leis na evolução do mundo orgânico e à utilização das forças da natureza na construção do comunismo em nosso país.

O weismannismo-morganismo na biologia demonstra a essência reacionária da metafísica que freia a descoberta das leis do desenvolvimento da natureza.

Negando a interdependência entre os fenômenos da natureza, a metafísica atenta contra a possibilidade de conhecer a natureza como um todo único. Em seu trabalho Sobre o Materialismo Dialético e o

Materialismo Histórico, o camarada Stálin demonstra que a negação, pela metafísica, da conexão mútua entre os fenômenos da natureza e da sociedade origina inevitavelmente a ideia falsa da natureza e da vida social como um aglomerado casual de objetos e fenômenos isolados uns dos outros.

A Dialética Marxista e a Conexão Mútua e a Interdependência Entre os Fenômenos

Em oposição à metafísica, o marxismo-leninismo elaborou um método realmente científico de conhecimento e de transformação da realidade. Esse método exige, antes de tudo, considerar todos os fenômenos da natureza e da sociedade em sua conexão mútua e interdependência.

A dialética, escreve Engels,

> "considera as coisas e seus reflexos intelectuais principalmente em suas relações, em seu entrelaçamento, em seu movimento, em sua origem e deperecimento (. . .)".(7)

Em seu artigo inacabado sobre a dialética, Engels estabeleceu a tarefa de

> "desenvolver o caráter geral da dialética como ciência das conexões, em oposição à metafísica."(8)

Lênin emprestava a maior significação à doutrina dialética da conexão entre os objetos e fenômenos do mundo material. Elaborando, em todos os seus aspectos, a dialética marxista, Lênin apontou a necessidade de considerar, na análise de uma coisa, todo "*o conjunto das diferentes relações entre essa e as demais coisas.*" Na análise dialética da realidade Lênin incluía a exigência de descobrir a ligação

multiforme e universal e a interdependência entre todos os fenômenos do mundo. Lênin afirmou que no conhecimento dos fenômenos do mundo material objetivo a ciência vai

> "da coexistência à causalidade e de uma forma de conexão e interdependência a outra, mais profunda e mais geral."(9)

O camarada Stálin revelou, de maneira completa, a essência da tese marxista da conexão e interdependência entre os fenômenos da natureza e da sociedade, considerando a doutrina da conexão como primeira característica básica do método dialético marxista. O camarada Stálin afirma:

> "Em aposição à metafísica, a dialética considera a natureza não como um conglomerado casual de objetos e fenômenos desligados e isolados uns dos outros, e sem nenhuma relação de dependência entre si, mas como um todo articulado e único, no qual os objetos e fenômenos se acham organicamente vinculados uns aos outros, dependem uns dos outros e se condicionam reciprocamente.
>
> Por isso, o método dialético entende que nenhum fenômeno da natureza pode ser compreendido se o considerarmos isoladamente, sem conexão com os fenômenos que o rodeiam; pois todo fenômeno, em qualquer domínio da natureza, pode ser transformado em absurdo se o examinarmos sem conexão com as condições ambientes, desligado delas; e, pelo contrário, todo fenômeno pode ser compreendido e explicado se o examinarmos em sua conexão indissolúvel com os fenômenos circundantes e condicionado por eles."(10)

Ao caracterizar a doutrina da conexão mútua e interdependência entre os fenômenos da natureza e da sociedade como traço básico do método dialético marxista, como a mais importante exigência para a análise científica da realidade, o camarada Stálin desenvolve a dialética

marxista, enriquecendo-a com novas conclusões e teses.

A dialética marxista é o único método científico de conhecimento da realidade; as leis e teses da dialética não são transportadas para a natureza e para a vida social de fora para dentro, mas são um reflexo do mundo material objetivo. A tarefa tanto da compreensão da natureza como da compreensão da história da sociedade

> "não reside em imaginar conexões, mas em descobri-las nos próprios fatos."(11)

A exigência do método dialético marxista de que os fenômenos sejam examinados em sua interdependência é determinada, por conseguinte, pela circunstância de que na própria natureza e na vida social os objetos e fenômenos não existem isoladamente. No mundo real todos os objetos e acontecimentos são condicionados uns pelos outros, encontram-se em ação recíproca e graças a isso, como escreveu Engels,

> "toda a natureza que nos é acessível forma um sistema, um conjunto coerente de corpos, sendo que consideramos aqui pela palavra corpo todas as realidades materiais, a começar pela estrela e a terminar pelo átomo (...).(12)

Somente o exame dos fenômenos em sua interdependência nos dá a possibilidade de compreender a natureza como um todo único.

A doutrina dialética marxista da unidade da natureza, da conexão e interdependência entre os fenômenos da natureza é brilhantemente confirmada em todos os domínios da ciência e, em particular, nas ciências naturais. Já no século XIX as ciências naturais se desenvolviam no sentido do conhecimento da conexão mútua entre os processos da natureza.

Engels escreve que sendo, até o fim do século XVIII, uma ciência compiladora de fatos, a ciência das coisas acabadas, a ciência da natureza se tornou, no século XIX, uma ciência dos processos, a ciência

> "da origem e do desenvolvimento das coisas e da conexão, que liga esses processos naturais num grande todo."(13)

A lei da conservação e da transformação da energia tem grande significação para demonstrar a ligação mútua entre os processos da natureza. Engels escreve a respeito dessa lei:

> "A unidade de todo movimento na natureza já não é hoje uma afirmação simplesmente filosófica, mas um falo do domínio das ciências naturais."(14)

A unidade da natureza orgânica foi demonstrada, de maneira clara, pela descoberta da estrutura celular da matéria orgânica que estabeleceu a unidade entre os mundos vegetal e animal e a ligação mútua entre os mesmos; e também pela teoria de Darwin que demonstrou que todos os organismos surgiram em consequência de uma longa evolução, a partir das formas vivas mais simples que, por sua vez (como foi demonstrado posteriormente) se formaram durante o processo de uma prolongada história do desenvolvimento natural da matéria.

Em seu livro *Ludwig Feuerbach...,* Engels se refere a três grandes descobertas — a célula, a lei da transformação da energia e a teoria evolucionista de Darwin — e ressalta sua grande influência sobre o desenvolvimento da concepção dialética da natureza. Engels manifestou também particular interesse pela descoberta de D. I. Mendelêiev. Em carta a Danielson, datada de 15 de março de 1892, Engels observa que entre os materiais recebidos da Rússia

"o trabalho de Mendelêiev desperta interesse participar."(15)

Na *Dialética da Natureza,* Engels observa que a criação, por Mendelêiev, do sistema periódico dos elementos

"representa uma proeza científica."

O sistema periódico dos elementos químicos criado por D. I. Mendelêiev é uma importantíssima descoberta das ciências naturais que demonstra que a natureza é um todo articulado e único.

Mendelêiev descobriu a ligação entre os elementos, as leis de sua ação recíproca. Pôs fim à ideia metafísica, dominante na ciência, da existência dos elementos isolados e não vinculados entre si.

Ressaltando a particular significação das descobertas das ciências naturais para as generalizações da dialética materialista, Engels afirma que os dados alcançados empiricamente pelas ciências naturais permitem-nos

> "ter, em forma mais ou menos sistemática, um quadro geral do entrelaçamento da natureza."(16)

As ciências naturais do século XX forneceram, nos diferentes domínios do conhecimento, muitos fatos novos que confirmam claramente as teses do materialismo dialético sobre a unidade da natureza e a interdependência entre os fenômenos e objetos da natureza.

O desenvolvimento das ciências na sociedade socialista soviética confirma a vitalidade e a importância científica dos princípios do materialismo dialético. Os sábios soviéticos Pávlov, Timiriázev, Mitchúrin, Lepechínskaia, Lissenko e muitos outros enriqueceram consideravelmente, com suas pesquisas científicas, nossos

conhecimentos a respeito da unidade da natureza e suas infinitas conexões mútuas.

A ciência contemporânea demonstra, de maneira convincente, que toda nova descoberta confirma a doutrina marxista da conexão mútua entre os processos da natureza. Ao número dessas descobertas pertence a multiforme doutrina do grande fisiólogo russo I. P. Pávlov.

A solução, encontrada por I. P. Pávlov, do problema da ligação entre os fenômenos psíquicos e o meio exterior tem grande significação filosófica. A psicologia idealista tentou "conceber" os fenômenos psíquicos sem sair dos limites do mundo interior dos animais e do homem. Esse modo de abordar a pesquisa da atividade psíquica não permite elaborar nenhum critério objetivo para o exame dos fenômenos psíquicos e leva à concepção da "alma” como essência incompreensível.

Ao contrário dos psicólogos idealistas, I. P. Pávlov considerou como tarefa principal descobrir

> "a relação mútua, infinitamente complexa, entre o organismo e o mundo que o cerca, sob o aspecto de uma fórmula exata e científica."(17)

Pesquisando a atividade nervosa superior, no animal e no homem, I. P. Pávlov criou a doutrina dos reflexos condicionados, demonstrando, de maneira cabal, que o mundo psíquico do animal e do homem se forma sob a influência do meio exterior e que em geral a atividade vital do organismo é uma unidade entre o externo e o interno. I. P. Pávlov entende por reflexos a reação regular do organismo às excitações externas. Do ponto de vista fisiológico, o conjunto dos reflexos constitui a base da atividade nervosa no homem e nos animais.

Dessa forma, I. P. Pávlov estabeleceu a base materialista para a pesquisa dos fenômenos psíquicos através da descoberta do mecanismo da conexão mútua entre os fenômenos psíquicos e o mundo exterior.

Uma das mais modernas descobertas que revelam a conexão mútua — dialética — na natureza, é a teoria de O. B. Lepechínskaia sobre as formas não celulares de existência da matéria viva, da origem da célula a partir da substância viva não celular e do papel da substância viva pré-celular no organismo.

O. B. Lepechínskaia vibrou um golpe decisivo na teoria metafísica de Virchow, que vigorou na biologia durante longo tempo, e que pretendia que tudo que é vivo se origina da célula, que fora da célula não há vida e que o organismo vivo é uma soma mecânica de células, uma "federação" de células.

Refutando teorias metafísicas idênticas, já Engels se referia à existência de moneras sem estrutura, a formações pré-celulares.

Orientando-se pelos princípios da filosofia marxista-leninista, O. B. Lepechínskaia superou a concepção metafísica de Virchow e demonstrou experimentalmente a existência de formas não celulares da matéria viva. Em consequência de pesquisas realizadas durante muitos anos com a gema do ovo, Lepechínskaia conseguiu resultados científicos que comprovam cabalmente que a formação de novas células se verifica não só a partir da divisão da velha célula, mas também a partir de substância viva não celular. Sem negar a origem de novas células a partir de velhas células pelo processo de sua divisão, O. B. Lepechínskaia demonstrou que as novas células podem surgir não só de células, mas também do protoplasma. Caracterizando o

protoplasma como ativo, capaz de metabolismo, O. B. Lepechínskaia demonstra que

> "do protoplasma surgem diferentes formas de matéria organizada — pelo menos as primárias."(18)

Os dados relativos à estrutura da matéria orgânica, conseguidos através das grandes pesquisas de O. B. Lepechínskaia, são uma nova confirmação da tese da dialética marxista a respeito da unidade da natureza, um novo passo à frente no caminho da descoberta experimental da conexão entre a matéria animada e inanimada, da transformação da matéria inorgânica em matéria orgânica.

A história da sociedade é uma evidente confirmação da doutrina da dialética marxista sobre a conexão mútua e a interdependência entre os objetos do mundo material.

Ao contrário das teorias idealistas do desenvolvimento social que reduzem a vida social a um caos de casualidades, o marxismo-leninismo criou uma autêntica ciência sobre a sociedade, considerando o desenvolvimento da sociedade como um processo natural e histórico.

Lênin escreve:

> "Da mesma forma que Darwin pôs fim à ideia de que as diversas espécies de animais e plantas não estão ligadas entre si, são casuais, 'criadas por Deus' e invariáveis, e pela primeira vez colocou a biologia em bases completamente científicas, estabelecendo a variabilidade e a continuidade das espécies, assim Marx pôs fim à concepção da sociedade como um conglomerado mecânico de indivíduos sujeito a toda espécie de mudanças segundo a vontade da autoridade (ou, o que dá no mesmo, segundo a vontade da sociedade e dos governos), conglomerado que surge e se modifica casualmente, e pela primeira vez colocou a sociologia em bases científicas,

> formulando o conceito de formação econômico-social como conjunto de determinadas relações de produção e estabelecendo que o desenvolvimento dessas formações constitui um processo histórico-natural."(19)

Como aplicação do materialismo dialético ao conhecimento das relações sociais, o materialismo histórico revela a conexão mútua, que existe objetivamente, entre o ser social e a consciência social.

No trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, o camarada Stálin revela a conexão mútua entre as condições da vida material da sociedade e a consciência social. O camarada Stálin demonstra que a fonte de origem das ideias são as relações materiais entre os homens e que as diferenças entre as ideias e as instituições políticas nas diferentes épocas se explicam pelas condições diversas da vida material da sociedade. Por outro lado, a conexão mútua entre a consciência social e as condições materiais de vida da sociedade reside também na influência reversa das ideias sobre a vida material da sociedade.

A descoberta, pelo marxismo, da ligação mútua entre as condições materiais de vida da sociedade e as ideias sociais, a demonstração do caráter primário do ser social e do caráter secundário, derivado, da consciência social, o esclarecimento do papel das ideias no desenvolvimento da sociedade, têm imensa significação para a atividade prática do Partido marxista-leninista. O camarada Stálin escreve:

> "(...) O Partido do proletariado deve apoiar-se numa teoria social, numa ideia social que reflita com acerto as necessidades do desenvolvimento da vida material da sociedade e que possa, em vista disso, colocar em movimento as amplas massas do povo, seja capaz de mobilizá-las e organizá-las no grande exército do

> Partido proletário, pronto a derrotar as forças reacionárias e abrir caminho às forças avançadas da sociedade.”(20)

No trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, o camarada Stálin submete a uma severa crítica a concepção primitiva e anarquista da sociedade como soma de fenômenos desligados entre si.

Os representantes da concepção primitiva e anarquista consideravam a luta de classes como índice da desagregação da sociedade, como ruptura da ligação entre classes hostis. O camarada Stálin revelou a inconsistência de tal ponto de vista. O camarada Stálin afirma:

> "Enquanto existir o capitalismo, os burgueses e os proletários estarão ligados entre si por todas os fios da economia, como elementos da mesma sociedade capitalista.’’(21)

A luta de classes do proletariado contra a burguesia não só não leva a sociedade ao colapso como, ao contrário, leva à derrocada do capitalismo e ao estabelecimento de uma formação econômico-social superior — o comunismo.

O camarada Stálin demonstra que sendo a língua um meio de comunicação entre os homens, só se pode compreendê-la e as leis do seu desenvolvimento em ligação com a história da sociedade, com a história do povo. Atribuindo à língua caráter de classe e identificando a língua com a superestrutura, os deturpadores do marxismo na linguística criaram a teoria de que a língua, no processo de seu desenvolvimento, sofre explosões. O camarada Stálin demonstrou que se trata no caso de uma teoria que rebaixa o marxismo e que uma tal e repentina liquidação da língua levaria fatalmente à ruptura das ligações entre os homens,

"à desordem total nas relações entre os homens”.

O camarada Stálin critica também a separação que Marr e seus discípulos fazem entre a língua e o pensamento. Marr e seus discípulos afirmavam que o pensamento pode se processar sem a língua. Criticando essa teoria metafísica, o camarada Stálin demonstra que os marristas separam o pensamento da língua e consideram possível a comunicação entre os homens sem a ajuda da língua.

Depois de demonstrar a inconsistência da teoria marrista da língua, o camarada Stálin revela, de maneira profunda, a dialética da língua e do pensamento, indicando que a língua e o pensamento só existem em ligação mútua. O pensamento se realiza obrigatoriamente à base do material linguístico. O camarada Stálin escreve:

> "Não existem pensamentos nus, livres do material linguístico, livres da ‘matéria bruta' da língua. 'A língua é a realidade direta do pensamento' (Marx). A realidade do pensamento se manifesta na língua. Só os idealistas podem falar do pensamento desligado da ‘matéria bruta' da língua, do pensamento sem língua."(22)

Os princípios da doutrina da conexão mútua entre os fenômenos da natureza e da sociedade têm importante significação para a compreensão do processo do conhecimento. Ao contrário da metafísica que concentra a atenção apenas em objetos isolados, em particularidades, a dialética marxista afirma que na natureza e na sociedade todos os fenômenos estão ligados reciprocamente e por isso nos permite compreender a natureza e a sociedade como um todo único.

A Dialética Marxista e as Leis do Desenvolvimento da Natureza e da Sociedade

Considerando os objetos da natureza e os fenômenos sociais em

suas múltiplas ligações, descobrimos a cadeia de relações mútuas entre as coisas e os acontecimentos históricos, a sequência de sua origem e a interdependência de sua existência.

O método dialético marxista caracteriza esse estado de conexão universal entre os fenômenos da natureza e da sociedade como lei do desenvolvimento da natureza e da vida social. O camarada Stálin afirma que

> "os múltiplos e variados fenômenos do mundo são diferentes formas e modalidades da matéria em movimento; a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos, que o método dialético revela, são as leis de acordo com as quais se desenvolve a matéria em movimento (...)".(23)

A filosofia marxista reconhece, assim a existência das leis objetivas e da necessidade na natureza e na sociedade.

A doutrina marxista sobre as leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade é a base para o progresso do conhecimento. A lei expressa a lógica objetiva do desenvolvimento da natureza e da sociedade, reflete a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos, objetos e acontecimentos históricos, seu desenvolvimento sucessivo e lógico. V. I. Lênin observa que

> "tudo aquilo que é isolado por milhares de transições se acha ligado a outro gênero de coisas, fenômenos e processos isolados."(24)

Lênin afirma que

> "as conexões naturais, as relações entre os fenômenos da natureza existem objetivamente (...)(25)

A lei e a necessidade são o elemento geral inerente aos

diferentes fenômenos da natureza e da sociedade.

"A necessidade é inseparável do geral"(26)— observa Lênin.

Caracterizando o processo de nosso conhecimento, Engels escreve que

> "todo conhecimento real, exaustivo, consiste somente em que elevamos, pelo pensamento, o singular da singularidade à particularidade e desta à universalidade; descobrimos e constatamos o infinito no finito, o eterno no efêmero."(27)

Engels indica também que a lei é a forma que a generalidade assume na natureza.

Nos *Cadernos Filosóficos,* Lênin nos dá uma profunda caracterização da essência da lei e de seu papel no conhecimento. Definindo o conceito de lei, Lênin escreve:

> "(...) conceito de lei é um dos graus do conhecimento, pelo homem, da unidade e da conexão, da interdependência e da integridade do processo universal".(28)

Lênin caracteriza a lei como o elemento essencial, idêntico, estável (constante) no fenômeno. Lênin afirma que as leis, formuladas pela ciência, são o reflexo da essência dos diversos fenômenos do mundo material objetivo.

> "A lei é o reflexo do essencial no movimento do universo"(29)— observa Lênin.

A interpretação marxista da lei distingue-se radicalmente de sua interpretação idealista. O idealismo nega o caráter objetivo das leis. São os representantes da filosofia subjetiva e idealista, particularmente da filosofia machista, que negam, em forma mais claramente expressa, as

leis objetivas e a necessidade. Os machistas foram os pregadores do ponto de vista idealista, neokantista, da necessidade. Kant afirmava, em sua época, que no mundo objetivo não há necessidade, não há lei, e que a necessidade é uma categoria inerente apenas à razão. Os machistas adotaram essa linha de interpretação idealista da lei. Mach escreveu:

> "Não há nenhuma necessidade — por exemplo, a necessidade física — além da necessidade lógica".

Outro machista, Pearson, afirmava que a necessidade pertence ao mundo dos conceitos e não ao mundo das percepções.

Os modernos filósofos obscurantistas, lacaios do imperialismo anglo-americano, manifestam zelo particular pela substituição das leis objetivas pela mística e pelo simbolismo. O "*leitmotiv*" da filosofia imperialista é o mistério, a mística, o além, o incompreensível, o incognoscível. Por exemplo, Fluelling, chefe da escola filosófica americana dos personalistas, declara que a natureza existe em virtude da vontade da personalidade divina, da pessoa suprema e todo-poderosa. Declara que não há nenhuma lei objetiva: tudo é orientado pela pessoa de Deus. A respeito de Fluelling pode-se repetir, com justa razão, o que Lênin disse a respeito de um filósofo obscurantista idêntico — o filósofo americano Carus:

> "É perfeitamente evidente que estamos diante do líder da confraria de literatos velhacos americanos que trabalham para embriagar o povo com o ópio da religião."(30)

Em sua obra *Filosofia da História,* o neokantista Rickert declara que "*a realidade não conhece repetições."* O sentido social dessa teoria é perfeitamente claro: os escudeiros do imperialismo tentam demonstrar que não se pode conhecer as leis da vida social porque os

acontecimentos sociais não se repetem.

O marxismo há muito refutou a teoria idealista de que os fenômenos sociais não se repetem e a vida confirmou a justeza da ciência marxista-leninista sobre o desenvolvimento da sociedade. A ciência marxista-leninista fundamenta a existência, nos fenômenos, do geral, do que se repete. Os acontecimentos históricos não se repetem em suas características particulares, individuais. Entretanto, uma vez que os acontecimentos históricos ligados entre si constituem uma cadeia ininterrupta no desenvolvimento da história da sociedade, segue-se que nos diferentes acontecimentos há algo geral, inerente a todos eles. É esse elemento geral que permite descobrir as leis do desenvolvimento da história da sociedade.

Lênin escreve:

> "Até agora os sociólogos tinham dificuldade em distinguir, na complexa rede dos fenômenos sociais, os que eram importantes dos que não o eram (esta a raiz do subjetivismo na sociologia); não podiam encontrar um critério objetivo para essa distinção. O materialismo forneceu um critério perfeitamente objetivo, ao destacar as 'relações de produção' como estrutura da sociedade e ao permitir que se aplique a essas relações o critério científico geral da repetição cuja aplicação à sociologia os subjetivistas negavam."(31)

Lênin afirma a seguir que a justa solução do problema da repetição nos fenômenos sociais torna possível a existência da ciência da sociedade.

No trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, o camarada Stálin revela detalhadamente a essência da interpretação materialista da História, afirmando que a base do desenvolvimento da sociedade é o modo de produção. Tal é o modo de

produção, tais são as ideias, teorias e concepções da sociedade. Essa é uma lei objetiva do desenvolvimento social. Caracterizando o modo de produção e as três particularidades da produção, o camarada Stálin frisa sempre que as leis do desenvolvimento econômico da sociedade existem objetivamente.

Orientando-se pela compreensão materialista da História, o camarada Stálin descobre as leis do desenvolvimento da sociedade socialista. O camarada Stálin ensina que a lei econômica fundamental do socialismo é a garantia da máxima satisfação das necessidades materiais e culturais, sempre crescentes, de toda a sociedade, por meio do aumento e do aperfeiçoamento ininterruptos da produção socialista à base de uma técnica superior.

Os clássicos do marxismo-leninismo ensinam que as leis da natureza e da sociedade têm um caráter objetivo. As leis da ciência refletem processos objetivos que se verificam na natureza e na sociedade independentemente da vontade dos homens. Os homens descobrem e tomam conhecimento das leis objetivas do desenvolvimento do mundo material e as utilizam no interesse da sociedade. Os homens não podem, porém, revogar as leis objetivas.

A dialética marxista rejeita tanto a interpretação voluntarista das leis como a atitude fatalista em relação às mesmas. Os voluntaristas não levam em conta as leis objetivas e as interpretam de maneira idealista. Segundo o modo de ver dos voluntaristas, as leis não têm base objetiva e dependem inteiramente dos homens. É uma compreensão antimarxista, idealista, da lei. Os clássicos do marxismo desmascararam com firmeza a interpretação idealista da lei pelas diferentes seitas filosóficas.

Afirmando que a natureza e a vida social se desenvolvem segundo leis que lhes são inerentes, leis independentes da vontade dos homens, o marxismo-leninismo nega, ao mesmo tempo, a interpretação fatalista da necessidade e da lei e ressalta o papel das massas populares, das classes, dos partidos e dos indivíduos no desenvolvimento da sociedade. Os fatalistas afirmam que se no mundo, na natureza e na sociedade, domina a lei, a vontade dos homens é, então, agrilhoada. O destino dos homens é predeterminado pela cadeia, necessária e regular, do desenvolvimento dos acontecimentos — assim raciocinam os fatalistas. Essa interpretação da necessidade contradiz a realidade e, a par de outras teorias científicas falsas, serve aos inimigos da classe operária. Um dos propagandistas da teoria fatalista foi o célebre revisionista Bernstein que identificava a necessidade histórica com a situação forçada e desesperada dos homens.

Interpretando de maneira fatalista a necessidade, os revisionistas pregavam o seguidismo, visando a agrilhoar a energia revolucionária da classe operária.

O marxismo refuta o fatalismo. A interpretação marxista da lei contém o reconhecimento obrigatório de que as leis sociais manifestam-se através da atividade dos homens. Os homens fazem a História, o povo é o criador da História. No processo da criação histórica os homens descobrem leis que existem objetivamente, tomam conhecimento delas e em sua atividade prática apoiam-se nessas leis, utilizam-nas. Apresentando a solução dialética do problema da liberdade e da necessidade, Engels afirma que

> "a liberdade, por conseguinte, reside nesse domínio sobre nós próprios e sobre o mundo exterior, domínio baseado no conhecimento das leis necessárias da natureza (Naturnotwendigkeiten) (...)”.(32)

O camarada Stálin ensina que os homens não podem ignorar as leis objetivas da História; não podem, arbitrariamente, saltar as etapas do desenvolvimento regular da sociedade, mas podem exercer influências sobre a marcha dos acontecimentos e utilizar as leis de seu desenvolvimento em prol de seus interesses. A construção do comunismo na URSS é um brilhante exemplo da utilização consciente das leis do desenvolvimento social.

O Partido bolchevique e o grande chefe da humanidade progressista, o camarada Stálin, conduzem com segurança o povo soviético ao comunismo pelo caminho traçado pelo exato conhecimento das leis do processo histórico.

A Dialética Marxista e a Dependência Casual Entre os Fenômenos

A conexão entre os objetos e fenômenos da natureza e da sociedade existe em variadas formas e se reflete, no conhecimento sob a forma dos diferentes conceitos e categorias. A ligação entre os fenômenos da natureza e da sociedade se expressa nas relações entre a qualidade e a quantidade, a forma e o conteúdo, o novo e o velho, o positivo e o negativo, o necessário e o casual. Existem também relações causais entre os fenômenos da natureza e da sociedade. As relações causais se distinguem de todas as outras relações, que expressam conexão entre os objetos, pelo fato de revelarem a origem dos fenômenos e dos objetos. Através da relação de causa e efeito revela-se a cadeia, ininterrupta e infinita, dos acontecimentos da natureza e da sociedade. A causalidade expressa o momento da conexão geral entre os fenômenos do mundo material.

Na história da filosofia a interpretação da causalidade sempre foi

arena de luta intensa entre o materialismo e o idealismo. *Lênin afirma:*

> "O problema da causalidade tem significação particularmente importante para a determinação da linha filosófica dos 'ismos' mais recentes (...).(33)

No *Materialismo e Empiriocriticismo.* Lênin desmascara com firmeza a interpretação machista, idealista, da causalidade. Os machistas negaram a significação objetiva das relações de causa e efeito e restabeleceram a concepção de Hume a respeito da causalidade. Procuravam impor a ideia mesquinha de que nos próprios fenômenos não há dependência causal e de que a sensação e a experiência nada nos dizem a respeito das relações causais. O ponto de vista subjetivo e idealista dos machistas a respeito da causalidade ainda predomina na moderna filosofia e nas ciências naturais da burguesia.

Os físicos idealistas da burguesia negam a objetividade das relações causais no mundo das partículas-micro e tentam refutar a existência de leis objetivas nos fenômenos intra-atômicos.

Os físicos idealistas afirmam, à maneira de Mach, que lidamos apenas com a experiência sensível e com cálculos matemáticos que nada dizem da existência do mundo material objetivo, independente da consciência. Essas afirmações por parte dos físicos burgueses não passam de traição à ciência, são uma expressão da desesperada crise que atravessam as ciências naturais burguesas.

Refutando as considerações dos físicos idealistas dos Estados Unidos e da Inglaterra, os físicos soviéticos negam a teoria idealista do indeterminismo (negação da lei e da causalidade dos fenômenos). Partem da consideração de que o princípio da causalidade que domina

na mecânica clássica deve ser precisado em sua aplicação às partículas do micromundo e de forma alguma é desmentido pelas novas descobertas no domínio da física.

A dialética marxista reconhece o caráter objetivo da causalidade. A aplicação do problema fundamental da filosofia à interpretação da causalidade significa que essa categoria filosófica é um reflexo de relações causais inerentes aos fenômenos do mundo objetivo. As relações causais são gerais, inerentes a todos os fenômenos do mundo; na natureza e na sociedade não há fenômenos que não sejam causalmente condicionados.

Toda a multiforme atividade prática do homem comprova o caráter geral da causalidade. Engels afirma que o homem não só constata que a determinado movimento se segue outro movimento mas também cria novas formas de movimento; por exemplo: a indústria. Conhecendo as causas que condicionam o aparecimento de qualquer fenômeno, ficamos em condições de provocá-lo por nós mesmos.

> "É graças a isso, graças à atividade do homem, que se forma a representação da causalidade, a ideia de que um movimento é causa de outro."(34)

Lênin afirma que a descoberta das relações causais entre as coisas e objetos é condição importante para alcançar-se sua essência. Lênin escreve que

> "o conhecimento real da causa é o aprofundamento do conhecimento, a partir da aparência exterior dos fenômenos até sua essência."(35)

Lênin exige que ao analisar-se os fenômenos, sejam descobertas suas conexões causais e não considera a análise completa se não são

descobertas as relações causais dos fenômenos.

A dialética marxista ensina também que a causalidade expressa a lei do desenvolvimento dos fenômenos da natureza e da sociedade. A causalidade expressa o aspecto mais característico da conexão mútua e interdependência entre os fenômenos da natureza e da sociedade; através da causa descobrem-se as condições em que se origina o novo.

Um brilhante exemplo de descoberta das leis do desenvolvimento dos acontecimentos sociais é a análise das causas do movimento stakhanovista, feita pelo camarada Stálin em seu discurso na Primeira Conferência Nacional dos Stakhanovistas. O camarada Stálin demonstra em seu discurso que na sociedade socialista o movimento stakhanovista é um fenômeno regular, é o movimento mais fecundo e insuperável da atualidade. O camarada Stálin aponta quatro causas cujo efeito foi o movimento stakhanovista:

- a melhoria radical da situação material dos operários;
- a ausência, em nosso país, da exploração;
- a existência da nova técnica, e, finalmente,
- a existência de homens, de quadros de operários e operárias que dominam a técnica e são capazes de fazê-la avançar.

Caracterizando a relação causal como expressão da lei do desenvolvimento dos fenômenos do mundo material objetivo, a dialética marxista considera a causalidade como uma partícula, como um dos aspectos da conexão universal que existe na realidade.

> "A causa e o efeito são, por conseguinte, apenas momentos da interdependência universal, da conexão (universal), do entrelaçamento recíproco entre os acontecimentos, apenas elos na cadeia do desenvolvimento da matéria."(36)

Lênin afirma que

> "a causalidade que concebemos comumente é apenas uma pequena partícula da conexão universal, mas partícula (acréscimo materialista) não de uma conexão subjetiva, mas de uma conexão objetivamente real."(37)

A dialética marxista reconhece as múltiplas formas da causalidade. Na análise dos diferentes fenômenos sociais Lênin e Stálin apontam a existência de causas externas e internas, de ação prolongada e de conjuntura, subjetivas e objetivas. Analisando a questão do amadurecimento da revolução em 1917, Lênin afirmou que

> "as revoluções não se fazem por encomenda, não são marcadas para tal ou qual momento, mas amadurecem no processo do desenvolvimento histórico e começam no momento condicionado pelo complexo de toda uma série de causas internas e externas." (38)

Ao analisar-se os fenômenos sociais é necessário pesquisar suas causas subjetivas e objetivas. Assim, por exemplo, no Informe ao XV Congresso do PC (b) da URSS o camarada Stálin, analisando os processos de desenvolvimento da agricultura, afirmou que o Partido tomara então muitas medidas para empreender a coletivização da agricultura, mas as condições permitiam que ainda se fizesse muito mais. Indicando que os colcoses e sovcoses produziam na época, ao todo, pouco mais de 2 por cento de toda a produção agrícola, o camarada Stálin revela tanto as causas objetivas desse atraso como as subjetivas e estabelece um programa concreto de incorporação das explorações camponesas à construção do socialismo.

As relações causais caracterizam-se também pela duração de sua ação. No estudo concreto dos fenômenos sociais é importante

distinguir as causas fundamentais das causas temporárias e de conjuntura. Por exemplo, analisando as causas da escassez de cereais ocorrida em 1928, o camarada Stálin destacou as temporárias e de conjuntura das causas fundamentais que haviam provocado a escassez e apontou o caminho real para a superação das dificuldades.(39)

Pesquisando os fenômenos sociais, ss clássicos do marxismo-leninismo sempre destacaram suas causas fundamentais e básicas. Referindo-se às causas do fracasso da II Internacional, Lênin afirmou que

> "a causa básica desse fracasso é a predominância de fato, nela, do oportunismo pequeno-burguês, e que os melhores representantes do proletariado revolucionário de todos os países há muito haviam apontado seu caráter burguês e o perigo que representava."(40)

Podemos citar muitos outros trabalhos de Lênin e Stálin pelos quais se vê que na análise dos acontecimentos sociais Lênin e Stálin destacam as causas básicas, fundamentais e profundas. Isso permite determinar com exatidão as tarefas concretas para a atividade prática do Partido.

Ao contrário da oposição metafísica entre a causa e o efeito, — quando se considerava que a causa e o efeito eram imutáveis e não se transformam um no outro — a dialética marxista estabelece que a causa e o efeito se convertem um no outro. Expondo a doutrina da dialética marxista sobre a causa e o efeito, Engels escreve:

> "(...) a causa e o efeito são conceitos que só têm validade como tais na aplicação a determinado caso; porém, logo que consideramos esse caso isolado em sua ligação geral com o conjunto do universo, causa e efeito se confundem, entrelaçam-se no conceito de ação e reação universais onde causas e

> efeitos constantemente trocam de lugar, aquilo que aqui ou agora é efeito tornando-se em outro lugar ou em outro momento causa e vice-versa"(41)

É fácil ilustrar essa tese com o exemplo do movimento stakhanovista. Como indica o camarada Stálin, uma das causas da origem do movimento stakhanovista foi a considerável melhoria da situação material da classe operária. Após surgir, porém, o movimento stakhanovista elevou consideravelmente a produtividade do trabalho na economia nacional e transformou-se em causa de uma maior elevação do bem-estar material dos trabalhadores.

A dialética marxista ensina também que os fenômenos da natureza ou da vida social podem ser provocados por mais de uma causa. Assim, por exemplo, ressaltando o caráter extraordinariamente combativo e revolucionário do leninismo, o camarada Stálin aponta duas causas para isso. O camarada Stálin escreve:

> "Essa particularidade do leninismo explica-se, porém, por duas causas: primeiro, pelo jato de que o leninismo saiu das entranhas da revolução proletária, cuja marca não pode deixar de trazer; em segundo lugar, pelo fato de que cresceu e se robusteceu nos embates contra o oportunismo da II Internacional. A luta contra o oportunismo foi e é uma condição preliminar necessária para a luta vitoriosa contra o capitalismo."(42)

É assim que a dialética marxista nos obriga a estudar concretamente as diferentes formas da dependência causal na natureza e na sociedade.

A Dialética Marxista e a Variedade dos Tipos de Conexão na Natureza e na Sociedade

Os tipos e formas de conexão mútua dos objetos e fenômenos da

realidade são extremamente variados.

Em seu trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, o camarada Stálin aponta a existência de conexões diretas e indiretas entre os fenômenos. Esclarecendo a diferença entre a superestrutura e a língua, o camarada Stálin demonstra que a língua se acha diretamente ligada à atividade produtiva do homem. A língua reflete diretamente as transformações que se verificam tanto na produção como na infraestrutura e na superestrutura. A superestrutura, porém, se acha ligada à produção indiretamente; só reflete as transformações na produção através da infraestrutura. Apontando a existência e o papel das conexões diretas e indiretas nos fenômenos sociais, o camarada Stálin enriqueceu a dialética marxista com nova tese, aprofundou e concretizou a doutrina da conexão e interdependência entre os fenômenos da realidade.

A doutrina dos vínculos essenciais e não essenciais na natureza e na sociedade é também importante tese da dialética marxista. Cada fenômeno da natureza e da vida social está sempre ligado, sob diversos aspectos, a outros fenômenos. Entretanto, somente as conexões essenciais revelam a natureza dos fenômenos. Por isso o método dialético marxista nos obriga a encontrar nos fenômenos os vínculos essenciais e a distingui-los das conexões não essenciais. Lênin afirmou por diversas vezes que as tentativas de caracterizar um objeto através de suas ligações não essenciais, a caça a particularidades, levam inevitavelmente à deturpação da realidade. Desmascarando o social-revolucionário Tchernov e outros "críticos" da doutrina econômica de Marx que ignoravam os traços essenciais do capitalismo e que concentravam a atenção em particularidades, Lênin escreveu:

"(...) quão característica é essa caça, tão em moda atualmente,

caça quase realista, mas na realidade eclética a um catálogo completo de todos os sintomas isolados e 'fatores' isolados. Como resultado temos, evidentemente, a tentativa absurda de introduzir num conceito geral todos os sintomas particulares de fenômenos isolados, ou, ao contrário, de 'evitar o choque com uma «extrema diversidade de fenômenos' — tentativa que testemunha simplesmente a incompreensão elementar do que seja a ciência — leva o 'teórico' a não ver, atrás das árvores, a floresta."(43)

A descoberta dos vínculos essenciais entre os objetos pressupõe seu exame completo, o esclarecimento de suas relações com outros objetos e um método dialético de abordar a realidade. Ao contrário, o esquecimento das ligações essenciais sempre se faz acompanhar da união eclética entre os diferentes aspectos dos fenômenos e leva inevitavelmente à deturpação da realidade e à substituição da dialética pelo ecletismo. Lênin e Stálin lutaram tenazmente contra aqueles que substituíam a dialética pelo ecletismo. Em vários de seus trabalhos Lênin ataca o método eclético dos kautskistas abordarem as questões do Estado. Nos anos anteriores à revolução, particularmente às vésperas da Grande Revolução Socialista de Outubro, os renegados da II Internacional, Kautsky e Vandervelde, "trabalharam" muito por deturpar a doutrina marxista do Estado. Tentavam dissimular nessa doutrina o elemento principal — a questão da ruptura, pela violência, da máquina estatal da burguesia, o problema da revolução proletária. Visando a esse objetivo, Vandervelde contornou de todas as maneiras a definição marxista do Estado como instrumento de violência de uma classe sobre outra e substituiu-o por uma definição abstrata e eclética tomada de empréstimo a fontes burguesas.

"Por um lado, por Estado pode-se subentender 'o conjunto da nação' (...) por outro lado, por Estado pode-se subentender 'o governo" (...)"(44)

— escreveu Lênin a respeito das opiniões de Vandervelde sobre o Estado, caracterizando-as como

"doutrina da trivialidade."

Lênin afirma que os ecléticos, deturpando a realidade, frequentemente "unem" o que não pode ser unido na vida dos fenômenos.

Citando Engels a torto e a direito, os oportunistas "uniram" os raciocínios de Engels sobre a revolução violenta com suas palavras relativas ao "desaparecimento" do Estado, silenciando sobre o fato de que Engels, quando fala do "desaparecimento" do Estado, se refere ao Estado proletário.

Trata-se de uma união de aspectos que na vida não se unem. Lênin escreve:

> "Comumente unem um e outro por meio do ecletismo arrebatando arbitrariamente, pela ausência de princípios ou pelo sofisma (ou para agradar ao poder dos proprietários), ora um, ora outro raciocínio, sendo que em 99 por cento dos casos, se não mais frequentemente, apresenta-se em primeiro plano justamente o 'desaparecimento'. A dialética é substituída pelo ecletismo (...)".(45)

Em consequência desses artifícios sofísticos chega-se à conclusão de que o Estado burguês desaparece por si mesmo, sem a revolução violenta e sem a destruição da máquina estatal, enquanto que o capitalismo se transforma pacificamente em socialismo.

Restaurando as teses marxistas do Estado, Lênin demonstra que Marx e Engels indicaram a necessidade da revolução violenta contra o Estado burguês e que sua tese a respeito do desaparecimento do

Estado refere-se apenas ao Estado proletário, que começará a desaparecer quando se criarem para isso as necessárias condições históricas.

Lênin desmascarou com firmeza a manobra trotskista—bucarinista quanto ao problema dos sindicatos. Os degenerados trotskistas—bucarinistas opunham o método econômico de abordar o problema ao método político, tentando demonstrar a igualdade de seu valor e de sua significação. Lênin, vociferavam eles, aborda os sindicatos politicamente, quando é preciso — afirmavam — abordá-los do ponto de vista econômico. Lênin demonstrou de maneira evidente que esses inimigos do comunismo resolviam ecleticamente o problema da correlação entre a política e a economia.

> "'Tanto um como o outro', 'por um e por outro lado' — eis a posição teórica de Bukhárin. Isso é o que chamamos ecletismo" (46)— escreveu Lênin.

A solução dialética da questão exigia que se encontrasse os aspectos essenciais das relações entre a política e a economia. Essa relação essencial entre a política e a economia reside em que a política, como afirmou Lênin, é a expressão concentrada da economia e por isso

> "não pode deixar de ter primazia sobre a economia."(47)

O inimigo do povo Bukhárin solucionava ecleticamente o problema do papel e das tarefas dos sindicatos. Definiu os sindicatos, por um lado, como escola, e, por outro lado, como aparelho. Lênin chamou essa definição de nulidade eclética, demonstrando que na definição eclética de Bukhárin não há nenhuma grama de marxismo.

Tomando para exemplo um copo, Lênin demonstrou a diferença entre a dialética e o ecletismo. O eclético não considera os aspectos

essenciais da relação entre os objetos, mas toma arbitrariamente traços isolados dos fenômenos e os une mecanicamente; afirma, por exemplo, que o copo é um cilindro de vidro e um instrumento para a bebida. O eclético considera o copo sem relacioná-lo à sua utilização. O dialético, porém, considera que o copo tem uma quantidade infinita de propriedades, de aspectos e de relações mútuas com tudo o mais e define sua atitude em relação ao copo partindo de necessidades práticas concretas.

O copo pode ser um vaso para bebida, pode ter significação como valor artístico, pode servir de projétil, etc. O dialético determina sua atitude em relação ao copo de acordo com as necessidades. Se necessitamos do copo como vaso para bebida, então, a circunstância de que esse copo tenha fundo e não possa ferir os lábios adquire a principal significação. Se o copo é importante como valor artístico, pode exercer essa função embora não sirva para bebida. O dialético exige que se considere o objeto em ligação com as condições históricas concretas. O eclético une arbitrariamente aspectos isolados do objeto, sem levar em conta os objetivos práticos. Isso não permite encontrar o elemento principal dos fenômenos pesquisados.

Desmascarando os ecléticos, Lênin formulou quatro regras da lógica dialética:

> "Para se conhecer realmente um objeto, é preciso, em primeiro lugar, abranger e estudar todos os seus aspectos, todas as suas conexões e 'elos intermediários'. Jamais conseguiremos isso totalmente, mas essa exigência nos evita erros e fracassos. Em secundo lugar, a lógica dialética exige que consideremos o objeto em seu desenvolvimento, em seu 'automovimento' e transformação. Em relação ao copo isso não se toma claro de repente; mas o copo não permanece invariável, modifica-se particularmente a função do copo, seu uso, sua conexão com o

> meio ambiente. Em terceiro lugar, toda a prática humana deve participar da 'definição' total do objeto tanto como critério da verdade quanto como definidor prático da ligação do objeto com o que é necessário ao homem. Em quaro lugar, a lógica dialética ensina que 'não há verdade abstrata: a verdade é sempre concreta' (...)".(48)

Demonstrando os aspectos essenciais das relações entre os sindicatos, o Estado e o Partido, Lênin dá uma definição dialética dos sindicatos e afirma que no sistema do Estado proletário os sindicatos são, em todos os aspectos, uma *escola de comunismo:* escola de união, de solidariedade, de defesa dos interesses da classe operária, de administração, de governo.

Por conseguinte, as ligações não essenciais entre os objetos não nos revelam a essência dos fenômenos nem nos dão base para formular as leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade.

> "(...) O não essencial, o aparente, o artificial, mais frequentemente desaparece, não se mantêm tão 'solidamente', não 'se assenta tão fortemente', como a 'essência'."(49)

E, ao contrário, a revelação das conexões essenciais e orgânicas entre os fenômenos da natureza e da sociedade permite descobrir e formular as leis do desenvolvimento do mundo material.

A Dialética Marxista e a Correlação entre a Necessidade e a Casualidade

Compreendemos o desenvolvimento regular dos fenômenos da natureza e da sociedade através da descoberta das ligações mútuas essenciais, das mais importantes relações recíprocas entre os fenômenos pesquisados com o mundo que os cerca. Entretanto, ao reconhecer o desenvolvimento regular do mundo objetivo, a dialética

marxista não nega a existência dos fenômenos casuais e reconhece a influência da casualidade sobre a marcha dos acontecimentos.

Essa interpretação dialética da ação recíproca entre a necessidade e a casualidade não foi conseguida pelo materialismo metafísico e mecanicista.

Os materialistas franceses do século XVIII, por exemplo, negavam totalmente a casualidade e consideravam todos os fenômenos da natureza como necessários.

> "(...) Tudo o que observamos é necessário ou não pode ser senão o que é (...)"(50)— escreveu Holbach.

Desta forma, Holbach pregava, realmente, a concepção fatalista da natureza e da vida social. Holbach escreve:

> "(...) A necessidade que governa os movimentos do mundo físico, governa também os movimentos do mundo espiritual, no qual, por conseguinte, tudo está subordinado à fatalidade." Mas, se tudo é apenas necessário, então a própria necessidade se reduz ao nível da casualidade, e "com uma necessidade desse gênero continuamos sem sair dos limites da concepção teológica da natureza."(51)

A negação da existência objetiva da casualidade e a afirmação da necessidade fatal de todos os processos da natureza e da vida social leva ao reconhecimento de uma força do outro mundo em relação à natureza e à sociedade, força que impõe à natureza e ao homem sua vontade e que predetermina os destinos da humanidade.

A dialética marxista não confunde a casualidade com a necessidade mas também não as opõe de maneira absoluta. K. Marx escreve que

> "a História teria um caráter bastante místico se a ‘casualidade' não representasse nenhum papel. Essas casualidades entram, evidentemente, como parte constituinte na marcha geral do desenvolvimento, equivalendo-se a outras casualidades.”(52)

O mesmo ressaltou F. Engels quando escreveu que a necessidade

> "abre caminho através de uma quantidade infinita de casualidades (...)”.(53)

A necessidade e a casualidade, embora não se encontrem em oposição absoluta, diferenciam-se pelo seu papel nos processos do mundo material objetivo. A dialética marxista exige que se distinga a necessidade, a lei, da casualidade.

Os clássicos do marxismo-leninismo, analisando os fatos da natureza e da vida social, sempre consideraram a casualidade em correlação com a necessidade, com a lei. Caracterizando a distribuição das forças de classe na Rússia, no começo de 1907, Lênin escreveu:

> "Não foi a casualidade, mas a necessidade econômica que provocou o fato de que, após a dispersão da Duma, o proletariado, o campesinato e os pequeno-burgueses pobres da cidade se tornassem profundamente esquerdistas e revolucionários, enquanto que os 'kadetes' se tornavam profundamente direitistas."(54)

Caracterizando o ascenso revolucionário de 1911-1912, Lênin ressalta que

> "nesse ascenso nada há de casual, seu advento e perfeitamente regular e necessariamente condicionado por todo o desenvolvimento anterior da Rússia."(55)

O que é, portanto, a causalidade? Como caracterizar os

fenômenos casuais e os fenômenos regulares, regidos por lei? A essa pergunta temos uma resposta completa se pesquisarmos atentamente em que sentido os clássicos do marxismo-leninismo empregam o conceito casualidade quando analisam os fenômenos sociais e históricos.

Revelando as características do capitalismo, Lênin afirma que

> "o produto assume a forma de mercadoria nos mais diferentes organismos sociais de produção, mas somente na produção capitalista essa forma do produto do trabalho é geral e não uma exceção, um fato isolado e casual."(56)

Assim, a casualidade se caracteriza pelo fato de que, primeiro, se contrapõe ao geral, e, segundo, identifica-se com o isolado, o singular. Lênin nos dá a mesma caracterização da casualidade quando critica os ataques dos struvistas contra a doutrina de Marx sobre o valor. Lênin escreve:

> "Se o preço é uma relação de troca, então é inevitável compreender a diferença entre a relação singular de troca e o constante, entre o casual e o de massa, entre o momentâneo e o que abrange prolongados períodos de tempo. Uma vez que é assim — e indubitavelmente assim é — de maneira igualmente inevitável nos elevamos do casual e singular ao estável e de massa, do preço ao valor."(57)

Vemos que, aqui também, Lênin caracteriza a casualidade como expressão da singularidade e contrapõe a casualidade aos fenômenos gerais e de massa que atuam durante longo tempo.

No artigo *Uma Caricatura do Marxismo e o "Economismo Imperialista",* Lênin demonstra que a guerra imperialista de 1914-1918 não foi um fenômeno casual, uma exceção, um afastamento do geral e

do típico, mas um produto, determinado por leis, da época imperialista. Nesse caso, Lênin caracteriza a casualidade como afastamento do geral e do típico.(58)

Por conseguinte, por casual devemos compreender o que se afasta do geral, o não-típico, o que é individual, que não tem ligação orgânica com o todo.

Manifestando-se como não-típico, como exceção à regra, o casual não revela a essência dos objetos e dos fenômenos. Analisando a questão da dialética do geral e do particular, da casualidade e da necessidade, da essência e do fenômeno, Lênin afirma que na definição dos conceitos

> "desprezamos vários indícios como casuais, separamos o essencial do aparente e contrapomos um ao outro."(59)

Desprezamos os indícios casuais porque não revelam a essência dos objetos.

Lênin e Stálin, caracterizando os fenômenos casuais, indicam também que o casual não tem raízes sólidas nos fenômenos. O camarada Stálin contrapõe o casual, como transitório e temporário, ao prolongado. No trabalho *Lênin e a Questão da Aliança Com o Camponês Médio,* o camarada Stálin escreve:

> "(...) Lênin e o Partido não consideram a política de entendimento com o camponês médio como uma política casual e transitória, mas como uma política de longa duração."(60)

Assim, podemos chegar à conclusão de que o casual não tem raízes sólidas nos objetos e nos acontecimentos e é uma expressão dos vínculos temporários entre os fenômenos.

O camarada Stálin observou que os Estados de Ciro ou de Alexandre, por exemplo, não podem ser considerados como nações porque eram

> "conglomerados casuais e debilmente ligados, grupos que se desagregavam ou se constituíam segundo os bons êxitos ou as derrotas deste ou daquele conquistador."(61)

Ao mesmo tempo a casualidade apresenta-se tanto como forma de manifestação da necessidade quanto como complemento da necessidade. A necessidade nem sempre se manifesta sob a forma de casualidade, mas há relações entre os acontecimentos em que a casualidade se apresenta como forma de manifestação da necessidade. F. Engels assinala que na sociedade capitalista os homens fazem a História sem se orientarem por uma vontade única, sem ter um plano único e, por isso, nesse tipo de sociedade, a necessidade econômica abre caminho através de uma multidão de casualidades, manifesta-se sob a forma de casualidade.(62)

Engels considera também como coisas e acontecimentos casuais aqueles cuja ligação interna é extremamente afastada.(63)

Assim, o casual manifesta-se em formas diversas; por casual a dialética marxista considera o que não tem raízes sólidas nos fenômenos, o que não expressa a essência dos objetos, o que é um afastamento do geral e do típico, o que não tem ligação orgânica com os fenômenos e em alguns fenômenos é a forma de manifestação da necessidade e o seu complemento.

E preciso também assinalar que um fenômeno casual não é um fenômeno sem motivo: toda casualidade tem causa. A dialética marxista rejeita fenômenos sem causas, quaisquer que sejam; no mundo tudo

tem suas causas e nesse sentido a casualidade é também condicionada por causas. O limite entre a casualidade e a necessidade não é absoluto. O casual em algumas condições pode tornar-se necessário noutras, a casualidade pode transformar-se em necessidade. Por exemplo, no primeiro capítulo de *O Capital*, Marx revela como a troca de produtos do trabalho se transformou, nas condições da produção mercantil, em necessidade histórica, sem a qual a sociedade moderna não pode existir.

A justa compreensão do papel da casualidade na realidade objetiva tem imensa significação para o conhecimento e a descoberta das leis da natureza e da sociedade. Desmascarando os weismannistas-morganistas, T. D. Lissenko demonstrou que todas as "leis" do mendelismo-morganismo se baseiam exclusivamente na ideia da casualidade. Lissenko afirma:

> "(...) A natureza viva é considerada pelos morganistas como um caos de fenômenos desligados e fortuitos, independentes de quaisquer conexões e leis necessárias. Por toda parte reina o acaso."(64)

Ao contrário do weismannismo-morganismo, a biologia soviética desenvolve-se à base do domínio das leis da natureza, orienta-se pela regra que afirma que a ciência é inimiga da casualidade.

Uma vez que as casualidades representam fenômenos inerentes à realidade material objetiva e se encontram em determinada correlação com a necessidade, com a lei, a tarefa primordial reside em distinguir o casual do necessário.

No trabalho *O Desvio de Direita no PC (b) da URSS,* o camarada Stálin demonstrou que os inimigos do povo, Bukhárin e seus adeptos, tentaram considerar como fenômeno casual o aguçamento da luta de

classes no período de transição do capitalismo ao socialismo. Substituíram a necessidade pela casualidade. O camarada Stálin demonstrou que o aguçamento da luta de classes no país não era uma casualidade. O aguçamento da luta de classes no período de transição é uma necessidade histórica que reflete a resistência dos inimigos de classe à construção do socialismo.

Considerando o aguçamento da luta de classes como fenômeno regido por leis, o camarada Stálin tirou daí importantes conclusões práticas.

> "Qual deve ser a política do Partido diante de tal estado de coisas?
>
> Deve ser a de pôr em guarda a classe operária e as massas exploradas do campo, elevar sua capacidade de luta e desenvolver sua agilidade de mobilização para a luta contra os elementos capitalistas da cidade e do campo, para a luta contra os inimigos de classe que oferecem resistência. A teoria marxista-leninista da luta de classes é boa, entre outras coisas, porque facilita a mobilização da classe operária contra os inimigos da ditadura do proletariado."(65)

Significação Prática da Tese Sobre a Conexão Mútua e a Interdependência Entre os Fenômenos da Natureza e da Sociedade

Particularidade fundamental da filosofia marxista-leninista é sua indissolúvel ligação com a prática, com a luta pelo comunismo. As teses teóricas do marxismo-leninismo surgem à base da generalização da atividade prática e, após surgirem, tornam-se instrumento de conhecimento e de transformação da realidade. No trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, o camarada Stálin

demonstra de maneira evidente as importantes conclusões que podem ser tiradas de cada característica do método dialético marxista e do materialismo filosófico para a atividade do Partido marxista-leninista.

Da primeira característica do método dialético marxista decorre a necessidade de abordar-se de maneira concreta e histórica os fenômenos da realidade. O camarada Stálin escreve:

> "Se no mundo não há fenômenos isolados, se todos os fenômenos estão vinculados entre si e se condicionam uns aos outros, é evidente que todo regime social e todo movimento social que surge na História deve ser julgado não do ponto de vista da 'justiça eterna' ou de qualquer outra ideia preconcebida, como frequentemente o fazem os historiadores, mas do ponto de vista das condições que deram origem a esse regime e a esse movimento social e com as quais eles estão ligados."(66)

O camarada Stálin ressalta a particular importância do modo histórico de abordar os fenômenos sociais, porque tudo depende das condições, do lugar e do tempo.

A metafísica, negando o vínculo mútuo entre os fenômenos, origina inevitavelmente o modo abstrato de abordar a realidade, o que de fato leva a uma interpretação deturpada tanto dos fenômenos da natureza, como dos acontecimentos históricos.

Os inimigos declarados do povo — os trotskistas e os bucarinistas — deturpando, para atender a seus vis objetivos, os acontecimentos históricos, utilizaram a metafísica para uma interpretação falsa dos fenômenos da vida social. Considerando as teses do marxismo de maneira escolástica e dogmática, os trotskistas transplantaram arbitrariamente de umas condições a outras as análises feitas por Marx a respeito de determinados acontecimentos históricos.

O camarada Stálin afirmou que os inimigos do marxismo substituem o ponto de vista de Marx

> "por citações de determinadas teses de Marx, considerando-as sem ligação com as condições concretas de uma determinada época."(67)

A dialética marxista exige que se aborde os acontecimentos considerando-os de maneira histórica e exige sua análise concreta. Ao examinar-se qualquer questão e qualquer acontecimento histórico é necessário partir de condições históricas concretas e somente uma tal análise da realidade é realmente científica, dando a possibilidade de refletir com acerto os acontecimentos e determinar nossa atitude em relação aos mesmos.

Lênin afirma que uma análise concreta de uma situação concreta é a alma viva do marxismo.(68)

O camarada Stálin afirma:

> "É necessário que o Partido elabore suas palavras de ordem e suas diretivas não à base de jó,-mulas decoradas e de paralelos históricos, mas em consequência de uma cuidadosa análise das condições concretas, internas e internacionais, do movimento revolucionário, levando obrigatoriamente em conta a experiência da revolução em todos os países."(69)

Uma vez que todos os fenômenos da natureza e da sociedade se ligam e se condicionam reciprocamente, só é possível compreender esses fenômenos analisando-se as condições concretas de sua existência e desenvolvimento.

Criticando os escolásticos e os talmudistas em seu trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, o camarada Stálin uma vez

mais chama nossa atenção para a importância de abordar-se de maneira concreta e histórica os fenômenos sociais.

O camarada Stálin afirma que a tese de Marx e Engels sobre a impossibilidade da vitória da revolução socialista num só país e a tese de Lênin sobre a possibilidade dessa vitória, embora se excluam entre si, são exatas — cada qual para determinadas condições históricas.

> "Escolásticos e talmudistas que, sem penetrar na essência das coisas, jazem citações mecanicamente, desligando-as das condições históricas, poderão afirmar que uma dessas conclusões deve ser rejeitada como absolutamente errada, e que a outra, como absolutamente justa, deve ser estendida a todos os períodos do desenvolvimento. Entretanto, os marxistas não podem deixar de saber que os escolásticos e os talmudistas se enganam, não podem deixar de saber que ambas essas conclusões são justas, embora não de modo absoluto, mas cada uma delas para sua época: a conclusão de Marx e Engels para o período do capitalismo pré-monopolista, e a conclusão de Lênin para o período do capitalismo monopolista."(70)

Nesse mesmo trabalho o camarada Stálin critica aqueles que, escolasticamente, deturpam a tese de Engels a respeito do desaparecimento do Estado.

Engels afirmou que após a vitória da revolução socialista o Estado deve desaparecer. Partindo dessa consideração, os escolásticos e os talmudistas exigiram que se tomassem medidas para acabar com o Estado soviético. Nosso Partido e o camarada Stálin desmascararam os talmudistas e os escolásticos e demonstraram que a tese de Engels sobre o desaparecimento do Estado após a vitória da revolução socialista não pode ser aplicada em condições em que essa vitória se verificou apenas num sô país. O camarada Stálin demonstra que os marxistas soviéticos, partindo da consideração de que a revolução

socialista venceu num só país, concluíram pela necessidade de reforçar o Estado soviético, os órgãos de segurança, o exército, para que nosso país não seja esmagado pelo cerco capitalista. O camarada Stálin escreve:

> "Os marxistas russos chegaram à conclusão de que a fórmula de Engels tem em vista a vitória do socialismo em todos os países ou na maioria dos países, que é inaplicável ao caso em que o socialismo vence num só país, considerado isoladamente, enquanto em todos os demais países domina o capitalismo".

Das duas diferentes fórmulas a respeito dos destinos do Estado socialista os talmudistas não puderam tirar uma conclusão justa; exigiram que uma dessas fórmulas fosse rejeitada e a outra estendida a todos os tempos e períodos da História. O camarada Stálin afirma, a seguir, que

> "os escolásticos e os talmudistas se enganam porque ambas essas fórmulas são justas, não de modo absoluto, mas cada qual para sua época: a fórmula dos marxistas soviéticos, para o período da vitória do socialismo num só país ou em alguns países; a fórmula de Engels para o período em que a vitória sucessiva do socialismo em diferentes países leve à vitória do socialismo na maioria dos países e quando se criem, assim, as condições necessárias à aplicação da fórmula de Engels."(71)

Respondendo a A. Colopov, J. V. Stálin critica o modo escolástico de abordar o problema do cruzamento das línguas. Em sua obra *Do Marxismo na Linguística,* o camarada Stálin, analisando a história passada da língua, afirma que, em consequência do cruzamento das línguas, uma delas é habitualmente vencedora, em consequência do que, com o cruzamento de duas línguas, não surge uma terceira língua qualquer, e sim conserva-se uma das línguas existentes. A. Colopov comparou essa tese do camarada Stálin com a tese apresentada pelo

camarada Stálin no Informe ao XVI Congresso do PC (b) da URSS, onde se afirma que no comunismo as línguas se fundirão numa língua comum. Dogmaticamente, Colopov decide que é preciso rejeitar uma dessas teses e reconhecer a outra como absolutamente justa, independentemente das condições concretas e, assim, meteu-se num beco sem saída. O camarada Stálin escreve:

> "É isso o que sempre acontece com os escolásticos e os talmudistas que, sem penetrar na essência das coisas, fazendo citações mecânicas, sem relação com as condições históricas a que se referem as citações, invariavelmente se metem num beco sem saída."(72)

O camarada Stálin explica que ambas as fórmulas são justas, desde que sejam consideradas de maneira concreta e histórica. A fórmula a respeito da impossibilidade do surgimento de uma nova língua, quando do cruzamento de duas ou mais línguas, refere-se ao período anterior à vitória do socialismo em escala mundial,

> "quando ainda não há igualdade de direitos entre as nações, quando o cruzamento das línguas se efetua no decorrer da luta pelo domínio de uma das línguas, quando ainda não há condições para a cooperação pacifica e amistosa entre as nações e línguas, quando o que está na ordem do dia não e a cooperação e o enriquecimento mútuo das línguas, mas a assimilação de certas línguas e a vitória de outras. Compreende-se que, nessas condições, só pode haver línguas vencedoras e línguas vencidas."(73)

A condições históricas inteiramente diferentes refere-se a tese de que a fusão das línguas levará a uma língua comum, tese apresentada pelo camarada Stálin ao XVI Congresso do P.C. (b) da URSS Essa tese do camarada Stálin refere-se ao período posterior à vitória do socialismo em escala mundial, quando não houver imperialismo,

quando os exploradores forem vencidos, o jugo nacional e colonial for abolido e for estabelecida a confiança recíproca entre as nações. Será um período em que

> "a igualdade de direitos entre as nações for levada à prática, quando a política de opressão e de assimilação das línguas houver sido abolida, quando estiver organizada a colaboração entre as nações e quando as línguas nacionais tiverem a possibilidade de se enriquecerem mutuamente e com toda liberdade, por meio da cooperação. Compreende-se que, nessas condições, não se pode falar em opressão e derrota de umas línguas e em vitória de outras línguas. Não se tratará aqui de duas línguas, das quais uma será derrotada e a outra vencedora da luta, mas de centenas de línguas nacionais, das quais, em consequência de uma prolongada cooperação econômica, política e cultural entre as nações, se deslocarão primeiro as línguas únicas de zona, línguas essas mais ricas, e depois as línguas de zona fundir-se-ão numa língua internacional comum que, evidentemente, não será nem o alemão, nem o russo, nem o inglês, mas uma nova língua que terá absorvido os melhores elementos das línguas nacionais e de zona."(74)

Outra tese da dialética marxista que decorre da primeira característica ao método marxista e e extremamente importante para a atividade pratica do Partido marxista-leninista é a doutrina do elo fundamental na cadeia do desenvolvimento histórico. Uma vez que os acontecimentos históricos representam uma cadeia de fenômenos sociais ligados entre si, é muito importante, na atividade prática, saber encontrar nessa cadeia os elos particulares, decisivos. Revelando a essência da direção tática, o camarada Stálin ensina que é necessário encontrar em cada momento dado o elo particular

> "na cadeia dos processos, elo que, sendo agarrado, permitirá segurar toda a cadeia e preparar as condições para conseguir-se o êxito estratégico."(75)

Analisando a história do Partido bolchevique, o camarada Stálin afirma que no período da formação do Partido operário marxista o elo fundamental na cadeia das tarefas dos marxistas russos foi a criação do jornal ilegal *Iskra* para toda a Rússia.

No período que se seguiu à Revolução de Outubro, durante a transição da guerra civil para a construção econômica, o elo fundamental foi o desenvolvimento do comércio, porque somente através do comércio era possível estabelecer a ligação entre a indústria e a agricultura.

A industrialização do país e a coletivização da agricultura foram os elos particulares na cadeia do desenvolvimento histórico que permitiram elevar nosso país a um nível mais alto. Colocando em primeiro plano, de modo consequente, esses elos particulares na cadeia do desenvolvimento da sociedade soviética, como elos principais e decisivos, o Partido de Lênin e Stálin levou o povo soviético a heroicos feitos no trabalho, feitos que foram coroados com a notável vitória do socialismo.

A exigência da dialética marxista no sentido de considerar a realidade de maneira concreta e histórica, de encontrar e colocar em primeiro plano os elos particulares, principais, na cadeia do desenvolvimento histórico ajuda a nos orientarmos com acerto nos acontecimentos, a resolvermos com êxito as tarefas concretas da construção socialista e a lutarmos contra o campo imperialista.

A doutrina da dialética materialista sobre a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos da natureza e da sociedade é um importante meio de conhecimento da realidade e de sua transformação revolucionária.

O Movimento e o Desenvolvimento da Natureza e da Sociedade

D. M. Trochin

A concepção dialética de que o mundo exterior está em constante movimento e desenvolvimento parte do fato de que, no mundo material, tudo se encontra em ligação e interdependência.

Engels escreve:

> "Quando submetemos a natureza, a história da humanidade ou nossa própria atividade mental à análise do pensamento, o que primeiro se nos oferece é o quadro de um infinito entrelaçamento de relações, de ações e reações, no qual nada permanece o que era, no lugar em que estava, como estava, mas tudo se movimenta, se transforma, surge e desaparece."*(1)*

A descoberta da conexão e interdependência dos fenômenos revela que a natureza e a sociedade estão em desenvolvimento e transformação.

J. V. Stálin afirma:

> "Em oposição à metafísica, a dialética não considera a natureza como um estado de repouso e imobilidade, de estagnação e imutabilidade, mas como um estado de movimento e de transformação ininterruptas, de incessante renovação e desenvolvimento, onde sempre algo surge e se desenvolve, algo se desagrega e se torna obsoleto.
>
> Por isso, o método dialético exige que os fenômenos sejam considerados não só do ponto de vista de suas relações e condicionamento recíprocos, mas também do ponto de vista de seu movimento, de sua transformação e de seu desenvolvimento do ponto de vista de seu nascimento e desaparecimento."*(2)*

A dialética materialista é a ciência das leis mais gerais *do desenvolvimento* da natureza, da sociedade e do pensamento V. I. Lênin afirma:

> "*(...) A dialética é a doutrina do desenvolvimento em seu aspecto mais completo, profundo e livre de unilateralidade (...*)(3)

A dialética como ciência só se tornou possível depois que foi demonstrado que o movimento e o desenvolvimento são a forma do ser, o modo de existência da matéria. Engels afirma:

> "*a dialética é considerada como a ciência das leis mais gerais de todo movimento*."(4)

Em toda a infinita diversidade do mundo material, em todas as fases de sua existência, desde as menores partículas elementares às colossais massas de matéria nos sistemas da Via Láctea, do átomo ao organismo complexo, por toda parte, o movimento e o desenvolvimento, apesar da diversidade dos estados da matéria, são universais.

O Reacionarismo da Metafísica, que Nega o Desenvolvimento da Natureza e da Sociedade

A concepção dialética do desenvolvimento é confirmada e explicada pelos dados da ciência sobre a natureza e a sociedade. A própria ideia do desenvolvimento dialético formou-se no processo da generalização dos dados de determinadas ciências sobre a natureza e a sociedade. O movimento universal é tão evidente que já os filósofos da Grécia antiga, Heráclito, Demócrito, Aristóteles e outros, admitiam o movimento e o desenvolvimento na natureza. Aristóteles, por exemplo, considerava que desconhecer o movimento leva a ignorar a natureza.

As concepções dos filósofos da Grécia antiga não eram, porém,

amplamente fundamentadas pelas ciências naturais, já que, naquela época, a ciência apenas começava a se desenvolver. Considerando a natureza como um todo único, os sábios da Grécia antiga ainda não chegavam a desmembrar, a analisar a natureza. Por isso, a conexão mútua e o movimento universal da natureza não eram, para eles, uma tese cientificamente demonstrada, mas o resultado da contemplação direta. Engels afirma:

> "*Nisso reside a deficiência da filosofia grega, deficiência que a obrigou, posteriormente, a ceder lugar a outras concepções*"(5), a concepções metafísicas.

O método metafísico formou-se nos séculos XVII-XVIII, na base do impetuoso desenvolvimento das ciências naturais, porque as ciências naturais daquela época, após haverem acumulado conhecimentos sobre a natureza, ainda não tinham a possibilidade de passar da acumulação de fatos à sua generalização.

O período de acumulação e classificação foi etapa necessária no desenvolvimento dos conhecimentos humanos, porque não se pode descobrir ligação entre os fenômenos e seus movimentos sem conhecer suas particularidades.

Engels escreve:

> "*Era preciso, primeiro, estudar as coisas antes de se tornar possível estudar os processos. Era preciso, primeiro, saber o que era esta ou aquela coisa antes de poder observar ar transformações que nela se verificam.*"(6)

Aludindo ao referido período do desenvolvimento das ciências naturais, Engels escreve que esse

> "*método de estudo nos deixou também o hábito de considerar os*

objetos e os fenômenos da natureza em seu isolamento, fora de sua grande conexão geral, e, por conseguinte, não em seu movimento, mas no estado de repouso, não como essencialmente em processo de modificação, mas como fixos, não em sua vida, mas em sua morte. E esta concepção, transplantada como foi por Bacon e Locke, das ciências naturais para a filosofia, criou nesta a limitação específica dos últimos séculos — a maneira metafísica de pensar."(7)

Assim, o método dialético marxista foi precedido pelo método metafísico, como etapa inevitável na história do desenvolvimento do pensamento e do conhecimento, etapa ligada à necessidade de coletar fatos sobre objetos e fenômenos isolados da natureza.

Revelando as causas que deram origem à metafísica, V. I. Lênin escreve que, enquanto não se soube proceder ao estudo dos processos, sempre se elaboraram *a priori* teorias gerais infrutíferas.

"*O químico metafísico, não sabendo ainda pesquisar de fato os processos químicos, elaborava teorias sobre a força da afinidade química. O biólogo metafísico indagava o que poderiam ser a vida e a força vital. O psicólogo metafísico meditava sobre o que era a alma. O próprio método era absurdo. Não se pode raciocinar a respeito da alma sem se haver explicado de antemão, nas suas particularidades, os processos psíquicos: o progresso, aqui, deve consistir justamente em rejeitar-se as teorias gerais e as construções filosóficas a respeito do que é a alma e saber colocar em bate científica o estudo dos fatos que caracterizam tais ou quais processos psíquicos."*(8)

A limitada metodologia metafísica continuamente levava os naturalistas dos séculos XVI a XVIII a conclusões idealistas.

Assim é que Newton, descobridor da lei da gravitação universal, considerava que a conjunção do Sol com os planetas só se podia dar

em virtude da intenção e do poder de um ser poderoso e sapiente.

Ao fazer a classificação dos animais e dos planetas, Linneu afirmava que há tantas espécies quantas Deus criou.

Engels escreve, analisando o período metafísico do desenvolvimento das ciências naturais e da filosofia:

> "*Segundo esse ponto de vista, qualquer que fosse o modo pelo qual a própria natureza se formou, uma vez que existe, ela permanece idêntica a si mesma enquanto existir. Uma vez postos em movimento pelo misterioso 'impulso inicial' os plantas e seus satélites continuavam a gravitar nas elipses prescritas durante toda a eternidade, ou, em todo caso, até o fim de todas as coisas. Fixas e imóveis, as estrelas repousavam sempre em seus lugares, sustentando-se reciprocamente devido à 'gravitação universal'. A Terra havia permanecido sempre ou, conforme o ponto de vista que se adote, desde o dia de sua criação, invariavelmente a mesma. As atuais 'cinco partes do mundo' sempre haviam existido; sempre haviam tido as mesmas montanhas, os mesmos vales, os mesmos rios, o mesmo clima, a mesma flora e a mesma fauna, salvo quando a mão do homem provocou modificações e mudanças de lugar. As espécies vegetais e animais haviam sido fixadas de uma vez para sempre ao nascer, o semelhante gerava constantemente o< semelhante (...) Negava-se qualquer mudança, qualquer desenvolvimento da natureza.*"(9)

Já no século XVIII, a concepção dos fenômenos da natureza como eternos e imutáveis era refutada pela documentação acumulada. Todavia, os sábios empenhavam-se em adaptar esses novos fatos ao leito de Procusto da teoria metafísica. As transformações ainda eram interpretadas de maneira superficial e nessas transformações negava-se o aparecimento do novo. Assim é que, na biologia, durante muito tempo foi pregada a teoria anticientífica da preformação, segundo a qual

o organismo tem, em embrião, todas as características e órgãos do animal ou do homem adulto. O processo de desenvolvimento era compreendido como processo de crescimento, de aumento de órgãos já prontos, é claro que essa interpretação do desenvolvimento levava, em última instância, à negação do desenvolvimento.

Pelo fato que passamos a narrar pode-se julgar da intensidade com que, no século XVIII, a metafísica impregnava as concepções da natureza. O zoólogo francês Cuvier, ao estudar restos fósseis de animais e ao descobrir que anteriormente os animais vivos eram diferentes dos atuais, em lugar de chegar à conclusão de que o mundo orgânico se desenvolve, tentou explicar esses fatos com a hipótese de que a Terra teria passado por algumas catástrofes. Em consequência dessas catástrofes, os animais e as plantas pereciam e a Terra durante longo tempo permanecia despovoada, até que o poder divino os criasse novamente.

O método metafísico de pensar foi entrando cada vez mais em contradição com os dados científicos sobre a natureza, e se transformava em obstáculo à ciência.

Em fins do século XVIII, determinadas ciências passaram da acumulação de fatos à sua generalização e interpretação teórica. Nas ciências naturais fizeram-se grandes descobertas e criaram-se teorias que afirmam que o mundo se encontra em estado de desenvolvimento e de transformação. Entre essas descobertas temos a hipótese de Kant—Laplace a respeito da origem e da evolução do sistema solar. Engels a considera como a primeira hipótese que abriu brecha na muralha da metafísica.

Ao mesmo tempo, Lomonóssov apresentava a ideia de estudar-se

historicamente a crosta terrestre, demonstrando que as cadeias de montanhas, os minerais e os depósitos de carvão e de petróleo formaram-se em consequência do desenvolvimento histórico da Terra. Posteriormente, criou-se a ciência da geologia. A par da geologia criou-se a ciência dos animais fósseis — a paleontologia — que demonstra que os animais e plantas hoje existentes distinguem-se consideravelmente dos que povoaram nosso planeta em épocas bastante remotas.

Como afirma Engels, três grandes descobertas científicas do século XIX tiveram imensa importância para a fundamentação da teoria do desenvolvimento:

> "*Nosso conhecimento do encadeamento entre os processos da natureza avançou a passos de gigante particularmente graças a três grandes descobertas: primeiro, a descoberta da célula como unidade a partir da qual se desenvolve por via de multiplicação e diferenciação todo organismo vegetal e animal; em consequência não só se reconheceu que o desenvolvimento e crescimento de todos os organismos superiores se realizam segundo uma lei universal única, mas ainda que a capacidade de transformação das células indica o caminho pelo qual os organismos podem modificar sua espécie, e, através disso, ter um desenvolvimento que não é apenas individual. — Segundo, a descoberta da transformação da energia que nos mostrou que (...) todo movimento, na natureza, reduz-se a um ininterrupto processo de transformação de uma forma em outra. — Finalmente, a demonstração de conjunto feita pela primeira vez por Darwin, de que todos os organismos que nos cercam atualmente, sem excluir os homens, são produto de um prolongado processo de desenvolvimento, a partir de alguns germes originariamente unicelulares e que esses germes, por sua vez, formaram-se de um protoplasma ou de um corpo albuminoide surgido por processo químico.*"(10)

As descobertas feitas pelas ciências naturais revelaram a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos da natureza e demonstraram que a natureza encontra-se em movimento, desenvolvimento e transformação.

Engels escreve:

"*A dialética dita objetiva impera em toda a natureza, enquanto a dialética dita subjetiva, o pensamento dialético, é apenas o remexo do domínio do movimento, em toda a natureza (...).*(11)

Os naturalistas russos Lomonóssov, Mendelêiev, Lebedêiev, Metchníkov, Sétchenov, Timiriázev, Pávlov, os irmãos A. e V. Kovaliévski, Mitchúrin, Williams, Dokutcháiev, Gamaléia e outros deram grande contribuição à base científico-natural da dialética.

Os filósofos materialistas e os naturalistas progressistas russos chegaram à concepção da natureza como em estado de desenvolvimento e transformação.

M. V. Lomonóssov foi o primeiro a criar a doutrina de que as rochas se formaram em consequência de um prolongado processo de desenvolvimento da superfície da terra. Muito antes de Lamarck e Darwin, Lomonóssov formulou várias teses geniais sobre o processo histórico de desenvolvimento dos animais e das plantas na Terra. Sendo materialista consequente, Lomonóssov dirigia seu gênio pesquisador para a descoberta das leis do desenvolvimento da natureza.

O sábio russo Vladimir Kovaliévski, o primeiro a generalizar os dados relativos às descobertas paleontológicas, criou uma nova ciência paleontológica evolucionista que demonstra que o desenvolvimento e a transformação dos animais e das plantas é consequência do desenvolvimento histórico da Terra. I. I. Metchníkov foi um defensor

consequente da teoria do desenvolvimento da vida na Terra e muito fez para fundamentá-la e demonstrá-la. O grande biólogo russo K. A. Timiriázev prestou grande contribuição à teoria do desenvolvimento das formas orgânicas da matéria, fundamentando em todos os seus aspectos a teoria da origem e do desenvolvimento das plantas.

I. M. Sétchenov demonstrou, de maneira convincente, que os órgãos dos sentidos e o cérebro do homem resultam de um prolongado desenvolvimento da matéria orgânica, de sua crescente complexidade e aperfeiçoamento e estabeleceu as bases da psicologia materialista.

Desenvolvendo e aprofundando a doutrina de Sétchenov, o acadêmico I. P. Pávlov revelou a essência da atividade nervosa superior dos animais e do homem. A doutrina de Pávlov sobre os reflexos condicionados e incondicionados e sobre o papel do córtex dos grandes hemisférios cerebrais é uma grandiosa conquista da moderna ciência fisiológica e serve de base científico-natural para a teoria marxista-leninista do conhecimento.

O grande sábio russo I. V. Mitchúrin elevou a grau superior o darwinismo, a ciência biológica. A biologia mitchuriniana é uma etapa nova e superior do desenvolvimento da ciência biológica porque demonstrou, da maneira mais convincente e consequente, o desenvolvimento da natureza viva e revelou seu caráter realmente dialético, e porque somente a biologia mitchuriniana possibilita passar da explicação do processo do desenvolvimento à influência ativa sobre o mesmo, isto é, dirigir conscientemente esse processo, orientá-lo e criar os organismos de que o homem necessita.

Dokutcháiev, Kostitchev e Williams criaram a nova ciência da origem e do desenvolvimento do solo. Demonstraram, de maneira

convincente, que o solo é um corpo histórico particular da natureza e se encontra em transformação e desenvolvimento contínuos. Os principais fatores para a formação do solo são os organismos, os quais determinam a tendência do processo de formação do solo. Assim, conforme sejam as comunidades de plantas, forma-se, sob a floresta, o solo de *podzol,* sob a relva, os pântanos, etc. A divisão do solo em zonas é um processo histórico e em constante modificação.

A doutrina de Dokutcháiev, Kostitchev e Williams sobre o processo de desenvolvimento do solo não só esclarece como permite orientar conscientemente esse processo, o que, por um lado, confirma a justeza da teoria e, por outro lado, torna essa teoria eficaz e revolucionária.

A nova teoria do processo de formação do solo é parte integrante da base científico-natural do plano stalinista de transformação da natureza e da modificação do solo e do clima das zonas áridas da URSS.

A moderna ciência geológica é inconcebível sem as grandes descobertas dos naturalistas russos. Os geólogos soviéticos Karpinski, Gubkin, Obrutchev, Fersman e outros prestaram contribuição particularmente grande à ciência geológica..

Orientando-se pelo único método científico de pesquisa — a dialética materialista — os sábios soviéticos penetram mais profundamente na essência dos fenômenos do mundo material, revelando suas leis, fundamentando a concepção dialética da natureza e enriquecendo a ciência com novas e grandes descobertas. Ao número dessas grandes descobertas na história do desenvolvimento da ciência pertencem as pesquisas da doutora em ciências biológicas, O. B.

Lepechínskaia, que refutou a concepção dominante desde a época de Virchow e Pasteur, a respeito do limite entre o vivo e o não-vivo e do papel da célula no organismo.

Os sábios soviéticos prestaram grande contribuição à cosmogonia, ciência da origem e do desenvolvimento do universo, do sistema solar e de nosso planeta (descobertas de Ambartsumian, as teorias de Schmidt, Fessenkov, etc.).

Assim, a concepção metafísica da natureza é total e irrevogavelmente refutada pelo desenvolvimento das ciências, cujas grandes descobertas confirmam sempre a justeza das concepções dialéticas.

Seria um erro, porém, considerar a metafísica como algo pertencente à História, ao passado, que não exista nos nossos dias. A metafísica vive até hoje. Se, contudo, na época de Marx e de Engels, manifestava-se ela abertamente contra o desenvolvimento, hoje na maioria dos casos se dissimula, procurando fazer crer que também "reconhece” o progresso. Isto ocorre porque no século XX já não seria possível negar simplesmente a ideia do desenvolvimento, posto que esta ideia foi "incutida” na cabeça dos homens por toda a evolução dos conhecimentos científicos sobre a natureza e a sociedade. Por isso, os metafísicos não negam em palavras o desenvolvimento, mas na realidade deturpam por todas as formas a real interpretação das leis objetivas do desenvolvimento da natureza e da sociedade.

O weismannismo-morganismo é um exemplo claro de "teoria do desenvolvimento” que "sufoca e rebaixa a verdade”. Em palavras, os weismannistas não negam o desenvolvimento e apresentam-se sob a etiqueta de "neodarwinistas”. Segundo a concepção dos weismannistas,

porém, no processo da vida dos organismos não se cria nada de novo; apenas se manifestam as propriedades já existentes. O weismannismo, da mesma forma que a doutrina da preformação, nega o desenvolvimento como aparecimento do novo e interpreta o "desenvolvimento" como crescimento do que já existe. Os weismannistas confessam abertamente esse parentesco entre o weismannismo e a teoria da preformação.

Os weismannistas-morganistas consideram que o aparecimento de novas espécies só é possível em consequência da recombinação, por meio da mutação, de espécies prontas, já existentes. Durante 10 a 15 mil anos a espécie permanece inteiramente invariável mas, de repente, sobrevêm um momento em que a espécie, por causas desconhecidas, "explode" e, por gemação, dá origem a novas espécies. Negando a possibilidade de, no processo evolutivo, surgirem novas espécies, novas propriedades, os weismannistas inventam pretensas teorias de que, no processo da evolução, gradualmente "gasta-se a reserva das mutações" e, por isso, a "substância hereditária" torna-se menos capaz, de diferenciar-se, em virtude do que deve sobrevir um período em que a evolução cessa. Assim, Schmalhauzen, criador da pseudocientífica teoria da "seleção estabilizadora" e da evolução decrescente da natureza orgânica, escreveu que os organismos, após haverem gasto a "reserva da mutação", deixam de evoluir.

Tal é a essência metafísica dessa teoria do "desenvolvimento", segundo a qual toda a diversidade dos organismos vivos é, como escreveu Betson, um resultado do desdobramento da ameba, origem da vida.

As teorias metafísicas desse jaez, que deturpam as leis do desenvolvimento da natureza, estão muito em voga na moderna ciência

burguesa. São instrumento de luta das forças reacionárias contra as correntes progressistas nas ciências naturais, contra os sábios de vanguarda que se dedicam ao estudo da natureza e que espontaneamente são atraídos para a dialética e o materialismo. Essas teorias agrilhoam o desenvolvimento da ciência e servem, em última instância, de meio de impor e propagar a concepção burguesa do mundo entre os naturalistas e as amplas camadas do povo.

Na filosofia e na sociologia as teorias metafísicas reacionárias, que deturpam as leis do desenvolvimento da sociedade, as leis da História, servem diretamente aos interesses das classes dominantes.

Numa época em que o colapso da sociedade capitalista se tornou inevitável, teorias metafísicas de toda espécie são chamadas a "fundamentar" a eternidade do capitalismo. Em nossa época, a metafísica é utilizada pelos ideólogos do imperialismo para a luta contra a paz, a democracia e o socialismo.

Tudo o que dissemos mostra que a metafísica serve, em nossa época, aos interesses da reação e representa um perigo real. O desmascaramento da metafísica é uma das mais importantes tarefas da filosofia, marxista e da ciência soviética.

O Movimento e o Desenvolvimento, Formas de Existência da Matéria

Engels afirma:

"*O movimento, no seu sentido mais geral, compreendido como modo de ser da matéria, como atributo a ela inerente, abrange todas as mudanças e todos os processos que se verificam no universo, desde o simples deslocamento no espaço ao pensamento.*"(12)

Engels ressalta que

"*nunca e em parte alguma houve nem pode haver matéria sem movimento.*"(13)

Que o movimento e o desenvolvimento são a forma universal de existência da matéria é provado pela experiência diária do homem e por todos os dados da ciência e da técnica modernas. A cada passo a ciência confirma que toda a matéria, desde as partículas elementares — elétron, próton, nêutron, fóton, etc. — até os imensos corpos celestes, encontra-se em estado de transformação e de desenvolvimento. As partículas elementares passam por incessantes transformações e modificações e, por sua vez, os corpos celestes surgem, desenvolvem-se e transformam-se.

Em meio à infinita quantidade de corpos e sistemas celestes, o sistema solar representa apenas uma parte surgida no processo de desenvolvimento da matéria. Houve época em que não havia nem o Sol nem os planetas do sistema solar, a Terra inclusive. No processo de desenvolvimento da matéria formou-se o Sol e, a determinadas distâncias em torno dele, os planetas e seus satélites.

A superfície do globo terrestre era, a princípio, diferente do que é hoje e seu aspecto atual é o resultado de uma prolongada história de desenvolvimento, que inclui tanto transformações lentas, evolutivas, como grandiosas transformações que deslocaram continentes, modificaram os cursos dos rios, formaram lagos e mares, cadeias de montanhas e planícies.

Em determinada fase do desenvolvimento da matéria surgiu uma nova forma de movimento da matéria — a vida orgânica.

A ciência estabeleceu que a forma orgânica de movimento da

matéria existe na terra há cerca de um bilhão de anos e que durante esse período verificaram-se nela colossais transformações.

Com o aparecimento da vida na superfície da Terra formou-se uma nova camada — a biosfera — que tem grande significação na transformação da superfície de nosso planeta. Ao se modificarem, os organismos exercem influência sobre o meio exterior que os cerca, sendo essa, particularmente, a causa básica do processo de formação do solo. Graças aos organismos vivos formaram-se os depósitos de carvão, de turfa, as imensas bacias subterrâneas de petróleo, as montanhas cretáceas, os depósitos calcários e as ilhas de corais.

Em determinada fase de seu desenvolvimento, a forma orgânica de movimento da matéria dividiu-se em dois ramos — vegetal e animal — dotados de tipos de metabolismo peculiares, com diferentes modos de existência e com diferentes propriedades. As plantas foram a causa da existência do oxigênio livre na atmosfera da Terra. Criaram-se, assim, as condições necessárias para o desenvolvimento dos animais que respiram por meio de pulmões, do homem inclusive.

A Terra passou por algumas eras e períodos caracterizados pelas zonas climáticas, pela distribuição da terra firme e das bacias hidrográficas, pelas particularidades geológicas e, também, pelos vegetais e animais que habitam na água e na terra firme.

O homem, como elo superior na cadeia do desenvolvimento evolutivo dos organismos, surgiu na mais recente era geológica de existência da Terra, há cerca de um milhão de anos.

A separação do homem do mundo dos animais e seu desenvolvimento se verificaram à base da atividade no trabalho. A condição decisiva que criou o homem foi o trabalho, que começou, no

sentido próprio da palavra, com a preparação dos instrumentos de produção.

O antepassado do homem não sabia fazer instrumentos de trabalho e vivia, como os outros animais, graças aos dons da natureza. Primeiro, o homem aprendeu a preparar os mais simples instrumentos de trabalho: o machado de pedra, a faca, e, posteriormente, o arco e a flecha. Por meio desses instrumentos conseguia o alimento e construía sua morada. A sociedade humana progrediu, porém, e, em determinada fase do desenvolvimento, o homem aprendeu a domesticar os animais e a cultivar as plantas que lhe eram necessárias. Foi assim que surgiram a pecuária e a agricultura.

Em determinada fase do desenvolvimento da divisão social do trabalho surgiu a propriedade privada e, na base dela, a divisão da sociedade em classes, com o aparecimento das quais surge necessariamente o Estado, em consequência do caráter irreconciliável das contradições de classe, como instrumento de sufocação e de opressão de uma classe por outra.

O maior mérito de Marx e Engels foi a descoberta das leis objetivas do desenvolvimento social. Marx e Engels demonstraram que a sociedade humana se desenvolve de acordo com as transformações do modo de produção. Com a modificação dos instrumentos de trabalho e com a elevação da produtividade do trabalho transformam-se também todos os outros fenômenos sociais.

O marxismo-leninismo refuta as considerações dos ideólogos das classes exploradoras 'a respeito do caráter eterno da divisão dos homens em classes de escravos e senhores, sobre o caráter eterno do Estado, e demonstra que houve uma época em que não havia nem

classes, nem Estado, os quais surgiram somente em determinada fase do desenvolvimento social, e que o desenvolvimento das relações sociais levará à sociedade comunista sem classes.

O desenvolvimento da sociedade humana passou por várias etapas — as formações sociais. O regime escravista substituiu a sociedade primitiva; o regime escravista foi, por sua vez, substituído pelo regime feudal. O feudalismo foi substituído pelo capitalismo que necessariamente será, em toda parte, substituído por um novo regime — o comunista.

Tal é, em traços gerais, o quadro do movimento e do desenvolvimento da natureza e da sociedade.

No trabalho *Anarquismo ou Socialismo?*, o camarada Stálin escreve generalizando filosoficamente toda a rica documentação que demonstra o desenvolvimento da natureza e da sociedade:

> “(...*) começando pela astronomia e terminando pela sociologia, em todas as partes se encontra a confirmação da ideia de que no mundo nada é eterno, tudo se transforma, tudo se desenvolve. Por conseguinte, tudo na natureza deve ser examinado do ponto de vista do movimento do desenvolvimento. E isso significa que o espírito da dialética penetra em toda a ciência contemporânea*." (14)

O Movimento e o Repouso

O movimento e o desenvolvimento são a forma de ser da matéria. Da mesma forma que o movimento é inconcebível sem a matéria, a matéria é inconcebível sem o movimento, as transformações, o desenvolvimento. A justa interpretação dialética do movimento e do desenvolvimento inclui, no entanto, a admissão do repouso relativo ou equilíbrio temporário no processo do movimento e do desenvolvimento.

Este repouso relativo ou equilíbrio temporário pode apresentar-se sob dois aspectos.

Em primeiro lugar, no processo de movimento compreendido como deslocamento o corpo pode encontrar-se temporariamente em repouso, neste ou naquele ponto. Tal repouso é, no entanto, somente relativo, porque no mundo que nos cerca não há matéria sem movimento. No universo não há corpos em repouso, tudo se movimenta, deslocando-se no espaço. Movimentam-se no espaço as mais minúsculas partículas de poeira cósmica, os raios cósmicos; movimentam-se também os conglomerados de nebulosas. Com velocidade imensa movimentam-se colossais acumulações de estrelas (as vias lácteas). Numa dessas vias lácteas movimenta-se o Sol, arrastando consigo os planetas do sistema solar com seus satélites. A Terra se move tanto em torno do Sol como em torno de seu próprio eixo.

Assim, não há corpos materiais que não se desloquem no espaço. Mas dentro desse movimento ininterrupto e variado dos sistemas de vias lácteas, de determinadas vias lácteas, do Sol, do globo terrestre, etc., etc., este ou aquele objeto que se encontra no globo terrestre pode estar em repouso relativo.

Em segundo lugar, o repouso temporário, o equilíbrio relativo, é importantíssimo no momento do próprio desenvolvimento da matéria. Engels escreve que o repouso é condição necessária para a diferenciação da matéria. Do ponto de vista da concepção dialética do desenvolvimento, o repouso, o equilíbrio temporário, é o estado em que no objeto se acumulam modificações quantitativas imperceptíveis que levam, em última instância, à modificação qualitativa de determinado objeto ou fenômeno num outro, novo e diferente do anterior.

O processo de transformação e desenvolvimento não é uma torrente compacta e ininterrupta. Pelo contrário, o contínuo desenvolvimento do mundo material tem limites, fases; as diferentes formas de movimento da matéria representam a diversidade qualitativa dos corpos materiais, dos objetos e dos fenômenos.

As diferentes formas de movimento da matéria resultam do seu desenvolvimento. São unas pela sua materialidade, já que são apenas diferentes formas do movimento da matéria. Essas formas são estáveis, diferentes entre si e, ao mesmo tempo, ligadas uma à outra. As formas fundamentais do movimento da matéria são as formas mecânica, física, química, orgânica e social.

O repouso temporário no processo de desenvolvimento da matéria está sempre ligado à formação de determinadas leis, inerentes a determinada forma do movimento da matéria. Tal ou qual forma de movimento da matéria, surgida à base das leis dialéticas gerais do desenvolvimento da matéria e a elas subordinada, tem seu caráter específico, suas particularidades e suas leis. São específicas as leis das formas física, química e orgânica de movimento da matéria. São diferentes dessas as leis da forma social do movimento da matéria. As leis inerentes a determinada forma de movimento distinguem essa forma, qualitativamente, das outras formas.

Dentro de cada uma das formas de movimento da matéria processa-se o desenvolvimento e a transformação. Também entre elas os limites não são fixos, mas móveis. Por isso, a passagem de uma forma de movimento a outra — da forma física à forma química, por exemplo — processa-se incessantemente, sem que no entanto deixem de existir diferença e certa estabilidade.

A dialética materialista não admite o repouso absoluto, a estabilidade absoluta, mas não nega, no desenvolvimento, o repouso relativo, a estabilidade relativa. O repouso relativo ou equilíbrio temporário é também movimento e desenvolvimento, mas que se verifica dentro dos limites de determinada forma de movimento da matéria — de determinada espécie orgânica, de determinada formação social, digamos — até que se dê a passagem a novo estado qualitativo, até que seja ultrapassada a medida, até que se forme nova espécie orgânica ou novo regime social.

A negação do repouso relativo leva, em última análise, à negação do movimento e do desenvolvimento. O desenvolvimento é sempre uma transformação, a passagem de um estado a outro.

O desenvolvimento implica a passagem de determinado estado do objeto a um novo estado, diferente do anterior. Por isso os sofistas, ao interpretarem a realidade que nos cerca como uma torrente, na qual nada há de estável, chegam inevitavelmente à negação do desenvolvimento.

Na luta contra a dialética, a metafísica marcha por dois caminhos. Por um lado, busca e inventa indivisíveis "elementos do mundo" (Dühring e outros mecanicistas): elementos constantes da hereditariedade — os "ides", os "genes", as "determinantes" (mendelismo-morganismo) — e entidades metafísicas equivalentes. Por outro lado, nega o repouso relativo, a estabilidade no desenvolvimento. No final das contas, ambos os caminhos de deturpação metafísica da realidade levam ao idealismo.

Criticando Dühring, Engels afirma que reconhecer a existência de elementos invariáveis no mundo leva fatalmente à admissão da

existência do repouso absoluto; do repouso absoluto, porém, não há nenhum elemento de transição ao movimento, não há ponte que ligue um ao outro. Daí por sua vez, a inevitável admissão do impulso inicial, da força divina, do "criador” do universo. Assim, admitir o repouso absoluto leva, de maneira direta e imediata, ao idealismo. A negação do repouso relativo leva ao mesmo resultado.

As Formas Fundamentais do Movimento da Matéria

Na diversidade dos processos de transformação dos corpos e dos fenômenos da natureza, a dialética materialista destaca várias formas fundamentais, qualitativamente específicas, do movimento. Essas formas do movimento são as seguintes: mecânica, física, química, orgânica (vida) e social. A mecânica é forma relativamente simples do movimento. O movimento mecânico é o deslocamento relativo dos corpos no espaço. A ciência da mecânica estuda as leis do movimento mecânico.

Engels afirma que todo movimento se acha ligado a algum deslocamento — o deslocamento dos corpos celestes, das massas terrestres, das moléculas, dos átomos.

> "*Quanto mais elevada for a forma do movimento, tanto menor será o deslocamento de lugar. Este de forma alguma esgota a natureza do referido movimento, mas é inseparável dê'.e. Por isso, é ele que deve ser estudado antes de qualquer outra coisa.*" (15)

A forma física é uma forma mais complexa do movimento. Por forma física do movimento compreende-se o conjunto de tipos de movimento, como os processos térmicos estudados pela termodinâmica e pela chamada física estatística; os processos eletromagnéticos (e em particular luminosos), estudados pela eletrodinâmica (e pela óptica); os

processos atômicos, forma particular do movimento dos micro objetos, estudados pela chamada mecânica quântica; os processos nucleares, estudados pela física nuclear.

Os processos químicos que se verificam nos corpos constituem uma forma particular do movimento — a forma química. Os processos químicos que se verificam na natureza inorgânica são estudados pela química inorgânica. Os processos químicos dos corpos orgânicos são objeto de uma ciência particular, chamada química orgânica.

Com o aparecimento da vida na Terra surgiu uma nova forma de movimento, a forma orgânica, estudada por um grupo de ciências biológicas; com o aparecimento da sociedade surgiu a forma social do movimento, a mais elevada de todas as formas de movimento do mundo objetivo. É estudada por um grupo de ciências sociais cuja base comum é o materialismo histórico. As diversas formas de movimento não se acham isoladas uma da outra, mas estão estreitamente ligadas entre si.

Cada nova e mais elevada (complexa) forma de movimento surge na base da inferior e a contém. As leis da forma inferior do movimento não esgotam, contudo, a essência da forma mais elevada de movimento que surgiu na base dela; as leis da forma superior do movimento não se reduzem às leis da forma inferior. Por outro lado, as leis da forma superior não se aplicam às inferiores. Assim, as leis do eletromagnetismo não podem, de forma alguma, ser reduzidas às leis da mecânica, e o movimento mecânico contido em forma subordinada nos processos eletromagnéticos não esgota a essência dos mesmos. Todas as tentativas de reduzir a eletrodinâmica à mecânica, empreendidas várias vezes durante a história da física, nos séculos XVIII-XIX, terminaram em completo fracasso. De maneira idêntica, a

forma química do movimento, que inclui, na qualidade de elemento subordinado, os processos físicos, não se reduz ao movimento físico. A irredutibilidade do movimento químico complexo dos processos físicos se revelou, com a maior clareza, particularmente no fracasso da chamada "teoria da ressonância', cujo vício fundamental consistia justamente na tentativa de subordinar a química à física. Exatamente da mesma forma, a química não esgota a essência da forma orgânica do movimento.

Além dos limites de cada uma das formas superiores existe um campo de fenômenos naturais que não se inclui na aludida forma. Por exemplo, a natureza inorgânica está além dos limites das leis da vida e não se subordina às suas leis; onde não há condições para a formação dos elementos químicos não existe a forma química do movimento.

As formas mecânica e física do movimento são inerentes a todos os domínios do mundo material. Estão presentes em todas as outras formas — física, química, orgânica e social.

As formas superiores do movimento, como a biológica e a social, abrangem apenas uma parte dos fenômenos da natureza. A forma química do movimento abrange um domínio mais amplo de fenômenos naturais, do que, por exemplo, a forma biológica.

Engels ressalta a passagem de determinadas formas do movimento a outras, assinalando sua ligação e dependência mútua.

> "O movimento mecânico das manas transforma-se em calor, em eletricidade, em magnetismo; o calor e a eletricidade transformam-se em dissociação química; por seu lado, o processo de combinação química origina outra vez calor e eletricidade e, graças a esta última, magnetismo; finalmente, o calor e a eletricidade produzem, por sua vez, o movimento

mecânico das massas."*(16)*

Os metafísicos, deturpando a realidade e os dados da ciência, fizeram e fazem inúmeras tentativas de identificar as leis das formas superiores do movimento com as leis das formas inferiores. Nessa base surgiram infrutíferas teorias anticientíficas que consideram o organismo como máquina térmica ou como laboratório químico. As tentativas de explicar os fenômenos da vida apenas por meio de leis químicas ou físicas não têm nenhuma base científica e levam inevitavelmente ao impasse, ao idealismo.

A forma superior do movimento — a social — possui suas leis particulares de movimento, que a ela apenas são inerentes. Deturpando a dialética do desenvolvimento da sociedade, os sociólogos burgueses de hoje tentam explicar a sociedade por meio de leis biológicas.

Essas tentativas de deturpar a concepção científica dó desenvolvimento social são feitas para ocultar as causas sociais que levam o regime capitalista a uma inevitável queda.

Os machistas e seus adeptos na Rússia — Bogdânov e outros — "acusavam” o marxismo de não empregar, para a explicação dos fenômenos sociais, categorias biológicas como, por exemplo, a "luta pela existência”, a "seleção natural”, etc.

Desmascarando a sofistica dos machistas, no livro *Materialismo e Empirocriticismo,* V. I. Lênin demonstrou que o modo "não-biológico” de abordar a sociedade não é uma deficiência e sim um mérito do marxismo. A ciência marxista da sociedade rejeita o chamado "darwinismo social” que tenta explicar os fenômenos sociais por meio de categorias biológicas. O marxismo forneceu a única concepção científica das leis do desenvolvimento da sociedade, como forma nova e

superior do movimento da natureza. O marxismo considera a sociedade como um processo que se realiza à base de leis próprias, que lhe são inerentes. As leis das formas biológica e física do movimento não são aplicáveis à sociedade e não podem explicar o processo do desenvolvimento social.

Denunciando os machistas, V. I. Lênin escreve:

> ”(...) a aplicação dos conceitos de ‘seleção’, de 'assimilação' e de 'desassimilação' da 'energia' de 'equilíbrio energético', etc., etc., às ciências sociais não passa de frases vazias. De fato, não se pode, par meio desses conceitos, fazer nenhum estudo dos fenômenos sociais, não se pode chegar a nenhuma compreensão do método das ciências sociais recorrendo a estas noções. Nada mais fácil do que colocar uma etiqueta 'energética' ou 'biossociológica' em fenômenos como as crises, as revoluções, a luta de classes, etc., mas também nada mais estéril, mais escolástico e mais morto do que essa ocupação." *(17)*

Essa caracterização, feita por Lênin, de todas as tentativas de reduzir as formas superiores do movimento às inferiores é uma importantíssima indicação metodológica para a compreensão científica da correlação entre as formas fundamentais do movimento da natureza.

O Desenvolvimento como Aparecimento do Novo e Desaparecimento do Velho

Lênin afirma por diversas vezes que no século XX "todos estão de acordo” com o princípio do desenvolvimento. Nem todo "reconhecimento” do desenvolvimento é, contudo, interpretação justa, dialética e materialista, do desenvolvimento. Além disso, as diversas teorias sobre o desenvolvimento formuladas pela filosofia, a sociologia e as ciências naturais foram e continuam a ser especialmente criadas

para opor-se à única concepção científica do desenvolvimento, a concepção dialética, e combatê-la.

Existem duas concepções do desenvolvimento, mas somente uma delas é científica e dialética. A concepção científica, dialética, do desenvolvimento, é elemento inseparável da concepção que o proletariado tem do mundo. A segunda concepção — metafísica, anticientífica e reacionária — é, em nossa época, arma teórica dos ideólogos da burguesia imperialista.

Essas duas concepções do desenvolvimento são diametralmente opostas quanto à interpretação das questões mais importantes do desenvolvimento. Estas questões são fundamentalmente três: que é o desenvolvimento? como ele se verifica? e quais são as suas forças motrizes? Analisemos a primeira questão: que é o desenvolvimento?

A dialética marxista-leninista ensina que o movimento e o desenvolvimento não são um simples deslocamento de objetos acabados e mutáveis, uma recombinação de essências eternas que se verifique em círculo fechado, com a constante e inevitável volta ao velho. O desenvolvimento é o constante aparecimento do novo, do superior, do progressista e o desaparecimento e aniquilação do velho, do obsoleto.

Lênin escreveu a esse respeito:

"*Com o 'principio do desenvolvimento', 'todos estão de acordo' no século XX (e em fins do século XIX). — Sim. Mas essa 'concordância' superficial, irrefletida, casual e filisteia é uma espécie de concordância com a qual se sufoca e rebaixa a verdade. — Se tudo se desenvolve, isto quer dizer que tudo se transforma em outra coisa, porque o desenvolvimento, como é notório, não é um simples crescimento ou aumento universal e*

eterno (ou a redução respectiva). —Uma vez que assim é, então... é preciso compreender mais exatamente a evolução como aparecimento e destruição de tudo, como transformação de uma coisa em outra.”(18)

O desenvolvimento dialético compreendido como nascimento e destruição, como formação do novo e desaparecimento do velho, é lei importante e irrecorrível, inerente a todas as formas do movimento da matéria. A ciência comprova que o desenvolvimento é o invencível aparecimento do novo, do superior, do mais complexo.

Os sábios soviéticos estabeleceram que a formação e a destruição dos corpos celestes é um processo incessante. Este processo de extinção de alguns corpos celestes e de nascimento de outros verifica-se também em nossos dias, como foi plenamente demonstrado pelo sábio soviético V. A. Ambartsumian. A descoberta, pelo acadêmico Lissenko, das fases pelas quais passa o desenvolvimento das plantas é uma brilhante confirmação do desenvolvimento do inferior ao superior, do simples ao complexo.

A teoria do desenvolvimento por fases revela que o organismo, em seu desenvolvimento individual, passa de uma fase a outra, que a nova fase é superior com relação à que lhe antecedeu. Assim, na fase de vernalização a planta não pode dar caule e muito menos formar a espiga e *o* grão. A formação destes se verifica em fases subsequentes, superiores, mas estas fases superiores não são possíveis sem a fase da vernalização.

O desenvolvimento da sociedade é exemplo não menos evidente de aparecimento do novo e desaparecimento do velho. Em seu trabalho *Anarquismo ou Socialismo?*, J. V. Stálin escreve:

"*Diz-se que a vida social se encontra em estado de incessante-*

movimento e desenvolvimento. E isso é verdade: não se pode considerar a vida como algo imutável e estático; ela nunca se detêm num mesmo nível, acha-se em eterno movimento, em eterno processo de destruição e criação. Por isso, sempre existe na vida o novo e o velho, o que cresce e o que morre, o revolucionário e o contrarrevolucionário."(19)

Subordinando-se à lei geral do desenvolvimento como desaparecimento do velho e nascimento do novo, como desenvolvimento do inferior ao superior, a sociedade humana passou por diferentes formações econômicas e sociais.

A substituição de uma formação social por outra, o colapso da velha formação e o nascimento e desenvolvimento da nova, é uma lei do desenvolvimento social. Cada nova formação é mais elevada e progressista do que a formação precedente, caduca, porque corresponde ao novo nível alcançado pelas forças produtivas.

O regime da comunidade primitiva foi a primeira formação social, a mais antiga e inferior. O regime da comunidade primitiva foi substituído pelo regime escravista que correspondia a um nível mais elevado de desenvolvimento das forças produtivas. O regime escravista foi a primeira formação onde existiram classes. O regime escravista cedeu lugar a um regime mais elevado que ele, o regime feudal, que foi substituído por um novo regime — o capitalista. Sendo mais progressista em relação ao regime feudal, o regime capitalista, por força dessa lei geral do desenvolvimento, também deve necessariamente perecer porque não corresponde ao novo nível de desenvolvimento alcançado pelas forças produtivas da sociedade. Este processo de colapso do caduco regime capitalista ocorre sob nossos olhos.

A Grande Revolução Socialista de Outubro inaugurou uma nova

época na história da humanidade — a época da passagem revolucionária do velho ao novo mundo, do capitalismo ao socialismo. Em consequência da formação do primeiro Estado socialista do mundo, dividiu-se este em dois campos — o campo do socialismo e o campo do capitalismo. O campo do socialismo cresce e se fortalece continuamente. Após a segunda guerra mundial, vários países da Europa Central e Sul-Oriental afastaram-se do sistema capitalista e tomaram, subsequentemente, pelo caminho da construção do socialismo; o grande povo chinês rompeu as cadeias da escravidão imperialista; os povos dos países coloniais e dependentes lutam ativamente pela sua liberdade e independência nacional. Por todo o mundo, massas cada vez mais amplas incorporam-se à luta decisiva contra o imperialismo, contra o regime capitalista, cujo colapso é inevitável e historicamente necessário.

Foi assim que, regida por leis determinadas, se desenvolveu e continua a desenvolver-se a sociedade humana, subordinando-se à lei geral do desenvolvimento como desaparecimento do velho e nascimento do novo, como movimento do inferior ao superior.

Invencibilidade do Novo, do Progressista

A invencibilidade do novo, do progressista, é lei irrecorrível do desenvolvimento, lei inerente à matéria em todas as suas fases de desenvolvimento e sob todas as suas formas. Depois que surge, entra o novo em luta contra o velho. O processo dessa luta enfraquece o velho e fortalece o novo.

A invencibilidade do novo se baseia nas teses que passamos a enumerar.

No processo do desenvolvimento, o novo é gerado nas entranhas

do velho. Cada fase subsequente provém da precedente segundo as leis determinadas e cada fase precedente prepara o campo e cria condições para a subsequente. Por isso, todo fenômeno contém em si o passado, o presente e o futuro; o velho e o novo.

Vejamos um exemplo. Para que a vida se tornasse possível em nosso planeta, foi necessário que formas de movimento da matéria como a forma física e a química alcançassem determinado nível de desenvolvimento e de complexidade, criando assim as condições necessárias ao aparecimento da vida.

O acadêmico Opárin descreve da seguinte maneira o processo de crescente complexidade das substâncias químicas que levou à formação dos seres vivos:

> "*Primeiro surgiram simples soluções de substâncias orgânicas, cuja conduta era determinada pelas propriedades dos átomos que as compunham e pela disposição desses átomos na estrutura molecular. Gradualmente, porém, em consequência do crescimento e da complexidade crescente dessas moléculas, novas propriedades passaram a existir e novos processos de natureza colóido-químicas impuseram-se às simples relações da química orgânica. Estas novas propriedades foram determinadas pela disposição especial e pelas relações recíprocas entre as moléculas. Ainda assim, esta configuração da matéria orgânica era insuficiente para fazer surgir os seres vivos primordiais. Para isso* os *sistemas coloidais, no processo de sua evolução, tiveram de adquirir propriedades de ordem ainda mais elevada, que lhes permitiriam atingir a subsequente e mais avançada fase de organizado da matéria. Neste processo, a qualidade biológica já se torna proeminente. A competição no ritmo de crescimento, a luta pela existência e, finalmente, a seleção natural determinavam a forma de organização da matéria que é a característica dos seres vivos atuais."*(20)

Somente através da crescente complexidade das substâncias químicas e do aparecimento de novas particularidades físicas foi que pôde surgir a vida como nova forma do movimento da matéria. Seu aparecimento foi preparado pelas formas inferiores do movimento da matéria — a física e a química — e somente quando essas formas criaram as condições necessárias tornou-se possível o aparecimento da vida.

O processo de nascimento do novo nas entranhas do velho manifesta-se de maneira ainda mais evidente no desenvolvimento social.

J. V. Stálin refere-se a essa característica do desenvolvimento da sociedade:

> "*A terceira característica da produção consiste em que as novas forças produtivas e as relações de produção que lhes correspondem não surgem desligadas do velho regime, após seu desaparecimento, mas formam-se no seio do velho regime; e não como fruto da atividade premeditada e consciente dos homens, mas de modo espontâneo, inconsciente e independentemente da vontade dos homens (...)*(21)

Uma vez que o novo surge e se desenvolve nas entranhas do velho, entra ele em contradição com o velho e essas contradições entre o novo e o velho manifestam-se sob a forma de luta. O novo luta pela sua existência, pelo seu crescimento, enquanto que o velho resiste tenazmente, não quer sair da cena da História, oferece resistência ao novo.

A luta entre o novo e o velho é a força motriz do processo de desenvolvimento, a fonte desse desenvolvimento.

Uma vez que o processo de desenvolvimento, que obedece a leis

objetivas, parte sempre do velho para dar origem ao novo, ao progressista, este manifestando-se e desenvolvendo-se nas entranhas do velho, é sempre, a princípio, consideravelmente ma:s fraco do que o velho. Todavia, quanto mais avança o processo de desenvolvimento, tanto mais cresce e se fortalece o novo, o progressista. Em virtude do desenvolvimento do novo, o velho torna-se supérfluo, desnecessário e sua extirpação torna-se inevitável.

Esta lei da invencibilidade do novo, do progressista, manifesta-se de maneira particularmente evidente na vida social durante a passagem de uma formação social a outra. As novas forças sociais sempre são, a princípio, fracas e insignificantes, mas por mais fracas que sejam, vencem no final das contas, e o velho regime é substituído pelo novo.

Assim foi na Rússia, por exemplo, na segunda metade do século XIX: o proletariado era ainda pouco numeroso e o movimento operário era débil. Sendo, porém, uma classe nova e consequentemente revolucionária, o proletariado cresceu e desenvolveu-se junto com o desenvolvimento do capitalismo e, já no começo do século XX (1905), revelou-se uma grande força revolucionária, para em 1917, cumprindo sua missão histórica, realizar a revolução socialista.

Desta forma, aquilo que a princípio era fraco, revelou-se, no processo de desenvolvimento, poderoso e invencível.

A invencibilidade do novo é a lei do desenvolvimento social. Mas o processo de luta do novo contra o velho não decorre suavemente, em linha reta. A história do desenvolvimento social conhece muitos exemplos em que o novo, o progressista, sofreu derrota temporária e as forças progressistas tiveram que recuar na luta contra a reação. Fazendo um balanço da revolução de 1848, Marx e Engels escreveram:

"*Atualmente toda gente sabe que, sempre que há uma convulsão revolucionária, traz ela no seu bojo uma necessidade social cuja satisfação é freada pelas instituições obsoletas. Essa necessidade pode ainda não ser sentida de maneira tão forte e tão geral, de modo a poder assegurar uma vitória imediata, mas toda tentativa de sufocá-la pela violência obriga-a apenas a manifestar-se com crescente força até que, finalmente, rompe suas cadeias. Por isto, quando somos derrotados, nada mais nos resta que começar tudo de novo*"(22)

Dessa tese de Marx conclui-se que se determinado movimento social é progressista, se o impulsionam forças sociais avançadas, embora possa ele sofrer derrotas temporárias, embora possa o velho, em determinada etapa, se revelar mais forte e vencer, o colapso do velho, e a vitória do novo nem por isso deixarão de ser inevitáveis.

Cumpre, por conseguinte, às forças sociais que apoiam o novo, não abandonar a lata após o fracasso e a derrota; devem antes acumular forças e persistir na luta até a vitória total sobre o velho.

Desenvolvendo essa tese de Marx, V. I. Lênin escreve:

"*(...) é antidialético, anticientífico e teoricamente errado imaginar a história universal como um movimento que se processe de maneira harmoniosa e precisa, sem, eventualmente, gigantescos saltos para trás.*"(23)

"*A atividade histórica não é um passeio pela Avenida Nevski, afirmou o grande revolucionário russo Tchernichévski. Quem só* '*admite*' *a revolução do proletariado* '*sob a condição*' *de que marche fácil e suavemente; de que ocorra de início a unidade de ação entre os proletários dos diferentes países; de que haja de antemão certa garantia contra as derrotas; de que a estrada da revolução seja ampla, desimpedida e reta; de que não se exijam por vezes, no caminho da vitória, os sacrifícios mais penosos; de que não* '*se fique por muito tempo dentro de uma fortaleza*

cercada', e de que não se tenha que vencer os mais estreitos, intransitáveis, ziguezagueantes e perigosos caminhos de montanha — não é um revolucionário, não se libertou do pedantismo da intelectualidade burguesa, e na realidade estará constantemente rolando para o campo da burguesia contrarrevolucionária, como nossos social-revolucionários de direita e mencheviques (…)(24)

É preciso preparar a vitória do novo, é preciso lutar por ela e não esperar que venha por si mesma — como ensinam os grandes chefes do proletariado, V. I. Lênin e J. V. Stálin.

A heroica história do Partido bolchevique é um brilhante exemplo da luta pelo novo, pelo avançado e pelo progressista. Acontecimentos históricos como a Grande Revolução Socialista de Outubro, a industrialização do país e a passagem da economia camponesa dispersa para a produção agrícola coletiva são os marcos históricos através dos quais a classe operária, dirigida pelo Partido bolchevique e seus chefes Lênin e Stálin, marchou para a vitória do socialismo na URSS

Na Grande Guerra Patriótica o regime novo, socialista, demonstrou, em toda a sua extensão, sua grande força e poderio, sua vitalidade e invencibilidade.

V. I. Lênin escreveu o seguinte sobre a força e o poderio do regime soviético:

"*Nunca será vencido o povo cujos operários e camponeses, em sua maioria, souberem, sentirem e virem que defendem o seu poder, o poder soviético, o poder dos trabalhadores; que defendem a causa cuja vitória lhes garantirá, a eles e a seus filhos, a possibilidade de gozarem de todos os bens da cultura, de todas as criações do trabalho humano.*"(25)

Sob a direção do Partido bolchevique e do camarada Stálin o povo soviético marcha de êxito em êxito, determinando um desenvolvimento sem precedentes da História, da economia e da cultura, num reforço tal da unidade moral e política da sociedade soviética e um ascenso tal do patriotismo soviético, que

> "*não há hoje no mundo força que possa jazer nosso povo voltar para trás, para o capitalismo.*" (26)

Somos testemunhas de que, no plano mundial, se verifica uma intensa luta do novo contra o velho, luta do campo progressista dos partidários da paz e da democracia contra o campo reacionário do imperialismo e dos fomentadores de guerra.

No decurso da luta do novo contra o velho observa-se um contínuo aumento das forças do novo, do campo da paz e da democracia e, ao contrário, o enfraquecimento das forças do velho, do campo da guerra e do imperialismo.

No campo da guerra observam-se profundas contradições internas, ligadas à luta dos imperialistas pelos mercados de escoamento, pelas matérias-primas e pelas esferas de aplicação do capital. Na retaguarda dos imperialistas cresce o poderoso movimento de libertação nacional dos povos coloniais e dependentes, aumentam continuamente as forças dos partidários da paz representadas por milhões de pessoas honestas ligadas tanto ao trabalho físico como ao intelectual. Tudo isso é fonte de fraqueza interna para o campo do imperialismo e da guerra.

As forças do campo da paz, da democracia e do socialismo, pelo contrário, estando unidas pela comunidade de interesses, crescem e se fortalecem dia a dia. Aumenta continuamente a força e o poderio da

União Soviética, que representa a força principal e dirigente do campo da paz e da democracia. Os países de democracia popular, que se desenvolvem pelo caminho do socialismo, alcançam novos e novos êxitos. Grandes vitórias conquistou a República Popular da China, que luta pela total independência econômica em relação ao mundo capitalista, pela industrialização do país e pelo desenvolvimento da cultura.

Realiza-se com êxito a construção pacífica na República Democrática Alemã, que começou a construir as bases do socialismo,

Tanto no sentido moral e político como no sentido econômico, portanto, é o campo da democracia e do socialismo uma força única e invencível. A força desse campo aumenta ainda mais pelo fato de que advoga a justa causa da defesa da liberdade e da independência dos povos. E isto quer dizer que se os governantes do campo imperialista se arriscarem, apesar de tudo, a desencadearem a guerra, não pode haver dúvida de que ela terminará com a liquidação do próprio imperialismo.

Possibilidade e Realidade

A passagem do velho ao novo é um processo, regido por leis, de desaparecimento do velho e de nascimento do novo. O processo da passagem do velho ao novo representa a unidade entre a possibilidade e a realidade. Cada nova fase do desenvolvimento da matéria é uma realidade que contém a possibilidade de aparecimento de novas formas da realidade. Por exemplo, toda espécie orgânica existente, modificando-se sob a influência do meio, contém a possibilidade de que surja uma nova espécie. Cada grau do conhecimento contém a possibilidade de um conhecimento novo, mais profundo.

A transformação da possibilidade em realidade é processo

complexo e contraditório. Nem sempre a possibilidade se transmuda em realidade: para a transformação da possibilidade em realidade são necessárias determinadas condições. É perfeitamente possível, por exemplo, a desintegração dos núcleos dos átomos por meio de um feixe de prótons (núcleos do átomo de hidrogênio), mas para isso é necessário que os prótons possuam velocidade suficientemente elevada para superar as forças eletrostáticas de repulsão que atuam entre os núcleos dotados de carga positiva e os prótons.

Outro exemplo: a possibilidade de que surja a vida existe na base da matéria, mas no sistema solar, essa possibilidade só se transformou em realidade em determinados planetas: na Terra, em particular, e como supõem alguns sábios, em Marte e em Vênus. Em outros planetas e satélites essa possibilidade não se transformou em realidade, devido à ausência nos mesmos de várias condições necessárias à vida.

Do mesmo modo que com o desenvolvimento da natureza, o processo de desenvolvimento da vida social representa a transformação em realidade daquilo que a princípio só existe como possibilidade, como tendência do desenvolvimento. Na vida social, a condição decisiva para a transformação da possibilidade em realidade é a atividade prática dos homens, a atividade consciente das classes, dos partidos e dos dirigentes.

J. V. Stálin afirma que as classes moribundas não abandonam voluntariamente a cena da história. Aproveitam todas as possibilidades para prolongar sua existência. Toda a atividade das classes reacionárias dificulta a transformação em realidade da possibilidade de progresso e, frequentemente, conseguem essas classes uma vitória temporária, quando as forças progressistas não desenvolvem suficiente atividade e não manifestam tenacidade na luta pelo novo.

Assim foi que, em 1918-1920, havia em vários países da Europa (Alemanha, Hungria, etc.) condições objetivas para a vitória do proletariado sobre a burguesia e para a derribada do capitalismo. Em virtude da traição da social-democracia, da fraqueza dos Partidos Comunistas nesses países e de várias outras causas, a possibilidade da vitória não foi, contudo, transformada em realidade.

Na Rússia de 1917, pelo contrário, o Partido bolchevique soube organizar as massas para a luta contra a autocracia e o imperialismo, soube aproveitar a situação interna e internacional e derrotou na revolução as forças da reação que defendiam o velho. Sem essa luta revolucionária que as massas travaram no período de Outubro sob a direção do Partido de Lênin e Stálin, a vitória sobre o capitalismo continuaria sendo uma possibilidade, embora uma possibilidade real.

A possibilidade não se transforma em realidade por si mesma, automaticamente. É necessária a luta pela realização da possibilidade progressista, é necessária a mobilização das massas para vencer a resistência das classes reacionárias que defendem o velho.

A habilidade em distinguir a possibilidade da realidade, em não confundi-las, em não tomar o possível pelo real, a habilidade em distinguir em determinada realidade todas as possibilidades que contém e aproveitá-las integralmente para a vitória do novo tem grande importância tanto para compreender com justeza o processo de desenvolvimento da sociedade como para dirigir esse processo.

V. I. Lênin e J. V. Stálin referiram-se, por diversas vezes, à importância teórica e prática de se distinguir as categorias possibilidade e realidade.

"*justamente na ‘metodologia' (...) é preciso distinguir o possível*

do real”(27), escreveu Lênin.

Desmascarando as tentativas dos bucarinistas, esses inimigos do povo soviético, de substituir a interpretação dialética do desenvolvimento pela teoria oportunista do espontaneísmo e do "seguidismo", J. V. Stálin afirmou, no Informe ao XVI Congresso do Partido, que o regime soviético contém colossais possibilidades para a vitória total do socialismo.

"*Possibilidade não é ainda realidade. Para transformar a possibilidade em realidade, precisamos, antes de mais nada, rejeitar a teoria do espontaneísmo, precisamos reconstruir a economia nacional e desencadear uma ofensiva decisiva contra os elementos capitalistas da cidade e do campo.”*(28)

J. V. Stálin continua:

> "*Torna-se claro, assim, que devemos distinguir nitidamente entre as possibilidades existentes em nosso regime e a utilização dessas possibilidades, a transformação dessas possibilidades em realidade.*
>
> *Disso se conclui que são perfeitamente admissíveis casos em que há possibilidades para a vitória, mas o Partido não vê essas possibilidades ou não sabe utilizá-las com acerto, em vista do que podemos sofrer uma derrota ao invés de alcançar a vitória."* (29)

A possibilidade da vitória do socialismo na URSS foi garantida pela instauração da ditadura do proletariado. Os restos não vencidos das classes exploradoras tentaram, por todas as formas, restaurar o capitalismo. O Partido e o governo soviético, dirigidos por J. V. Stálin, tomaram todas as medidas para acabar com a possibilidade da restauração do capitalismo e para transformar a possibilidade da

construção do socialismo na URSS em realidade. O Partido derrotou os mais ferozes inimigos da classe operária — os trotskistas e os bucarinistas — que impeliam nosso país para o caminho da restauração do capitalismo. O Partido orientou-se firmemente no sentido da industrialização do país e da coletivização da agricultura, mobilizou os trabalhadores para a liquidação dos culaques como classe e preparou a ofensiva do socialismo em toda a frente.

Com a construção do socialismo na URSS e a consolidação das forças motrizes da sociedade socialista, tais como a unidade moral e política de todo o povo, a amizade entre os povos e o patriotismo soviético, verificaram-se profundas mudanças no caráter da transformação dialética da possibilidade em realidade.

Modificou-se profundamente, antes de mais nada, o próprio conteúdo da possibilidade. Enquanto existiram os exploradores e os culaques, enquanto houve contradições antagônicas entre os trabalhadores e os exploradores, o desenvolvimento do país apresentou duas possibilidades — ou marchar para a frente, para o socialismo, ou para trás, para o capitalismo. A natureza dessas possibilidades era diametralmente oposta.

J.V. Stálin afirmou, discursando na conferência dos marxistas especializados em questões agrárias, em 1929:

> "*A questão se apresenta, portanto, da seguinte maneira: ou um caminho, ou o outro; ou para trás, para o capitalismo, ou para a frente, para o socialismo. Não há nem pode haver nenhum outro caminho.*"(30)

Com a vitória do socialismo deixaram de existir essas possibilidades diametralmente opostas, defendidas por classes hostis. Todos os grupos sociais que constituem a sociedade soviética marcham

num mesmo sentido — para o comunismo.

O movimento da sociedade soviética para o comunismo representa um processo de transformação da possibilidade de construção do comunismo em realidade. Para que o comunismo se torne realidade, é preciso aproveitar integralmente as possibilidades contidas no socialismo e desenvolvê-las. A transformação da possibilidade em realidade representa, no socialismo, um processo de luta do velho contra o novo, processo de luta de todo o povo soviético por maiores êxitos no domínio da economia, da ciência e da cultura, luta do povo soviético por níveis mais elevados e mais progressistas na vida soviética.

Justamente porque, no socialismo, as possibilidades não se manifestam sob a forma de luta recíproca entre os grupos sociais, mas sob a forma da unidade moral e política de todo o povo, o novo, o mais progressista, rapidamente conquista o reconhecimento geral, é apoiado por todas as forças da sociedade e levanta prestamente a vitória sobre o velho.

Significação Prática das Teses Sobre o Movimento, a Transformação e o Desenvolvimento Universais da Natureza e da Sociedade

A dialética marxista não admite nada eterno e imutável: considera tudo como em movimento, transformação, "devenir” e desaparecimento. Não admitindo ordem social, formação econômica e regime político eternos e imutáveis, não admitindo direito eterno nem imutáveis princípios de moral, considerando a tudo como produto do desenvolvimento histórico, a dialética chama a atenção dos homens para a transformação do que existe, obriga a procurar novos caminhos

para transmudar a natureza e contribui ativamente para a transformação revolucionária da sociedade.

Aplicando a teoria do desenvolvimento à análise da vida social, Marx, Engels, Lênin e Stálin definiram os meios para a transformação do regime social e se colocaram à frente do poderoso movimento das massas proletárias rumo ao comunismo. Toda a atividade do Partido marxista-leninista é uma brilhante expressão da aplicação prática da teoria do desenvolvimento à sociedade.

J. V. Stálin afirma:

> "*(...) se o mundo se encontra em incessante movimento e desenvolvimento, e se a lei desse desenvolvimento é a extinção do velho e o fortalecimento do novo, é evidente que não pode haver ordem social 'irremovível', nem pode existir os 'princípios eternos' da propriedade privada e da exploração, nem as 'ideias eternas' da submissão dos camponeses aos proprietários de terra e dos operários aos capitalistas.*
>
> *Isto quer dizer que o regime capitalista pode ser substituído pelo regime socialista, da mesma forma que, em seu tempo, o regime capitalista substituiu o regime feudal.*
>
> *Isto quer dizer que devemos nos orientar não para as camadas da sociedade que já chegaram ao termo de seu desenvolvimento, embora representem no momento a força predominante, mas para as camadas que se estão desenvolvendo e que têm um futuro, embora não representem as forças predominantes no momento atual.*
>
> *Na década de 80 do século passado, na época da luta entre os marxistas e os populistas, o proletariado na Rússia constituía uma insignificante minoria em comparação com os camponeses individuais, que constituíam a esmagadora maioria da população. Mas o proletariado estava se desenvolvendo como classe,*

enquanto que o campesinato, como classe, se decompunha. E justamente porque o proletariado se desenvolvia como classe, os marxistas se orientaram para ele. E não se enganaram, porque, como é sabido, o proletariado se converteu, com o passar do tempo, de força insignificante em força histórica e política de primeira ordem.

Isto quer dizer que em política, para não nos enganarmos, é preciso olhar para a frente e não para trás."(31)

Orientando-se pela doutrina marxista do desenvolvimento e considerando o capitalismo como formação econômico-social transitória, o Partido bolchevique estabeleceu a tarefa de derribar o capitalismo e de construir o comunismo. O Partido de Lênin e Stálin reuniu e dirigiu as massas dos trabalhadores, realizando a derribada do regime monárquico-burguês na Rússia, em 1917. Compreendendo o processo de desenvolvimento da sociedade como desaparecimento do velho, do obsoleto, e de aparecimento do novo, do que nasce, o Partido bolchevique chefiou o movimento das forças novas, progressistas, na luta por um regime novo, superior — o socialismo — e em curto prazo histórico realizou a construção do socialismo na URSS.

Os países de democracia popular da Europa Central e Sul-Oriental realizam, hoje, a construção do socialismo. À frente desse poderoso movimento estão os Partidos Comunistas, que se orientam pela ciência marxista-leninista das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, da revolução das massas oprimidas e exploradas, da vitória do socialismo em todos os países e da construção da sociedade comunista.

Partindo do princípio dialético de que no processo do desenvolvimento social o novo, o progressista, é invencível, o Partido bolchevique nunca se furtou à realização das tarefas que se lhe

apresentavam na luta por um novo regime social. Quaisquer que fossem as dificuldades que se apresentassem no caminho, o Partido as superava, convicto da invencibilidade do novo, do progressista.

Durante os anos de duras provas — a derrota temporária da revolução em 1905 e a subsequente reação stolipiniana; o período de preparação da Revolução de Outubro; os anos da guerra civil, quando 14 países capitalistas empreenderam campanha contra a jovem república soviética; os anos de bloqueio, de fome e de ruína; a situação da vil traição dos mencheviques à causa do socialismo e da resistência ativa aos trotskistas e bucarinistas, inimigos do socialismo — o Partido bolchevique dirigido por Lênin e Stálin, marchou com segurança pelo caminho traçado. O Partido de Lênin e Stálin travou uma luta intransigente contra o velho e sempre se manteve ao lado do novo, do Progressista.

J. V. Stálin afirma:

"*(...) O Partido não se submeteu nem às ameaças de alguns nem às vociferações de outros e marchou com segurança, apesar de tudo. O mérito do Partido reside em que não se adaptava aos atrasados, não temia marchar contra a corrente e durante todo o tempo manteve a posição de força dirigente.*"(32)

A cada momento histórico, o Partido de Lênin e Stálin soube descobrir o novo, o progressista e apoiá-lo. Em consequência da atividade do Partido, o novo, o progressista, que a princípio era fraco, tornou-se forte e todo-poderoso.

Após a Revolução de Outubro, durante o período de transição, havia na república soviética cinco formações econômicas. A formação socialista ainda era débil, mas o Partido bolchevique partia do caráter progressista da formação socialista, do fato de que somente ela podia e

devia tornar-se dominante.

Orientando os esforços do povo soviético para o amplo desenvolvimento da formação econômica socialista, o Partido conseguiu que todas as restantes formações econômicas fossem liquidadas, enquanto a formação socialista se fortaleceu e tornou-se a dominante em nosso país.

Já nos primeiros anos do poder soviético, V. I. Lênin viu nos sábados comunistas o novo na atitude das massas para com o trabalho e o apoiou com firmeza. V. I. Lênin caracterizou os sábados comunistas como "uma grande iniciativa" e lhes atribuiu imensa significação histórica, vendo neles o protótipo da atitude comunista em relação ao trabalho.

J. V. Stálin observou e apoiou com firmeza o movimento stakhanovista, quando mal se iniciava. O movimento stakhanovista começava apenas a desenvolver-se quando J. V. Stálin viu, com genial perspicácia, o novo que ele continha, previu sua significação histórica, sua força e invencibilidade. O camarada Stálin afirmou, em 1935:

> "*Hoje os stakhanovistas são pouco numerosos. Mas quem pode duvidar de que amanhã serão dez vezes mais numerosos? Não é evidente que os stakhanovistas são inovadores em nossa indústria, que o movimento stakhanovista é o futuro de nossa indústria (..)?"*(33)

Partindo da consideração de que o desenvolvimento é o surgimento do novo e o desaparecimento do velho, J. V. Stálin ensina que o sentido do novo é uma preciosa qualidade do bolchevique. Todo trabalhador deve possuir esta qualidade.

Nossa época, a grande época de Lênin e Stálin, é a época dos

inovadores, dos criadores da nova economia — a socialista — de novas formas de trabalho, da nova cultura — a comunista — da arte, da moral e de um novo regime social — o comunismo. O período de transição do socialismo ao comunismo abunda em exemplos que demonstram a veracidade e a grande significação prática das teses do método dialético marxista que analisamos.

Em cada resolução do Partido e do governo sobre as questões da economia, da ciência e da cultura, vemos a capacidade do Partido de Lênin e Stálin de encontrar o novo e apoiá-lo a tempo. O Partido bolchevique abre ao povo soviético as inesgotáveis possibilidades existentes no regime econômico e político do socialismo, realiza imenso trabalho de mobilização das massas para a utilização dessas possibilidades e para a transformação da possibilidade da construção do comunismo em realidade.

Em sua atividade diária de direção do Partido e do país, no trabalho de construção da sociedade comunista, o Comitê Central do Partido, chefiado pelo camarada Stálin, nos fornece brilhantes modelos da capacidade de encontrar o novo e conseguir sua vitória. As resoluções do C.C. do P.C. (b) da URSS relativas às questões ideológicas, os debates sobre os problemas da filosofia, da biologia, da fisiologia e da linguística, realizados sob a influência orientadora do Comitê Central do Partido e do camarada Stálin, pessoalmente, são modelo de como se deve revelar o novo e o progressista no trabalho ideológico. Ao mesmo tempo, essas resoluções apontam tudo que é podre, obsoleto e reacionário e que representa as sobrevivências da ideologia burguesa.

A tese do método dialético marxista sobre o movimento e o desenvolvimento na natureza e na sociedade tem imensa significação

para a ciência. Isto se revela claramente no exemplo da luta da biologia mitchuriniana contra o weismannismo-morganismo. O weismannismo-morganismo negou o aparecimento do novo no desenvolvimento da matéria viva e reduziu o desenvolvimento dessa à recombinação e simplificação da substância hereditária, eterna, imutável e imortal. Em consequência, o weismannismo-morganismo levava fatalmente ao idealismo.

Na base da biologia mitchuriniana, pelo contrário, está a justa concepção dialética, que compreende a natureza orgânica como um processo de desenvolvimento e transformação ininterruptos.

Caracterizando o desenvolvimento da natureza viva, Mitchúrin escreve:

> "*Alguns excursionistas, cujo número atinge anualmente entre nós 5 mil pessoas, fazem, por vezes, mais ou menos as seguintes perguntas: 'Por que cultivar mais espécies, novas e melhoradas, de árvores frutíferas, quando possuímos muitas velhas espécies?' A essas pessoas ingênuas tenho que repetir o que li, há uns 40 anos, em mui os artigos: a vida de toda a natureza não é algo estagnado em suas formas; a vida marcha sem interrupção e se transforma constantemente, e todas as formas dos seres vivos que, por qualquer motivo, se detiveram em seu desenvolvimento estão fatalmente condenadas ao aniquilamento. Muito do que antes parecia ser o melhor, pela sua adaptabilidade às condições de vida dos anos passados, é já hoje impróprio e exige substituição."*(34)

A biologia mitchuriniana, empregando, de maneira consequente, a doutrina dialética do desenvolvimento, pôde descobrir e explicar os fatores da variabilidade dos organismos, compreender as propriedades da hereditariedade, demonstrar a tendência e o caráter hereditário das transformações que se verificam no organismo sob a influência das

condições do meio e descobrir que a única causa da variabilidade dos organismos é a modificação das condições de sua existência. Nessa base, a biologia mitchuriniana pôde elevar a ciência biológica a uma etapa nova e superior de seu desenvolvimento. A biologia mitchuriniana revelou-se capaz não só de explicar o desenvolvimento da vida, como também de orientar ativamente esse processo, de acordo com os interesses da economia nacional, criando novas raças de animais e novas espécies de plantas cultiváveis.

As teses do método dialético marxista sobre a universalidade do desenvolvimento da luta do novo contra o velho e da invencibilidade do novo podem ser diretamente aplicadas à própria ciência.

Se tudo se desenvolve, também a ciência não pode ficar no mesmo lugar. A necessidade de desenvolver-se preserva a ciência da estagnação e do dogmatismo. A necessidade do desenvolvimento obriga os sábios a não se contentarem com o que já alcançaram, a procurar novos caminhos na ciência, a superar o velho, a ver os embriões do novo na ciência, a apoiar esse novo e a fortalecê-lo.

A tese de J. V. Stálin sobre o sentido do novo como preciosa qualidade de todo militante bolchevique, sua tese de que o marxismo é inimigo de todo dogmatismo, apontam o justo caminho para a eficiente utilização dessa arma de esclarecimento e de transformação do mundo: a dialética marxista.

O Desenvolvimento Como Passagem das Mudanças Quantitativas às Transformações Radicais de Qualidade

K. V. Moroz

Interpretação Metafísica e Dialética do Desenvolvimento

Em seu notável fragmento *A Propósito da Dialética,* V. I. Lênin escreveu, comparando duas concepções reciprocamente opostas:

> "Há dois modos (digamos duas concepções possíveis, ou então dois aspectos que se observam na História) de conceber o desenvolvimento (a evolução): o desenvolvimento (a evolução) como redução e aumento, como repetição; ou então esse mesmo desenvolvimento como unidade de contrários (bipartição do que é uno em princípios que se excluem e relações entre estes princípios opostos). Com a primeira concepção do movimento, o automovimento fica na sombra, não se percebe sua força motriz, sua fonte, seu motivo (a menos que seja transferido para o exterior, invocando um 'deus', um ser-sujeito, etc.). A outra concepção nos leva principalmente a procurar a fonte do automovimento. A primeira concepção é morta, estéril, árida. A segunda é viva e criadora. Somente ela nos explica o ‘automovimento' de tudo o que é; somente ela nos dá a chave para os 'saltos', para as 'rupturas de continuidade', para a 'transformação no contrário'; somente ela nos faz compreender a destruição do velho e o nascimento do novo."(1)

Os metafísicos reduzem o movimento ao deslocamento mecânico dos corpos no espaço, consideram o desenvolvimento apenas como

mudança quantitativa dos fenômenos, como aumento ou diminuição de um mesmo objeto ou fenômeno dado uma vez por todas. Para a concepção metafísica, o desenvolvimento é uma evolução trivial, sem solução de continuidade, sem saltos, sem transições do velho estado qualitativo a um novo estado qualitativo, sem luta entre os contrários como fonte do desenvolvimento.

A concepção metafísica nos dá uma ideia deturpada e unilateral do desenvolvimento objetivo do mundo, segundo a qual tudo se reduz a simples aumento ou diminuição, a modificações puramente quantitativas.

A interpretação metafísica do desenvolvimento se formou nos séculos XVII-XVIII, embora já houvesse elementos da mesma na Grécia antiga. No século XVIII os filósofos materialistas e também os naturalistas consideravam que os átomos, que constituem a matéria são, para todas as formas da matéria, minúsculas partículas do corpo, partículas homogêneas e ao mesmo tempo as mais simples. Os naturalistas, por isso, limitavam sua tarefa apenas à

> "procura da matéria, como tal una, à redução das diferenças qualitativas a diferenças puramente quantitativas, pela combinação de partículas ínfimas idênticas (...).(2)

Na biologia, o ponto de vista metafísico manifestou-se de maneira mais evidente na teoria da pré-formação, segundo a qual a semente germinativa contém um organismo microscópico acabado — protótipo do futuro ser adulto. É compreensível que o desenvolvimento do organismo, do ponto de vista dessa teoria, seja apenas um aumento quantitativo, um simples crescimento das partes do organismo previamente existentes sob a forma de embrião.

Um dos representantes da interpretação metafísica do desenvolvimento foi o filósofo francês Robinet (1735-1820), que considerava que todos os objetos e fenômenos do mundo material possuem uma única propriedade, — o caráter orgânico (o caráter animal) — cujo aumento ou diminuição condiciona a diferença entre os objetos e os fenômenos. A formação da pedra, do carvalho, do cavalo, segundo Robinet, é um processo puramente quantitativo, onde tudo depende do número, da proporção, da ordem e da combinação de um princípio vital — o caráter orgânico — que é idêntico na pedra, no carvalho, no cavalo, etc.

A interpretação metafísica do desenvolvimento, como aumento puramente quantitativo, foi condicionada pelo nível alcançado pela ciência daquela época. A mecânica dos corpos terrestres e celestes e a matemática eram as ciências mais desenvolvidas. A física, a química, a biologia e outras ciências encontravam-se em estado rudimentar. A particularidade de ciências como a mecânica e a matemática reside em que, ao estudarem os fenômenos da natureza, deles abstraem o aspecto qualitativo e os consideram apenas como propriedades e relações quantitativas. Por desconhecimento da dialética, essa característica foi uma das causas que levaram os filósofos e naturalistas dos séculos XVII-XVIII a tentar explicar toda transformação por meio do deslocamento dos corpos no espaço, reduzindo todas as diferenças qualitativas existentes na natureza a diferenças quantitativas.

As descobertas das ciências naturais no século XIX (particularmente a descoberta da célula orgânica, da lei da transformação da energia e a doutrina de Darwin sobre a evolução da natureza orgânica) introduziram modificações essenciais nas opiniões dominantes a respeito do mundo exterior. As ciências naturais

demonstraram que as diferentes formas da matéria não são idênticas, que entre elas há diferenças qualitativas; que não se pode reduzir o desenvolvimento a mudanças quantitativas; que o desenvolvimento apresenta, ao mesmo tempo, transformações radicais de qualidade nos objetos e fenômenos.

À concepção metafísica do desenvolvimento era estranho o ponto de vista de que entre a quantidade e a qualidade há uma ação mútua; de que o desenvolvimento se realiza por solução de continuidade da matéria, de que as partes modalmente diferenciadas (átomos, massas, corpos celestes)

> "são diferentes pontos nodais que condicionam as diferentes formas qualitativas de existência da matéria universal (...)(3)

A concepção metafísica do desenvolvimento como simples aumento quantitativo tem também suas raízes de classe. A burguesia e seus ideólogos defendem tenazmente a metafísica. A burguesia e seus defensores valem-se da concepção metafísica para negar as leis da revolução proletária, com o fito de limitar o movimento das massas à luta por insignificantes reformas dentro dos limites do regime capitalista. Na moderna ciência burguesa, a concepção metafísica do desenvolvimento serve de base a diferentes teorias idealistas e reacionárias, que confinam diretamente com o clericalismo e com os delírios, cheios de ódio à humanidade, dos imperialistas americanos.

Na biologia, por exemplo, há os weismannistas-morganistas, que defendem a concepção metafísica do desenvolvimento. Os weismannistas-morganistas negam o papel do meio exterior no desenvolvimento da natureza orgânica e não admitem que os caracteres adquiridos se transmitam às gerações subsequentes. Eles não partilham da concepção do desenvolvimento como nascimento do

novo e desaparecimento do velho. Segundo suas afirmações, a base da vida de todo organismo é uma certa substância fictícia e imutável — o genes. Segundo afirmam, o genes determinaria a natureza do organismo, seria o portador da sucessão hereditária, a condição única do desenvolvimento das plantas e dos animais.

O acadêmico Lissenko afirma:

> "Todas essas teorias da hereditariedade partem da mesma tese falsa, embora a exponham de maneira diferente. Essa tese é a de que o desenvolvimento dos organismos se reduz a aumento ou diminuição; de que as novas propriedades podem apenas manifestar-se, no organismo, mas não aparecer, nem surgir do já existente. Até hoje, muitos biólogos continuam a afirmar que as células do organismo só podem originar-se de outras células, os cromossomas somente de cromossomas idênticos, etc. Entretanto, todos sabem que, no organismo, qualquer órgão se desenvolve a partir de um elemento inteiramente diferente desse órgão, assim, o olho não provêm de outro olho, nem uma folha de outra folha. Por que, então, haveriam de existir leis particulares para os cromossomas, diferentes das leis gerais do desenvolvimento dos organismos?"(4)

Referindo-se à invariabilidade de uma pretensa substância hereditária — o genes — os weismannistas-morganistas pregam abertamente vis teorias racistas, que justificam a violência imperialista, a opressão nacional e o extermínio em massa de povos pretensamente "degenerados".

A biologia mitchuriniana, que é uma das partes mais importantes da base científico-natural da concepção marxista- -leninista do mundo, considera o desenvolvimento da natureza viva como a passagem das modificações quantitativas às transformações radicais de qualidade, como a formação de novos atributos e formas, e o desaparecimento de

velhos atributos e formas.

O método dialético marxista é radicalmente oposto não só às diferentes formas da metafísica, mas também à dialética idealista de Hegel.

Enquanto, do ponto de vista de Marx e de Engels, a passagem das modificações quantitativas às transformações radicais de qualidade é uma das leis básicas do desenvolvimento do mundo material, segundo Hegel a passagem das mudanças quantitativas às transformações qualitativas não representa uma lei do desenvolvimento da natureza, mas uma fase do desenvolvimento de uma certa ideia absoluta.

Quer Hegel fale da quantidade, quer da qualidade, quer da medida, da passagem de um estado qualitativo a outro, sempre tem em vista não os objetos e fenômenos da realidade material, mas conceitos lógicos abstratos, por ele considerados em sentido absoluto — a "qualidade", a "quantidade" e a "medida" como tais.

A exposição clássica da interpretação marxista-leninista da passagem das transformações quantitativas às qualitativas é dada pelo camarada Stálin em seu trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*.

O camarada Stálin escreve:

> "Em oposição à metafísica, a dialética não considera o processo de desenvolvimento como um simples processo de aumento, no qual as modificações quantitativas não levam a modificações qualitativas, mas como um processo em que se passa de mudanças quantitativas insignificantes e ocultas a transformações abertas e radicais, a transformações qualitativas; em que as transformações qualitativas não se produzem de

> modo gradual, mas repentina e subitamente, sob a forma de saltos de um estado a outro e sobrevêm não de modo casual, mas de acordo com leis como resultado da acumulação de mudanças quantitativas imperceptíveis e graduais."(5)

Os objetos e fenômenos da natureza representam a unidade da precisão quantitativa e da precisão qualitativa, e a passagem das modificações quantitativas às transformações radicais, qualitativas, é uma lei do desenvolvimento.

Qualidade e Quantidade. Medida

Que é o que participa do conceito qualidade?

A *qualidade é* uma categoria filosófica que designa a precisão interna, o caráter específico das coisas e dos fenômenos do mundo que nos cerca. A qualidade expressa uma propriedade fundamental, a essência de um objeto ou fenômeno.

A qualidade de uns objetos e fenômenos revela-se ao ser comparada com a de outros objetos e fenômenos. A qualidade indica os limites que separam uns dos outros os fenômenos da realidade material. A modificação da qualidade acarreta a modificação radical do próprio objeto ou fenômeno.

Expressando a essência dos objetos e dos fenômenos, a qualidade se acha indissoluvelmente ligada a determinada forma estável do movimento ou de vários movimentos. Engels afirma que o objeto é a matéria em movimento, e que as diferentes formas e aspectos da própria matéria só podem ser conhecidos através do movimento.

> "O movimento não é só a mudança de lugar: é também, nos domínios supra mecânicos, a mudança de qualidade."(6)

A divisão, vigente na ciência, dos fenômenos da natureza, em mecânicos, físicos, químicos e em vida orgânica, reflete as grandes diferenças qualitativas do mundo material, as variadas formas, qualitativamente diferentes, do movimento da matéria. A unidade indissolúvel entre a qualidade e o movimento, o condicionamento da qualidade por outros fenômenos e processos manifestam-se claramente nas novas formações tanto da natureza inorgânica, como da natureza orgânica. Assim, o xisto atual, afirma Engels, distingue-se radicalmente do lodo, do qual é formado; o giz distingue-se das conchas microscópicas, desligadas entre si e das quais é formado; a pedra de cantaria diferencia-se da areia do mar, a qual, por sua vez, surgiu de minúsculas partículas de granito.

A diversidade das formas de movimento da matéria condiciona a diversidade das formas da precisão qualitativa. A vida orgânica, como forma de movimento da matéria, é mais rica do que as formas física e química, porque ela inclui outras formas de movimento (a mecânica, a física e a química). Um animal superior tem órgãos e partes do corpo que os organismos unicelulares não possuem (tecido nervoso, cérebro, ossos, etc.).

A qualidade é um caráter objetivo dos objetos e dos fenômenos. Ao contrário dos sistemas filosóficos metafísicos e idealistas, que consideram a qualidade como uma categoria subjetiva, dependente apenas do homem e de suas sensações, o materialismo dialético considera que a qualidade é uma realidade tão objetiva como é objetiva e real a própria matéria em movimento.

Referindo-nos à cor, à temperatura, à resistência e a várias outras propriedades dos objetos e dos fenômenos, apenas expressamos precisões qualitativas objetivamente inerentes aos objetos e fenômenos.

A sensação, como

> "ligação direta entre a consciência e o mundo exterior", como "transformação da energia da excitação exterior em fato da consciência" (Lênin)

liga o homem com o mundo exterior. A sensação é a imagem subjetiva de coisas objetivas; nas sensações revelam-se as qualidades objetivas das coisas. Do fato de que a qualidade dos objetos revela-se nas sensações, os filósofos idealistas concluíram e continuam concluindo que todas as qualidades ou algumas delas são nada mais do que nossas sensações subjetivas. Assim, já o filósofo inglês do século XVII, John Locke, dividiu todas as qualidades em primárias e secundárias. Locke considerava a cor, o som e o paladar como qualidades secundárias, subjetivas, que existem enquanto o homem existir. Somente qualidades como a extensão, a forma, a impenetrabilidade, o movimento, o repouso eram consideradas por Locke como qualidades primárias, que possuem significação objetiva e são inseparáveis dos próprios objetos. A tese de Locke sobre o caráter subjetivo das qualidades secundárias é uma tese idealista, que visa demonstrar a dependência das qualidades do mundo material em relação à consciência humana.

Berkeley, Hume e seus seguidores, Mach, Avenarius e outros machistas, representantes da corrente subjetiva e idealista na filosofia, foram os que afirmaram com maior rigor a interpretação subjetiva da qualidade. Reduzindo os objetos e fenômenos do mundo material a uma combinação ou complexo de sensações, os idealistas subjetivos consideravam também, e por isso mesmo, que as qualidades dos objetos são atributo da consciência humana. Os ideólogos do atual imperialismo americano-inglês, os representantes mais categorizados

das diferentes correntes subjetivistas e idealistas na América e na Europa, também negam o caráter "objetivo das qualidades. O semanticista Chase, por exemplo, afirma que todos os conceitos do homem, inclusive o conceito de qualidade, não passam de "abstrações semânticas", de ficções, de formações puramente linguísticas.

Ao contrário do idealismo, o materialismo dialético parte da consideração de que as qualidades das coisas têm caráter objetivo, são inseparáveis dos próprios fenômenos do mundo real, que nossa consciência reflete.

A qualidade não é algo que exista isoladamente, independentemente dos próprios objetos. Engels escreve:

> "(. ..) não existem qualidades, mas apenas coisas que possuem qualidades, e, na verdade, um número infinito de qualidades. Em duas coisas diferentes sempre há certas qualidades comuns (no mínimo, os atributos da corporeidade), outras qualidades distinguem-se entre si pelo grau, outras ainda podem faltar totalmente numa das coisas."(7)

A diversidade das relações existentes no mundo condiciona a diversidade das formas concretas de manifestação da precisão qualitativa. A qualidade das coisas manifesta-se através de seus atributos, que nada mais são do que a expressão da qualidade em relação a outros objetos.

A qualidade manifesta-se através dos atributos e o conjunto destes constitui a precisão qualitativa do objeto ou do fenômeno. Nesse sentido, entre a qualidade e o atributo existe uma unidade orgânica. Entretanto, a qualidade e o atributo não significam a mesma coisa. A qualidade é a essência, o caráter específico completo da coisa, enquanto o atributo revela a essência da coisa somente sob um de seus

aspectos.

Nem todos os atributos expressam, na mesma medida. a precisão qualitativa dos objetos e fenômenos. Alguns deles revelam os aspectos mais essenciais e outros os menos essenciais. Assim, a anarquia da produção, as crises periódicas de superprodução, a pauperização das massas populares e vários outros atributos semelhantes são traços essenciais do capitalismo. O desaparecimento, por exemplo, das crises periódicas, que constituem um dos traços essenciais e característicos do modo de produção capitalista, só pode dar-se juntamente com o desaparecimento do próprio capitalismo, enquanto a mudança na periodicidade das crises ou na duração delas não modifica a essência do capitalismo.

A perda ou a aquisição, pelo objeto, deste ou daquele atributo não essencial e até mesmo de vários atributos não essenciais não acarreta sua transformação qualitativa. Ao perder, no inverno, atributos, como a floração e a fecundidade, a planta não deixa de ser planta.

É assim que se manifesta a precisão qualitativa dos objetos e dos fenômenos.

Que é a *quantidade* ?

A *quantidade* é uma categoria filosófica que designa a precisão dos objetos e dos fenômenos do ponto de vista do número, da grandeza, do ritmo, do grau, do volume, etc. Os objetos e os fenômenos não possuem apenas a precisão qualitativa, mas também a precisão quantitativa; eles são a unidade da qualidade e da quantidade. Assim, a molécula de uma substância distingue-se da molécula de outra pelo fato de ser constituída por uma quantidade diferente de átomos. Os átomos se distinguem entre si pela quantidade de elétrons, prótons, nêutrons e

outras partículas que fazem parte do átomo. Na vida social, do mesmo modo, além do aspecto qualitativo, existe o aspecto quantitativo. Assim, um tipo de sociedade se distingue de outro não só pelo caráter das relações de produção, mas também pelo nível de desenvolvimento das forças produtivas, pelo ritmo de desenvolvimento da indústria, pela grandeza da renda individual e da nacional, etc.

A consolidação, na URSS, do modo de produção socialista significa não só a transformação radical do caráter das relações de produção (a substituição das relações de produção capitalistas, de domínio e subordinação, pelas relações de produção socialistas, de cooperação e ajuda mútua entre trabalhadores livres da exploração), mas também o desenvolvimento, sem precedentes na História, por seu volume e seu ritmo, da indústria e da agricultura, do bem-estar e da cultura dos trabalhadores do país soviético.

A precisão quantitativa é tão multiforme quanto a qualitativa, e cada uma delas expressa, sob aspectos diferentes, a diversidade das formas da matéria em movimento. Em certos casos, a quantidade manifesta-se como número, e dizemos: dez ou vinte graus de calor, cem ou mil máquinas. Em outros casos, a quantidade significa um termo de comparação, e falamos de uma produtividade do trabalho mais elevada, de um voo mais rápido do aeroplano ou do pássaro. Em outros casos, ainda, a quantidade expressa as relações de espaço, e falamos em altura, comprimento e largura. A quantidade indica outrossim muitas outras relações.

Cada objeto ou fenômeno tem uma precisão quantitativa que lhe é própria e que o caracteriza. Assim, cada elemento químico possui a sua característica quantitativa, seu peso atômico, sua carga, seu volume atômico, etc. Cada regime social se caracteriza por determinado

nível de desenvolvimento das forças produtivas, etc.

A quantidade, da mesma forma que a qualidade, tem caráter objetivo; é inseparável dos próprios objetos e fenômenos. Não há quantidade em geral, e sim objetos que possuem determinadas características quantitativas. Os conceitos número e forma, afirma Engels, não são oriundos de algo desconhecido, mas do mundo real. Para que o homem formasse os conceitos de número e de forma era preciso que existissem coisas com determinada forma e determinada expressão numérica.

Não se pode considerar a quantidade como algo exterior em relação aos objetos e aos fenômenos; a quantidade, da mesma forma que a qualidade, expressa o aspecto essencial dos objetos e fenômenos. Para a água, o grau de temperatura é um atributo inseparável de seu estado físico, da mesma forma que determinada correlação entre o hidrogênio e o oxigênio caracteriza sua composição química. As simples mudanças quantitativas, desde que se mantenham dentro de limites bem definidos, não atingem as qualidades do objeto. Assim, a elevação da temperatura da água (em certas condições de pressão) de 1 para 99 graus centígrados não modifica as características essenciais da água. Igualmente, o caráter capitalista da empresa não se modifica por causa da substituição de um capitalista por uma sociedade anônima.

Esses são os traços gerais da precisão quantitativa dos objetos e dos fenômenos.

Ao explicar-se a natureza da qualidade e da quantidade, é necessário ter em vista, ainda, outra importante circunstância a que Engels se referiu. Toda qualidade possui muitas gradações

quantitativas; por exemplo, os matizes das cores. Por outro lado, a quantidade contém inúmeras diferenças qualitativas. Assim, a unidade representa o número mais simples e ao mesmo tempo contém a diversidade: é o número básico de todo o sistema dos números positivos e negativos, a expressão de qualquer número elevado à potência zero, a significação de todas as frações em que o numerador e o denominador são iguais entre si, etc. O zero é a negação de toda quantidade definida e tem, ao mesmo tempo, um conteúdo bastante definido: acrescentado à direita de qualquer número, aumenta-o em dez vezes e anula qualquer número que é multiplicado por ele, etc.

Esses exemplos demonstram que a quantidade e a qualidade são categorias dialeticamente ligadas entre si; na realidade objetiva, a qualidade e a quantidade são inseparáveis. Essa unidade orgânica da precisão qualitativa e da precisão quantitativa constitui a medida de determinado objeto ou fenômeno.

Chama-se *medida* à qualidade do objeto unida à precisão quantitativa que lhe é inerente. A medida expressa os limites dentro dos quais as mudanças quantitativas não provocam modificações qualitativas, dentro dos quais os objetos e os fenômenos permanecem como são. Se um corpo inorgânico é dividido em partículas cada vez menores, não apresentará imediatamente modificações qualitativas. Logo, porém, que o processo de divisão atinge as moléculas de determinada substância, seu prosseguimento acarreta a abolição da qualidade em causa e a passagem a uma nova qualidade. Das moléculas de uma matéria complexa se chega aos átomos dos elementos que entram na sua composição.

Assim, no processo de desenvolvimento primeiro se verificam modificações quantitativas e depois realiza-se a passagem a novo

estado qualitativo. Os momentos de transição de uma medida a outra são chamados nós ou pontos de transição de um estado a outro, e toda cadeia de transições de uma unidade quantitativa-qualitativa a outra chama-se linha nodal de medida. Engels se refere a nós, a pontos de reviravolta no desenvolvimento da natureza, tais como a passagem da mecânica dos corpos celestes à mecânica das pequenas massas em determinados corpos celestes, da mecânica das massas à mecânica das moléculas, da física das moléculas à física dos átomos (à química), da ação química comum ao quimismo das albuminas (à vida).

O desenvolvimento da sociedade humana também se verifica por meio da transformação da quantidade em qualidade, da passagem de uma medida a outra. Na base do crescimento das forças produtivas e do aumento da produtividade do trabalho, o regime da comunidade primitiva, por exemplo, cedeu lugar ao escravista, o escravista ao feudal, o feudal ao capitalista. O capitalismo, última formação social antagônica, é substituído por outra formação qualitativamente diferente — o regime socialista.

A linha nodal de medida reflete a história do desenvolvimento progressivo, regido por leis, de determinados objetos e fenômenos. Revela que as modificações quantitativas levam ao aparecimento de formas qualitativamente novas.

Essas, as características básicas da qualidade, da quantidade e da mediria. Passemos agora à análise do processo de passagem das modificações quantitativas às transformações radicais de qualidade.

A Passagem das Mudanças Quantitativas às Transformações Qualitativas. Lei do Desenvolvimento

da Natureza e da Sociedade

Engels escreve que se pode expressar a lei da passagem da quantidade à qualidade da seguinte maneira:

> "(...) na natureza, de um modo perfeitamente determinado para cada caso singular, as mudanças qualitativas só se podem verificar por acréscimo ou diminuição quantitativas de matéria ou de movimento (da chamada energia).

Todas as diferenças qualitativas na natureza baseiam-se ou em diferente composição química, ou em diferentes quantidades ou formas de movimento (de energia), ou, o que quase sempre acontece, em ambas ao mesmo tempo. E portanto impossível modificar a qualidade de qualquer corpo sem acréscimo ou diminuição de matéria ou do movimento, isto é, sem modificação quantitativa do corpo em questão." (8)

As transformações qualitativas e quantitativas na natureza sempre se verificam como resultado da ação mútua entre os objetos e fenômenos.

> "A modificação de forma do movimento é sempre um processo que se realiza no mínimo entre dois corpos, dos quais um perde determinada quantidade de movimento da primeira qualidade (por exemplo, de calor), enquanto o outro recebe a correspondente quantidade de movimento da outra qualidade (movimento mecânico, eletricidade, decomposição química). Por conseguinte, a quantidade e a qualidade se equivalem aqui uma a outra e reciprocamente."(9)

Assim, as modificações das propriedades físicas são modificações qualitativas provocadas pelas mudanças quantitativas. Por exemplo, o aquecimento gradual de um metal a princípio não exerce influência sobre seu estado físico, mas logo que a temperatura atinge

determinado limite (no cobre, 1.083 graus centígrados, no chumbo, 327 graus centígrados), realiza-se uma brusca passagem a novo estado físico: o metal se transforma de sólido em líquido. Engels escreve:

> "Em uma palavra, as chamadas constantes da física são, em sua maior parte, nada mais do que a denominação dos pontos no d ais em que um acréscimo ou diminuição quantitativas de movimento provocam uma modificação qualitativa no estado do corpo em questão, em que, por conseguinte, a quantidade se transforma em qualidade."(10)

O mesmo se pode dizer das propriedades químicas. A química, afirma Engels, pode ser chamada ciência das modificações qualitativas dos corpos, modificações que se verificam sob a influência da mudança da composição quantitativa. Por exemplo, dois átomos de azoto e um átomo de oxigênio dão uma combinação chamada gás lacrimogêneo (N20). Os mesmos dois átomos de azoto, com cinco átomos de oxigênio, formam o anidrido azótico (N2Os) que é um corpo sólido.

O sistema periódico dos elementos revela que as propriedades dos mesmos dependem da grandeza da carga positiva do núcleo, que é numericamente igual ao número de ordem do elemento.

A descoberta feita por Darwin confirmou na ciência biológica a ideia do desenvolvimento da natureza viva. O erro de Darwin residiu, porém, em que considerou a formação de umas espécies a partir de outras como linha compacta e ininterrupta de transformações gradativas e não admitiu as transformações qualitativas por meio de saltos.

A biologia mitchuriniana revela que o desenvolvimento da natureza orgânica não pode ser reduzido apenas a acumulações graduais de insignificantes modificações. A formação de novas espécies é a interrupção da continuidade, a passagem, por salto, de um estado

qualitativo a outro. Os fatos estabelecidos pelo acadêmico T. D. Lissenko sobre a transformação do trigo duro em comum, do trigo em centeio e da aveia em *ovsiúg*[(11)] são exemplos de aparecimento por salto de uma nova espécie procedente de velha espécie.

O desenvolvimento individual dos organismos também se acha subordinado à lei da transformação da quantidade em qualidade, o que é confirmado brilhantemente pela teoria do desenvolvimento por fases das plantas, elaborada por T. D. Lissenko. Os cereais, durante o ciclo de desenvolvimento de uma velha semente a uma nova, passam por duas fases: a fase de vernalização e a fase de luz. Isto significa que, além de todas as demais condições, indispensáveis à sua vida (mínimo de umidade, arejamento, etc.), as plantas necessitam, na fase de vernalização, de determinado nível de temperatura e, na fase da luz, de determinada duração da influência da luz. As fases representam, assim, estágios qualitativamente diferentes da vida das plantas.

As descobertas da professora O. B. Lepechínskaia, laureada com o Prêmio Stálin, são uma brilhante confirmação da lei da passagem das modificações quantitativas às qualitativas.

Generalizando as descobertas de sua época no domínio das ciências naturais, Engels chegou à conclusão de que a vida na Terra surgiu da matéria inanimada, como resultado de processos prolongados e complexos.

> "Provavelmente, foram precisos milênios para que se criassem condições que permitissem o subsequente passo à frente, e nas quais essa albumina informe pôde produzir a primeira célula, constituindo um núcleo e uma membrana. Mas, com essa primeira célula, foi data a própria base da constituição morfológica do mundo orgânico. Primeiro, como devemos admiti-lo a julgar por todos os dados que nos fornecem os anais da

> paleontologia, desenvolveram-se inúmeras espécies de protistas acelulares e celulares, dos avais checou até nós somente o Eozoon canadense(12) e dos quais alguns se diferenciaram gradualmente para formar as primeiras plantas e outros para formar os primeiros animais. A partir dor primeiros animais, desenvolveram-se, essencialmente por diferenciação continua, as inúmeras classes, ordens, famílias, gêneros e espécies de animais, até repontar aquela forma em que o sistema nervoso atinge seu mais completo desenvolvimento, a dos vertebrados, e, por sua vez, finalmente, a do vertebrado em que a natureza chega à consciência de si mesma: o homem."(13)

A professora O. B. Lepechínskaia demonstrou experimentalmente como se verifica a passagem da substância viva desprovida de estrutura celular para a célula, confirmando assim a justeza das teses de Engels sobre a origem da vida na Terra. Durante muito tempo dominou na ciência o ponto de vista de Virchow, que afirma que toda célula só pode ter origem em outra célula. O. B. Lepechínskaia demonstrou que na natureza se verificam processos como o aparecimento da matéria acelular proveniente de formações celulares e vice-versa, o aparecimento da célula proveniente de matéria não celular. O processo de formação da célula a partir da substância viva é um processo que passa por uma série de acumulações, por uma série de formações intermediárias. A gradual modificação da matéria viva sob a influência de fatores físico-químicos externos e internos leva a que se criem novas formações qualitativas, surge a célula, verifica-se a passagem da quantidade à qualidade.

A lei da passagem de modificações quantitativas às transformações radicais de qualidade é não só uma lei da natureza, mas também da vida social. Explicando a essência da produção capitalista, Marx observa que nem toda soma de dinheiro pode ser transformada em capital. Para que essa transformação se dê, é

necessário determinado mínimo de dinheiro nas mãos de seu possuidor.

Marx observa:

> "Aqui, como nas ciências naturais, confirma-se a justeza da lei (...) de que modificações puramente quantitativas em determinado grau passam a diferenças qualitativas."(14)

A passagem das modificações quantitativas às qualitativas verifica-se também no processo de desenvolvimento do conhecimento, no setor da ideologia. Assim, no desenvolvimento da filosofia, um exemplo evidente da passagem das modificações quantitativas às mudanças radicais de qualidade é o surgimento da filosofia marxista, que, sendo uma autêntica descoberta, uma revolução na filosofia,

> "não podia verificar-se sem a prévia acumulação de modificações quantitativas, nesse caso sem a acumulação dos resultados do desenvolvimento filosófico anterior à descoberta de Marx e de Engels."(15)

Explicando a natureza da transformação das modificações quantitativas em qualitativas, é necessário ter em vista que a nova precisão qualitativa do objeto ou do fenômeno, precisão que se formou como resultado de modificações quantitativas graduais, é, ao mesmo tempo, uma nova precisão quantitativa. Na vida social isso é comprovado pelo fato de que cada novo modo de produção, sendo um novo estado qualitativo da sociedade, é inseparável das novas manifestações quantitativas. Assim, por exemplo, o impetuoso desenvolvimento da indústria e da agricultura, o rápido desenvolvimento do bem-estar e da cultura dos trabalhadores da URSS, são condicionados precisamente pela natureza do regime social, por sua superioridade em relação ao regime capitalista.

Evolução e Revolução. O Salto

As modificações quantitativas e qualitativas são duas formas do movimento da matéria. O camarada Stálin afirma:

> "(...) do ponto de vista do método dialético, a evolução e a revolução, as modificações quantitativas e as qualitativas, são duas formas necessárias de um só e mesmo movimento.''(16)

Em seu artigo *As Divergências no Movimento Operário da Europa,* V. I. Lênin afirma que a história real inclui diferentes tendências,

> "da mesma forma que a vida e o desenvolvimento da natureza incluem tanto a evolução lenta como os saltos bruscos, as interrupções da gradação."(17)

Nos objetos e fenômenos sempre há o novo e o velho; isso significa que em cada um deles, a par do velho e obsoleto estado qualitativo, surge um novo estado qualitativo, e após determinada acumulação quantitativa verifica-se uma modificação radical de qualidade — o novo vence o velho.

A forma evolutiva do desenvolvimento significa que na velha qualidade gradualmente amadurece a nova. A forma revolucionária do desenvolvimento é a passagem a novo estado qualitativo. A evolução prepara as condições para a revolução; esta coroa a evolução e contribui para sua obra subsequente.

J. V. Stálin afirma:

> "O movimento é evolutivo, quando os elementos progressistas continuam espontaneamente seu trabalho diário e introduzem, na velha ordem de coisas, modificações pequenas, quantitativas.
>
> *O movimento é revolucionário, quando os elementos*

progressistas se unem, se compenetram de uma só ideia e se lançam contra o campo inimigo, para -extirparem radicalmente a velha ordem de coisas e introduzirem na vida modificações qualitativas, instaurarem uma nova ordem de coisas."(18)

O camarada Stálin afirma que a transformação de modificações quantitativas em modificações radicais, qualitativas, verifica-se "*sob a forma de saltos de um estado a outro (...)".* O salto, forma revolucionária do movimento, é a interrupção da gradação, a passagem de um estado qualitativo a outro. O salto é o elo necessário do processo de desenvolvimento. Não é por acaso que Engels afirma que toda a natureza se compõe de saltos.

Alguns naturalistas e filósofos da burguesia consideram as passagens por salto de um a outro estado como manifestação de casualidade no desenvolvimento. Assim, em sua época, Cuvier considerava que o aparecimento de novas espécies animais e vegetais acha-se ligado a catástrofes (cataclismos) que se repetem de tempos em tempos, como resultado das quais desaparecem as velhas formas da vida e tudo é criado de novo. As catástrofes, segundo Cuvier, verificam-se repentinamente, sem qualquer ligação com o desenvolvimento precedente, e são provocadas por causas desconhecidas.

Em sua obra *Anarquismo ou Socialismo?*, o camarada Stálin demonstra toda a inconsistência da teoria metafísica dos cataclismos e fundamenta a diferença de princípios entre a interpretação marxista do desenvolvimento revolucionário e a teoria das catástrofes de Cuvier.

Reduzir o desenvolvimento da natureza viva a saltos repentinos e sem causas não passa de manifestação da metafísica e do clericalismo

na ciência. O weismannismo-morganismo, que atribui à casualidade as novas formações qualitativas no mundo orgânico, é uma dessas correntes metafísicas reacionárias. Ao contrário, o vigor da biologia mitchuriniana reside em que liga o desenvolvimento, a transformação dos seres vivos, não a elementos casuais e sim ao processo, regido por leis, do desaparecimento das velhas características dos organismos e do aparecimento das novas, sob a influência das condições do meio exterior. As formações qualitativas na natureza orgânica, o desaparecimento dos velhos organismos e espécies, e o surgimento por salto de novos organismos e espécies, verificam-se como resultado das precedentes modificações graduais e quantitativas dos organismos, em consequência da modificação das condições de sua existência, da modificação do meio que os cerca, isto é, verificam-se inteiramente de acordo com leis determinadas.

As imperceptíveis mudanças quantitativas dos organismos, que se verificam em consequência das modificações do meio que os cerca, levam a transformações radicais de qualidade porque a existência e desenvolvimento subsequentes do organismo, ou da espécie em seu todo, já não podem realizar-se dentro dos limites do velho estado qualitativo, dentro dos limites do velho tipo de metabolismo. A passagem da velha qualidade à nova torna-se inevitável. Essa passagem verifica-se por me;o do salto, que sobrevêm com força irreprimível, de acordo com leis determinadas.

A significação do salto reside em que dá início a novo fenômeno, cria condições novas e decisivas para a continuação do desenvolvimento.

No desenvolvimento social, os saltos verificam-se como passagens revolucionárias de um regime social a outro. O domínio das

velhas classes reacionárias só pode ser abolido pela violência. Marx fala claramente do choque físico entre os homens como meio de solução do antagonismo de classe. Somente quando não houver classes antagônicas,

"as evoluções sociais deixarão de ser revoluções políticas".(19)

V. I. Lênin também refere-se à extraordinária significação das revoluções sociais na vida social. V. I. Lênin escreve:

"(...) justamente nesses períodos resolvem-se as numerosas contradições que lentamente se acumulam nos períodos do chamado desenvolvimento pacífico. Justamente nesses períodos manifesta-se com a maior força e abertamente o papel das diferentes classes na determinação das formas da vida social, criam-se as bases da 'superes:rutura' política que depois se vai manter durante muito tempo sobre a infraestrutura de renovadas relações de produção."(20)

Concretizando e desenvolvendo uma das mais importantes teses do materialismo histórico, — a contradição entre as novas forças produtivas e as velhas relações de produção — o camarada Stálin fala da atividade consciente das massas e da revolução violenta como condições decisivas para a substituição das velhas relações de produção por novas relações de produção. Nas entranhas da velha sociedade o desenvolvimento verifica-se espontaneamente até que as forças produtivas recém-surgidas atinjam sua maturidade. Quando sobrevêm esse momento,

"as relações de produção existentes e seus representantes, as classes dominantes, transformam-se na barreira 'insuperável', que só pode ser eliminada por meio da atuação consciente das novas classes, por meio da ação violenta dessas classes, por meio da revolução."(21)

Grandioso salto na História é a Grande Revolução Socialista de Outubro, que

> "assinala uma reviravolta radical na história da humanidade, uma reviravolta do velho, mundo, o mundo capitalista, ao novo mundo, o mundo socialista."(22)

A Revolução de Outubro introduziu modificações radicais na vida social. Derribou o poder dos latifundiários e dos capitalistas e estabeleceu a ditadura do proletariado, inaugurando uma nova era no desenvolvimento de toda a humanidade.

A passagem da velha qualidade para a nova qualidade pode ser bastante prolongada no tempo. Marx e Engels advertiram muitas vezes que não se deve entender a passagem da sociedade burguesa para a socialista como um golpe inesperado e de curta duração. Não se pode pensar, escreve Engels,

> "que a revolução possa ser feita num só dia. Ela representa, na realidade, um prolongado processo de desenvolvimento das massas, em condições que contribuem para seu aceleramento."(23)

Desenvolvendo as teses de Marx e Engels, Lênin escreve, no trabalho *As Tarefas Imediatas do Poder Soviético*, que, segundo Marx e Engels, os saltos na vida social são transformações bruscas, pontos de reviravolta na história universal, que às vezes abrangem períodos de dez e mais anos. Aqui, Lênin se refere à época dos grandes saltos, da passagem do velho estado qualitativo a outro novo, época que abrange toda uma fase do desenvolvimento histórico. Na época do grande salto resolve-se toda uma soma de importantes tarefas, cuja realização leva, em última análise, à completa afirmação da nova qualidade.

Lênin escreve:

> "O real interesse da época dos grandes saltos reside em que a abundância de escombros do velho, acumulados, às vezes, mais rapidamente do que os embriões (nem sempre visíveis no início) da ordem nova, exige que se saiba discernir o essencial na linha ou cadeia do desenvolvimento . Há momentos históricos em que o essencial para o êxito da revolução é acumular a maior quantidade possível de escombros, isto e, destruir o maior número de velhas instituições; há momentos em que já se destruiu bastante e em que se apresenta na ordem do dia um trabalho ‘prosaico' (‘enfadonho’ para o revolucionário pequeno-burguês) de limpar do terreno os escombros; há outros momentos em que o mais importante é cultivar cuidadosamente os embriões do mundo novo, que brotam de entre os escombros, no solo ainda mal limpo de detritos."(24)

A abolição do domínio político dos latifundiários e da burguesia e a instauração da ditadura do proletariado como resultado da Grande Revolução Socialista de Outubro criaram em nosso país reais condições para a radical transformação revolucionária da sociedade. A industrialização do país, a coletivização da agricultura e a revolução cultural foram os elos que determinaram o triunfo do socialismo na URSS; nisso consiste a passagem de um velho estado qualitativo da sociedade a um novo estado qualitativo.

Em discurso aos eleitores da circunscrição eleitoral Stálin, da cidade de Moscou, a 9 de fevereiro de 1946, o camarada Stálin definiu com precisão a essência das radicais transformações verificadas na URSS. O camarada Stálin afirmou:

> "Não se pode considerar o desenvolvimento sem precedentes da produção, como um desenvolvimento simples e comum do país, do atraso ao progresso. Trata-se de um salto, por meio do qual nossa Pátria transformou-se de país atrasado em país avançado, de país agrário em país industrial."(25)

O próprio aparecimento da sociedade humana pode ser chamado de grande salto. A separação do homem do mundo animal — foi um processo prolongado e complexo; exigiu não só um tempo bastante longo, mas também vários dos chamados pequenos saltos. A sociedade humana formou-se como resultado de várias transformações qualitativas, as quais, seguindo-se uma à outra, emprestaram à sociedade a precisão qualitativa que lhe é própria, precisão condicionada por leis de desenvolvimento diferentes quanto aos princípios. A posição ereta, a libertação das mãos e sua transformação em órgão de trabalho, o aparecimento da produção, o desenvolvimento cada vez maior do cérebro, dos órgãos dos sentidos, o aparecimento do pensamento humano e da palavra articulada, que são específicos do homem — tais foram os elos do estabelecimento da sociedade humana.

O reconhecimento da própria existência dos saltos no mundo exterior ainda não dá, porém, a compreensão completa das particularidades do desenvolvimento. O materialismo dialético nos ensina a analisar os saltos de maneira concreta e histórica, a ver a diferença qualitativa e a diversidade de caráter dos próprios saltos.

O caráter do salto é definido pela natureza do objeto ou fenômeno em desenvolvimento, por sua conexão com outros objetos ou fenômenos. Engels afirma que as constantes, os pontos nodais da passagem de um estado qualitativo a outro, são diferentes na natureza. Uma coisa são os processos físico-químicos e outra é a vida dos animais e das plantas. É evidente que o processo de formação de novas formas da natureza viva distingue-se radicalmente das transições na natureza inanimada. A diversidade das formas concretas de existência da matéria determina a diversidade das formas de transição por salto de uns estados a outros.

É muito importante discernir as diferentes formas de que os saltos se podem revestir na vida social. A coletivização da agricultura na URSS foi a revolução que, como se afirma no *Compêndio de História do P.C. (b) da URSS*, solucionou vários problemas fundamentais da construção do socialismo. Acabou com a classe exploradora mais numerosa de nosso país, os culaques, fazendo com que a classe trabalhadora mais numerosa de nosso país, a classe dos camponeses, passasse do caminho da economia individual para o caminho da economia coletiva, colcosiana; deu ao poder soviético uma base socialista no setor mais vasto, a agricultura.

> "Foi assim que foram suprimidas no interior do país as últimas fontes de restauração do capitalismo e ao mesmo tempo foram criadas condições novas, ar condições decisivas que eram indispensáveis à construção da economia socialista."(26)

Foi, porém, uma revolução de tipo inteiramente novo, revolução realizada de cima, por iniciativa do poder estatal, e com o apoio direto das massas de milhões de camponeses.

O trabalho do camarada Stálin *O Marxismo e os Problemas de Linguística* tem extraordinária importância para que se compreenda profundamente o caráter dos saltos e da passagem de um estado qualitativo a outro. Nesse notável trabalho, J. V. Stálin afirma que a passagem de uma velha qualidade a uma qualidade nova pode, em determinadas condições, verificar-se repentinamente, por meio da explosão, e, em outras condições, gradualmente, sem explosão. Assim, a passagem da língua da velha à nova qualidade não se dá por meio da explosão, mas por meio da acumulação gradual dos elementos da nova qualidade e do gradual desaparecimento dos elementos da velha qualidade.

O camarada Stálin fornece uma completa fundamentação teórica da passagem da velha à nova qualidade, tanto por meio da explosão como sem explosão.

O camarada Stálin afirma:

> "Em geral, é preciso dizer, para conhecimento dos camaradas que se deixam empolar por explosões, que a lei da passagem da velha qualidade à qualidade nova por meio da explosão não só é inaplicável à história do desenvolvimento da língua, mas nem sempre é aplicável aos outros fenômenos sociais, quer se trate da infraestrutura, quer da superestrutura. Ersa lei é obrigatória para a sociedade dividida em classes hostis. Mas não é absolutamente obrigatória para uma sociedade sem classes hostis. Num período de 8 a 10 anos realizamos na agricultura de nosso país a passagem do redime burguês de exploração da terra pelo camponês individual ao regime socialista colcosiano. Foi uma revolução que liquidou o velho regime econômico burguês no campo e que criou um regime novo, o socialista. Essa reviravolta não se realizou, porém, por meio da explosão, isto é, pera derribada do poder existente e a criação de um novo poder, mas por meio da passagem gradual do velho regime burguês no campo ao novo regime. E conseguimos fazê-lo, porque for uma revolução feita de cima, porque essa reviravolta foi realizada por iniciativa do poder existente, com o apoio das massas fundamentais do campesinato."(27)

Não se pode confundir com a forma evolutiva do movimento a passagem sem explosão do velho estado qualitativo para o novo, passagem que se verifica por meio da gradual acumulação dos elementos da nova qualidade e o desaparecimento da velha qualidade.

O regime burguês de exploração da terra pelo camponês individual foi substituído pelo regime socialista colcosiano, por meio da passagem gradual, sem explosão, mas o camarada Stálin chama

claramente esse período de revolução.

Assim, a forma revolucionária do movimento compreende tanto os saltos que se verificam por meio da explosão, como também os saltos que se verificam por meio da passagem gradual da velha qualidade à nova qualidade. A negação do caráter revolucionário desse gênero de saltos significaria a redução do movimento à forma evolutiva, às simples modificações quantitativas. Engels afirma:

> "Por mais gradativamente que se processe, a passagem de uma forma de movimento a outra é sempre um salto, uma reviravolta decisiva."(28)

A solução dada por Stálin ao problema dos diferentes meios e formas de passagem da velha qualidade à nova tem imensa significação para a compreensão das leis do desenvolvimento da sociedade socialista. A Revolução Socialista de Outubro foi um salto em que a explosão, a abolição pela violência do poder dos latifundiários e dos capitalistas e a instauração do poder soviético, constituiu um acontecimento regido por leis e inteiramente inevitável. Mas na passagem da sociedade soviética do socialismo ao comunismo a questão se apresenta de outra forma.

Na URSS não há classes hostis. Por conseguinte, não há lugar para as explosões sociais, para a revolução política. Ao contrário, com base na vitória do modo de produção socialista, criaram-se forças motrizes como a unidade moral e política da sociedade soviética, a amizade entre os povos e o patriotismo soviético. O Estado soviético, o Partido Comunista da União Soviética e o povo constituem um todo único.

Os homens soviéticos veem no Partido de Lênin e Stálin e no

Estado soviético os defensores de seus interesses vitais.

Consideram como questão vital todas as medidas tomadas pelo Partido e pelo governo. As iniciativas do Partido bolchevique e do Estado soviético na luta pelo comunismo são calorosamente apoiadas pelo povo. Nessas condições, a passagem do velho estado qualitativo para o novo estado qualitativo se verifica de acordo com princípios diferentes dos que prevalecem numa sociedade constituída de classes hostis. No socialismo, os saltos, as transformações qualitativas na sociedade, não se realizam por meio da explosão, mas por meio da gradual superação do velho e da acumulação do novo. Em nosso país o Estado soviético e o Partido Comunista estão à frente da luta popular pela vitória do novo. Com base na realização vitoriosa do segundo plano quinquenal e dos êxitos alcançados pelo socialismo — afirma-se nas resoluções do XVIII Congresso do P.C. (b) da URSS — a União Soviética ingressou numa nova fase de desenvolvimento,

> "na fase de coroamento da construção da sociedade sem classes e da passagem gradual do socialismo ao comunismo (...)".(29)

O Desenvolvimento como Movimento em Linha Ascendente

A passagem das mudanças quantitativas às transformações radicais de qualidade significa que o processo de desenvolvimento não é a simples repetição do caminho já percorrido, mas um movimento progressivo, uma passagem do simples ao complexo, do inferior ao superior, do velho estado qualitativo ao novo estado qualitativo.

Na filosofia do passado, bem como na moderna filosofia burguesa, foi amplamente difundida a concepção metafísica segundo a qual o movimento e o desenvolvimento se realizam em círculo fechado,

como repetição de um mesmo processo, dado uma vez por todas.

Engels escreve, criticando a concepção metafísica do desenvolvimento, dominante no século XVIII:

> "Sabia-se que a natureza se encontra em perpétuo movimento. Alas, segundo as ideias da época, esse movimento descrevia um círculo igualmente perpétuo e, por conseguinte, não progredia nunca; conduzia sempre aos mesmos resultados."(30)

Segundo essa concepção metafísica, o mundo estelar e o sistema solar permanecem sempre idênticos, neles nada desaparece e nada surge de novo. Na Terra, desde os tempos mais remotos, nenhum animal e nenhuma planta se tornou qualitativamente diferente. A história da sociedade é também a repetição de estágios idênticos. Nesse sentido é muito elucidativa a teoria sobre a sociedade formulada pelo filósofo italiano Vico (1668-1744), o qual considerava que a sociedade realiza movimentos circulares que se repetem ininterruptamente. Segundo Vico, ela passa primeiro pelo período da infância, quando dominam a concepção religiosa do mundo e o despotismo; em seguida, vem o período da juventude, com o domínio da aristocracia e da cavalaria; finalmente, o período da maturidade, quando florescem a ciência e a democracia e quando, ao mesmo tempo, a sociedade marcha para trás, para a decadência. O período de decadência é substituído novamente pelo período da infância. E assim por diante.

Na sociologia burguesa da época do imperialismo a "teoria do movimento circular” assumiu um caráter abertamente reacionário. São prova disso as concepções de Spengler — ideólogo dos imperialistas alemães e um dos antecessores ideológicos do fascismo. Segundo Spengler, a sociedade passa por três fases de desenvolvimento: origem, florescimento e decadência. O estágio atual da história humana

— declara Spengler — é o "*estágio do ocaso",* quando "*todas as conquistas da cultura moderna devem ser destruídas."* As guerras de rapina e a escravização de uns homens por outros são pretensamente ditadas pela própria marcha da história humana. A particularidade da civilização do século XX é de tal ordem — anunciava esse obscurantista — que o homem visa conquistar territórios. Tal era a "filosofia" de um dos primeiros ideólogos dos imperialistas alemães.

É com esse mesmo espírito de "ruína da civilização" e de "movimento da sociedade para trás" que vociferam hoje os lacaios dos fomentadores americanos e ingleses de uma nova guerra mundial.

Essas "teorias" são sintomas da profunda decomposição do regime capitalista. Servem de "fundamentação teórica" do banditismo imperialista, um meio de luta contra a tendência das massas ao comunismo. O inevitável colapso do obsoleto regime capitalista é considerado por eles como a queda de toda a civilização. Tais são as mistificações dos autores da "teoria dos movimentos circulares."

Na filosofia anterior a Marx, a tese do desenvolvimento progressivo foi formulada por Hegel como a lei da "negação da negação". Essa lei é, em Hegel, a base de todo o seu sistema. Entretanto, a ideia racional do desenvolvimento em linha ascendente é apresentada por Hegel em forma mística e idealista.

Marx e Engels submeteram a aguda crítica a dialética idealista de Hegel. Criaram um novo método, radicalmente oposto à dialética idealista de Hegel — o método dialético marxista. Nos trabalhos de Marx e Engels, em muitos casos, manteve-se, porém, a expressão "negarão da negação", introduzida por Hegel na filosofia. Mas é evidente que a expressão "negação da negação", da mesma forma que

todas as outras teses da dialética, tem para Marx e Engels uma significação, quanto ao seu conteúdo, diferente da que lhe dava Hegel.

Quando Dühring fez a falsa afirmarão de que Marx se vale da fórmula de Hegel "negação da negação" para fundamentar suas conclusões socais e econômicas. Engels rechaçou de maneira esmagadora essa afirmação absurda. Engels escreve que Marx nunca demonstrou a necessidade histórica da substituição do capitalismo pelo socialismo na base da "negação da negação". As conclusões de Marx sempre se apoiaram na pesquisa de imensa documentação a respeito do processo histórico real. Marx incorporou a essa formulação o pensamento de que, no mundo real, o desenvolvimento se processa em linha ascendente e de que se verifica a negação do velho pelo novo.

V. I. Lênin também se manifestou contra a deturpação, pelos inimigos do marxismo, do conceito "negação da negação" na doutrina de Marx.

Quando, na década de 90 do século passado, Mikhailóvski, representante do populismo liberal, calunia Marx ao afirmar que este demonstra suas teses nada mais do que com a "tríade" de Hegel (tese — negação — negarão da negação), Lênin responde energicamente a Mikhailóvski.

Lênin escreve:

> "(. . .) Engels diz que Marx numa pensou em 'demonstrar' o que quer que seja pelas tríades hegelianas; que ele apenas estudou e pesquisou o processo real; e que, para Marx, o único critério da veracidade de uma teoria era sua concordância com a realidade."(31)

Formulando as características básicas do método dialético

marxista, o camarada Stálin caracteriza o processo do desenvolvimento como movimento progressivo e ascendente do simples ao complexo, do inferior ao superior.

O camarada Stálin escreve:

> "(...) o método dialético considera que o processo do desenvolvimento não deve ser concebido como movimento circular, como simples repetição do caminho já percorrido, mas como movimento progressivo, como movimento em linha ascendente, como passagem do velho estado qualitativo a novo estado qualitativo, como desenvolvimento do simples ao complexo, do inferior ao superior."(32)

O movimento em linha ascendente, do inferior ao superior, do simples ao complexo, é uma irrevogável lei do desenvolvimento. Isso se verifica porque o novo estado qualitativo entra em contradição com o velho estado qualitativo, e como resultado o novo supera e nega o velho.

Os clássicos da dialética materialista indicam que é necessário compreender a luta do novo contra o velho e a negação do velho pelo novo de acordo com a natureza objetiva da substituição do velho pelo novo. Comparado com o velho estado qualitativo, o novo estado qualitativo do objeto ou do fenômeno revela-se mais rico e completo pelo seu conteúdo.

Na dialética, afirma Engels, negar não significa simplesmente dizer "não", ou declarar a coisa inexistente, ou aboli-la por qualquer modo. Devemos lembrar-nos de que o novo cresce tendo por base o velho e inclui tudo o que de positivo havia no velho. Lênin escreve:

> "Não é a simples negação, a negação vã, não é a negação cética, a vacilarão, a dúvida, o que caracteriza a dialética e é

essencial nela, na qual, sem dúvida alguma, há o elemento da negação e, mais que isso, como seu elemento mais importante. é que a negação é uma negarão como momento de ligação, como momento de desenvolvimento, com a manutenção do positivo (...)“.(33)

Cada nova formarão econômico-social conserva e desenvolve o elemento positivo que foi criado pelas gerações precedentes dos homens, desenvolve as forças produtivas, a técnica, a ciência e a cultura. O camarada Stálin ridiculariza os "marxistas” que afirmavam — e por isso receberam a alcunha de "trogloditas” — que o proletariado não deve valer-se das velhas conquistas técnicas e deve destruir as velhas estradas de ferro "burguesas”, os edifícios, os tornos, o equipamento e tudo criar de novo.

O caráter dialético do movimento não exclui, porém, desvios temporários da tendência básica do movimento para a frente.

O método dialético marxista nos ensina a ver não só a linha ascendente e progressiva do desenvolvimento da natureza e da sociedade, mas também os possíveis recuos temporários, os movimentos para trás, como por exemplo os movimentos reacionários na vida social. Em toda época histórica, afirma Lênin, sempre há certos movimentos, ora para a frente, ora para trás, desvios do tipo médio e do ritmo médio de desenvolvimento. O desenvolvimento em linha ascendente é um processo complexo e contraditório, que contém também elementos do movimento para trás, zigue-zagues, etc.

Lênin afirma:

"(...) ter uma ideia da história universal como marcha harmoniosa e sempre para a frente, sem, às vezes, gigantescos saltos para trás, é antidialético, anticientífico e teoricamente errado."(34)

O camarada Stálin ilustra, de maneira evidente, essa tese com o exemplo do desenvolvimento da revolução. J. V. Stálin afirma:

> "(...) a revolução não se desenvolve habitualmente em linha sempre ascendente, sob a forma de uma aceleração contínua da ascensão, mas por meio de zigue-zagues, por meio de ofensivas e retiradas, por meio de fluxos e refluxos que, no processo de seu desenvolvimento, temperam as forças da revolução e preparam sua vitória definitiva.(35)

A História conhece movimentos para trás, como a restauração da dinastia dos Bourbons na França, após a derrota de Napoleão I; a época de reação na Rússia, após a derrota da revolução de 1905-1907; o regime hitlerista na Alemanha, em 1933-1945; a atual fascistização dos Estados Unidos, etc.

Engels escreve:

> "(...) apesar de todos os acasos e de todos os refluxos temporários, um desenvolvimento progressivo te,'mina abrindo caminho (...)."(36)

Na realidade, por mais feroz que tivesse sido a autocracia tzarista no período da reação, por mais ferozes que fossem as medidas tomadas por ela contra o proletariado, a vitória final coube ao proletariado. O mesmo se pode dizer do fascismo. A instauração, em vários países burgueses, de uma ditadura abertamente fascista é, certamente, um passo atrás, uma manifestação de reação. No entanto, como a prática da luta revolucionária revela, o domínio do fascismo é temporário, transitório. Os acontecimentos na Alemanha são uma clara manifestação disso. Hoje a República Democrática Alemã acha-se no caminho da construção do socialismo.

O velho mundo, o mundo do capitalismo, esgotou suas

possibilidades de progresso. As relações de produção capitalistas transformaram-se em grilhões do desenvolvimento social. O novo mundo, o mundo do socialismo, cresce, se fortalece e marcha inexoravelmente para a substituição da sociedade capitalista, historicamente obsoleta.

Dia a dia amadurece, no espírito das massas populares d países capitalistas, a consciência da necessidade da luta pela nova vida, a socialista. Barrando o caminho das massas para o socialismo, estão as forças do imperialismo e da reação. Chefiados pelos círculos governantes dos Estados Unidos, os imperialistas de todos os países visam retardar o colapso do capitalismo. No entanto, por mais possessos que se tornem e por maiores atrocidades que cometam, os bandidos imperialistas e seus lacaios — os socialistas de direita — não poderão deter o movimento da sociedade para a frente, não poderão quebrantar a vontade e a aspiração das massas de paz, de democracia e de socialismo.

"*Vivemos numa época em que todos os caminhos levam ao comunismo.*"(37)

Significação da Tese da Passagem das Mudanças Quantitativa às Transformações Radicais de Qualidade para a Atividade Prática do Partido do Proletariado

A terceira característica da dialética marxista nos ensina a considerar o desenvolvimento como passagem das transformações quantitativas às transformações radicais de qualidade. A aplicação desta tese à história da sociedade, à atividade prática do Partido do

proletariado, leva-a importantes conclusões revolucionárias. O camarada Stálin assinala:

> "Se a passagem das modificações quantitativas entas às modificações qualitativas bruscas e rápidas é uma lei do desenvolvimento, é evidente que as transformações revolucionárias realizadas pelas classes oprimidas representam um fenômeno absolutamente natural e inevitável.
>
> Isto quer dizer que a passagem do capitalismo ao socialismo e a libertação da classe operária do jugo capitalista não pode ser realizada por meio de lentas modificações, por meio de reformas, mas somente pela transformação qualitativa do regime capitalista, pela revolução.
>
> Isto quer dizer que em política, para não nos enganarmos, devemos ser revolucionários e não reformistas."(38)

Os partidários da metafísica, os inimigos da dialética e do socialismo temem o método revolucionário de conhecimento e de transformação da vida social. Todos os reformistas, inclusive os socialistas de direita, em suas tentativas de fundamentarem a transformação pacífica do capitalismo em socialismo, de justificarem sua abjuração da revolução proletária e da ditadura do proletariado, baseavam-se e se baseiam na negação metafísica das transformações socais radicais, qualitativas, por salto, das revoluções. Afirmam o desenvolvimento planificado e harmônico da sociedade capitalista, sem explosões e choques sociais. Os "economistas”, os mencheviques, os revisionistas da II Internacional manifestaram-se em desacordo com a luta decisiva contra o capital, tentaram reduzir o movimento operário a formas aceitáveis para a burguesia. No domínio da filosofia, afirma Lênin, os revisionistas marcham a reboque da "ciência” professoral da burguesia, rebaixam a filosofia marxista,

"substituindo a ‘sagaz’ (e revolucionária) dialética pela ‘simples’ (e tranquila) evolução' (.. .)".(39)

Os oportunistas propagam, com zelo particular, a famigerada "teoria das forças produtivas”, segundo a qual o próprio desenvolvimento da economia capitalista leva automaticamente ao socialismo.

A linha oportunista de servir à burguesia é, em nossa época, seguida pelos socialistas de direita, que procedem de maneira mais sórdida e cínica do que seus antecessores. Tornando-se lacaios do imperialismo americano-inglês, afirmam que a passagem ao socialismo é possível por meio da transformação gradual das empresas capitalistas em "socialistas”, da transformação do Estado burguês em Estado "socialista”. Seu trabalho de traição e de sapa é particularmente nocivo pelo fato de que encobrem sua essência imperialista de banditismo com a fraseologia socialista e com a máscara da democracia. Nesse sentido é elucidativo o palavrório de um socialista de direita como Renner, recém-falecido, ex-líder dos socialistas de direita da Áustria. Em seu trabalho *O Novo Mundo e o Socialismo,* publicado em 1946, falsamente afirma que hoje a contradição entre o trabalho e o capital "*não é típica e não determina a marcha do desenvolvimento”.* Manifestando-se como franco apologista da "democracia” burguesa, Renner declara demagogicamente que o instituto mais conveniente para a realização pacífica do socialismo é o Estado burguês com seus atributos de "democracia” e de "governo pelo povo”, Estado pretensamente capaz de defender os interesses "de todas as classes”, de "todas as camadas da sociedade”. Uma vez que no aparelho estatal há atualmente uma maioria de socialistas e de militantes sindicais, afirma Renner, é necessário apenas que eles ganhem as eleições ao parlamento, como o conseguiram os trabalhistas ingleses, em 1945.

No mesmo sentido se desenvolve a demagogia dos Attlees, Saragats e seus iguais.

Essa fraseologia dos socialistas de direita, lacaios do imperialismo americano, é refutada por toda a experiência da História. A História nos ensina que nenhum regime social cede lugar a outro sem a transformação radical de suas bases econômicas e políticas e nenhuma classe dominante cede lugar a outra sem luta, sem batalhas decisivas.

A burguesia nunca renunciará às suas vantagens, nunca entregará os meios de produção e o poder político a toda a sociedade. A passagem do capitalismo ao socialismo só pode ser realizada por meio de radicais transformações qualitativas do velho regime capitalista, por meio da revolução.

Engels escreve que procederíamos muito estupidamente se cruzássemos os braços e nos puséssemos a aguardar tranquilamente a conquista de nossos direitos.

> "Na verdade, ninguém nos libertará, a nós, os proletários, se não nos libertarmos a nós mesmo s."(40)

É por isso que os fundadores do comunismo científico dedicaram particular atenção à necessidade de demonstrar ao proletariado e às amplas massas trabalhadoras que eles só poderão conquistar sua libertação por meio da revolução proletária e da conquista da ditadura do proletariado. A doutrina de Marx e de Engels sobre a transformação revolucionária da sociedade capitalista em sociedade socialista, foi continuada e genialmente desenvolvida nas novas condições históricas por Lênin e Stálin. Lênin e Stálin ensinam que a vitória sobre a burguesia é impossível sem a transformação radical do velho regime econômico e político, sem luta prolongada, tenaz e audaz.

O camarada Stálin ensina:

> "A História ainda não conhece casos em que a burguesia moribunda não empregasse todos os restos de sua força para defender sua existência."(41)

No trabalho *Anarquismo ou Socialismo?*, o camarada Stálin afirma que o meio decisivo por meio do qual o proletariado derrubará o regime capitalista é a *revolução socialista.*(42)

Propagando continuamente a ideia da transformação revolucionária da sociedade capitalista em socialista, os clássicos do marxismo-leninismo advertem que não se pode saltar estágios não superados do movimento operário, que não se pode solucionar as tarefas da transformação revolucionária da sociedade sem uma preparação preliminar. A interpretarão marxista das formas e dos métodos da luta revolucionara de classes exclui tanto o reformismo, que só reconhece as reivindicações parciais que não tocam nas bases do capitalismo, como os diferentes gêneros de desvios de esquerda, a exigência de saltos repentinos, não preparados.

Lênin e Stálin afirmam que, a par dos revisionistas da II Internacional, que somente admitem reformas parciais como meio de passagem do capitalismo ao socialismo, também são inimigos do marxismo os anarquistas, que só reconhecem as explosões e catástrofes inesperadas e não preparadas. Negando a forma evolutiva do desenvolvimento, os anarquistas rejeitam o trabalho de preparação para a revolução vitoriosa e, por conseguinte, a própria revolução. Os "grandes dias" da revolução, afirmam eles, sobrevêm por si mesmos, espontâneamente.

Apesar da diferença formal, os reformistas e os anarquistas estão

unidos por um elemento comum, o fato de que uns e outros são contra a luta revolucionária da classe operária, contra a necessidade da conquista da ditadura do proletariado. Uns e outros são veículos da influência da burguesia, agentes da burguesia no movimento operário. Lênin escreve:

> "Uns e outros freiam o trabalho mais importante e essencial: a união dos operários em organizações grandes, fortes, que funcionem bem e que saibam funcionar bem em todas as condições, organizações imbuídas do espírito da luta de classes, que reconheçam claramente seus objetivos, educadas numa concepção do mundo realmente marxista."(43)

Sob a direção de Lênin e Stálin, o Partido bolchevique sempre lutou implacavelmente em duas frentes: tanto contra 03 oportunistas de direita como contra os oportunistas de "esquerda”. Assim, no período de industrialização do país e de coletivização da agricultura, o Partido derrotou os mais ferozes inimigos da classe operária — os trotskistas e os bucarinistas — os quais, começando por atacar as bases teóricas e táticas do marxismo-leninismo, terminaram por transformar-se num bando de provocadores, assassinos e espiões, agentes declarados do fascismo.

O camarada Stálin ensina:

> "Sem derrotar os trotskistas e os bucarinistas não poderíamos ter preparado as condições indispensáveis à construção do socialismo."(44)

J. V. Stálin por mais de uma vez indicou a necessidade da justa avaliação das condições objetivas, da sua preparação e maturidade, na realização destas ou daquelas medidas de caráter estratégico. Por exemplo, no período da coletivização total, o Partido bolchevique lutou

implacavelmente não só contra as manifestações do oportunismo de direita, presentes na tendência em abandonar a coletivização ao espontaneísmo e assim deitá-la a perder, mas também contra os portadores do desvio de "esquerda”, que tentavam levar os camponeses ao caminho colcosiano através de medidas de pressão administrativa.

Em fevereiro de 1930 estavam coletivizados 50 por cento das explorações camponesas. Foi uma grandiosa vitória do Partido e do Estado soviético. Todavia, ao invés de consolidar os êxitos alcançados, de enveredar pelo caminho do fortalecimento econômico e orgânico dos colcoses, alguns dirigentes deixaram-se empolgar pelas elevadas porcentagens de aumento do número de colcoses, tentando passar imediatamente à forma superior de cooperação — a comuna. Esses desvios esquerdistas no trabalho de coletivização das explorações camponesas levavam água ao moinho dos inimigos, criando campo favorável à agitação dos culaques contra os colcoses.

O Partido rechaçou os portadores de desvios de "esquerda” da maneira mais decisiva. Nos artigos *Os Êxitos nos Sobem à Cabeça* e Resposta *aos Camaradas Colcozianos,* J. V. Stálin demonstrou, com plena clareza, onde reside a força da economia colcosiana e de que maneira devem organizar-se os colcoses. O camarada Stálin afirmou que do fato de haver todas as premissas para a vitória completa do socialismo no campo, de o próprio campesinato marchar voluntariamente para os colcoses, de forma alguma se devia concluir que a transformação do campo no espírito do socialismo devia ser começada diretamente com a forma superior — a comuna. Não se tratava de englobar, sem qualquer exame das possibilidades reais, todas as explorações camponesas, mas de fortalecer os colcoses

existentes no sentido econômico e de organização.

O camarada Stálin afirma no artigo *Os Êxitos nos sobem à cabeça:*

> "A arte de dirigir é uma empresa séria. Não podemos atrasar-nos em relação ao movimento porque o atraso significa desligarmo-nos das massas. Tampouco nos podemos adiantar, porque isso significaria perder a união com as massas. Quem quiser dirigir um movimento e, ao mesmo tempo, manter o contacto com as massas de milhões, deve lutar em duas frentes: contra os que se atrasam e contra os que se adiantam."(45)

A doutrina marxista-leninista sobre as duas formas do movimento serve de arma teórica na luta das massas trabalhadoras dos países capitalistas contra a escravidão capitalista. Ela nos ensina que a radical transformação da sociedade capitalista é inconcebível sem a decisiva transformação das velhas relações econômicas e políticas. Enquanto as classes trabalhadoras, sob a direção do proletariado, não derrubarem o domínio político da burguesia e não tomarem o poder, nenhuma transformação parcial levará à substituição do capitalismo pelo socialismo. A prática da construção do socialismo na URSS e nos países de democracia popular é a mais brilhante confirmação disso.

Ao mesmo tempo, a doutrina da dialética materialista sobre as duas formas do movimento nos preserva dos erros considerados por Lênin como *"a doença infantil do 'esquerdismo'."* Aos Partidos Comunistas e Operários, a todos os trabalhadores do mundo capitalista, apresenta-se a complexa e difícil tarefa de reunir forças, de utilizar todas as formas e métodos de luta, o trabalho minucioso e "prosaico" em todas as camadas da população trabalhadora, porque somente esse trabalho de preparação pode levar a transformações radicais de qualidade, à vitória do socialismo.

O Desenvolvimento Como Luta Entre os Contrários

F. I. Kalochin

A quarta característica do método dialético marxista, que nos obriga a considerar o desenvolvimento como processo contraditório, como luta entre os contrários, é o ponto central da concepção dialética e materialista da natureza, da sociedade e do pensamento. Lênin chama de essência ou "núcleo" da dialética esse princípio de análise dos objetos e dos fenômenos. A concepção dos fenômenos, dos objetos e dos processos como contendo contradições internas ajuda a descobrir a própria fonte do desenvolvimento e da transformação da natureza e da sociedade, a causa do inevitável desaparecimento do velho e do nascimento do novo e a compreender mais profundamente o caráter progressivo do desenvolvimento como movimento do simples ao complexo, do inferior ao superior.

Não é por acaso, portanto, que justamente a questão do reconhecimento ou da negação das contradições internas das coisas e dos fenômenos tem sido objeto da mais intensa luta entre os dialéticos e os metafísicos em toda a história do desenvolvimento do pensamento filosófico.

Duas Concepções do Desenvolvimento

Na história do desenvolvimento do pensamento humano, afirma Lênin, deparamos com duas concepções opostas do desenvolvimento: a concepção dialética e a concepção metafísica ou evolucionista vulgar.

A concepção evolucionista vulgar ou metafísica considera o desenvolvimento como simples aumento ou diminuição dos objetos e

dos fenômenos. Os partidários dessa concepção afirmam que a fonte do desenvolvimento não está nos próprios objetos, mas fora deles. A concepção metafísica nega a luta do novo contra o velho. Segundo a concepção metafísica, a coisa, o objeto, não pode conter, ao mesmo tempo, propriedades contraditórias. Nos objetos e nos fenômenos não haveria contradições, estas caracterizariam apenas nossos pensamentos. Como metafísico, o famigerado Dühring escreve que

> "o contraditório é categoria que só pode referir-se à combinação de pensamentos, mas de forma alguma à realidade."

A concepção metafísica é incapaz de descobrir o conteúdo interno do processo de desenvolvimento, de explicar o processo de transformação das modificações quantitativas em qualitativas. Na compreensão metafísica do desenvolvimento não há lugar para o aparecimento do novo; o desenvolvimento é adstrito aos limites do velho, acha-se fechado num círculo uniforme, perpetuamente repetido.

Com essa concepção do desenvolvimento, escreve Lênin,

> "o automovimento fica na sombra, não se percebe sua força motriz, sua fonte, seu motivo (a menos que seja transferido para o exterior, invocando um 'deus', um ser-sujeito, etc.)."(1)

Por isso, essa concepção "*é morta, estéril, árida"* (Lênin).

Se a ciência admitisse tal concepção, chegaria à absurda conclusão de que a Terra e todo o mundo orgânico e inorgânico, existentes há milênios, são imutáveis e que o processo de seu desenvolvimento consiste apenas no aumento ou diminuirão quantitativos de características imutáveis do estado inicial. Segundo esse ponto de vista, a história do desenvolvimento da sociedade humana seria um movimento em círculo fechado.

Os metafísicos declaram, por vezes, que não deixam de reconhecer a contradição, mas a compreensão que dela têm distingue-se radicalmente da concepção dialético-materialista. Os metafísicos negam a principal particularidade distintiva da interpretação dialético-materialista das contradições como desdobramento da unidade, como luta dos contrários dentro do objeto. O "reconhecimento" metafísico das contradições reduz-se ao reconhecimento apenas de contradições externas entre objetos e fenômenos diversos.

A "teoria do equilíbrio", uma das mais perigosas variedades da concepção metafísica, é completamente utilizada pelos inimigos do marxismo. A "teoria do equilíbrio" é irreconciliavelmente hostil ao marxismo-leninismo. A tese inicial dessa "teoria" metafísica não é a luta entre forças opostas, mas seu equilíbrio. Segundo essa "teoria", na natureza e na sociedade não existe o "autodesenvolvimento" nem o "auto-movimento", não existe o processo de desenvolvimento, processo internamente contraditório. A "teoria do equilíbrio" considera de maneira absoluta o crescimento quantitativo e nega o desenvolvimento qualitativo. Afirma que é possível conciliar as contradições e equilibrar os contrários.

A "teoria do equilíbrio", como arma filosófica na luta contra o marxismo, já foi defendida por Dühring. O revisionista Bogdânov substituiu a dialética marxista pela "teoria do equilíbrio". O inimigo do povo Bukhárin, foi partidário dessa teoria antimarxista e pregou a integração pacífica do culaque no socialismo.

Uma variedade dessa famigerada "teoria do equilíbrio" é a teoria burguesa do "capitalismo organizado", teoria que nega as contradições internas do capitalismo, as contradições entre o trabalho e o capital, entre os capitalistas e a c!asse operária, entre as forças produtivas e as

relações de produção.

É na "teoria do equilíbrio” que se apoiam, nas suas considerações "filosóficas”, os socialistas de direita de todos os países, os quais pregam a harmonia entre as classes e a 'teoria” reacionária da transformação pacífica e gradual do capitalismo em socialismo. Os partidários dessa "teoria” são os mais ferozes inimigos do marxismo, inimigos da revolução socialista.

A concepção metafísica, qualquer que seja a forma sob que se manifeste, é a cobertura filosófica, por meio da qual os inimigos do socialismo ocultam sua infame atividade antimarxista. Derrotar a concepção metafísica é a tarefa primordial de todos os cientistas e especialistas soviéticos, qualquer que seja o setor em que trabalhem.

V. I. Lênin, elevando a nível novo e superior a doutrina marxista da luta entre os contrários, desfechou golpe esmagador na metafísica. Em seu célebre artigo de combate à concepção metafísica, *A Propósito da Dialética,* Lênin revela de maneira profunda a importância da lei da luta entre os contrários para o conhecimento da origem do automovimento e do autodesenvolvimento. A luta entre os contrários na natureza e na sociedade é a base vital de todo desenvolvimento. Tudo o que existe se desenvolve e transforma por força da luta entre os contrários. Lênin afirma:

"O desenvolvimento é a ‘luta' entre os contrários.”(2)

V. I. Lênin ressalta que só a concepção marxista do desenvolvimento dialético é viva e criadora, que

> “somente ela nos dá a chave para os 'saltos', para as 'rupturas de continuidade', para a 'transformação no contrário'; somente ela nos faz compreender a destruição do velho e o nascimento do

novo.”(3)

Em vários de seus trabalhos, V. I. Lênin elabora de maneira profunda e completa a lei da luta entre os contrários como núcleo da dialética. As definições dadas por Lênin revelam a essência dessa importantíssima lei da dialética.

Lênin afirma:

"A dialética, no seu sentido exato, é o estudo das contradições na própria essência dos objetos (...)”.(4)

Para explicar o movimento e o desenvolvimento da natureza e da sociedade, a concepção dialético-materialista não recorre a nenhum impulso inicial externo. Para o marxista, a origem do movimento e do desenvolvimento não está fora da matéria, mas na própria matéria; é a contradição interna existente nos objetos e nos fenômenos, a luta entre os contrários.

A concepção dialético-materialista do desenvolvimento como luta entre os contrários é o único sistema científico de concepções que reflete fielmente o quadro real do desenvolvimento do mundo objetivo.

Qualquer que seja o fenômeno, objeto, processo da natureza, da sociedade ou do pensamento que estudemos, sempre descobrimos a luta entre forças, tendências, correntes, etc., opostas. A bipartição do único, em todos os fenômenos da natureza e da sociedade, em tendências contraditórias que se excluem mutuamente, e a luta desses contrários é a lei universal do desenvolvimento da matéria.

O camarada Stálin escreve:

"Em oposição à metafísica, a dialética parte do critério de que os objetos e os fenômenos da natureza contêm sempre

> contradições internas, porque todos eles têm seu lado negativo e seu lado positivo, seu passado e seu futuro, seu lado de caducidade e seu lado de desenvolvimento; do critério de que a luta entre estes lados contrapostos, a luta entre o velho e o novo, entre o que agoniza e o que nasce, entre o que caduca e o que se desenvolve, constitui o conteúdo interno do processo do desenvolvimento, o conteúdo interno da transformação das mudanças quantitativas em mudanças qualitativas.

Por isso, o método dialético considera que o processo de desenvolvimento do inferior ao superior não constitui um processo de desenvolvimento harmonioso dos fenômenos, mas, ao contrario, caracteriza-se por revelar as contradições inerentes aos objetos e aos fenômenos, por meio de um processo de 'luta' entre as tendências opostas, que atuam tendo por base essas contradições."(5)

Nesta clássica formulação, o camarada Stálin revela de maneira profunda e ampla a essência da lei da luta entre os contrários, da luta do novo contra o velho como lei básica do desenvolvimento.

A definição e a caracterização dessa lei por Stálin são uma grande contribuição ao tesouro da dialética marxista.

A formulação, feita pelo camarada Stálin, da tese da luta entre os contrários como lei do desenvolvimento revela uma série de importantes elementos para a compreensão de toda a dialética e fornece a chave para compreender-se o caráter do movimento e da transformação. O camarada Stálin demonstra que a luta entre os contrários, a luta entre o novo e o velho, é o conteúdo interno da lei da passagem das modificações quantitativas às transformações qualitativas e do processo progressivo do desenvolvimento do inferior ao superior.

J. V. Stálin indica que todos os objetos e fenômenos da natureza

contêm contradições internas porque todo fenômeno tem seu passado e seu futuro, seu lado positivo e negativo, o novo e o velho. A luta entre essas tendências e processos opostos é a fonte do desenvolvimento.

A tese do desenvolvimento como luta entre os contrários é uma lei geral, o coroamento do método dialético marxista, que revela as leis do desenvolvimento e da transformarão de todos os processos da natureza, da sociedade e do pensamento.

Essa lei universal da dialética coroa o quadro geral do processo dialético de desenvolvimento do mundo objetivo, revela as fontes de todo desenvolvimento, as fontes da transformarão de todos os processos e fenômenos da realidade objetiva.

Na filosofia pré-marxista, o problema da contradição como fonte do movimento e da transformação foi analisado por Hegel. O camarada Stálin afirma:

> "Caracterizando seu método dialético, Marx e Engels aludem frequentemente a Hegel como o filósofo que formulou as características fundamentais da dialética."(6)

Isto diz respeito também ao problema das contradições. Entre a concepção marxista-leninista do desenvolvimento e a interpretação hegeliana das contradições existe, porém, assim como entre todo o método dialético marxista e a dialética de Hegel, uma diferença radical, uma oposição de princípios. A concepção marxista-leninista das contradições é materialista. Segundo essa concepção; o mundo objetivo, material, desenvolve-se e se transforma em consequência da luta entre os contrários. A luta entre os contrários verifica-se na natureza e na sociedade, e se reflete em nossas ideias e conceitos.

A concepção hegeliana das contradições é, porém, idealista.

Hegel fala da dialética do autodesenvolvimento dos conceitos, dos pensamentos, da "ideia absoluta", e não do mundo material, objetivo. Como afirma Lênin, Hegel apenas adivinhou a dialética das coisas na dialética dos conceitos, "*limitou-se a adivinhar, e nada mais.*"(7)

Hegel admitiu que a contradição é a fonte do desenvolvimento e da transformação e nisso está a "medula racional" de seu método. Mas, sendo idealista, considerava a lei da unidade e da luta entre os contrários, essa importantíssima lei da dialética, de maneira idealista. Segundo Hegel, a lógica precede a História, e a contradição não é a fonte do movimento da natureza e da História, mas do "pensamento puro". Além disso, nem mesmo no desenvolvimento do pensamento Hegel coloca em primeiro plano a luta entre os contrários, mas sua reconciliação e unificação no nível superior do desenvolvimento.

Além disso, segundo Hegel, o processo dialético do desenvolvimento, a luta entre os contrários, tem lugar apenas no passado e não existe nos fenômenos do presente e do futuro.

O reconhecimento do desenvolvimento dialético da sociedade contemporânea devia levar Hegel ao reconhecimento da necessidade da transformação do regime social existente, da necessidade de que a filosofia continuasse a desenvolver-se. Hegel, porém, por força de suas concepções políticas conservadoras, visava à manutenção e eternização do regime social então existente na Alemanha. Pretendia, além disso, ter descoberto a verdade absoluta em última instância. Por isso, modificando seu próprio princípio de desenvolvimento, Hegel chegou à conclusão reacionária da conciliação dos contrários na sociedade, à idealizarão da monarquia prussiana e, no final das contas, procurou abolir metafisicamente todas as contradições da realidade de sua época.

A concepção marxista-leninista da luta entre os contrários distingue-se radicalmente da concepção idealista de Hegel.

A dialética materialista ensina que a luta entre os contrários é uma lei universal do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento. Por força dessa lei desenvolvem-se e modificam-se a natureza e a sociedade, modifica-se a vida dos povos e também se desenvolve o pensamento humano. Pela primeira vez na história do desenvolvimento da dialética, Marx e Engels fundamentaram, de maneira científica e materialista, esse importante princípio da dialética e demonstraram que as contradições no mundo objetivo, material, são resolvidas por meio da luta e que essa luta leva à abolição do velho, do reacionário e à vitória do novo, do progressista. Marx e Engels aplicaram genialmente este grande princípio à História, à vida da sociedade humana. Descobriram as contradições que são a força motriz básica da história da humanidade, as contradições entre as forças produtivas e as relações de produção, as contradições entre os exploradores e os explorados. Marx e Engels estudaram e analisaram em todos os seus aspectos as contradições da última formação econômico-social antagônica, o capitalismo, e demonstraram a inevitabilidade do aguçamento dessas contradições e a impossibilidade de sua solução nos marcos do regime capitalista.

V. I. Lênin e J. V. Stálin continuaram e aprofundaram a análise marxista das contradições do capitalismo, de acordo com a nova situação e as novas tarefas do movimento revolucionário.

Como se sabe, a atividade dos fundadores do marxismo desenvolveu-se na época do capitalismo pré-monopolista. A época de Lênin e Stálin é uma nova época, a época do imperialismo e das revoluções proletárias, em que se aprofundam bruscamente todas as

contradições básicas do capitalismo. Lênin estudou, de maneira profunda e ampla, as particularidades das contradições da época do imperialismo e das revoluções proletárias. Revelou e generalizou os tipos e formas mais característicos das contradições do imperialismo e estabeleceu as tarefas políticas e táticas concretas que o proletariado e seus aliados deviam enfrentar nas futuras batalhas.

A justa compreensão das contradições mais profundas e básicas foi, para o Partido bolchevique, a chave para a análise de todas as restantes contradições da época do imperialismo e das revoluções proletárias. A análise dialética das contradições básicas da nova época possibilitou a Lênin descobrir a lei do desenvolvimento econômico e político desigual dos países capitalistas na época do imperialismo e fundamentar cientificamente uma das mais importantes teses do leninismo — a possibilidade da vitória inicial do socialismo num único país, tomado isoladamente.

Aplicando genialmente a dialética à análise da vida social, o camarada Stálin continuou a análise leninista das contradições da época do imperialismo e dos meios revolucionários para sua solução. J. V. Stálin dedicou atenção particular ao estudo das contradições básicas do imperialismo — a contradição entre os proletários e os capitalistas, a contradição entre os países imperialistas, a contradição entre as colônias e as metrópoles.

Analisando o período da crise geral do capitalismo, o camarada Stálin demonstrou que o mundo dividiu-se em dois campos — de um lado, o campo anti-imperialista e democrático e, de outro lado, o campo do imperialismo e da guerra — fundamentou as leis do crescimento das forças da democracia e do socialismo e do enfraquecimento das forças da reação e do imperialismo e provou a inevitabilidade de que isso

acontecesse.

O camarada Stálin criou a teoria do desenvolvimento da sociedade socialista e descobriu as novas leis dialéticas da época do socialismo. O camarada Stálin demonstrou que a lei da luta entre os contrários, inerente a todas as formações econômico-sociais, atua no socialismo de maneira diferente do que nas formações sociais antagônicas, que precederam o socialismo.

Ressaltando a necessidade de se abordar historicamente a análise do caráter das contradições, dividindo as contradições em antagônicas e não antagônicas, o camarada Stálin, pela primeira vez na literatura marxista, definiu o novo caráter das contradições na época der socialismo, esclarecendo que a superação dessas contradições só é possível por meio do desenvolvimento e do fortalecimento do regime socialista.

A Luta Entre os Contrários como Lei do Desenvolvimento da Natureza, da Sociedade e do Pensamento

A luta entre os contrários abrange todos os fenômenos e processos de desenvolvimento da natureza e da sociedade.

A luta entre os contrários verifica-se tanto no macrocosmo como no microcosmo. O sistema solar é uma unidade complexa. Entre o Sol, como centro desse sistema, e todos os demais planetas verifica-se uma complexa ação recíproca, baseada na luta entre duas forças opostas: a força centrípeta de atração e a força centrífuga de repulsão. A luta entre essas forças opostas é uma das mais importantes leis de existência e de desenvolvimento do sistema solar.

A luta entre os contrários verifica-se também no microcosmo, no átomo, o qual é uma unidade de contrários — o núcleo positivo e os elétrons negativos.

A luta entre os contrários processa-se em qualquer organismo vivo — vegetal, animal e homem.

Engels afirma:

> "A vida é o modo de existência dos corpos albuminoides, que têm por elemento essencial a troca permanente de substâncias com a natureza exterior que os cerca, sendo que com a cessação dessa troca de substâncias cessa também a vida, e a albumina entra em decomposição."(8)

É por isso que, onde quer que encontremos um corpo albuminoide que não esteja em processo de decomposição, deparamos também, infalivelmente, com fenômenos de vida. Nenhum organismo vegetal ou animal pode viver sem essa ininterrupta ligação com o mundo material que o cerca. Como afirma Engels, a cessação do metabolismo provoca o colapso do organismo, a decomposição da albumina e, por conseguinte, transforma o vivo em morto.

O metabolismo é um elemento essencial e fundamental da vida. Sua essência reside na unidade entre dois processos: a *assimilação,* que é o processo de apropriação pelo organismo das substâncias procedentes do meio exterior e de elaboração, com essas substâncias, do corpo vivo; e a *desassimilação,* que é o processo de decomposição, na substância viva, das combinações orgânicas complexas em combinações mais simples, com a libertação da energia potencial oculta nas combinações orgânicas complexas.

Neste sentido é necessário frisar que os processos de

assimilação e de desassimilação verificam-se no organismo de modo simultâneo e ininterrupto. Assimilando as substâncias que procedem do meio exterior, o organismo ao mesmo tempo as desassimila e a energia que se liberta durante essa ação é aproveitada novamente para a realização da assimilação.

O processo de assimilação e de desassimilação orgânica é o processo universal da vida, qualquer que seja a forma em que se manifeste. Em seu trabalho *A Origem das Células a Partir da Substância Viva e o Papel da Substância Viva no Organismo,* O. B. Lepechínskaia indica que na substância viva que não tem estrutura celular, "*há albumina",* que a substância viva "*é apta à troca de substâncias"* e "*manifestará sintomas de atividade vital, isto é, continuará, por um lado, sendo o que é, e ao mesmo tempo se transformará."*(9)

Lepechínskaia observa que na substância celular viva, assim como na célula, verifica-se um constante auto-renovamento e desenvolvimento. Assim, o processo de assimilação e de desassimilação é um complexo processo dialético, representando unia das numerosas variedades da lei universal da luta entre os contrários.

Uma das formas de manifestação da lei da luta entre os contrários é o processo natural de ação mútua entre a *hereditariedade* e a *adaptação* dos organismos.

Como se sabe, graças à hereditariedade, determinadas propriedades do organismo animal ou vegetal podem transmitir-se de espécie a espécie, de geração a geração, como, por exemplo, a resistência das sementes à seca, a oviparidade das aves, etc.

Graças, porém, à adaptação do organismo ao meio que o cerca,

determinadas propriedades dos organismos podem modificar-se bruscamente e diferençar-se consideravelmente das que comumente caracterizam sua espécie.

Entre a hereditariedade e a adaptação existe uma conexão interna, uma indissolúvel unidade.

A biologia mitchuriniana demonstrou que a

> "hereditariedade é o efeito da condensação das influências das condições do meio exterior, assimiladas pelos organismos numa série de gerações anteriores."(10)

Por hereditariedade, a biologia mitchuriniana entende a propriedade do organismo de exigir determinadas condições ambientes para viver e desenvolver-se, e de reagir de maneira definida em relação a tais ou quais condições. Se determinadas condições não correspondem às exigências do organismo, deve ele, então, modificar-se, sob a influência das contradições que surgem entre o organismo e o meio. Se ele se modifica de acordo com as novas condições do meio, sua hereditariedade modifica-se e o organismo adapta-se, então, ao meio. Se, porém, o organismo não assimila as novas condições, perece. Assim, no processo de desenvolvimento do organismo manifesta-se a contradição entre a hereditariedade e a adaptação, contradição que Engels definiu como uma das principais contradições do processo evolutivo.

A luta entre os contrários, a contradição, é a força motriz do desenvolvimento, tanto da natureza como da sociedade. A história do desenvolvimento da sociedade é a história da substituição dos modos de produção, a história do desenvolvimento das forças produtivas e das relações de produção, a história da formação e da vitória das novas

forças produtivas e das novas relações de produção que lhes correspondem é, por conseguinte, a história da luta das classes novas, que crescem e se desenvolvem, contra as velhas classes, as classes caducas que se retiram da arena da História.

Com exceção do regime da comunidade primitiva,

> "a história de todas as sociedades que existiram até hoje — afirma-se no Manifesto do Partido Comunista — é a história da luta de classes.
>
> Homem livre e escravo, patrício e plebeu, senhor feudal e servo, mestre-artesão e aprendiz, numa palavra, opressores e oprimidos têm vivido em constante oposição, têm travado uma luta ininterrupta, ora aberta, ora disfarçada, uma luta que sempre terminava pela transformação revolucionária da sociedade inteira ou pela ruína comum das classes em luta."(11)

Marx e Engels afirmam mais adiante:

> "A sociedade burguesa moderna, edificada sobre as ruínas da sociedade feudal, não aboliu os antagonismos de classe. Ela apenas estabeleceu novas classes, novas condições de opressão e novas formas de luta no lugar das antigas."(12)

Marx e Engels demonstraram que a intransigente luta de classes do proletariado contra a burguesia, levada até a conquista, pelo proletariado, do domínio político na sociedade — a ditadura da classe operária — é a condição para a transformação da sociedade capitalista em socialista.

O novo regime social socialista na URSS surgiu e venceu como resultado da Grande Revolução Socialista de Outubro, como resultado da instauração da ditadura do proletariado, como resultado da consequente luta de classes do proletariado e do campesinato pobre

contra todas as forças e tradições do capitalismo.

Nas condições atuais, a força motriz da História é a luta entre as forças anti-imperialistas, progressistas, as forças do socialismo e da democracia, de um lado, e, de outro lado, as forças da reação e do imperialismo. Essa luta, complexa e multiforme, abrange todos os processos econômicos, políticos e ideológicos da vida social. Dessa luta participam centenas de milhões de homens em todos os países e continentes. A vitória das forças progressistas, das forças da democracia e do socialismo, é inevitável. A garantia disto é que à frente das forças do progresso está a União Soviética, baluarte da paz e da democracia em todo o mundo.

O desenvolvimento através da luta entre os contrários é uma lei geral do desenvolvimento do mundo objetivo, uma lei do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento.

Não se pode reduzir esta lei do desenvolvimento do mundo objetivo a uma soma de exemplos isolados. Lênin afirma que:

> "a justeza desse aspecto da dialética deve ser verificada pela história das ciências."

V. I. Lênin escreve:

> "Comumente (é o caso de Plekhânov) dá-se pouca atenção a esse aspecto da dialética; a identidade entre os contrários é considerada como um conjunto de exemplos (‘por exemplo o grão'; 'por exemplo, o comunismo primitivo'. O mesmo acontece com Engels. Mas isso é ‘para popularização'...), e não como lei do conhecimento (e lei do mundo objetivo).
>
> Na matemática, o + e o —. Diferencial e integral.
>
> Na mecânica, ação e reação.

Na física, eletricidade positiva e negativa.

Na química, associação e dissociação dos átomos.

Nas ciências sociais, luta de classes."(13)

Referindo-se à unidade entre os contrários e à sua penetração mútua, V. I. Lênin frisa ao mesmo tempo, com especial vigor, o *caráter relativo* dessa unidade e o *caráter absoluto da luta* entre os contrários.

Lênin escreve:

> "A unidade (coincidência, identidade, equivalência) dos contrários é condicional, temporária, passageira e relativa. A luta entre contrários que se excluem mutuamente é absoluta, como é absoluto o desenvolvimento, o movimento."(14)

Essa tese de Lênin sobre o caráter relativo da unidade entre os contrários e o caráter absoluto da luta entre eles é um importante princípio filosófico que tem grande significação para a compreensão da lei da luta entre os contrários. Consideremos, por exemplo, a sociedade capitalista. Vemos nela duas classes antagônicas — o proletariado e a burguesia — que travam violenta luta de classes, mas que, apesar disso, estão indissoluvelmente ligadas uma à outra, pela economia, numa sociedade única. O camarada Stálin ensina:

> "Enquanto existir o capitalismo, os burgueses e os proletários estarão ligados entre si por todos os fios da economia, como partes da mesma sociedade capitalista. Os burgueses não podem viver e enriquecer sem terem à sua disposição operários assalariados; os proletários não podem continuar a existir sem se empregarem com os capitalistas.(15)

A luta entre os contrários, a luta entre o proletariado e a burguesia, sendo a força motriz do desenvolvimento social nas

condições do capitalismo, é, contudo, absoluta, como são absolutos o movimento e o desenvolvimento da natureza e da sociedade.

Os clássicos do marxismo-leninismo lutaram tenazmente contra os "socialistas” pequeno-burgueses, contra os oportunistas e reformistas, contra todos aqueles a quem não agradava a ideia marxista da intransigente luta de classes do proletariado contra a burguesia. V. I. Lênin frisou por repetidas vezes que os mencheviques e outros social-reformistas não gostam de admitir o caráter absoluto da luta entre os contrários. Preferem ressaltar a unidade entre os contrários e não a luta entre eles. Essa filosofia fornece a "justificação teórica” para sua posição antimarxista na luta de classes. Essa filosofia lhes permite realizar uma política de conciliação, de dissimulação das contradições. Lênin desmascara com precisão a essência oportunista da concepções desse tipo.

Lênin escreve:

> "Os democratas pequeno-burgueses caracterizam-se por sua repugnância à luta de classes, pelos sonhos de passar sem ela, pela tendência a harmonizar e conciliar, a embotar as extremidades aguçadas.”(16)

Por isso, também na teoria observa-se entre eles a complacência filisteia com relação à natureza e à História, a tendência a livrá-las das contradições e da luta.

Abordando de maneira metafísica a análise da revolução russa de 1905-1907, os mencheviques chegaram à conclusão oportunista de que, uma vez que a revolução na Rússia era uma revolução democrático-burguesa, a hegemonia nessa revolução devia caber, então, à burguesia. Essa conclusão foi uma traição ao marxismo revolucionário.

Os bolcheviques assumiram posição oposta. Abordando dialeticamente o problema, Lênin e Stálin demonstraram, de maneira irrefutável, que a força motriz básica da revolução era o proletariado, em aliança com o campesinato. A hegemonia da revolução — ensinavam Lênin e Stálin — devia caber ao proletariado e não à burguesia, porque a burguesia russa era contrarrevolucionária e visava a entrar em acordo com a autocracia, devendo por isso ser isolada e afastada da direção pelo movimento democrático e revolucionário.

Mas se isso é uma tese contraditória! — gritavam os mencheviques. Como é possível? A revolução é burguesa e a hegemonia cabe ao proletariado? Os bolcheviques respondiam: sim, é uma contradição, mas é uma contradição real. Expressa com acerto o caráter da revolução russa, a dialética de seu desenvolvimento.

A História confirmou esta tese dialética e materialista do bolchevismo e esfacelou as concepções metafísicas dos mencheviques.

Autênticos lacaios assalariados da burguesia imperialista, os socialistas de direita e os trabalhistas não suportam o princípio dialético que afirma o caráter absoluto da luta entre o proletariado e a burguesia. Os teóricos burgueses e socialistas de direita tentam sufocar a luta de classes entre o proletariado e a burguesia e afirmam que a base da sociedade burguesa não é a luta de classes e, sim, a paz entre as classes.

As manifestações políticas, as greves e os choques armados entre o proletariado e a burguesia refutam, a cada passo, as falsas afirmações dos socialistas de direita sobre a harmonia entre os interesses de classe e confirmam as teses leninistas sobre o caráter absoluto da luta entre os contrários, sobre a irreconciliabilidade entre as

contradições de classe nas sociedades divididas em classes antagônicas.

Contradições Internas e Externas

Caracterizando a luta entre os contrários internos, entre as contradições internas, como fator determinante do processo de desenvolvimento, como condição decisiva de todo desenvolvimento e transformação dos objetos, fenômenos e processos, o método dialético marxista não rebaixa absolutamente o papel e a significação das contradições externas. As contradições externas, contradições entre o objeto ou fenômeno e as condições ambientes, embora não sejam determinantes, exercem certa influência, por vezes bastante considerável, sobre o desenvolvimento dos objetos e dos fenômenos.

A delimitação precisa entre as contradições externas e internas tem grande importância tanto para o conhecimento como para a atividade prática revolucionária.

O seguinte exemplo demonstra isso claramente.

Desenvolvendo a doutrina leninista da possibilidade da construção do socialismo num só país, o camarada Stálin caracterizou dois grupos de contradições: as contradições internas, que existiam entre o proletariado e o campesinato do país, e as contradições externas entre o país do socialismo e os países capitalistas.

Referindo-se ao problema das contradições internas, o camarada Stálin afirma que na época da ditadura do proletariado há todas as possibilidades para a superação das contradições internas, inerentes ao período de transição, e para a construção da sociedade socialista.

O camarada Stálin ensina que no período de transição do

capitalismo ao socialismo dentro de nosso país havia forças e possibilidades tanto para a liquidação das contradições antagônicas entre as massas trabalhadoras da cidade e do campo e os elementos capitalistas, como para a superação das contradições não-antagônicas entre o proletariado e o campesinato. Desenvolvendo a teoria marxista-leninista a respeito dessa importante questão, o camarada Stálin vibrou tremendo golpe nos capitulacionistas trotskistas e bucarinistas e nos que se deixavam dominar pelo pânico, ao mesmo tempo que armou nosso povo com a certeza inabalável na vitória do socialismo.

Referindo-se ao problema das contradições externas, contradições entre o país do socialismo e o cerco capitalista, o camarada Stálin afirma que essas contradições

> "consistem em que, enquanto houver o cerco capitalista, deverá haver também o perigo de intervenção por parte dos países capitalistas e, enquanto houver esse perigo, deverá haver também o perigo da restauração, o perigo do restabelecimento da ordem capitalista em nosso país."(17)

O camarada Stálin observou que*:*

> "a total garantia contra a intervenção e, por conseguinte, a vitória definitiva do socialismo só é possível, em vista disso, em escala internacional, como resultado dos esforços conjugados dos proletários de uma série de países, nu melhor, como resultado da vitória dos proletários de alguns países."(18)

O perigo da intervenção capitalista só desaparecerá após a abolição do imperialismo, após a vitória da revolução proletária nos países capitalistas mais importantes.

Assim, J. V. Stálin demonstrou que há diferença entre as contradições internas e externas, ressaltando que identificar as

contradições internas e externas leva ao afastamento do leninismo, à traição ao leninismo.

> "Quem confunde o primeiro grupo de contradições, inteiramente superáveis pelos esforços de um país, com o segundo grupo de contradições, que exige, para sua solução, os esforços dos proletários de alguns países, comete um grosseiro erro contra o leninismo; ou é um confusionista ou um oportunista incorrigível."(19)— afirmou o camarada Stálin

A correlação entre os fatores internos e externos é determinada antes de tudo e principalmente pelas leis internas do desenvolvimento.

A URSS existe há mais de 30 anos. Durante esses anos o mundo capitalista tentou exercer pressão militar, econômica e política sobre nosso país com o objetivo de modificar o processo interno de desenvolvimento da sociedade socialista, de transformar nosso país num apêndice da economia capitalista. Todas as maquinações dos imperialistas e de seus agentes assalariados terminaram invariavelmente em fracasso, porém.

No período da guerra patriótica contra a Alemanha hitlerista, os intervencionistas imperialistas prejudicaram imensamente a economia nacional e causaram ao povo soviético muitas calamidades e sofrimentos. Ninguém conseguiu nem conseguirá jamais, porém, modificar o processo interno de desenvolvimento de nosso país no sentido do comunismo.

A tese do camarada Stálin sobre a ação recíproca entre as contradições internas e externas tem importante significação metodológica para todas as ciências. As contradições internas são as fundamentais, as contradições motrizes. As contradições internas são a fonte do desenvolvimento de determinado objeto ou fenômeno. As

contradições externas, embora não possam modificar a lei geral dos processos internos do desenvolvimento das coisas, objetos e fenômenos, são fatores ativos que os influenciam. As contradições externas podem criar novas correlações entre as forças contraditórias internas, em conformidade com o tipo de desenvolvimento, o papel, o objetivo e o caráter dos fatores externos.

Contradições Antagônicas e Não-Antagônicas

No estudo da vida social devemos distinguir dois tipos de contradições: as antagônicas e as não-antagônicas. Estas contradições diferenciam-se essencialmente uma da outra pelo seu caráter.

As contradições antagônicas são inerentes à sociedade dividida em classes hostis; crescem e se aprofundam continuamente, levando em última instância à explosão, à revolução. As contradições não-antagônicas, pelo contrário, são contradições que não têm por base classes hostis com irreconciliáveis interesses de classe. Por isso, se a principal particularidade das contradições antagônicas é a necessidade de sua solução violenta por meio da revolução, por meio da abolição da base que dá origem a essas contradições, já as contradições não-antagônicas não exigem esse método para sua solução. Podem ser resolvidas por outros recursos e meios.

A base econômica das contradições sociais antagônicas é a propriedade privada dos meios de produção e a exploração do homem pelo homem. A contradição fundamental do capitalismo — a contradição entre o trabalho e o capital — é uma contradição antagônica. Só se pode resolver essa contradição levando a luta de classes do proletariado à revolução socialista. O levante armado contra os capitalistas, a tomada pelo proletariado do poder estatal, a instauração

da ditadura do proletariado, a liquidação da burguesia como classe, a construção do socialismo — esse o caminho para a solução das contradições antagônicas entre o proletariado e a burguesa. Após tomar o poder, o proletariado acaba com a propriedade privada dos meios de produção e com as classes exploradoras, abolindo assim a fonte de todos os antagonismos sociais.

Caracterizando as contradições antagônicas inerentes ao capitalismo e indicando que o capitalismo se enredou em contradições que não node resolver, o camarada Stálin afirma:

> "Isto quer dizer que as relações de produção capitalistas deixaram de corresponder ao estado das forças produtivas da sociedade e entraram em irreconciliável contradição com elas.

Isto quer dizer que o capitalismo traz consigo a revolução, uma revolução que está destinada a substituir a atual propriedade capitalista dos meios de produção pela propriedade socialista.

> Isto quer dizer que a característica fundamental do regime capitalista é a mais aguda luta de classes entre exploradores e explorados."(20)

As contradições antagônicas manifestam-se também no domínio da ideologia. A ideologia burguesa e a ideologia socialista são irreconciliáveis. A ideologia burguesa reflete os interesses de um pequeno grupo de exploradores. A ideologia socialista expressa os interesses de centenas de milhões de trabalhadores.

A ideologia burguesa tem por objetivo manter e eternizar a exploração do homem pelo homem e a divisão da sociedade em exploradores e explorados. A ideologia socialista visa a abolir a exploração do homem pelo homem e a liquidar as diferenças de

classes.

A ideologia burguesa visa a manter e consolidar o atual regime explorador — o capitalismo. A ideologia socialista arma as massas trabalhadoras na luta pela abolição do capitalismo e a construção do comunismo.

A ideologia burguesa é a ideologia do feroz nacionalismo e do ódio racial. A ideologia socialista é a ideologia da igualdade de direitos entre as raças e nacionalidades, a ideologia da amizade entre os povos.

São duas ideologias opostas que refletem dois mundos, dois sistemas — o obsoleto sistema do capitalismo e o sistema do socialismo, que se desenvolve e se fortalece continuamente.

Na sociedade dividida em classes as contradições antagônicas existem em todos os domínios da vida social — na economia, na política e na ideologia. Têm sua expressão no desenvolvimento de uma feroz luta de classes.

V. I. Lênin exigiu por mais de uma vez a revelação de todas as formas de antagonismo e de exploração existentes sob o capitalismo, de forma a ajudar o proletariado a resolvê-las por via revolucionária.

As contradições antagônicas são inerentes apenas à sociedade dividida em exploradores e explorados. V. I. Lênin afirma que não se pode considerar como idênticos o antagonismo e a contradição. Desmascarando as concepções antimarxistas do inimigo do povo Bukharin, Lênin afirma que o antagonismo e a contradição não são a mesma coisa e que no socialismo o primeiro desaparece e a segunda permanece.

Após a Grande Revolução Socialista de Outubro, no período de

transição ao socialismo, ainda havia na URSS contradições antagônicas entre os trabalhadores e a burguesia, já derribada, mas ainda não liquidada. Só foi possível solucionar essas contradições por meio do esmagamento e da liquidação da burguesia da cidade e do campo.

No país dos Sovietes, as contradições antagônicas manifestavam-se e eram solucionadas em condições particulares, diferentes das que existem na sociedade exploradora. Se, no capitalismo, por exemplo, as contradições antagônicas existem em condições de domínio do velho sobre o novo, já na URSS a situação dominante cabia ao novo e não ao velho. Foi por isso que a superação das contradições antagônicas processou-se não por meio da liquidação das bases do regime existente, como acontece no capitalismo, mas, ao contrário, por me''o do fortalecimento e do desenvolvimento das bases do socialismo. A supressão das classes exploradoras e, inclusive, a liquidação da última classe exploradora — os culaques — não se realizou em nosso país em conflito com a política do poder soviético, mas, ao contrário, por iniciativa do poder soviético, com o apoio de baixo, das amplas massas dos trabalhadores.

A liquidação dos culaques como classe, na base da coletivização total, acabou dentro do país, com as últimas fontes de restauração do capitalismo. Criaram-se as condições decisivas indispensáveis à construção da economia nacional, de caráter socialista.

Caracterizando esta nova forma de superação das contradições, forma inerente apenas à época da construção do socialismo, o camarada Stálin observa que

> "foi uma transformação revolucionária das mais profundas (...)” e que "a originalidade dessa revolução residiu em que foi realizada de cima, por iniciativa do poder estatal, apoiada diretamente de

> baixo, por milhões de camponeses que lutavam contra a escravidão exercida pelos culaques e em prol da vida colcosiana livre."(21)

Elevando a nível superior a dialética marxista e enriquecendo-a com a nova experiência da construção do socialismo, o camarada Stálin revelou a diversidade dos meios para a liquidação das contradições, demonstrou que esses meios dependem diretamente do tipo de desenvolvimento, do caráter das contradições e das condições históricas concretas.

Na sociedade soviética, já no período de transição ao socialismo, atuavam, ao mesmo tempo que as contradições antagônicas, contradições novas, de caráter não-antagônico.

Exemplo desse tipo de contradições foram as contradições entre o proletariado e o campesinato. Por que eram não- -antagônicas essas contradições? Porque, além das contradições, o proletariado e o campesinato tinham ainda interesses gerais comuns quanto aos problemas fundamentais do desenvolvimento social, interesses que suplantavam essas contradições e constituíam a base para a aliança entre os operários e os camponeses.

No período da construção do socialismo, a justa compreensão do caráter das diferentes contradições e dos meios para so1ucioná-las tem enorme importância política e prática. É sabido que os vis inimigos do socialismo — os trotskistas — defendiam a teoria contrarrevolucionária do caráter antagônico das contradições entre o proletariado e o campesinato. Desmascarando as considerações contrarrevolucionárias dos trotskistas, o camarada Stálin afirma que

> "a política de desacordo com o camponês médio leva a atirar a maioria do campesinato nos braços dos culaques (...). Realizar

> uma política de dissenção com a maioria do campesinato significa desencadear a guerra civil no campo, dificultar o fornecimento à nossa indústria de matérias-primas agrícolas (algodão, beterraba, linho, couros, lã, etc.), desorganizar o suprimento de produtos agrícolas à classe operária, minar as próprias bases de nossa indústria leve, prejudicar todo o nosso trabalho de construção, prejudicar todo o nosso plano de industrialização do pais."(22)

A superação das contradições não-antagônicas entre a classe operária e o campesinato não se realizou em nosso país por meio da violência, mas pela reeducação, pelo rompimento com as velhas tradições, por meio do convencimento dos camponeses das vantagens do regime colcosiano. A classe operária, sob a direção do Partido de Lênin e Stálin, assegurou todas as condições para a passagem voluntária dos camponeses ao novo caminho, o caminho socialista, e ajudou as massas trabalhadoras do campo a realizar essa passagem.

Uma das contradições não-antagônicas do período de passagem do capitalismo ao socialismo foi a contradição entre o avançado regime social e estatal de nossa pátria e a atrasada técnica que existia no país nos primeiros anos do poder soviético.

Para a solução dessa contradição o Partido bolchevique, orientando-se pelas indicações do camarada Stálin, propôs ao povo soviético a tarefa de alcançar e ultrapassar tecnicamente os países capitalistas desenvolvidos e proporcionar, assim, uma técnica de vanguarda ao regime socialista avançado. Esta tarefa foi realizada em prazos históricos extremamente curtos.

Todavia, a utilização da técnica avançada e a industrialização socialista de nossa pátria verificaram-se num ambiente de intensa luta de classes contra os inimigos internos e externos, de modo que nesse

período as contradições não-antagônicas ainda se entrelaçavam estreitamente com as contradições antagônicas.

Durante a construção do socialismo surgiu uma nova contradição que se expressou no atraso da pequena economia camponesa em relação à indústria socialista. A indústria, desenvolvendo-se segundo as leis da reprodução socialista ampliada, marchava a passos de gigante. A agricultura se atrasava cada vez mais em relação à indústria, porque a pequena economia camponesa não é capaz de desenvolver-se segundo as leis da reprodução ampliada. Nem sempre tem sequer a possibilidade de realizar a reprodução simples.

Caracterizando essa contradição, que surgira no processo da transformação socialista de nosso país, no processo da luta do novo contra o velho, o camarada Stálin afirmou em 1929:

> "Poderemos conseguir que nossa indústria socialista avance mais depressa, a ritmo acelerado, dispondo-se de uma base agrícola como a pequena economia camponesa, incapaz de realizar reprodução ampliada e que é, além disso, a força predominante em nossa economia nacional? Não, não poderemos. Poderemos, porventura, num período mais ou menos longo. apoiar o poder soviético e a construção do socialismo em duas bases diferentes — a da grande indústria socialista unificada e a de uma pequena economia camponesa bastante dispersa e atrasada? Não, não poderemos."(23)

Orientando-se pelas sábias indicações do camarada Stálin, nosso Partido e o povo soviético venceram com êxito essa contradição. O Partido de Lênin e Stálin indicou o caminho socialista de desenvolvimento do campo — caminho que levou à unificação das pequenas economias camponesas em grandes economias coletivas, armadas com uma técnica e uma ciência agrícolas avançadas e que

transformou os camponeses trabalhadores em participantes ativos da construção do socialismo. Definindo com acerto o caráter das contradições e apresentando os métodos justos para sua superação, o Partido Comunista realizou a política leninista-stalinista de industrialização do país e de coletivização da agricultura.

O modo de produção socialista, como demonstrou o camarada Stálin, caracteriza-se pela inteira correspondência entre as forças produtivas e as relações de produção, porque o caráter social do processo de produção é reforçado pela propriedade social dos meios de produção. As relações dos homens entre si no processo da produção não têm na sociedade socialista o caráter de relações antagônicas, mas de solidariedade; não de inimizade, mas de cooperação fraternal. O camarada Stálin afirma:

> "A particularidade da sociedade soviética da época atual — particularidade que a distingue de qualquer sociedade capitalista — está em que nela não há mais classes antagônicas, classes hostis; as classes exploradoras foram liquidadas e os operários, os camponeses e os intelectuais, que constituem a sociedade soviética, vivem e trabalham de acordo com os princípios da cooperação fraternal."(24)

O camarada Stálin demonstrou que na base dessa unidade se desenvolveram forças motrizes como a unidade moral e política da sociedade soviética, a amizade entre os povos da URSS e o patriotismo soviético.

Em tais condições, nas condições da unidade moral e política de todo o povo soviético, da amizade entre as nações socialistas, da cooperação fraternal entre os povos, não há e não pode haver lugar para contradições antagônicas. São inerentes à sociedade socialista as contradições não-antagônicas, que não são superadas pela violência,

mas por meio da gradual atrofia dos elementos da velha qualidade. As contradições não-antagônicas não levam a explosões e são solucionadas no processo da atividade planificada e organizada dos trabalhadores, sob a direção do Estado socialista e do Partido Comunista.

A existência, na sociedade, de contradições antagônicas e não-antagônicas condiciona os diferentes meios de sua superação. A superação das contradições antagônicas só é possível por meio da abolição revolucionária da base desse antagonismo. A superação das contradições não-antagônicas, contrariamente, verifica-se no quadro da ordem social existente e serve de meio para seu fortalecimento posterior.

O caráter revolucionário do método dialético marxista manifesta-se no modo científico e materialista de orientar a descoberta das contradições básicas, na capacidade de encontrar os meios justos de sua superação.

Os fundadores do marxismo ensinam que não basta encontrar as contradições; é preciso esforçar-se por superá-las completamente para assegurar a possibilidade de ininterrupto movimento progressivo.

A luta entre os contrários é a luta entre os aspectos progressista e conservador do desenvolvimento, a luta entre o novo e o velho no objeto, fenômeno, processo, etc., é a luta entre o positivo e o negativo, entre o que nasce e o que morre; é a mais variada, ampla e multiforme das lutas, que assume diferentes aspectos e formas.

Como resultado da luta entre forças e tendências opostas, da luta entre classes antagônicas, da luta entre as diferentes ideias e concepções, são abolidas as velhas relações sociais e econômicas,

desaparecem as velhas ideias e conceitos e criam-se outros, novos. A luta entre os contrários, a luta entre o novo e o velho, constitui a fonte, a força motriz do desenvolvimento progressivo da natureza, da sociedade e do pensamento.

A lei da luta entre os contrários, do desenvolvimento através das contradições, é uma lei universal, que atua também no socialismo. O camarada Stálin afirmou no XV Congresso do Partido:

> "(...) temos aqui o passado, o presente e o futuro, temos contradições entre os mesmos e não podemos progredir tranquilamente embalados pelas ondas da vida. Nosso progresso verifica-se através da luta, através do desenvolvimento das contradições, da superação dessas contradições, da revelação e liquidação dessas contradições."(25)

> "Em nosso país há sempre algo que morre. Aquilo que morre não quer morrer simplesmente, porém, e luta pela sua existência, defende sua causa obsoleta.
>
> Em nosso país surge sempre algo novo na vida. Aquilo que nasce não nasce simplesmente, porém, mas vocifera e grita, defendendo seu direito à existência.
>
> A luta entre o velho e o novo, entre o que morre e o que nasce, é a base de nosso desenvolvimento."(26)

A sociedade socialista saiu da sociedade capitalista e, por conseguinte, não pode deixar de haver nela traços, restos, sobrevivências do velho, da sociedade capitalista. É por isso que, no socialismo, existem contradições entre os novos princípios, as atividades, as ideias, as tarefas socialistas e as sobrevivências do capitalismo na consciência dos homens. Daí a necessidade histórica da abolição das nódoas inatas do capitalismo, da luta consequente contra os diferentes gêneros de influência da burguesia: o cosmopolitismo

burguês, o nacionalismo, etc.

Nesse sentido é necessário observar que a superação das contradições na sociedade socialista processa-se organizadamente. O grande partido de Lênin e Stálin, e o Estado soviético são a força dirigente e orientadora da luta do povo soviético contra todas as sobrevivências e restos do velho. O Partido Comunista da União Soviética e o Estado soviético contribuem ativamente para o crescimento do novo e sua vitória, contribuem ativamente para a abolição do velho, do reacionário.

A Crítica e a Autocrítica como Forma de Superação das Contradições Não-Antagônicas

Como resultado da vitória do socialismo na URSS surgiram novas leis dialéticas de desenvolvimento da sociedade soviética, leis específicas à formação econômico-social socialista. Essas leis foram generalizadas teoricamente, pela primeira vez, nos trabalhos do camarada Stálin.

O camarada Stálin descobriu uma nova lei dialética do desenvolvimento da sociedade soviética, lei que é a força motriz do desenvolvimento progressivo do inferior ao superior nas condições do socialismo e do comunismo: a crítica e a autocrítica. O camarada Stálin afirma que a crítica e a autocrítica são uma das forças decisivas no desenvolvimento da sociedade soviética.

No artigo *Contra o Rebaixamento da Palavra de Ordem de Autocrítica,* o camarada Stálin escreve que

> "o princípio da autocrítica remonta aos primórdios do bolchevismo em nosso país, aos dias que se seguiram

imediatamente a seu nascimento como corrente revolucionária independente no movimento operário."(27)

A atividade do Partido em relação à crítica e à autocrítica, arma invencível e de ação permanente do arsenal do bolchevismo, decorre da própria natureza do Partido Comunista, de seu espírito revolucionário, de seus objetivos finais, dos caminhos e meios de luta que utiliza, de sua intransigência para com todo conservantismo, rotina, estagnação e inércia.

Os partidos socialistas de direita do Ocidente, que se denominam "operários" e "socialistas", não passam, na realidade, de partidos burgueses. A natureza burguesa desses partidos, do Partido Trabalhista da Inglaterra, do Partido Socialista francês, etc., exclui a possibilidade da aplicação por eles do método que é peculiar aos autênticos partidos operários, o método da crítica e da autocrítica revolucionárias. Por isso, nesses partidos não há nem pode haver crítica e autocrítica. A crítica e a autocrítica a partir da base são fenômenos estranhos a esses partidos, porque eles, como agentes da burguesia no movimento operário, esforçam-se por ocultar suas concepções burguesas e dissimular o caráter real de sua política interna e internacional. Na realidade, tais partidos são defensores dos interesses do capital monopolista, dos interesses dos imperialistas. Neles, a crítica e a autocrítica são severamente perseguidas e banidas. Qualquer tentativa dos membros de base do Partido Trabalhista da Inglaterra ou do Partido Socialista francês de criticar a política interna e externa seguida pelos líderes desses partidos é sufocada por esses mesmos líderes e as pessoas que criticam são expulsas das fileiras do partido. A burguesia e os partidos burgueses — afirma o camarada Stálin — não suportam a crítica e a autocrítica, ocultam a verdade aos membros de base do Partido, ao povo, porque

> "basta que admitam uma autocrítica algo séria, uma crítica algo livre de suas próprias deficiências para que não reste pedra sobre pedra do regime burguês."(28)

O Partido bolchevique, o Partido de Lênin e Stálin, é o partido mais avançado e revolucionário do mundo. O Partido Comunista é o destacamento de vanguarda dos trabalhadores em sua luta pelo fortalecimento e desenvolvimento da sociedade socialista, pela construção do comunismo. Por isso, a crítica e a autocrítica, a capacidade de descobrir e corrigir com determinação as próprias deficiências e erros no interesse da luta revolucionária vitoriosa e da construção com êxito do comunismo é uma das características básicas do método do leninismo. O camarada Stálin ensina que

> "a palavra de ordem de autocrítica é a base de nossa ação partidária, um meio de fortalecimento da ditadura do proletariado, a alma do método bolchevique de educação dos quadros."(29)

No artigo *Contra o Rebaixamento da Palavra de Ordem de Autocrítica,* o camarada Stálin observa que a autocrítica bolchevique tem por objetivo o desenvolvimento do espírito de Partido, a consolidação do poder soviético e a melhoria do trabalho de construção do socialismo, a educação dos quadros e o fortalecimento da disciplina nó trabalho. A crítica e a autocrítica põem a nu os elementos negativos, as lacunas e deficiências, o caduco, tudo aquilo que freia o movimento progressivo da sociedade soviética.

O camarada Stálin nos ensina a distinguir com precisão a autocrítica bolchevique da crítica estranha e hostil. Se a crítica bolchevique tem por objetivo implantar o espírito de partido, fortalecer a causa do socialismo, educar os quadros no espírito das grandes ideias do comunismo, já a crítica hostil tem por objetivo quebrantar o espírito

de partido, solapar o poder soviético, enfraquecer o grandioso trabalho de luta pelo comunismo e desarmar ideologicamente os quadros construtores do comunismo.

O camarada Stálin escreve em carta a Chatunovski:

> "Criticai, por favor, mas criticai do ponto de vista de Lênin, e só desse ponto de vista, se quiserdes que vossa crítica seja produtiva."(30)

Em sua carta a Demian Biedni, o camarada Stálin demonstra, com exemplos tirados de algumas obras do mesmo, a que leva o esquecimento dos princípios bolcheviques sobre a crítica. Demian Biedni esqueceu-se ou não compreendeu as exigências da crítica e da autocrítica bolcheviques e não soube utilizar essa afiada arma para o fortalecimento do poder soviético.

O camarada Stálin revela a causa desse fenômeno:

> "(...) a critica das deficiências da vida, dos hábitos e dos costumes da URSS, crítica obrigatória e necessária, e que a princípio desenvolvestes de maneira bastante precisa e hábil, empolgou-vos além da medida e, então, começou a transformar-se, em vossas obras, em calúnia contra a URSS, contra seu passado e contra seu presente."(31)

O camarada Stálin afirma que Demian Biedni não compreendeu o grande sentimento de orgulho nacional e revolucionário dos operários russos e, em algumas de suas obras, perdeu-se no caminho da acusação infundada contra todo o passado histórico do povo russo. Condenando severamente esses elementos antipatrióticos na obra de Demian Biedni, o camarada Stálin afirma que

> "ao lado da Rússia reacionária existia também a Rússia revolucionária, a Rússia dos Radistchev e Tchernitchévski, dos

> Jeliaboc e Uliânov, dos Khalturin e Alexéiev. Tudo isso despertava (e não podia deixar de fazê-lo!) nos corações dos operários russos o sentimento do orgulho nacional e revolucionário, capaz de mover montanhas, de fazer milagres."(32)

Estabelecendo uma diferença fundamental entre a crítica e a autocrítica bolcheviques, de um lado, e a crítica estranha e hostil e as diferentes deturpações da crítica e da autocrítica, de outro lado, o camarada Stálin esclarece profundamente o papel produtivo da crítica e da autocrítica no desenvolvimento da sociedade socialista.

O camarada Stálin ensina que

> "não ressaltando e não revelando de maneira franca e honesta, como convêm a bolcheviques, as falhas e os erros em nosso trabalho, barramos a estrada ao nosso progresso. Nós queremos progredir, porém — afirma o camarada Stálin. — E justamente porque queremos progredir, devemos estabelecer como uma das nossas mais importantes tarefas a autocrítica honesta e revolucionária. Sem isso não há progresso. Sem isso não há desenvolvimento."(33)

Esse papel profundamente produtivo da crítica e da autocrítica decorre do fato de que, nas condições do socialismo, a crítica e a autocrítica são a forma de solução das contradições entre o novo e o velho. A crítica e a autocrítica surgiram no Partido Comunista nas condições do capitalismo, e serviam então à luta de classes, porque, sob o capitalismo, a luta de classes é o único meio de solucionar as contradições da sociedade. Já nas condições do socialismo vitorioso, a crítica e a autocrítica tornam-se um meio de solucionar as contradições do desenvolvimento social. A significação das teses do camarada Stálin sobre a crítica e a autocrítica como força motriz do desenvolvimento de nossa sociedade e como nova lei dialética da filosofia marxista-leninista

foi demonstrada por A. A. Jdânov em sua intervenção nos debates sobre a filosofia. A. A. Jdânov afirma:

> "Em nossa sociedade soviética, onde foram liquidadas as classes antagônicas, a luta entre o velho e o novo e, por conseguinte, o desenvolvimento do inferior ao superior, não se verifica sob a forma de luta entre classes antagônicas, de cataclismos, como acontece no regime capitalista, mas sob a forma de crítica e de autocrítica, que são uma autêntica força motriz de nosso desenvolvimento, um poderoso instrumento nas mãos do Partido. Trata-se, indubitavelmente, de um novo tipo de movimento, de um novo tipo de desenvolvimento, de uma nova lei dialética."(34)

A crítica e a autocrítica formam no homem soviético a atitude socialista em relação a seus deveres, reforçam o sentimento de responsabilidade para com o Partido, o Estado e o povo no setor de atividade que incumbe a cada qual. A crítica e a autocrítica desenvolvem a iniciativa dos construtores da sociedade comunista e elevam a vigilância em relação aos fenômenos estranhos e hostis à sociedade soviética, tanto no terreno da teoria como no da prática; desenvolvem uma elevada fidelidade aos princípios e o espírito de Partido na solução de todos os problemas.

A crítica e a autocrítica são poderoso meio de desenvolvimento da iniciativa criadora e do entusiasmo das massas laboriosas no trabalho, são condição necessária do desenvolvimento fecundo da ciência soviética. O camarada Stálin ensina que

> "nenhuma ciência pode desenvolver-se e florescer sem luta de opiniões, sem liberdade de crítica."(35)

Grande exemplo da crítica bolchevique, científica, é o trabalho do camarada Stálin *O Marxismo e os Problemas de Linguística*. Neste trabalho o camarada Stálin afirma que uma das causas decisivas da

estagnação da linguística era o regime de Araktchêev instaurado pelos adeptos de Marr, e a ausência de qualquer crítica e autocrítica científica. O camarada Stálin escreve:

> "(...) nas instituições de linguística, tanto no Centro como nas Republicas, reinava um regime incompatível com a ciência e os homens de ciência. A menor crítica sobre situação na linguística soviética e mesmo as mais tímidas tentativas de criticar a pretensa ‘nova doutrina' em linguística eram perseguidas e sufocadas por parte dos círculos dirigentes da linguística."(36)

A liquidação dessa situação anormal era a condição primordial para o desenvolvimento da linguística soviética. O genial trabalho do camarada Stálin *O Marxismo e os Problemas de Linguística* representou papel histórico também no sentido de que forneceu um modelo para a educação dos sábios soviéticos no espírito da atitude criadora em relação à ciência, no espírito da crítica e da autocrítica bolcheviques.

O Partido bolchevique e seu chefe, o camarada Stálin, ensinam que sem crítica e autocrítica é impossível o progresso em qualquer setor da atividade econômica e cultural. Nisto reside a importância da crítica e da autocrítica como lei dialética do desenvolvimento da sociedade soviética, como nova forma de superação das contradições, forma de luta do novo contra o velho.

A Luta Entre a Forma e o Conteúdo

Uma das variedades da luta entre os contrários, manifestação e expressão da universalidade dessa lei da dialética, é a luta entre o conteúdo e a forma.

Todos os objetos, fenômenos e processos possuem conteúdo e forma. Não há nem pode haver uma coisa, objeto ou fenômeno da

natureza ou da vida social que não tenha forma e conteúdo. Quaisquer que sejam os objetos e fenômenos que consideremos, sempre deparamos, de uma ou de outra maneira, com seu conteúdo e sua forma.

A determinado conteúdo concreto corresponde sempre uma forma concreta, historicamente constituída. Não há conteúdo em geral, mas somente o conteúdo concreto de determinados objetos, fenômenos, processos, etc. Não há forma em geral, mas somente a forma concreta de determinado conteúdo concreto. Cada conteúdo reveste uma forma típica particular. O novo conteúdo, recém-surgido, às vezes reveste temporariamente a velha forma, mas tarde ou cedo o novo conteúdo cria para si uma forma também nova.

Pondo em destaque a unidade existente entre a forma e o conteúdo, o materialismo dialético não estabelece, porém, um sinal de igualdade entre os mesmos. A dialética marxista afirma a primazia do conteúdo em relação à forma. O camarada Stálin escreve no trabalho *Anarquismo ou Socialismo?.*

> "(...) No processo do desenvolvimento, o conteúdo precede à forma, a forma se atrasa em relação ao conteúdo."(37)

A modificarão do objeto ou do fenômeno sempre começa com a modificarão, com o decenvo1v:mento do conteúdo. Com a transformação do conteúdo transforma-se também a forma. Por conseguinte, na contraditória ação recíproca entre o conteúdo e a forma o papel principal cabe ao conteúdo e não à forma.

A solução dialético-materialista do problema da primazia do conteúdo sobre a forma, sobre o papel ativo da forma, tem imensa significação para o estado dos fenômenos da natureza e da sociedade e

para agir sobre eles.

Nos trabalhos dos clássicos do marxismo encontramos numerosos exemplos que revelam que, ao solucionar numa situação histórica concreta os complexos problemas da vida e da luta da classe operária e de seu partido, é necessário operar-se dialeticamente com as categorias, forma e conteúdo, ressaltando-se a maior importância do conteúdo. Assim, por exemplo, no VI Congresso do Partido, fundamentando a necessidade da retirada temporária da palavra de ordem "Todo o poder aos Sovietes!" em virtude de os Sovietes, dirigidos na ocasião pelos mencheviques e social-revolucionários, se terem passado para o campo da burguesia, o camarada Stálin ressaltou que, naquele momento essa palavra de ordem devia ser retirada porque se é verdade que

> "os Sovietes são a forma mais adequada de organização da luta da classe operária pelo poder , "não é a forma de organização da instituição revolucionária, que leva a lançar uma palavra de ordem, mas o conteúdo que constitui a carne e o sangue dessa instituição."(38)

Esclarecendo seu pensamento, o camarada Stálin afirma que os bolcheviques deviam, antes de tudo,

> "apontar o conteúdo de classe, deviam esforçar-se por conseguir que as massas também distingam a forma do conteúdo."

A questão da forma, por mais essencial que seja, nunca deve encobrir o problema básico:

> "que classe deve tomar o poder nas mãos.''(39)

Em 1933, advertindo sobre o perigo de utilizarão dos colcoses pelos elementos hostis, o camarada Stálin lembrou novamente o papel

determinante do conteúdo, a dependência da forma em relarão a este ou aquele conteúdo. O camarada Stálin afirmou:

> "Tanto os colcoses como os Sovietes são uma grandiosa conquista de nos<a revolução, uma grandiosa conquista da classe operária. Mas os colcoses e os Sovietes são apenas a forma de organização socialista, é certo, mas sempre forma de organização. Tudo depende do conteúdo que for dado a esta forma."(40)

O camarada Stálin observa que os colcoses, como forma socialista de organizarão da economia, poderiam fazer milagres na construção econômicca se à sua frente estivessem autênticos revolucionários, se à sua frente estivessem os bolcheviques. E, ao contrário, poderiam transformar-se, em determinado período, em cobertura para todo gênero de ações contrarrevolucionárias, se fossem dirigidos por elementos antissoviéticos.

Assinalando o primado do conteúdo sobre a forma, o materialismo dialético frisa, ao mesmo tempo, a ação reversa da forma sobre o conteúdo.

Depois de surgir, a forma pode adquirir e, em regra geral, adquire uma relativa independência em seu desenvolvimento, o que, por sua vez, lhe permite influenciar o desenvolvimento do conteúdo.

Uma vez que a forma é ativa e influencia o desenvolvimento do conteúdo, para os marxistas-leninistas é, portanto, extremamente importante examinar as diferentes formas e o caráter de seu desenvolvimento.

Em seu trabalho *A Doença Infantil do "Esquerdismo" no Comunismo*, Lênin fornece um brilhante exemplo de como se deve

abordar dialeticamente o problema das formas de luta da classe operária.

Lênin afirma que os líderes da II Internacional — Kautsky, Otto Bauer e outros — sendo metafísicos, só se apoiavam nas velhas formas do movimento operário e não notavam que as velhas formas estavam cheias de um conteúdo novo, anti-proletário e reacionário. Por outro lado, os doutrinários de "esquerda” apoiavam-se na negação absoluta das velhas formas, sem ver que o novo conteúdo abria caminho através de todas e quaisquer formas.

Lênin ensina que a classe revolucionária deve dominar todas as formas da atividade social, deve estar preparada para a mais rápida e decisiva mudança de uma forma de luta para outra. É dever de todos os comunistas dominar todas as formas de luta que contribuem para a vitória da revolução proletária, aprender a completar, com a máxima rapidez, uma forma com outra, substituir uma por outra, adaptar sua tática a qualquer mudança de forma, mudança determinada pelas condições objetivas da luta das massas trabalhadoras contra o imperialismo. Lênin ressalta, nesse sentido, que o trabalho dos comunistas

> "tem um conteúdo tão sólido, tão vigoroso e poderoso (em prol do poder soviético, em prol da ditadura do proletariado), que pode e deve manifestar-se em qualquer forma, tanto nova como velha, pode e deve reviver, vencer, subordinar a si todas as formas, não só as novas, mas também as velhas, não para conformar-se com as velhas formas, mas para saber tornar todas e quaisquer formas, as novas e as velhas, instrumento da vitória total e definitiva, decisiva e irrevogável, do comunismo.”(41)

Nos trabalhos de Lênin e Stálin está fundamentada de maneira científica e materialista a unidade dialética entre o conteúdo e a forma, a

prioridade do conteúdo e o papel ativo da forma no desenvolvimento da vida social. A forma pode contribuir ativamente para o desenvolvimento do conteúdo. Diz-se, então, que há determinada correspondência entre o conteúdo e a forma. A forma pode atrasar-se em relação ao conteúdo e retardar seu desenvolvimento. Em tais casos a forma não corresponde ao conteúdo, torna-se um freio ao seu desenvolvimento. Essa falta de correspondência entre a forma e o conteúdo leva inevitavelmente ao conflito, à criação de uma nova forma que corresponda ao novo conteúdo.

Quando e em que casos ocorre conflito entre a forma e o conteúdo, e de que tipo é ele?

Na filosofia anterior a Marx, inclusive na de Hegel, falava-se habitualmente do conflito entre a forma e o conteúdo em geral. Os filósofos do período anterior a Marx não compreendiam que é necessário considerar determinada forma e determinado conteúdo. Na realidade, vemos que o conteúdo já formado ultrapassa a velha forma e que a forma se atrasa em relação ao conteúdo. Por isso,

> "o conflito existe não entre o conteúdo e a forma em geral, mas entre a velha forma e o novo conteúdo (...)" (Stálin).

Na literatura filosófica anterior a Marx o conflito entre a forma e o conteúdo era resolvido por meio da conciliação das contradições entre os mesmos, enquanto o materialismo dialético demonstrou que o confuto entre a forma e o conteúdo é resolvido pela luta entre a velha forma e o novo conteúdo, que no processo de desenvolvimento verifica-se

> "a abolição da forma e a transformação do conteúdo." (Lênin).

O camarada Stálin foi o primeiro, na literatura marxista, a

esclarecer a questão da possibilidade de correspondência total entre a forma e o conteúdo. Se o conteúdo é avançado, progressista, e se a forma expressa com acerto determinado conteúdo concreto e, em seu desenvolvimento, modifica-se em conjunto e de acordo com ele, essa forma pode corresponder inteiramente a seu conteúdo. Um exemplo frisante que ilustra essa tese é a correspondência total existente na URSS entre as forças produtivas — o conteúdo — e as relações de produção — a forma. A forma corresponde inteiramente a seu conteúdo. Nesse sentido é tal a dialética da ação recíproca entre as forças produtivas do socialismo e as relações de produção que a forma, as relações de produção, são um fator que contribui para o desenvolvimento do conteúdo, as forças produtivas, isto é, é uma forma que se aperfeiçoa constantemente em conjunto com o desenvolvimento e a transformação de seu conteúdo.

São essas as variadas e dialéticas relações mútuas entre a forma e o conteúdo.

A Significação da Doutrina Dialética da Luta entre os Contrários para a Atividade Prática do Partido Comunista

O genial trabalho do camarada Stálin *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico* é um notável modelo de combinação entre as teses teóricas gerais do materialismo dialético e histórico e as conclusões revolucionárias práticas que decorrem dessas teses. Em suas clássicas definições das características básicas do método dialético marxista, particularmente da lei do desenvolvimento através da luta entre os contrários, o camarada Stálin revela a ligação interna entre as teses teóricas do marxismo-leninismo e as tarefas

práticas que se apresentam ao Partido Comunista, à classe operária e a toda a humanidade progressista.

O camarada Stálin escreve:

> "Se o processo de desenvolvimento é um processo de revelação das contradições internas, um processo de choques entre forças contrapostas, base dessas contradições, choques que têm por fim superá-las, é evidente que a luta de classes do proletariado e um fenômeno perfeitamente natural e inevitável.
>
> Isto quer dizer que não devemos dissimular as contradições do regime capitalista, mas revelá-las e aprofundá-las, que não devemos amainar a luta de classes, mas levá-la até o fim.
>
> Isto quer dizer que em política, para não nos enganarmos, é preciso realizar uma política proletária, de classe, intransigente, e não uma política reformista, de harmonia entre os interesses do proletariado e os da burguesia, uma política conciliadora de 'integração' do capitalismo no socialismo."(42)

A história do desenvolvimento do movimento revolucionário do proletariado, a história da luta do partido de Lênin e Stálin pela derribada do capitalismo, pela instauração da ditadura do proletariado e a construção do socialismo nos apresenta numerosos exemplos que revelam a imensa significação prática da lei dialética da luta entre os contrários na vida social.

Aplicando praticamente a lei da luta entre os contrários, V. I. Lênin e J. V. Stálin descobriram a essência dos fenômenos sociais mais contraditórios, das mais complexas situações históricas concretas e sempre encontraram a solução revolucionária, a única justa e consequente.

Aplicando praticamente essa lei da dialética marxista, que é

universal e a mais profunda das leis, V. I. Lênin e J. V. Stálin estabeleceram que na luta entre duas classes opostas e antagônicas — o proletariado e a burguesia — o maior perigo reside na política conciliadora dos reformistas e dos oportunistas, porque a política de conciliação entre o proletariado e a burguesia, a política reformista, quer se apresente de forma franca ou dissimulada, é uma política de traição aos interesses da classe operária, é uma política de defesa e de salvaguarda do regime capitalista.

O camarada Stálin ensina que sem derrotar os partidos conciliadores que atuam nas fileiras da classe operária e que empurram as camadas atrasadas da classe operária para os braços da burguesia é impossível a vitória da revolução proletária e a construção do socialismo.

O Partido da classe operária não pode exercer o papel de organizador e dirigente da revolução proletária, o papel de construtor da nova sociedade, a socialista, sem uma luta intransigente contra os oportunistas, contra os diferentes grupos capitulacionistas em suas fileiras, sem a liquidação desses grupos.

A história do desenvolvimento do partido de Lênin e Stálin, bem como a história do desenvolvimento dos Partidos Comunistas nos países de democracia popular demonstram que os diferentes grupos oportunistas dentro do Partido, lutando contra os princípios marxistas-leninistas do Partido, lutando contra o Partido, terminam como os representantes dos partidos pequeno-burgueses e se transformam em espiões, sabotadores, assassinos, diversionistas e traidores da pátria.

Assim aconteceu com os mencheviques, os social-revolucionários, os trotskistas, os bucarinistas e os nacionalistas

burgueses em nosso país.

Os insignificantes grupelhos de traidores da classe operária nos Partidos Comunistas da Bulgária, Hungria, Tchecoslováquia, Polônia e outros países transformaram-se também em agentes dos serviços de espionagem americanos e ingleses.

A experiência dos Partidos Comunistas e Operários de todos os países ensina que a intransigente política de classe do proletariado e a luta implacável contra o reformismo e o oportunismo são uma lei do desenvolvimento do movimento revolucionário.

A grande lei da dialética marxista, habilmente aplicada na atividade prática, serve aos Partidos Comunistas de todos os países como aguda arma em sua luta contra a burguesia e seus agentes.

Se o método dialético marxista ensina que a fonte e a força motriz do desenvolvimento progressivo é a luta entre o novo e o velho, então dessa tese teórica da dialética marxista tira-se a importante conclusão prática de que a luta entre o novo e o velho é uma das variadas formas de manifestação da luta entre os contrários, e de que a luta entre ambos leva, finalmente, à vitória do novo sobre o velho. Por conseguinte, para não nos enganarmos na política e na ciência, é necessário que nos orientemos no sentido do novo, do progressista, no sentido do que cresce e se desenvolve, embora inicialmente ainda não seja grande seu peso específico. É necessário analisar o presente do ponto de vista de seu futuro desenvolvimento, porque

"a única coisa insuperável é o que nasce e se desenvolve."(43)

A doutrina marxista-leninista do desenvolvimento como luta entre os contrários arma ideologicamente os trabalhadores e os explorados

de todo o mundo, ilumina para centenas de milhões de homens o caminho pelo qual podem libertar-se da escravidão capitalista, o caminho para a vitória da autêntica democracia e do socialismo, para a instauração da paz entre os povos.

Dominando com mestria a poderosa arma de conhecimento e de transformação da realidade, a dialética marxista, e aguçando constantemente essa arma, o Partido de Lênin e Stálin leva vitoriosamente o povo soviético para o comunismo. O Partido bolchevique educa os homens soviéticos no espírito da valentia e da certeza na vitória do comunismo, educa nos homens soviéticos a aptidão e a habilidade para superar quaisquer dificuldades e quaisquer obstáculos que se apresentem em seu caminho. Mobilizando os cidadãos soviéticos para a superação do velho e para o desenvolvimento do novo, o Partido de Lênin e Stálin reforça a unidade e o caráter monolítico da sociedade socialista e fortalece o poderio do Estado soviético, invencível baluarte do socialismo e da democracia, baluarte da paz em todo o mundo.

A Materialidade do Mundo e as Leis de Seu Desenvolvimento

N. F. Ovtchinnikov

O materialismo filosófico marxista interpreta de maneira científica e materialista os fenômenos da natureza e da sociedade. O materialismo filosófico marxista é, por sua base, diretamente oposto a todas as variedades do idealismo filosófico.

Caracterizando o materialismo filosófico marxista, J. V. Stálin formula suas características básicas, nas quais revela todo o conteúdo da teoria materialista como parte orgânica do materialismo dialético, que é a concepção do mundo do partido marxista-leninista,

O camarada Stálin dá uma formulação clássica da primeira característica básica do materialismo filosófico marxista:

> "Em oposição ao idealismo, que considera o mundo como encarnação da 'ideia absoluta', do 'espírito universal', da 'consciência', o materialismo filosófico de Marx parte do princípio de que o mundo é, pela sua natureza, material; de que os múltiplos e variados fenômenos do mundo representam diferentes aspectos da matéria em movimento; de que a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos, revelados pelo método dialético, são as leis do desenvolvimento da matéria em movimento; de que o mundo se desenvolve de acordo com as leis do movimento da matéria e não necessita de nenhum 'espirito universal'."(1)

Durante toda a história da filosofia a questão da materialidade do mundo foi e continua a ser objeto de intensa luta entre o materialismo e o idealismo. O idealismo visa a reduzir a diversidade dos fenômenos do

mundo a um certo princípio espiritual, a "ideia absoluta”, a “consciência", as "sensações”, etc.

A questão básica da filosofia, em torno da qual se trava luta intransigente entre o materialismo e o idealismo, é a questão da relação mútua entre o ser e o pensamento, a matéria e a consciência. A justa solução materialista da questão básica da filosofia, solução que afirma a materialidade do mundo e a objetividade das leis de seu desenvolvimento, é demonstrada por toda a marcha do desenvolvimento da filosofia e das ciências naturais.

A primeira característica do materialismo filosófico marxista considera a questão da unidade do mundo, generaliza a doutrina marxista-leninista da matéria, afirma a objetividade das formas de existência da matéria — movimento, espaço e tempo; considera a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos como leis do desenvolvimento da matéria em movimento, inerentes ao próprio mundo material, independentemente de nossa consciência.

A Unidade do Mundo esta em sua Materialidade

Insistindo na existência objetiva do mundo, o materialismo filosófico marxista ressalta sua unidade. A unidade do mundo está em sua materialidade. Somente a matéria em movimento é a base e a fonte de tudo o que existe. No mundo nada há além de matéria em movimento, em suas diversas manifestações.

Os inúmeros fenômenos do mundo que nos cerca têm uma natureza material única, decorrem do movimento da própria matéria e não necessitam de nenhumas forças "espirituais” estranhas à matéria. A própria consciência é um atributo da matéria altamente organizada.

Demonstrando que o mundo é, por sua natureza, material, o materialismo filosófico marxista opõe-se diretamente ao idealismo que considera o mundo como uma encarnação da "ideia absoluta”, do "espírito universal”, da "consciência”, etc. O idealismo vê a unidade do mundo nessa redução de todos os diversos fenômenos à "ideia absoluta”, ao "espírito universal”, à "consciência”. Para os idealistas o mundo é, por sua natureza, ideal e necessita, para existir, de forças particulares, não materiais.

Ao contrário do monismo idealista, a filosofia marxista coloca na base de sua teoria materialista o reconhecimento de um único princípio *material* para todas as coisas e processos do mundo que nos cerca. Respondendo à pergunta: Que é o mundo por sua natureza?, a filosofia marxista formula uma tese materialista fundamental — o mundo é, por sua natureza, material.

Sendo, por sua base, diretamente oposto ao idealismo, o materialismo filosófico marxista rejeita com firmeza todos os sistemas filosóficos dualistas que partem do reconhecimento de dois princípios, o espiritual e o material. O materialismo filosófico marxista desenvolve, da maneira mais consequente e profunda, o monismo materialista, a ideia da unidade material do mundo.

A filosofia materialista sempre se apoiou e se apoia no desenvolvimento dos conhecimentos alcançados pelas ciências naturais. O insuficiente nível de desenvolvimento da ciência e o estreito ponto de vista de classe dos filósofos materialistas do passado, o caráter contemplativo e metafísico de seu mate- rialismo, sua incapacidade de estender consequentemente a concepção materialista do mundo ao domínio dos fenômenos sociais, condicionam a estreiteza do materialismo anterior a Marx em seu modo de abordar a unidade

material do mundo.

Os materialistas da antiguidade, por exemplo, tentavam reduzir todos os variados aspectos da matéria a um dos seus aspectos e manifestações concretas particulares (fogo, ar, água, etc.) tomados ao acaso. O materialismo primeiro e espontâneo dos antigos procura a unidade da natureza

> "(...) em algo nitidamente físico, num corpo particular, como Thales na água."(2)

Nos séculos XVII e XVIII, na época do domínio do mecanicismo, os filósofos materialistas representavam a matéria como átomos imutáveis e sem diferenças qualitativas, cujo movimento se subordinava às leis da mecânica. O materialismo metafísico e ao mesmo tempo mecanicista da filosofia anterior a Marx via a prova da unidade material do mundo na possibilidade, por ele pressuposta, de redução de todos os variados fenômenos da natureza ao simples movimento mecânico de corpos materiais.

No processo de desenvolvimento das ciências naturais foram descobertas e estudadas formas novas, qualitativamente peculiares, do movimento da matéria. Revelou-se a impossibilidade da redução dos fenômenos eletromagnéticos, químicos, biológicos e outros fenômenos do mundo material aos fenômenos mecânicos. Tudo isso levou à necessidade de fundamentar de maneira nova, de acordo com as novas conquistas da ciência, a ideia da unidade material do mundo.

Resolvendo essa tarefa histórica, K. Marx e F. Engels criaram a filosofia materialista monista, que parte de um princípio único para a explicação de todos os fenômenos da natureza e da sociedade.

Elaborando o materialismo dialético, Marx e Engels

fundamentaram a compreensão da unidade do mundo, apoiando-se em toda a história da ciência e em particular nas grandes descobertas das ciências naturais do século XIX. Marx e Engels desferiram um golpe esmagador no idealismo, nas tentativas idealistas de procurar a unidade do mundo em certo princípio "espiritual” ou de deduzi-la da capacidade que o pensamento humano tem de unificar as coisas.

Criticando Dühring, Engels demonstra que o simples reconhecimento da existência do mundo está longe de ser suficiente para a solução do problema da unidade do mundo. A unidade do mundo não pode consistir simplesmente em sua existência, porque o conceito de existência pode ter diversos conteúdos, inclusive um conteúdo idealista.

Engels demonstra que a autêntica unidade do mundo está em sua materialidade e que a materialidade do mundo é demonstrada por todo o prolongado e difícil desenvolvimento da filosofia e das ciências naturais.(3) A unidade material do mundo é confirmada pelos resultados das ciências concretas.

Apoiando-se nos dados fornecidos pela ciência de sua época, Engels demonstra que as ciências naturais revelam cada vez mais a unidade entre todos os processos da natureza. A lei da conservação e da transformação da energia expressa uma conexão indissolúvel e única entre diferentes fenômenos físicos. A descoberta da célula serviu de prova da unidade entre os organismos vegetais e animais. A teoria de Darwin descobriu as leis gerais da evolução dos organismos, demonstrando que todos os organismos vivos surgiram como resultado do processo natural e não necessitam, para a explicação de sua origem, da existência de qualquer força divina.

Em novas condições históricas e em ligação com a revolução verificada nas ciências naturais em fins do século XIX e começo do século XX, V. I. Lênin, baseando-se nos novos dados fornecidos pelas ciências naturais, fundamentou a ideia da unidade material do mundo. Desenvolvendo a tese de Engels sobre a unidade do mundo, V. I. Lênin observa que

> "só podemos considerar como 'unos' as coisas, propriedades, fenômenos e ações que são unos na realidade objetiva"(4)

Lênin afirma:

> "Engels demonstrou, com o exemplo de Dühring, que uma filosofia algo consequente pode deduzir a unidade do mundo ou do pensamento — mas então ela é impotente diante do espiritualismo e do fideismo (...) e seus argumentos inevitavelmente se reduzem-na frases de embuste — ou da realidade objetiva que existe fora de nós, há muito tempo em gnosiologia chama-se matéria e é estudada pelas ciências naturais."(5)

Apoiando-se nos dados da ciência de sua época, V. I. Lênin desenvolve a tese da unidade do mundo, ligando-a ao princípio do desenvolvimento da matéria.

Lênin afirma:

> "O principio geral do desenvolvimento precisa ser ligado, unido e coincidido com o principio geral da unidade do mundo, da natureza, do movimento, da matéria, etc."(6)

A unidade do mundo manifesta-se no desenvolvimento das coisas e fenômenos do mundo objetivo, que estão reciprocamente vinculadas e que atuam uns sobre os outros. Em seu desenvolvimento a matéria alcança um grau tão elevado de organização que dá origem à

consciência. Sendo uma propriedade da matéria altamente organizada, a consciência reflete e conhece a realidade material.

Em seu trabalho *Anarquismo ou Socialismo?,* J. V. Stálin frisa que a natureza é una e indivisível. Embora sendo una e indivisível, existe em duas formas diferentes, a material e a ideal. Todavia, ambas essas formas são manifestação da matéria una. Ao contrário dos dualistas que separam o ideal do material e negam sua estreita ligação, J. V. Stálin ressalta o monismo da teoria materialista. O camarada Stálin afirma:

> "A natureza una e indivisível expressa-se em duas formas diferentes: a material e a ideal; a vida social una e indivisível se expressa em duas formas distintas: a material e a ideal; eis como devemos considerar o desenvolvimento da natureza e da vida social. Tal é o monismo da teoria materialista."(7)

No trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico,* J. V. Stálin apresenta uma formulação clássica das características básicas do materialismo filosófico marxista, particularmente da tese inicial do materialismo filosófico marxista — sua primeira característica. J. V. Stálin liga diretamente a primeira característica do método dialético marxista à primeira característica do materialismo filosófico marxista, à tese da unidade material do mundo, fazendo a demonstração de que:

> "a conexão mútua e a interdependência dos fenômenos, reveladas pelo método dialético, são as leis do desenvolvimento da matéria em movimento; de que o mundo se desenvolve de acordo com as leis do movimento da matéria e não necessita de nenhum 'espírito universal'."(8)

Todo o acervo de fatos fornecidos pela ciência moderna confirma a tese da unidade material do mundo. A astronomia moderna demonstra que a Terra é um dos planetas do sistema solar. Os corpos celestes —

planetas, cometas, asteroides — estão subordinados às mesmas leis do movimento que regem o movimento da Terra. Nas condições vigentes na superfície da Terra atuam leis que operam também em todo o sistema solar. O fenômeno da queda de uma pedra, por exemplo, verifica-se sob a influência da mesma força de gravitação que condiciona as leis do movimento dos planetas em torno do Sol.

A astronomia moderna revelou não só a unidade das leis do movimento dos corpos celestes como também, por meio da análise espectral e outros modernos métodos científicos, a unidade de sua composição química.

Está provado que em todos os corpos celestes conhecidos pela astronomia não há nenhum elemento químico que não exista na Terra. Acha-se também estabelecido que os meteoritos que caem sobre a Terra compõem-se dos mesmos elementos químicos que existem na Terra.

Se a ciência vier a descobrir nos corpos celestes novos elementos químicos, desconhecidos até agora, isso de forma alguma abalaria o princípio da unidade material do mundo e significaria apenas a ampliação de nossos conhecimentos a respeito da estrutura da matéria. A ciência moderna dispõe de meios suficientes para explicar as condições físico-químicas concretas de existência dos elementos e sempre poderá descobrir novos elementos na Terra ou consegui-los artificialmente, nas condições de laboratório.

A unidade do mundo manifesta-se também em que as leis de estrutura dos átomos dos elementos químicos são, em suas características essenciais, idênticas em toda parte.

A química moderna esclareceu a estrutura dos átomos dos

elementos químicos e demonstrou que podem transformar-se um no outro. O sistema periódico de Mendelêiev demonstrou que os diferentes elementos químicos estão unidos por uma lei única, que governa sua modificação e transformação recíprocas. Nessa modificação dos elementos químicos revela-se claramente a unidade material do mundo, porque o próprio fato da transformação recíproca de objetos materiais atesta que na base de todas essas transformações está a matéria una.

Toda a inesgotável variedade dos diferentes aspectos da matéria e das diferentes formas de seu movimento representa um sistema único e regular, no qual as ciências naturais descobrem não só leis específicas, mas também as leis gerais do movimento. Uma lei que tem caráter geral é, por exemplo, a lei da conservação e da transformação da energia, que V. I. Lênin chama de "*confirmação das teses básicas do materialismo (...)*"(9). Esta lei demonstra que os diferentes fenômenos físicos (eletricidade, calor, movimento mecânico, etc.) são formas específicas do movimento da matéria una em sua base, porque essas formas passam por eternas e ininterruptas transformações qualitativas, transformações em que há conservação quantitativa do movimento da matéria.

A lei da conservação e da transformação da energia vigora também no domínio dos fenômenos biológicos. Com seus trabalhos sobre a fotossíntese vegetal, K. A. Timiriázev demonstrou a aplicabilidade dessa lei às plantas. Demonstrou, assim, que a lei da conservação e da transformação da energia vigora tanto no mundo inorgânico como no mundo orgânico. Embora possuam suas leis específicas de desenvolvimento, os organismos químicos subordinam-se às leis gerais do desenvolvimento da matéria. Essa descoberta desferiu rude golpe nas concepções idealistas sobre os diferentes

gêneros de "forças vitais” que pretensamente governariam o desenvolvimento dos organismos vivos.

A biologia mitchuriniana demonstrou que o desenvolvimento dos organismos vivos não necessita de nenhuma força espiritual, da "substância hereditária” imaterial. As particularidades qualitativas específicas dos organismos consistem em sua capacidade de exigir determinadas condições necessárias, em sua propriedade de reagir de determinada maneira sobre essas condições e reelaborá-las. Os organismos vivos existem em unidade indissolúvel com as condições ambientes, que incluem a natureza inanimada e representam a unidade entre determinada forma orgânica e as condições de existência.

Criando a doutrina materialista da atividade nervosa superior, I. P. Pávlov partiu da importante tese da biologia sobre a indissolúvel unidade entre os fenômenos do meio exterior e o próprio organismo. Valendo-se da limitação histórica dos conhecimentos alcançados pelas ciências naturais a respeito da complexa atividade do encéfalo humano, a reacionária filosofia idealista esforçava-se por demonstrar que a atividade cerebral do homem não estaria absolutamente ligada a processos materiais que se verificam no cérebro. Com suas clássicas experiências a respeito dos reflexos condicionados e incondicionados, I. P. Pávlov demonstrou que os processos do pensamento estão estreitamente ligados aos processos fisiológicos que ocorrem no córtex dos grandes hemisférios cerebrais. Os trabalhos de I. P. Pávlov anulam definitivamente as tentativas idealistas de considerar os processos do pensamento desligados da matéria. Todos os resultados das pesquisas de I. P. Pávlov são uma excelente confirmação da notável tese leninista de que o pensamento é uma função de um órgão material, o cérebro.

Após criar a ciência das leis do desenvolvimento social, o

marxismo estendeu a ideia da unidade material do mundo ao domínio dos fenômenos sociais.

Na base da compreensão de todos os fenômenos sociais o marxismo colocou a análise das condições da vida material da sociedade, a análise do modo de produção dos bens materiais, historicamente determinado. Somente a concepção materialista da História transformou a sociologia em ciência e, pela primeira vez na história da humanidade, permitiu explicar cientificamente os mais diferentes fenômenos sociais, desde as particularidades da produção até a língua e as diferentes formas da consciência social.

A unidade do mundo pressupõe determinada peculiaridade qualitativa de objetos materiais unos por sua base. A revelação da unidade do mundo não deve consistir em tentativas de reduzir a diversidade qualitativa da matéria a qualquer base desprovida de qualidade. Como já assinalamos, essas tentativas são típicas da concepção mecanicista e metafísica da natureza. A unidade do mundo revela-se nas leis inerentes aos próprios objetos materiais, em suas transformações mútuas, na unidade entre os objetos materiais qualitativamente diferentes e as condições ambientes, na existência das leis mais gerais, que se revelam justas para os mais diversos domínios do mundo material.

Não se pode demonstrar a materialidade do mundo por uma simples referência a dados concretos isolados tomados das ciências naturais. Esses dados, considerados em si mesmos, servem apenas de ilustração da unidade do mundo. Somente toda a prática social e histórica da humanidade, toda a história do conhecimento humano nos convence da materialidade do mundo. Toda a história das ciências naturais, todo o conjunto dos dados fornecidos pela ciência moderna e

toda a atividade prática diária dos homens servem de fundamento para a concepção materialista do mundo.

O Conceito Marxista-Leninista de Matéria

O conceito matéria é o conceito básico do materialismo filosófico marxista. Ao contrário do idealismo, que nega a materialidade do mundo, o materialismo filosófico marxista coloca na base da concepção da realidade o reconhecimento da realidade objetiva, existente fora da consciência humana e independente dela.

O conceito filosófico de matéria resultou de um prolongado desenvolvimento histórico do conhecimento das leis da natureza e da sociedade.

A palavra matéria vem da palavra latina "*matéria”,* que significa material para obras, Na antiguidade havia uma ideia ingênua do mundo, segundo a qual tudo o que existe é construído de uma qualquer substância concreta da natureza. Thales, por exemplo, ensinava que a água é o princípio primeiro e a base primeira de tudo o que existe.

No decurso do desenvolvimento da concepção materialista do mundo elaborou-se o conceito mais geral de matéria como algo oposto aos fenômenos da consciência. Em virtude do domínio das concepções mecanicistas, a matéria era comumente considerada como princípio inerte e passivo, posto em movimento por forças estranhas, exteriores à matéria. Frequentemente, a questão das causas do movimento da matéria era silenciada, contornada e deixada aberta.

Criando o materialismo dialético, Marx e Engels romperam a limitação histórica das ideias metafísicas sobre a matéria, ideias que caracterizaram toda a filosofia materialista precedente. Demonstraram

que a própria matéria contém em si a fonte do movimento.

Marx e Engels fundamentaram a tese de que a consciência é um produto do desenvolvimento da matéria, uma propriedade da matéria altamente organizada. Marx escreve:

> "Não se pode separar o pensamento da matéria pensante. A matéria é o sujeito de todas as transformações."(10)

Engels afirma:

> "(...) Nossa consciência e nosso pensamento, por mais transcendentes que nos pareçam, são produtos de um órgão material, corporal, o cérebro."(11)

O conceito matéria expressa, antes de tudo, a "propriedade" mais geral de todas as coisas — ser uma realidade objetiva, existir fora e independentemente de nossa consciência. A palavra "*matéria",* afirma Engels, nada mais é que uma súmula, com a qual abrangemos, tomando em conta suas propriedades comuns, uma grande quantidade de diferentes coisas percebidas pelos sentidos.(12)

Desenvolvendo o materialismo filosófico de Marx e Engels, V. I. Lênin dá uma definição mais completa de matéria:

> "A matéria é uma categoria filosófica que designa a realidade objetiva dada ao homem em suas sensações, que a copiam, fotografam e refletem sem que sua existência lhes esteja subordinada."(13)"(...) Matéria é o que, atuando sobre nossos órgãos dos sentidos, produz a sensação; a matéria é a realidade objetiva, que nos é dada nas sensações, etc."(14)

Definindo a matéria como realidade objetiva que nos é dada nas sensações, Lênin tem como alvo todas as variedades de idealismo que, de uma forma ou de outra, negam a existência da realidade objetiva, da

matéria, ou negam a possibilidade de seu conhecimento.

A moderna filosofia idealista reacionária ataca o conceito básico do materialismo filosófico marxista, o conceito de matéria. Lutando contra o conceito matéria, os filósofos reacionários visam a minar a própria base do conhecimento científico, revelam-se inimigos declarados da ciência. O filósofo reacionário inglês Bertrand Russel considera a matéria como simples método de agrupamento de fenômenos percebidos. Afirma, por exemplo, que as partículas "elementares", dos átomos, as moléculas e outros objetos, estudados pela ciência, são meras estruturas lógicas e não coisas materiais.

Os modernos filósofos reacionários seguem uma orientação idealista de negação da matéria que está longe de ser nova. Repetem os métodos empregados pelo bispo Berkeley, idealista subjetivo que afirmou ser necessário abolir da ciência o conceito matéria, pedra fundamental do materialismo. Os modernos idealistas "físicos" repetem os métodos empregados por Mach ao criticar o materialismo, métodos há muito desmascarados por V. I. Lênin em seu livro *Materialismo e Empirocriticismo*. Lênin escreve, submetendo os machistas à uma crítica esmagadora:

> "A negação, por eles, da matéria, é a antiga e conhecida solução das questões da teoria do conhecimento pela negação da fonte exterior, objetiva, de nossas sensações da realidade objetiva que corresponde às nossas sensações."(15)

Em fins do século XIX e no começo do século XX o desenvolvimento da física trouxe descobertas realmente revolucionárias: a descoberta dos fenômenos da radioatividade, a revelarão da complexa estrutura do átomo, a demonstração da variabilidade da massa do elétron de acordo com a modificação da

velocidade de seu movimento, etc.

Deturpando o sentido exato das novas descobertas, os machistas valeram-se das dificuldades de desenvolvimento da física para fundamentar sua filosofia subjetiva e idealista. Interpretaram as novas descobertas como prova do "desaparecimento da matéria.”

A negação do conceito básico do materialismo filosófico, o conceito matéria, levou a uma crise na física. V. I. Lênin afirma que

> "do ponto de vista filosófico, a essência da 'crise da física contemporânea' consiste em que a velha física via em suas teorias o conhecimento real do mundo material, isto é, o reflexo da realidade objetiva, enquanto a nova corrente da física só vê símbolos, sinais, pontos de referência úteis para a prática, numa palavra, nega a existência da realidade objetiva independente de nossa consciência e refletida por esta.”(16)"A essência da crise da física contemporânea consiste na abolição das velhas leis e dos princípios básicos, em rejeitar a verdade objetiva que existe fora da consciência, isto e, na substituição do materialismo pelo idealismo e pelo agnosticismo.”(17)

Na realidade, porém, as novas descobertas de forma alguma significaram e significam o "desaparecimento da matéria” como realidade objetiva, existente fora e independentemente de nós. Além disso, as novas descobertas da física comprovam que a ciência confirmou mais uma vez a existência objetiva da matéria, porque deu um novo e grande passo no estudo da estrutura da matéria, descobrindo de maneira ainda mais completa e profunda suas propriedades e suas leis.

Os machistas tentaram valer-se de outra particularidade do desenvolvimento da física para atacar o conceito matéria. A física do fim do século XIX e do começo do século XX começou a empregar ainda

mais amplamente em suas pesquisas teóricas o método matemático; as teorias da física receberam uma abstrata formulação matemática representada por um sistema de equações, leis definidas expressas em fórmulas matemáticas, etc. A física teórica tornou-se fundamentalmente física matemática. Esta penetração da matemática na física foi interpretada pelos idealistas como uma nova demonstração do "desaparecimento da matéria”. Lênin escreve:

> "As grandes conquistas das ciências naturais, a descoberta de elementos homogêneos e simples da matéria cujas leis do movimento podem ser expressas matematicamente, dá origem ao esquecimento da matéria pelos matemáticos. ‘A matéria desaparece' e restam apenas equações.’’(18)

Na realidade, como demonstrou Lênin, as equações matemáticas que entram nas teorias físicas não "abolem” a matéria, mas apenas permitem refletir de maneira mais exata o movimento da matéria. Toda abstração realmente científica reflete a natureza de maneira mais profunda e completa do que a simples contemplação porque, com a ajuda das abstrações, a ciência descobre aquilo que é mais essencial nas coisas e processos do mundo objetivo.

A concepção leninista de matéria, desenvolvida no livro *Materialismo e Empirocriticismo*, tem imensa significação para as modernas ciências naturais e para a generalização teórica das mais modernas conquistas da ciência.

As ciências naturais estudam justamente a realidade objetiva, existente fora da consciência humana, e que na gnosiologia é chamada matéria.

Por isso, o conceito matéria não só é o conceito básico do materialismo filosófico marxista, mas também importante conceito inicial

das ciências naturais. A ciência transformar-se-ia em jogo sem conteúdo de pensamento se não se orientasse pelo reconhecimento consciente ou inconsciente da realidade objetiva, refletida nos conceitos e leis da ciência. A matéria é inesgotável e infinita ‘em suas formas e manifestações. Na base das formas relativamente inferiores de seu desenvolvimento surgem formas cada vez mais complexas da matéria com suas leis particulares. Nenhuma ciência pode desenvolver-se se não refletir em seus conceitos e leis tais ou quais aspectos concretos da matéria em desenvolvimento. A autêntica ciência não constrói esquemas arbitrários; volta-se para a própria realidade material, verificando na prática a justeza de suas teorias.

O conceito marxista-leninista de matéria tem importância decisiva não só para as ciências naturais, mas também no domínio das ciências sociais.

O reconhecimento da materialidade do mundo é importante condição para o método realmente científico de abordar o estudo das leis da natureza e o estudo das leis da vida social.

Em nossa literatura de popularização dos conhecimentos científicos e filosóficos fazia-se distinção entre o conceito filosófico de matéria e o seu conceito pretensamente "científico-natural”. Essa distinção é radicalmente errada.

Não há dois conceitos de matéria, o filosófico e o científico-natural . Há um conceito filosófico marxista-leninista de matéria que está na base de todas as ciências concretas que estudam aspectos isolados, propriedades ou tipos da matéria e do seu movimento.

As ciências físico-químicas, por exemplo, estudam a estrutura da matéria e descobrem as leis a que se subordinam as formas que

assumem sua estrutura — as formas conhecidas atualmente: os corpos macroscópicos, as moléculas, os átomos e as partículas "elementares”. Estas ciências pesquisam as mais variadas propriedades das formas que a estrutura da matéria assume, revelam sua conexão e a passagem de uma a outra, seu desenvolvimento e, de acordo com este ou aquele nível alcançado pela ciência, fornecem um quadro mais ou menos completo da estrutura físico-química da matéria.

Não se pode, porém, identificar essas ideias sobre a estrutura da matéria e suas propriedades concretas isoladas, estudadas pelas ciências naturais, com o conceito filosófico de matéria que contém *toda* a realidade objetiva com seus aspectos infinitamente diversos e suas inúmeras propriedades. Não se pode, por exemplo, identificar o conceito de massa, que é uma das propriedades essenciais de qualquer objeto material, com o conceito de matéria. Resolvendo de maneira materialista a questão básica da filosofia, é necessário ver a diferença entre os dados concretos relativos às propriedades de determinados aspectos da matéria e a questão filosófica da relação entre o pensamento e o ser.

V. I. Lênin escreve:

> "O materialismo e o idealismo diferenciam-se pela solução que dão ao problema da origem de nosso conhecimento, da relação entre a consciência (e o 'psíquico' em geral) e o mundo físico; a questão da estrutura da matéria, dos átomos e dos elétrons é uma questão que só diz respeito a esse ‘mundo físico’."(19)

O materialismo filosófico não é absolutamente indiferente às ideias das ciências naturais a respeito da estrutura da matéria. Engels afirma que

> "o materialismo deve inevitavelmente modificar sua forma com

> cada descoberta que marque época no domínio das ciências naturais."

No trabalho *Materialismo e Empirocriticismo*, V. I. Lênin generaliza de maneira materialista as conquistas alcançadas pelas ciências naturais durante o período posterior à morte de Engels. Isso torna claro que não se pode desligar o conceito filosófico marxista-leninista de matéria das ideias das ciências naturais quanto à sua estrutura, formas de existência, etc. Tal desligamento pode levar a separar a filosofia das ciências naturais. Pesquisando as variadas propriedades da matéria, revelando suas leis, as ciências naturais provam a veracidade da doutrina materialista c são um fundamento granítico para o materialismo.

O desenvolvimento dos conhecimentos científicos sobre a estrutura, as propriedades e as leis inerentes à matéria fornece um material cada vez mais rico que confirma a veracidade da doutrina marxista-leninista sobre a matéria e as formas de sua existência.

Para compreender-se de maneira mais profunda a formulação leninista-stalinista das teses do materialismo dialético, é necessário, embora resumidamente, tomar conhecimento das concepções atuais sobre a estrutura da matéria.

As Modernas Concepções da Estrutura da Matéria

Toda a história da ciência revela que nossos conhecimentos sobre as propriedades da matéria e sua estrutura desenvolvem-se, enriquecem-se e aprofundam-se.

Já Leucipo e Demócrito supunham que os corpos visíveis comuns, possuidores das mais diferentes propriedades eram constituídos de átomos invisíveis, sendo que as diferentes combinações

e encadeamentos de átomos formavam toda a diversidade do mundo que nos cerca. Os próprios átomos, segundo Demócrito, eram absolutamente indivisíveis e simples. Distinguiam-se um do outro apenas pela grandeza, forma e posição. Essas primeiras ideias sobre o átomo eram apenas conjeturas geniais sobre a estrutura da matéria. A teoria atômica da estrutura da matéria, baseada nas ciências naturais, começou a ser elaborada nos trabalhos do grande sábio russo M. V. Lomonóssov. Pela primeira vez na história da ciência ele empregou a hipótese atômica na explicação das propriedades químicas e da estrutura das diferentes substâncias e no estudo dos diferentes fenômenos físicos.

No decurso do desenvolvimento da ciência, as ideias sobre a estrutura atômica da matéria desenvolveram-se e tornaram-se mais precisas. Ficou estabelecido que os átomos podem combinar-se formando moléculas (que por vezes contêm um elevado número de átomos), sendo que as moléculas são formações relativamente simples e estáveis. Os trabalhos de Dalton tiveram grande importância para a elaboração da química atômica. O químico russo A. M. Butlerov foi o primeiro a elaborar detalhadamente a teoria da estrutura química das moléculas complexas.

O grande sábio russo D. I. Mendelêiev desempenhou grande papel no desenvolvimento da teoria científica dos átomos. A lei periódica do? elementos químicos, descoberta por D. I. Mendelêiev, serve de base a toda a atual doutrina a respeito da estrutura da matéria.

Todo elemento químico é um conjunto de átomos homogêneos que possuem propriedades perfeitamente definidas. Após a descoberta da lei periódica dos elementos químicos já não se pode considerar os tipos de matéria como isolados, não ligados por coisa alguma e

absolutamente independentes; apresentam-se antes como sistema regular e definido de tipos qualitativamente diferentes da mesma matéria una. Em suma, os elementos químicos atualmente conhecidos, combinando-se de diferentes maneiras, formam toda a diversidade dos corpos existentes no mundo que nos cerca.

Na época da descoberta da lei periódica dos elementos a física ainda não penetrara no interior do átomo. O átomo ainda era considerado como partícula indivisível da matéria. A lei periódica de Mendelêiev, porém, já continha de fato o reconhecimento da variabilidade dos elementos químicos e comprovava sua ligação mútua.

O processo das transformações recíprocas dos átomos dos elementos químicos, experimentalmente descoberto pela física moderna, ajudou a penetrar no interior do átomo e a descobrir sua complexa estrutura.

Em fins do século XIX, tiveram início no domínio da física as grandes descobertas que modificaram as ideias anteriores a respeito da invariabilidade dos átomos. Nesse período comprovou-se a existência de uma partícula de carga negativa, o elétron. Em 1896, o físico francês Becquerel descobriu o fenômeno da radioatividade. Verificou-se que os elementos radioativos emitem os chamados raios-alfa que são, como se esclareceu posteriormente, *núcleos do átomo de hélio;* os raios-beta, que são um feixe de *elétrons,* e os raios-gama que são *radiação eletromagnética* dotada de grande energia.

O estudo detalhado dos fenômenos radioativos revelou que o processo de emissão dos raios-alfa e beta faz-se acompanhar da transformação do elemento químico inicialmente radioativo em outro elemento químico.

A física descobriu as leis da passagem de um elemento químico a outro, revelando que a emissão de partícula alfa reduz o número atômico do elemento de duas unidades e, por conseguinte, desloca-o dois números para a esquerda no sistema periódico de Mendelêiev. A emissão de partículas beta (elétrons) aumenta o número atômico do elemento e, por conseguinte, desloca-o um número para a direita.

Na base de pesquisas experimentais e teóricas começou-se a elaborar a nova teoria da estrutura do átomo. Segundo esta teoria, o átomo de qualquer elemento químico é uma formação complexa, constituída do núcleo pesado, dotado de carga positiva, e dos elétrons que gravitam em torno do núcleo. O núcleo do átomo mais simples, o átomo do hidrogênio, constituído de uma única partícula, recebeu a denominação de próton.

O movimento dos elétrons no átomo está subordinado a leis particulares, as leis dos quanta, distintas das leis da física anterior, a chamada física clássica. Estabeleceu-se, em particular, que os elétrons do átomo não podem ter uma série ininterrupta de valores da energia, mas apenas uma série descontínua. De acordo com isso, os átomos não podem emitir luz (irradiação) ininterruptamente, mas em determinadas proporções descontínuas (pelos quanta).

Os processos de irradiação e de absorção da luz atingem apenas a envoltura exterior do átomo, constituída de elétrons. O mesmo se pode dizer das transformações químicas que se verificam em diferentes elementos químicos. Somente as transformações radioativas dos átomos têm relação com as transformações mais profundas, as transformações do próprio núcleo do átomo. A transformação de um tipo de átomo em outro, ou a transformação correspondente de um elemento químico em outro, verifica-se em consequência da

reestruturação dos núcleos dos átomos.

Em 1932, descobriu-se uma partícula com massa aproximadamente da mesma grandeza que a massa do próton, mas inteiramente desprovida de carga elétrica. Essa partícula recebeu a denominação de nêutron. Os físicos soviéticos (D. D. Ivanenko e outros) propuseram um modelo do núcleo atômico com indicações dos prótons e dos nêutrons. Segundo este modelo, reconhecido atualmente por toda a ciência, o núcleo de qualquer átomo é constituído de duas partículas pesadas: os prótons e os nêutrons. A grandeza da carga positiva do núcleo é determinada pelo número de prótons existentes no núcleo. A massa do núcleo, que é expressa pelo número de massa, é determinada pela quantidade de prótons e de nêutrons tomados em conjunto. Os prótons e os nêutrons que constituem o núcleo estão ligados por forças nucleares específicas que superam consideravelmente, pela sua grandeza, as forças de atração elétrica e de atração newtoniana, até então conhecidas da física.

A natureza das forças nucleares ainda não foi descoberta pela ciência moderna. Certas razões, porém, nos levam a supor que determinadas partículas especiais, os mésons, representam um papel muito importante no mecanismo das interações nucleares; os mésons têm uma massa de grandeza média, cujo valor é compreendido entre a massa do elétron e a massa do próton. Eles foram descobertos em 1937 ao serem estudados os raios cósmicos.

Na pesquisa detalhada do aspecto energético dos raios-beta (elétrons procedentes do núcleo do átomo) surgiram dificuldades relacionadas com o emprego da lei da conservação e da transformação da energia. Alguns físicos da burguesia tentaram utilizar as dificuldades surgidas para pôr em dúvida essa lei básica das ciências naturais

modernas. A física superou, porém, essas dificuldades e, no processo de sua superação, chegou à descoberta de uma nova partícula, o neutrino, que não tem carga e que possui uma massa ínfima. A convicção da veracidade da lei da conservação e da transformação da energia teve importância decisiva nessa descoberta. Assim, o próprio desenvolvimento da ciência desfez todas as tentativas idealistas de negar a aplicabilidade da lei da conservação e da transformação da energia aos fenômenos atômicos.

Em 1932, foi descoberta nos raios cósmicos outra partícula material possuidora de uma massa igual à massa do elétron e dotada de carga positiva. Esta partícula recebeu a denominação de pósitron. Verificou-se que o pósitron pode ser emitido pelos átomos dos elementos radioativos. De acordo com as concepções atuais, o aparecimento do pósitron no processo da desintegração beta verifica-se como resultado da transformação intranuclear do próton em nêutron.

A física moderna descobriu uma notável transformação de um par de partículas, o pósitron e o elétron, em radiação gama ou fóton. Foi pesquisado o processo inverso de transformação dos fótons pesados num par: pósitron e elétron. A descoberta desses fenômenos, chamados pelos físicos burgueses de "anulação” do elétron e do pósitron e de "materialização” do fóton, significa na realidade uma manifestação da transformação qualitativa dos diferentes objetos materiais.

Assim, a ciência moderna conhece as seguintes partículas materiais que receberam a denominação de partículas "elementares”: prótons, elétrons, nêutrons, pósitrons, mésons (positivos, negativos e, possivelmente, neutros), neutrino e fótons. Os átomos, que antes pareciam estruturas simples e indivisíveis, revelaram uma estrutura muito complexa. O núcleo do átomo é constituído de prótons e de

nêutrons. A uma distância relativamente grande do núcleo circula certo número de elétrons, igual ao número de prótons no núcleo do átomo. No núcleo há conexões particulares entre os prótons e os nêutrons, conexão cuja força é colossal por sua grandeza. Os mésons representam importante papel na interação das partículas nucleares. Combinando-se, os átomos constituem formas estruturais mais complexas de matéria: as moléculas e os corpos comuns.

É preciso ressaltar que a própria denominação partícula "elementar” de forma alguma significa que a ciência tenha alcançado o limite da divisibilidade da matéria. As minúsculas partículas da matéria conhecidas atualmente só são "elementares” e indivisíveis para o nível atual alcançado pela ciência. Não há dúvida alguma de que a física penetrará mais profundamente no interior da matéria e descobrirá a "complexa” estrutura dessas partículas. Evidentemente, a "complexidade” das partículas "elementares” terá uma natureza inteiramente diferente se comparada por exemplo com a complexidade dos átomos.

Nos últimos anos, a ciência tem presenciado tentativas de explicar as complexas propriedades das partículas materiais "elementares” por meio de seu estudo em conexão com o campo. A física moderna demonstrou que a matéria existe não só na forma de formações materiais, de substância (prótons, nêutrons, elétrons, pósitrons, átomos, moléculas, etc.), mas também na forma de campos: o campo eletromagnético, por exemplo, é uma das formas da matéria, possuindo, como as partículas, as propriedades físicas básicas. Á física moderna conhece o campo eletromagnético, o campo de gravitação e o campo intranuclear. Ao contrário da substância, o campo caracteriza-se principalmente por ser contínuo, pela propriedade de transmitir as ações

e reações com velocidade muito grande, mas perfeitamente definida, e por ter uma concentração de energia relativamente fraca. Ao contrário do campo, a substância possui a propriedade, perfeitamente definida, da descontinuidade e se distingue pela possibilidade de ter quaisquer velocidades de movimento e uma concentração de energia relativamente grande. O campo e a substância são duas formas da matéria, indissoluvelmente ligadas. Possuem as propriedades comuns a todos os objetos materiais. Os fótons, forma peculiar do campo eletromagnético, possuem, por exemplo, tanto massa como energia.

Todo o conjunto dos conhecimentos atuais a respeito da estrutura da matéria, de suas diferentes propriedades e manifestações, revela a inesgotável riqueza da própria matéria e comprova os imensos êxitos alcançados pelos homens no conhecimento do mundo material.

A física do século XX novamente confirma a tese da inesgotabilidade da natureza em todas as suas partes e manifestações.

> "O elétron é tão inesgotável quanto o átomo; a natureza é infinita (...)"(20)— escreve Lênin no livro Materialismo e Empirocriticismo.

Esta tese de Lênin tem, ao mesmo tempo, importante significação para o desenvolvimento da ciência moderna sobre a estrutura da matéria. A matéria, como realidade objetiva dada ao homem em suas sensações, torna-se conhecida de maneira cada vez mais profunda através do processo de desenvolvimento da ciência. As velhas ideias sobre átomos imutáveis e inteiramente simples, foram substituídas por novas ideias a respeito de sua estrutura extremamente complexa. Foram descobertas novas formações materiais, as partículas "elementares", até então desconhecidas pela ciência. Revelou-se que a matéria existe em duas formas qualitativas peculiares, sob a forma de

substância e a de campo. Ao mesmo tempo, a estrutura atômica da matéria foi e continua a ser inabalável. A teoria da estrutura atômica da matéria consolidou-se firmemente na ciência, tendo sido desenvolvida e precisada.

E. Mach e G. Ostwald lutaram tenazmente em sua época contra a teoria atômica materialista afirmando que os átomos são apenas "criações de nosso espírito”, destinados à sistematização "econômica” de nossas impressões. G. Ostwald profetizou o futuro fracasso da teoria da estrutura atômica da matéria, afirmando que os átomos brevemente só seriam encontrados em meio à poeira das bibliotecas. A história da ciência reduziu a pó essas profecias idealistas.

Os cientistas reacionários modernos continuam a atacar, sem êxito, a teoria atômica. Já não têm meios para negar o fato evidente de que existem átomos. Suas tentativas são feitas no sentido de deturpar o próprio conceito de átomo ou de partícula "elementar”, declarando que são construções auxiliares, etc.

Um dos modernos adeptos do machismo, o físico idealista fascistizante Jordan, tenta ressuscitar as concepções anticientíficas de seus mestres de filosofia. Escreve que

> "o átomo que conhecemos (...) é desprovido de qualquer qualidade sensível e se caracteriza apenas por um sistema de fórmulas matemáticas." Continua: "O átomo e apenas uma carcaça para a classificação de fatos experimentais."

Eddington declara inexistentes as partículas "elementares” estudadas pela física moderna. Segundo Eddington, elas não passam de "portadores conceituais (da palavra conceito) de uma série de modificações.”

Na realidade, a ciência, moderna possui conhecimentos mais profundos no domínio da estrutura atômica da matéria, do que acontecia, por exemplo, no século XIX. Descobriu a inesgotável riqueza das formas da matéria, a complexidade de sua estrutura atômica, a irredutibilidade da matéria a quaisquer elementos absolutamente simples e invariáveis. Todos os resultados alcançados pela ciência moderna confirmam a justeza do materialismo dialético que, ao contrário do materialismo metafísico, nega a existência de quaisquer elementos imutáveis na base de todos os fenômenos da natureza, nega a existência da "invariável essência das coisas." Lênin escreve:

> "Segundo Engels, só é imutável o reflexo, na consciência humana (quando ela existe), do mundo exterior que existe e se desenvolve foi-a dela."(21)

O desenvolvimento da física soviética, da mesma forma que o desenvolvimento de outros setores da ciência soviética, encontra-se sob a influência da filosofia materialista avançada. Os princípios materialistas servem de segura arma na luta contra o idealismo "físico" que frequentemente penetra no próprio conteúdo das teorias físicas. As teses do materialismo dialético sobre a materialidade do mundo servem de fundamento teórico para o desenvolvimento das teorias gerais da física sobre a matéria e o movimento. Ajudam a analisar e generalizar profundamente os dados experimentais da física moderna e a tirar deles conclusões que fazem a ciência progredir.

O processo de conhecimento da matéria em movimento é infinito e a ciência aprofundará continuamente nossos conhecimentos sobre a matéria, fornecendo um quadro cada vez mais completo e aperfeiçoado da estrutura da matéria e das leis de seu movimento e desenvolvimento.

O Movimento, Modo de Existência da Matéria

O movimento é o modo fundamental de existência da matéria, propriedade inerente à matéria. O movimento da matéria é sua transformação contínua e incessante. A matéria *é* inconcebível em formas estagnadas; nenhuma coisa material pode existir sem participar desta ou daquela forma de movimento.

Ao contrário do idealismo e da metafísica que negam o movimento da matéria, considerando que o movimento da matéria é provocado por forças imateriais, pelo impulso divino, o materialismo filosófico marxista considera o movimento como modo de existência da matéria e procura na própria matéria a origem do movimento.

Engels afirma:

> "O movimento, considerado no mais amplo sentido da palavra, concebido como modo de existência da matéria, como atributo a ela inerente, abrange todas as transformações e processos que se verificam no universo, da simples mudança de lugar ao pensamento."(22)

As tentativas de desligar o movimento da matéria, de considerar o movimento sem matéria, o movimento como tal, levam ao idealismo. Lênin afirma:

> "(...) desligar o movimento da matéria é equivalente a desligar o pensamento da realidade objetiva, a desligar minhas sensações do mundo exterior, em outras palavras, passar ao idealismo."(23)

> "Esse idealista nem por um só instante pretenderá negar que o mundo é movimento; movimento de seus pensamentos, de suas ideias, de suas sensações. A pergunta de que se move? será por ele rejeitada como absurda; meus pensamentos, dirá, sucedem-se e desaparecem, minhas representações mentais aparecem e

> desaparecem, e é só. Fora de mim nada há. Movimento, e basta.”(24)

Ostwald pregou em sua época a separação idealista entre o movimento e a matéria. Grande químico, porém mau filósofo, como o chamou Lênin, Ostwald tentou reduzir todos os fenômenos da natureza à energia "pura”. Criando a confusa concepção filosófica do energetismo que pretendia elevar-se "acima” do materialismo e do idealismo, "superar” sua oposição, Ostwald desenvolveu, em essência, uma nova variante da filosofia subjetiva e idealista. Escreveu ele:

> "A explicação mais simples do fato de que todos os fenômenos exteriores possam ser representados como processos que se realizam entre as energias é a de que os próprios processos de nossa consciência são energéticos e comunicam (aufprägen) esta qualidade a todas as experiências exteriores."

V. I. Lênin observa a respeito:

> "Puro idealismo! Não é nosso pensamento que reflete a transformação da energia no mundo exterior, mas o mundo exterior é que reflete a 'qualidade’ de nossa consciência!"(25)

Em oposição a todas as variedades do idealismo, que separam o movimento da matéria, o materialismo filosófico marxista considera os aspectos qualitativamente peculiares do movimento como formas básicas de existência de objetos materiais qualitativamente peculiares.

O movimento da matéria tem as formas mais variadas: o simples deslocamento no espaço, os diferentes fenômenos físicos, as transformações químicas, os processos inerentes aos organismos vivos, o movimento que caracteriza os fenômenos sociais. O estudo das diferentes formas de movimento da matéria significa o estudo das diferentes formas da própria matéria.

As diferentes ciências estudam as diferentes formas de movimento da matéria. A mecânica estuda a forma mais simples do movimento da matéria, a forma mecânica, ocupa-se do estudo do deslocamento dos corpos no espaço.

A forma física do movimento da matéria é constituída pelo movimento atômico-molecular, pelos processos eletromagnéticos, pelo movimento intra-atômico e intranuclear, etc. A forma química do movimento da matéria inclui os processos de combinação e de dissociação dos átomos e moléculas e as leis da estruturação das mais diferentes combinações orgânicas e inorgânicas. A vida orgânica, objeto de pesquisa das ciências biológicas, distingue-se por uma diversidade ainda maior de formas.

Qualquer que seja a forma de movimento da matéria que consideremos, qualquer que seja a diversidade dos tipos de movimento que contenha esta ou aquela forma concreta do movimento, todos eles representam a indissolúvel unidade entre objetos materiais qualitativamente peculiares e as correspondentes formas de movimento qualitativamente peculiares. O movimento mecânico acha-se indissoluvelmente ligado aos corpos que se deslocam no espaço. Os diferentes fenômenos físico-químicos são formas específicas do movimento peculiares às moléculas, átomos, partículas "elementares", campos.

Segundo a definição de Engels, a vida, como forma particular do movimento da matéria, é o modo de existência dos corpos albuminoides. Assim, o movimento, sendo forma de existência da matéria, é inseparável dos próprios objetos materiais.

A indissolubilidade entre a matéria e o movimento manifesta-se

também em que as propriedades de corpos materiais concretos só se revelam em seus movimentos específicos. Não se pode dizer absolutamente de um corpo que não se encontre em movimento, porque tal corpo não existe. A natureza dos corpos em movimento, suas particularidades qualitativas, decorrem das correspondentes formas de movimento.(26) A natureza dos átomos dos elementos químicos, por exemplo, é determinada pela forma específica de movimento cujas leis são estudadas pela moderna física atômica. No campo da biologia, igualmente, pode observar-se a indissolúvel ligação e a interdependência entre as formas orgânicas materiais e as correspondentes formas biológicas de movimento. Se considerarmos, por exemplo, os diversos órgãos dos organismos vivos, verificaremos que sua estrutura, suas particularidades morfológicas concretas, em uma palavra, sua natureza biológica, é inteiramente determinada pelas funções que realizam no processo da vida orgânica.

Ao contrário das concepções mecanicistas e metafísicas, o materialismo filosófico marxista ensina que as diferentes formas do movimento da matéria não podem ser reduzidas a nenhuma forma "bastante simples” do movimento. O processo de complicação dos objetos materiais verifica-se em ligação indissolúvel com a complicação das formas do movimento da matéria.

Os processos de passagem de uma forma de movimento a outra possuem particularidades específicas. Dentro dos limites dos fenômenos físico-químicos ocorrem transformações das formas de movimento em que, por exemplo, a forma eletromagnética de movimento em determinado processo concreto desaparece, transformando-se em movimento mecânico. Este processo verifica-se no motor elétrico, por exemplo, onde o ininterrupto afluxo de energia

elétrica assegura o contínuo movimento giratório da bobina do motor elétrico. Basta que cesse esse afluxo para cessar a rotação. Por conseguinte, neste caso se verifica a total transformação da forma eletromagnética de movimento em forma mecânica (evidentemente, uma parte relativamente insignificante de energia vai para os diferentes gêneros de perdas improdutivas, transforma-se em outras formas de energia).

Consideremos outro exemplo — a queda de uma pedra de certa altura. Neste caso, ao consumar-se a queda o movimento mecânico da pedra desaparece, transformando-se no movimento atômico-molecular do meio ambiente, cuja temperatura se eleva.

O aparecimento de formas mais complexas do movimento da matéria, da forma química ou da biológica, por exemplo, está ligado a todo um complexo de transformações no qual as formas mais simples de movimento não desaparecem, mas se conservam como formas acessórias que coexistem com a forma mais complexa. A forma química de movimento, por exemplo, inclui como formas subordinadas, o movimento mecânico, os processos eletromagnéticos e outras formas mais simples do movimento, embora não se reduza a elas.

As ciências naturais, particularmente a física, fornecem uma notável fundamentação científico-natural da tese filosófica a respeito do caráter inseparável do movimento e da matéria.

A lei da conservação e da transformação da energia serve de base científico-natural para a tese do materialismo filosófico marxista sobre a ligação indissolúvel que existe entre a matéria e o movimento. A lei da conservação e da transformação da energia expressa a transformação qualitativa das formas de movimento da matéria com a

conservação quantitativa do movimento. Revela que 0 movimento está estreitamente ligado à matéria, que o movimento é uma forma de existência da matéria. Engels ressalta que o principal na lei da conservação e da transformação da energia é que ela expressa as transformações qualitativas das próprias formas de movimento da matéria. Juntamente com a descoberta desse fato, escreve Engels,

"apaga-se a última lembrança do criador do mundo."(27)

Expressando a transformação recíproca das formas de movimento da matéria, a lei da conservação e da transformação da energia é uma sólida conquista da ciência. Todas as descobertas científicas posteriores confirmaram, aprofundaram e ampliaram as ideias a respeito da ação dessa lei. Assim, por exemplo, a física moderna descobriu a estreita ligação entre a energia e a massa. A massa é uma das mais importantes propriedades físicas de todas as formações materiais e representa a expressão de sua inércia. Posto que a velha física, a física clássica, tratava de velocidades do movimento relativamente pequenas, não revelava a massa sua dependência em relação ao movimento do corno. A física moderna estabeleceu que a massa do corpo modifica-se de acordo com a velocidade do movimento; a massa é tanto maior quanto maior é a velocidade do corro. Verificou-se, assim, que a massa, como uma das propriedades básicas do objeto material, depende das condições do movimento desse objeto e, por conseguinte, da energia.

A conexão mutua entre a massa e a energia foi revelada pela primeira vez ao estudarem-se os fenômenos luminosos. Essa conexão mútua já decorria das notáveis experiências realizadas pelo físico russo P. N. Lebedêiev, que provou a existência da pressão da luz. A lei da conexão mútua entre a massa e a energia ($E = mc^2$), descoberta pela

física moderna, significa que qualquer objeto material, que possua massa desta ou daquela natureza, possui necessariamente o tipo de energia correspondente. E, vice-versa, o objeto material, possuidor de uma reserva desta ou daquela espécie de energia, necessariamente possui a massa correspondente.

Os físicos consideram, por vezes, essa lei como uma pretensa prova da transformação da massa em energia e às vezes vão ainda mais longe e afirmam que a substância e até mesmo a matéria se transformam em energia.

A. Einstein, por exemplo, que afirmou ter Mach exercido influência decisiva na formação de sua concepção filosófica do mundo, em muitos de seus trabalhos considera a massa e, por conseguinte, a matéria, como partícula de energia. Outros físicos burgueses repetem, de diferentes maneiras, esses argumentos idealistas de Einstein, vendo na lei da conexão mútua entre a massa e a energia uma "refutação” do materialismo.

O físico K. Darrow, por exemplo, referindo-se à desintegração do urânio, afirma em seu livro *Energia Atômica:*

> "É um processo que reside na transformação de grandes quantidades de matéria em algo que não é matéria’’.

Referindo-se à formula de Einstein, K. Chase afirma:

> "Atualmente, a matéria, falando-se com precisão, é uma forma de energia.”

Essa interpretação é um dos métodos do idealismo "físico” moderno, que visam a deturpar o conteúdo das novas descobertas da física. Na realidade, da lei da conexão mútua entre a massa e a energia

de forma alguma decorre a transformação da massa, e muito menos da matéria, em energia. A lei da conexão mútua entre a massa e a energia significa que duas propriedades essenciais da matéria estão indissoluvelmente ligadas uma a outra. Essa indissolúvel ligação entre a massa e a energia comprova que a transformação qualitativa das formas físico-químicas do movimento da matéria se processa conservando as propriedades básicas dos objetos materiais. A energia é a medida do movimento da matéria. A indissolúvel ligação entre a massa e a energia comprova a indissolúvel ligação da matéria e do movimento.

Todos os resultados da ciência moderna demonstram à saciedade o caráter reacionário e anticientífico de todas as considerações idealistas a respeito da origem especial, imaterial, do movimento, origem que estaria fora da matéria.

A própria matéria traz em si a origem do movimento. As coisas materiais só existem em movimento, transformação e desenvolvimento. O movimento é a incessante transformação das coisas materiais e dos fenômenos, é a forma fundamental de sua existência.

O Espaço e o Tempo Formas Objetivas da Existência da Matéria

O espaço e o tempo são formas objetivas inseparáveis de existência da matéria. O reconhecimento da realidade objetiva do espaço e do tempo decorre do reconhecimento da materialidade do mundo.

> "Reconhecendo a existência da realidade objetiva, isto é, da matéria em movimento, independentemente de nossa consciência, o materialismo é inevitavelmente levado a

> reconhecer também a realidade objetiva do tempo e do espaço (...).”(28)

O movimento, o espaço e o tempo, como formas fundamentais de existência da matéria, encontram-se em unidade orgânica indissolúvel, condicionada pela unidade do mundo material.

A matéria é inconcebível sem movimento e o movimento da matéria sempre se processa no espaço e no tempo. Por isso, o espaço e o tempo são tão inseparáveis da matéria como o movimento. Não há objeto material que não tenha extensão e não exista no tempo. Engels afirma:

> "(...) O espaço e o tempo são as formas essenciais de toda existência; a existência fora do tempo é um absurdo tão monstruoso quanto a existência fora do espaço.”(29)

Lênin afirma:

> "O mundo não passa de matéria em movimento e a matéria em movimento não pode mover-se senão no espaço e no tempo.”(30)

O espaço é a forma de ser da matéria que caracteriza a extensão dos objetos materiais. Não há espaço em si, desligado das coisas materiais e vazio de matéria. Não é também o espaço uma pura extensão, desprovida de qualidade. Caracteriza-se por propriedades específicas, que dependem dos próprios objetos materiais. Todo objeto material possui suas relações espaciais. O sistema solar tem suas relações espaciais específicas, o cristal outras, o átomo outras. No sistema solar, por exemplo, os planetas se movimentam em elipses, num de cujos focos encontra-se o Sol. Essas curvas geométricas caracterizam as relações espaciais específicas dos corpos do sistema solar. Nos cristais, os átomos estão dispostos numa ordem espacial

perfeitamente definida, característica do cristal considerado. A variedade na disposição espacial dos átomos na rede cristalina exerce influência sobre suas propriedades físicas. No átomo, os elétrons, movendo-se segundo leis particulares estudadas pela mecânica dos quanta, constituem uma nuvem eletrônica no espaço que circunda o núcleo do átomo. Assim, a essência do espaço é revelada pelo estudo de determinadas formas do movimento dos objetos materiais.

A essência do tempo como forma fundamental de existência da matéria também se revela no movimento da matéria. O tempo pressupõe coisas em movimento. O tempo é a forma de ser da matéria que caracteriza a sucessão dos processos materiais. O movimento e o desenvolvimento da matéria só podem dar-se no espaço e no tempo. O tempo é a condição básica de todo desenvolvimento.

Tudo existe no tempo, porque nada no mundo se encontra em repouso, tudo está subordinado ao movimento e à transformação. Por outro lado, não há tempo sem coisas materiais em transformação. Os idealistas desligam o tempo da matéria e o consideram como existente antes das coisas materiais.

O idealismo nega a objetividade do espaço e do tempo e chega às ideias absurdas de que o espaço e o tempo são criados pela consciência humana.

Berkeley, por exemplo, considera o espaço e o tempo como formas de impressões subjetivas. Segundo Kant, o espaço e o tempo são formas *a priori* (independentes da experiência) da percepção sensível do mundo pelo homem. Essas formas não são inerentes às próprias coisas, mas são pretensas formas primordiais da contemplação subjetiva "pura”, isto é, privada de qualquer significação material.

Segundo Kant, o espaço e o tempo não são condicionados pela natureza das próprias coisas, mas pela natureza da consciência humana. Para Hegel o espaço e o tempo são momentos no desenvolvimento da "ideia absoluta”. Hegel desliga o espaço do tempo. Segundo Hegel, a natureza não' tem desenvolvimento no tempo e apenas desdobra sua diversidade no espaço. No sistema hegeliano o tempo é apresentado apenas como grau de desenvolvimento do “espírito absoluto”. A separação metafísica entre o espaço e o tempo levou Hegel a uma total contradição com as ciências naturais, à concepção absurda de que a natureza se desenvolve no espaço, mas fora do tempo.

Ao abordar o problema do espaço e do tempo os machistas pregavam o mesmo absurdo idealista: não é o homem que existe no espaço e no tempo, mas o espaço e o tempo é que são criados pelo homem. Mach, continuando a linha idealista subjetiva no abordar o problema do espaço e do tempo, declarou que

> "o espaço e o tempo são sistemas ordenados das séries de sensações”.

Repetindo Mach, o machista Bogdânov afirmava que o espaço e o tempo são formas de "*coordenação da experiência social”* dos homens.

V. I. Lênin revelou a inconsistência das "teorias” machistas, subjetivistas e idealistas, sobre o espaço e o tempo. Lênin escreveu:

> "Se as sensações de tempo e de espaço podem dar ao homem uma orientação biologicamente útil, isso se dá exclusivamente sob a condição de refletirem a realidade objetiva exterior ao homem: o homem não poderia adaptar-se biologicamente ao meio se suas sensações não lhe dessem uma ideia

objetivamente exata sobre o mesmo."(31)

O idealismo moderno tenta ressuscitar as concepções subjetivas e idealistas sobre o espaço e o tempo. Já no começo do século XX, Bergson apresentou a ideia mística da "extensão” pura, inteiramente desligada da matéria e compreendida apenas por meio da intuição. J. Jeans repetiu, em essência, a interpretação kantista do tempo: segundo J. Jeans,

"o tempo é uma ficção criada pela nossa própria razão."

Eddington afirma que o espaço e o tempo devem ser substituídos por ideias subjetivas mais gerais sobre a sistematização dos fatos da natureza. H. Weil fornece uma nova variante da interpretação subjetiva e idealista do tempo. Diz ele:

"O tempo é a forma mais simples da torrente da consciência."

Os físicos burgueses Bohr e Heisenberg propõem que rejeitemos ou o estudo das causas dos fenômenos atômicos ou sua análise no espaço e no tempo.

Ao contrário do idealismo, o materialismo filosófico marxista reconhece, em perfeito acordo com as ciências naturais, a objetividade do espaço e do tempo, sua indissolúvel conexão mútua, bem como sua conexão com a matéria em movimento.

A interpretação científica do espaço e do tempo sempre partiu do reconhecimento da realidade objetiva do espaço e do tempo. Na mecânica de Newton o espaço e o tempo eram considerados como existentes objetivamente, independentemente das concepções que os homens tinham a respeito. Ao desenvolver, porém, sua mecânica, baseada no reconhecimento da objetividade do espaço e do tempo,

Newton formulou a concepção do espaço "absoluto”, que sempre permaneceria idêntico e imóvel e seria independente dos objetos materiais. De maneira análoga, também o tempo, segundo Newton, transcorre de maneira absolutamente uniforme e não depende absolutamente do movimento da matéria.

Essa limitação histórica da doutrina de Newton sobre o espaço e o tempo, limitação que decorria de desligar Newton o espaço e o tempo dos objetos materiais, foi superada pelo desenvolvimento posterior da ciência. A física moderna revela concretamente a indissolúvel conexão entre o espaço e o tempo. A física moderna confirma a tese de que não se pode considerar o tempo como pura duração, absolutamente desligada dos processos materiais. O correr do tempo revela sua estreita dependência em relação ao movimento dos objetos materiais. Essa dependência foi diretamente confirmada pela experiência. A pesquisa das partículas "elementares” chamadas mésons, a que já nos referimos, demonstrou que os mésons existem durante um tempo extremamente curto, depois do que se desintegram, e transformam-se em outras partículas. Constatou-se que o tempo de existência dos mésons, ou, como se costuma dizer em física, seu tempo de vida, depende essencialmente da velocidade de seu movimento. As experiências demonstraram que o tempo de vida do méson aumenta com o aumento da velocidade do movimento. A física moderna demonstrou também a conexão indissolúvel e a interdependência entre as características espacial e temporal do corpo em movimento.

A análise das formas espaciais constitui o conteúdo da geometria, que considera as relações espaciais entre as coisas, abstraindo-se das próprias coisas. A geometria, como ciência que estuda as relações espaciais das coisas do mundo exterior, resulta de um prolongado

trabalho de abstração do pensamento humano.

Ainda na antiguidade foi criada a geometria de Euclides. As teses básicas da geometria euclidiana integraram solidamente o sistema de conhecimentos científicos sobre as relações espaciais dos objetos materiais. Na geometria euclidiana, o espaço é absolutamente homogêneo, sem curvatura e possuidor de três dimensões. O caráter tridimensional do espaço se expressa em que através de cada ponto do espaço podem ser traçadas três e somente três retas perpendiculares entre si. Essas três retas perpendiculares entre si e que podem ser traçadas a partir de qualquer ponto do espaço têm a denominação de eixo das coordenadas.

Todos os objetos materiais existem no espaço tridimensional. Por maiores ou menores que sejam os objetos do mundo objetivo, seu movimento só se pode verificar no espaço real de três dimensões. Lênin afirma:

> "As ciências naturais não se atrasam, devido a que a matéria que elas estudam só existe no espaço de três dimensões e que, por conseguinte, também as partículas dessa matéria, por mais ínfimas que sejam, a ponto de se tornarem invisíveis para nós, existem necessária- mente no mesmo espaço de três dimensões."(32)

Os conhecimentos científicos sobre o espaço modificam-se e enriquecem-se constantemente. Desde a época do aparecimento da geometria de Euclides esses conhecimentos passaram por consideráveis modificações.

Em 1928-1929, o grande matemático russo N. I. Lobatchevski criou uma nova geometria não-euclidiana, que reflete, de maneira mais precisa e profunda as propriedades do espaço real e de sua ligação

com a matéria. A geometria de Lobatchevski revelou a limitação da geometria euclidiana, e patenteou que a geometria de Euclides não passa da primeira aproximação do espaço real nos limites das dimensões da Terra.

Ao criar uma nova geometria, não-euclidiana, Lobatchevski partiu de importante tese materialista sobre a indissolúvel ligação do espaço com a matéria, sobre o papel determinante da matéria em relação às propriedades do espaço.

No sistema da geometria de Euclides há o "postulado das paralelas", que pode ser formulado da seguinte maneira: por um ponto exterior a uma reta, só é possível traçar uma paralela a essa reta. Analisando as bases teóricas da geometria, Lobatchevski chegou à conclusão de que, de acordo com as diferentes condições físicas, podem existir geometrias diferentes da geometria euclidiana, nas quais o postulado das paralelas não é válido, ou, mais exatamente, assume outro aspecto.

Pesquisando as diferentes possibilidades das relações geométricas, Lobatchevski chegou a um novo postulado: por um ponto determinado pode-se fazer passar, em relação a determinada reta e num plano comum, no mínimo duas paralelas. Lobatchevski desenvolveu logicamente um harmonioso sistema da nova geometria, sistema que se distingue consideravelmente do sistema anterior dos conhecimentos geométricos. Se, por exemplo, na geometria de Euclides a soma dos ângulos internos de um triângulo é igual a dois ângulos retos, já na geometria de Lobatchevski essa soma dos ângulos do triângulo é menor do que dois retos.

Esses extraordinários resultados, que contradizem a geometria de

Euclides, são difíceis de serem evidenciados justamente porque nos valemos das relações geométricas nos limites das dimensões da Terra, limites dentro dos quais a geometria de Euclides é justa. A veracidade da nova geometria só pode ser experimentalmente revelada nas dimensões astronômicas do universo. Algumas comprovações da veracidade da geometria de Lobatchevski podem ser conseguidas também nas condições de nosso espaço terrestre, euclidiano. Para isso é necessário tomar superfícies particulares, em forma de sela, que têm a denominação de pseudoesferas. Na pseudoesfera pode verificar-se a justeza da geometria (mais exatamente, planimetria) de Lobatchevski e, em particular, evidenciar a exequibilidade do postulado segundo o qual, por determinado ponto fora de uma reta, pode-se fazer passar no mínimo duas linhas paralelas.

Os idealistas subjetivos tentaram e tentam valer-se da variabilidade de nossos conhecimentos sobre o espaço e o tempo para fundamentar suas "teorias” idealistas. O físico idealista francês A. Poincaré declara que o nascimento de novas geometrias significa que nossa razão é capaz de construir, de maneira inteiramente arbitrária, os sistemas geométricos que quisermos.

Na realidade, porém, as novas concepções do espaço e do tempo, criadas por Lobatchevski, não revogam as velhas concepções: apenas as tornam mais precisas e as enriquecem. Refletindo as propriedades reais do espaço, a geometria de Lobatchevski é um desenvolvimento da geometria de Euclides e a incorpora como caso particular. A velha geometria continha uma partícula da verdade absoluta, que se incorporou à nova geometria que é mais geral e que reflete de maneira mais completa as propriedades do espaço infinito. A geometria de Euclides continua a ser justa nas condições das

dimensões terrestres, como primeira aproximação das propriedades do espaço real. Os desvios da geometria euclidiana em relação à geometria de Lobatchevski são tão insignificantes nas condições da Terra que, dentro desses limites, a geometria de Euclides foi e continua sendo a base geométrica da física e das ciências técnicas.

A grande descoberta de Lobatchevski desferiu tremendo golpe no apriorismo de Kant. Os conceitos básicos da geometria de Euclides, existente há mais de dois mil anos, adquiriram a aparência de verdades absolutas, independentes da experiência, da prática. Desenvolvendo sua doutrina subjetiva e idealista do espaço e do tempo como formas *a priori* da sensibilidade, Kant referia-se ao "caráter absoluto”, à estabilidade dos axiomas geométricos. A criação da geometria não-euclidiana demonstrou, de maneira convincente, que as formas espaciais são formas inerentes às próprias coisas, e não à razão humana. As novas ideias sobre o espaço, da geometria não-euclidiana, significam uma aproximação ainda mais completa de nossos conhecimentos em relação à verdade absoluta.

Ao contrário do espaço, que tem três dimensões, o tempo possui direção única. O tempo é irreversível. O passado e o futuro não podem trocar de lugares. A irreversibilidade do tempo decorre do desenvolvimento progressivo da matéria no processo da modificação histórica das formas de seu movimento.

As propriedades do espaço e do tempo são inesgotáveis. A compreensão mais profunda dessas propriedades pela geometria de Lobatchevski preparou a modificação das concepções físicas sobre o espaço e o tempo. A física moderna demonstra que as propriedades do espaço estão indissoluvelmente ligadas aos fenômenos da gravitação, inerentes à matéria. A nova física torna mais precisas, assim, as

concepções do espaço e do tempo defendidas pela velha física.

Partindo dessas novas conquistas da ciência, os sábios burgueses chegam a conclusões reacionárias e idealistas. Abordando de maneira idealista os resultados das modernas pesquisas no domínio da física, Einstein e, particularmente os que especulam com suas descobertas, chegam a afirmar o caráter finito do mundo no espaço e no tempo, tentam demonstrar "cientificamente” a criação do mundo por Deus e calculam que o mundo foi criado há cerca de 2 bilhões de anos, etc.

O espaço e o tempo são infinitos. A matéria é infinita no espaço e existe eternamente no tempo. O caráter infinito do espaço significa a ilimitada extensão do mundo em todos os sentidos. O universo não tem fronteiras nem em cima nem em baixo, nem à direita nem à esquerda, nem para a frente nem para trás. O caráter infinito do tempo significa que o mundo material sempre existiu, que nunca houve começo do mundo e seu desenvolvimento nunca terá fim. Certas formas da matéria serão substituídas por outras, mas o mundo material é, em seu todo, indestrutível, eterno.

As conquistas alcançadas pela ciência moderna comprovam o caráter infinito do mundo material no espaço e no tempo. Nossa Terra é um dos planetas do sistema solar. O Sol é apenas uma entre as bilhões de estrelas que constituem o gigantesco sistema estelar chamado a Via Láctea. As dimensões de nossa Via Láctea atingem, em seu diâmetro, de 80 a 100 mil anos-luz (1 ano-luz equivale à distância percorrida pela luz durante um ano). Muito além dos limites de nossa Via Láctea há uma infinita quantidade de outros sistemas estelares semelhantes, os quais, em conjunto, constituem um sistema ainda mais vasto, chamado Meta-Via-Láctea. À medida que se aperfeiçoam os instrumentos

astronômicos e os métodos de observação, descobrem-se novos e novos mundos estelares e se pesquisam regiões cada vez mais distantes do espaço universal.

As ideias científicas a respeito do espaço e do tempo modificam-se e tornam-se mais precisas com o desenvolvimento da ciência. A descoberta de novas propriedades do espaço e do tempo não pode, porém, abalar a sólida tese materialista de que o espaço e o tempo existem objetivamente, são formas de existência da matéria. Lênin afirma:

> "A inconstância das concepções humanas a respeito do espaço e do tempo não refuta a realidade objetiva de um e de outro, do mesmo modo que a variabilidade dos conhecimentos científicos sobre a estrutura e as formas do movimento da matéria não refuta a realidade objetiva do mundo exterior."(33)

Os resultados alcançados hoje pelas ciências naturais confirmam mais uma vez a doutrina do materialismo dialético sobre o caráter objetivo do espaço e do tempo, uma vez mais nos convencem de que o mundo material sempre foi, é e será a matéria em eterno movimento e em eterno desenvolvimento e que existe no espaço e no tempo.

As Leis do Desenvolvimento da Matéria em Movimento

As leis da matéria em movimento são conexões essenciais, objetivamente reais entre os objetos e os fenômenos, conexões inerentes à natureza da própria matéria. O camarada Stálin afirma:

> "(...) a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos, revelados pelo método dialético, são as leis do desenvolvimento da matéria em movimento (...)".(34)

As leis do desenvolvimento da matéria existem objetivamente e expressam relações independentes da consciência humana, relações entre as próprias coisas e processos e que decorrem de sua natureza.

A ciência é, pelo seu conteúdo, um reflexo dessas leis. Toda tentativa de negar as leis objetivas da matéria em movimento é uma tentativa de minar as próprias bases do conhecimento científico. V. I. Lênin afirma:

> "Expulsar da ciência as leis é, na realidade, introduzir nela as leis da religião."(35)

Ao contrário, o reconhecimento da objetividade das leis da natureza importa em afirmar a capacidade de a ciência conhecer cada vez mais completamente essas leis. Insistindo sobre o caráter objetivo das leis da natureza, refletidas em nosso conhecimento, o materialismo dialético ressalta assim a tarefa básica da ciência — conhecer e revelar em seus conceitos e leis essas leis objetivas. V. I. Lênin afirma:

> "(...) A ideia da causalidade, da necessidade, da lei, etc., é o reflexo, na cabeça do homem, das leis da natureza (...).(36)

As leis mais gerais do desenvolvimento da matéria são formuladas pelo materialismo dialético como leis universais do movimento, da transformação e do desenvolvimento da natureza, da sociedade e do pensamento humano. Essas leis são as leis da dialética materialista, que é a doutrina mais completa e profunda a respeito do desenvolvimento. Cada ciência estuda as leis específicas peculiares às formas qualitativamente diferentes do movimento da matéria. As leis do desenvolvimento dos organismos vivos, por exemplo, são reveladas pela ciência biológica mitchuriniana. As leis dos fenômenos sociais foram pela primeira vez reveladas pela doutrina de Marx, Engels, Lênin

e Stálin.

Analisando as leis objetivas do desenvolvimento da matéria, convencemo-nos de que nenhum fenômeno da natureza surge ou desaparece independentemente da causa que condicionou seu surgimento ou desaparecimento. A conexão causal entre os fenômenos manifesta-se como importante característica de qualquer conexão regular. Para se descobrir as leis do desenvolvimento dos objetos e dos fenômenos da natureza é necessário esclarecer as relações causais entre esses objetos e fenômenos. Engels afirma:

> "Para compreender os fenômenos tomados isoladamente, devemos destacá-los da interdependência universal e considerá-los isoladamente; mas então os movimentos que se sucedem apresentam-se um como causa, outro como efeito."(37)

O idealismo nega a existência de conexões causais objetivas. O *leitmotiv* da moderna filosofia e da sociologia reacionárias da burguesia é a negação da causalidade e, por conseguinte, a negação das leis objetivas da natureza e da sociedade. Os modernos cientistas reacionários, os sábios e filósofos da burguesia, tentam extirpar da ciência os conceitos lei e causalidade, frequentemente apoiando-se em suas considerações anti- científicas nas elucubrações subjetivas e idealistas de Hume e Kant.

O filósofo inglês Hume, como idealista subjetivo e agnóstico, negava a própria possibilidade da existência de conexões causais objetivas na natureza. Declarava que o fato de um fenômeno se seguir a outro não fornece fundamento para afirmar-se a ligação causal entre eles. Deturpando o processo real do conhecimento humano, Hume tentou atribuir a concepção da causalidade ao simples hábito de a humanidade sempre observar um acontecimento em seguida a outro.

Hume chegou a negar a causalidade alegando que da simples observação de que uns fenômenos se seguem a outros não se pode chegar à conclusão de que entre eles exista conexão causal objetiva.

Na realidade, porém, o homem chega a conhecer as relações causais entre os objetos e fenômenos não porque observe a simples sequência dos acontecimentos. As conclusões ingênuas e fantásticas sobre a ligação causal na base da comparação dos fatos observados caracteriza os períodos iniciais da história da humanidade. Nessa época o desenvolvimento insuficiente da prática social e histórica e o domínio da concepção religiosa e mística do mundo não permitiam descobrir as reais conexões causais entre os fenômenos da natureza, e a simples sequência dos fenômenos era frequentemente interpretada como relação causal.

É, por exemplo, sabido, que os sacerdotes egípcios observavam que o Nilo começava a transbordar após o aparecimento da estrela Sírius entre os raios da aurora. Essa observação serviu de fundamento para as ideias astrológicas anticientíficas a respeito da influência direta dos corpos celestes sobre os acontecimentos terrenos. Na realidade, esses dois fenômenos não se encontram em relação de causa e efeito. O aparecimento da estrela Sírius e o transbordamento do Nilo são dois acontecimentos que se repetem e coincidem no tempo, mas cada um deles é provocado por conexões específicas e regulares.

Na verdade, a descoberta das conexões causais objetivas não se verifica como resultado da simples observação da sequencia dos acontecimentos (embora a sequência dos acontecimentos represente importante papel no estabelecimento das ligações causais), mas como resultado da atividade prática:

"(...) graças à atividade do homem é que se chegou à ideia da

causalidade (...)”(38)

Ao afirmar o mundo incognoscível das "coisas em si”, Kant também negava a existência, na natureza, de conexões causais e objetivas. A causalidade, segundo Kant, é uma forma *a priori* da razão humana, forma na qual a razão coloca os fenômenos percebidos. Essa forma, segundo Kant, é dada à razão humana antes de qualquer experiência e serve para a sistematização das percepções humanas.

Hume e Kant deturparam de maneira subjetiva e idealista as ligações reais e objetivas entre os objetos e fenômenos da natureza. Submetendo a uma crítica aniquiladora as concepções subjetivas e idealistas da filosofia de Mach, V. I. Lênin escreveu em seu livro *Materialismo e Empirocriticismo:*

> "A tendência subjetiva se reduz, na questão da causalidade, ao idealismo filosófico (entre cujas variedades se incluem as teorias da causalidade de Hume e de Kant) (...)”.(39)

Considerando de maneira idealista a causalidade, Mach afirmava que todas as formas de causalidade decorrem de propensões subjetivas. Procurou extirpar da ciência o próprio conceito de causalidade e substituí-lo pelo conceito matemático da correlação funcional. Na natureza não existe causa nem efeito, declarou ele. Desmascarando Mach, V. I. Lênin escreve:

> "A questão realmente importante da teoria do conhecimento, a que divide as correntes filosóficas, não reside em saber-se que grau de precisão alcançaram nossas descrições das conexões causais e se essas descrições podem ser expressas em fórmulas matemáticas precisas, mas em saber-se se a fonte de nosso conhecimento dessas conexões está nas leis objetivas da natureza ou nas propriedades de nossa razão, na faculdade de conhecer certas verdades a priori, etc. Eis o que separa

definitivamente os materialistas Feuerbach, Marx e Engels dos agnósticos Avenarius e Mach (discípulos de Hume)."(40)

A moderna filosofia idealista reacionária tenta deturpar as conquistas da ciência e ver nessas conquistas uma "refutação” da causalidade. Eddington, por exemplo, interpretou as conquistas da mecânica dos quanta como nova "prova” do indeterminismo, como negação da causalidade na natureza. Na realidade, porém, a ciência chegou a um conhecimento mais profundo das relações causais do que havia na velha física e confirmou, assim, mais uma vez, a importante tese do materialismo dialético de que a descoberta de uma formulação matemática nova, mais precisa, sobre as conexões causais, não nega absolutamente sua existência objetiva, mas, ao contrário, revela o aprofundamento e a precisão de nossos conhecimentos sobre essas conexões.

Pesquisando as leis da modificação dos elementos químicos, a física esclareceu que a transformação de um e1 emento químico em outro verifica-se em consequência da modificação da carga do núcleo. A modificação da carga do núcleo verifica-se, por sua vez, como resultado da saída, do núcleo atômico, por radiação, da partícula-alfa (núcleo do hélio) ou da partícula-beta (elétron) ou como resultado de sua integração pelo núcleo. A ciência nunca se limita à descoberta da conexão causal entre dois fenômenos quaisquer que a interessem. No último exemplo, a física não pode limitar-se a explicar as causas diretas da modificação dos elementos químicos, isto é, da radiação radioativa, e indubitavelmente deve ir mais longe para esclarecer as causas da própria radiação radioativa deste ou daquele átomo do elemento químico. A convicção materialista de que na natureza existe, necessariamente, dependência causal entre os objetos e fenômenos desempenha importante papel nesse avanço da ciência no sentido de

um conhecimento cada vez mais profundo das leis da modificação dos elementos químicos.

Assim, o conhecimento das conexões causais objetivamente reais entre os objetos e fenômenos do mundo material é condição necessária para o conhecimento das leis objetivas do desenvolvimento da natureza e da sociedade, porque a causalidade é uma característica importante e inseparável da lei.

As leis do desenvolvimento dos objetos materiais e dos fenômenos da natureza são reveladas pelos diferentes ramos da ciência.

A física estuda as leis do movimento das chamadas partículas “elementares” da matéria, revela as leis que dominam no mundo dos átomos e procura explicar as leis que regem a estrutura do núcleo atômico A física estuda também as leis da formação dos corpos sólidos por átomos e moléculas. A cristalografia (parte da física) descobre as leis do processo de formação dos cristais, corpos sólidos formados por átomos dispostos regularmente e de maneira determinada. Estuda também as leis da disposição dos átomos na rede cristalina. A *física,* moderna estuda também as leis do movimento peculiares ao campo eletromagnético e procura descobrir as leis peculiares ao campo de gravitação e ao campo intranuclear.

As leis do desenvolvimento dos átomos são reveladas pela lei periódica dos elementos químicos de D. I. Mendelêiev, que está na base de toda a moderna doutrina físico-química sobre a estrutura da matéria.

A astronomia estuda as leis do movimento dos corpos celestes em nosso sistema solar — planetas, cometas e asteroides Estuda os processos que se verificam no Sol e em outras estrelas e descobre as

leis do desenvolvimento das estrelas A astronomia trata também das leis da formação e desenvolvimento do nosso sistema solar.

A geologia, ciência da Terra, estuda as leis que atuam na crosta terrestre, a estrutura da Terra e as modificações físico-geográficas que se verificam no decurso de toda a história da Terra. A geologia revela de maneira clara que as leis do desenvolvimento da Terra já existiam antes do aparecimento do homem. Torna-se, assim, patente o caráter objetivo das leis da natureza e golpeia-se a interpretação subjetiva e idealista das leis da natureza.

A biologia estuda as leis objetivas do desenvolvimento da natureza viva. A biologia mitchuriniana parte da convicção de que a conexão mútua e a interdependência entre os organismos vivos e suas condições de existência são leis da forma biológica do movimento da matéria. Os organismos vivos desenvolvem-se segundo suas próprias leis, inerentes à sua própria natureza material, e não necessitam de quaisquer fatores "espirituais” — a "enteléquia”, a "atividade com vista a um fim determinado” e outras ficções idealistas. Ao contrário da interpretação idealista da natureza, a biologia mitchuriniana explica as leis do desenvolvimento dos organismos vivos pela adaptação, que se forma historicamente, dos organismos às condições materiais de sua existência.

É claro que todas as leis descobertas pelas ciências naturais existem objetivamente e são inerentes aos próprios objetos materiais, independentemente de nossa consciência. A ciência reflete essas leis e as descobre na natureza. Todos os setores das ciências naturais estudam as leis objetivas da natureza. O reconhecimento das leis objetivas da natureza serve de importante condição para o desenvolvimento da verdadeira ciência. Insistindo sobre o caráter

objetivo das leis da natureza e da sociedade, o materialismo dialético dota o homem com uma potente arma de conhecimento da natureza e da sociedade, arma de atividade dinâmica e consciente em prol do desenvolvimento da sociedade.

A Significação das Teses do Materialismo Filosófico Marxista Sobre a Materialidade do Mundo e as Leis de seu Desenvolvimento para a Atividade Prática do Partido Comunista

Reveste-se de grande importância a extensão das teses do materialismo filosófico ao estudo da vida social e o emprego dessas teses na atividade prática do Partido do proletariado.

A primeira característica do materialismo filosófico marxista aplicado aos fenômenos sociais importa em que a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos da vida social são leis do desenvolvimento da sociedade. Isto quer dizer que

> "a vida social e a história da sociedade, deixam de ser um amontoado de fatos ‘fortuitos’, porque a história da sociedade se converte no desenvolvimento da sociedade segundo suas leis, e o estudo da história da sociedade torna-se uma ciência."(41)

Toda a filosofia anterior ao marxismo foi incapaz de compreender as leis reais do desenvolvimento da História. A história da sociedade reduzia-se à simples descrição dos acontecimentos, enquanto as causas do movimento histórico eram procuradas quer nas ações de "sábios legisladores”, quer nas manifestações da "vontade superior". A História transformava-se num amontoado de casualidades e era impossível descobrir qualquer ligação regular entre os fenômenos.

O aparecimento do marxismo foi uma reviravolta radical nas concepções sobre a vida social e a história da sociedade. Lênin afirma que, estendendo o materialismo ao campo dos fenômenos sociais, Marx e Engels acabaram com as concepções da sociedade como agregado mecânico de indivíduos que surgia e era substituído casualmente, e pela primeira vez colocaram a sociologia em bases científicas. A interpretação materialista da História é a única concepção científica da História, sendo sinônimo de ciência social.

O marxismo-leninismo ensina que é preciso procurar a fonte do desenvolvimento social não nas cabeças dos homens, não nas suas boas intenções, mas nas condições da vida material da sociedade, nas leis do desenvolvimento dos modos de produção que se sucedem.

As leis do desenvolvimento da sociedade não dependem da vontade e da consciência dos homens. Formam-se no próprio processo da produção material. Marx afirma:

> "Na produção social de sua vida, os homens contraem relações determinadas, necessárias e independentes de sua vontade, as relações de produção. que correspondem a determinado grau de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais."(42)

A transformação das forças produtivas da sociedade leva à transformação das relações de produção e, por conseguinte, à transformação de todo o modo de produção. A transformação do modo de produção leva à transformação de toda a sociedade.

A moderna sociedade capitalista resultou do desenvolvimento, regido por leis, dos modos de produção anteriores. As crises, o desemprego e as guerras imperialistas — todos esses fenômenos decorrem necessariamente da natureza do próprio modo de produção capitalista. Toda a marcha do desenvolvimento histórico mostra que o

capitalismo está condenado à ruína e deve, necessariamente, ser substituído em toda parte por um modo de produção mais progressista, o modo de produção socialista.

A burguesia faz infrutíferas tentativas no sentido de deter a marcha regular da História. Os professores burgueses criam teorias do "capitalismo organizado". Esquecendo-se das leis objetivas da economia capitalista, inventam diferentes "medidas sensatas" com o objetivo de evitar as crises, que decorrem inevitavelmente da própria natureza do modo de produção capitalista. Propõem o uso de um sistema de planificação estranho à própria natureza do capitalismo.

Na realidade, nenhuma interferência do Estado burguês pode modificar as leis objetivas da economia capitalista. O completo fracasso de alguns políticos da burguesia em suas tentativas de "melhorar" o sistema capitalista em decomposição comprova, uma vez mais, a invencibilidade das leis do desenvolvimento social e faz ressaltar seu caráter objetivo. Em seu Informe ao XVI Congresso do Partido, J. V. Stálin refere-se a esses políticos da burguesia que tentam "prevenir" e até mesmo "acabar" com as crises econômicas:

> "Esses senhores esquecem-se de que as crises econômicas são um resultado inevitável do capitalismo."(43) "(...) Os governos burgueses de todos os tipos e matizes, os políticos burgueses de toda espécie e qualificação, todos, sem exceção, experimentaram suas forças com o objetivo de evitar e abolir as crises. Todos fracassaram, porém. Fracassaram porque não se pode evitar ou abolir as crises econômicas dentro dos limites do capitalismo."(44)

O marxismo-leninismo ensina que somente o profundo conhecimento das leis objetivas do desenvolvimento social pode permitir a vitória na luta pelo novo regime social. A criação da ciência

das leis objetivas do desenvolvimento social deu ao proletariado e a seu Partido uma poderosa arma teórica em sua luta política prática. E por isso que o marxismo, como ciência das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, da revolução das massas oprimidas e exploradas, da vitória do socialismo em todos os países, da construção da sociedade comunista, desperta o ódio feroz dos apologistas da burguesia reacionária, os modernos filósofos e sociólogos da burguesia.

Tentando justificar a ordem capitalista, a moderna filosofia reacionária da burguesia nega as leis do desenvolvimento social, ataca ferozmente a concepção materialista da História e nega a própria possibilidade de haver uma ciência das leis do desenvolvimento social.

Os modernos sociólogos da burguesia pregam incansavelmente a impossibilidade de conhecerem-se as leis que regem os fenômenos sociais. Tentam convencer as massas populares de que essas leis em geral não existem. Becker, sociólogo reacionário americano, afirma que as leis da sociedade são artificialmente criadas pelos homens, pelos "dirigentes do Estado” e conclama o povo a apo;ar a política agressiva e de usurpação dos senhores de Wall Street.

Negando o caráter objetivo das leis da História, transformando a história da sociedade em caos, em resultado de ações arbitrárias, os sociólogos da burguesia manifestam-se contra as conclusões da ciência social sobre o inevitável colapso do capitalismo. Apregoam as ideias místicas do papel determinante da psique individual na vida social.

> "O problema não esta na economia, mas em nossa psique. Modificai vossa consciência e tudo se transformará sem qualquer luta”

— declaram esses reacionários, afirmando que a luta contra o

capitalismo é coisa inútil. Com todas as suas elucubrações idealistas esses lacaios dos imperialismos americano e inglês, entregues de corpo e alma ao serviço de seus patrões, procuram enfraquecer a vontade das massas populares de lutar contra a escravidão capitalista, de lutar rela paz, pela democracia e pelo socialismo.

Na moderna sociologia burguesa são cada vez mais divulgadas diferentes concepções "biológicas” sobre os fenômenos sociais, que serviram e servem de fundamentarão "teórica” às "teorias” racistas de ódio à humanidade. J. V. Stálin afirma que a "teoria” racista

"está tão longe da ciência como o céu da terra (...)”.(45)

A "teoria” racista serviu aos fascistas alemães em sua guerra de banditismo contra Os povos livres. Em nossos dias a teoria racista é intensamente propagada na América e serve de justificação ideológica para a preparação da guerra contra a União Soviética e os países de democracia popular. Os racistas louvaram abertamente as "proezas” das forças americanas que desencadeiam uma sangrenta guerra contra a Coreia.

O racismo deturpa as conquistas da antropologia, da etno- grafia, da História, da psicologia e da biologia, nega o caráter específico dos fenômenos sociais e reduz todos os fenômenos sociais à natureza puramente biológica do homem. O sociólogo racista americano Winston declara, por exemplo, que a divisão em classes nas condições da sociedade capitalista é explicada pela hereditariedade. Nesse sentido vale-se do morganismo-mendelismo para "demonstrar” que os imutáveis genes hereditários determinam que este ou aquele homem pertença à classe capitalista, racialmente superior, ou à classe ao proletariado, racialmente inferior. Na realidade, todas essas concepções

pseudocientíficas sobre a pretensa natureza biológica, e, por conseguinte, eterna, da divisão da sociedade em classe, nada têm de comum com a verdadeira ciência.

O marxismo-leninismo ensina que as leis do desenvolvimento social não podem ser reduzidas a quaisquer leis mais simples, às leis biológicas, por exemplo.

A biologia não está em condições de explicar porque a sociedade humana, em determinadas épocas do desenvolvimento, é uma sociedade de classes, ou o que define o conteúdo da atividade mental do homem, ou quais são as causas do desenvolvimento histórico, etc. Somente o materialismo histórico responde a essas questões, vendo a base do desenvolvimento histórico nas condições da vida material da sociedade, no modo de produção dos bens materiais.

A concepção materialista da história rejeita radicalmente todas as concepções idealistas e reacionárias. Ao contrário de todas as variedades do idealismo histórico, o materialismo histórico exige que se aborde concreta e historicamente o estudo dos fenômenos sociais, insiste sobre a pesquisa concreta das leis objetivas, inerentes a cada formação econômico-social.

Na sua atividade prática, o Partido do proletariado parte das leis objetivas do desenvolvimento da sociedade, do estudo concreto dessas leis em cada período histórico; o camarada Stálin ensina:

> "(...) a atividade prática do Partido do proletariado não se deve" basear nas boas intenções de personalidades ilustres, em postulados da razão, da moral universal, etc., mas nas leis do desenvolvimento da sociedade e no estudo dessas leis."(46)

As leis do desenvolvimento da sociedade são, antes de tudo, leis

do desenvolvimento da produção, leis do desenvolvimento econômico da sociedade.

Expondo a primeira particularidade da produção, que consiste em que sempre se encontra em estado de transformação e desenvolvimento, o camarada Stálin afirma que

> "o Partido do proletariado, para ser um verdadeiro Partido, deve, antes de tudo, conhecer profundamente as leis do desenvolvimento da produção, as leis do desenvolvimento econômico da sociedade.

Isso quer dizer que, em política, o Partido do proletariado, para não se enganar, deve, antes de tudo, tanto na elaboração de seu programa, como em sua atividade prática, partir das leis do desenvolvimento da produção, das leis do desenvolvimento econômico da sociedade."(47)

Analisando as leis do desenvolvimento da produção, o camarada Stálin demonstra que as forças produtivas da sociedade são o elemento mais dinâmico e revolucionário da produção. De acordo com a transformação das forças produtivas transformam-se também as relações de produção entre os homens, suas relações econômicas. As forças produtivas da sociedade são não só o elemento mais revolucionário da produção, mas ao mesmo tempo seu elemento determinante.

O camarada Stálin afirma:

> "Conforme sejam as forças produtivas, assim devem ser também as relações de produção."(48)

As forças produtivas da sociedade são constituídas pelos instrumentos de produção e pelos homens que realizam a produção dos

bens materiais por ter certa experiência produtiva e certos hábitos de trabalho. A história do desenvolvimento da sociedade é, por conseguinte, a história das massas trabalhadoras, a história dos produtores dos bens materiais.

O Partido do proletariado emprestou e empresta grande significação à atividade prática revolucionária da classe operária e do Partido marxista-leninista, como destacamento de vanguarda da classe operária. A história do Partido bolchevique e a história da atividade revolucionária da classe operária russa comprovam o imenso papel da ação revolucionária consciente das massas dirigidas pelo Partido Comunista, ação que se apoia no profundo conhecimento das leis do desenvolvimento social.

O conhecimento das leis do desenvolvimento social arma os cidadãos soviéticos com inabalável confiança na luta pela construção da sociedade sem classe, a sociedade comunista.

As leis objetivas do desenvolvimento da sociedade, cuja base é o desenvolvimento das condições materiais de vida da sociedade, existem também no regime social socialista. Da mesma maneira que todas as formações econômico-sociais, o regime social socialista desenvolve-se na base de leis econômicas objetivas, que ninguém pode criar nem revogar. Todavia, no socialismo, as leis do desenvolvimento econômico são conhecidas e utilizadas conscientemente em benefício do desenvolvimento da sociedade soviética. Além disso, ao contrário das formações econômico-sociais anteriores, em nossa sociedade socialista desenvolveram-se novas forças motrizes como a amizade entre os povos da URSS, a unidade moral e política da sociedade soviética e o patriotismo soviético, forças que aceleram extraordinariamente o movimento da sociedade soviética para o

comunismo.

Em nossos dias, quando se trava luta cada vez mais tenaz dos povos do mundo contra a caduca ordem capitalista, a doutrina leninista-stalinista sobre as leis do movimento da sociedade para o comunismo torna-se a bandeira dos trabalhadores dos países capitalistas em sua luta pela paz, pela democracia e pelo socialismo.

O conhecimento das leis objetivas do desenvolvimento social, descobertas pelo marxismo-leninismo, arma os trabalhadores de todos os países com a inabalável certeza no colapso inevitável do capitalismo, na necessidade de uma luta decisiva e organizada contra a ordem capitalista, que se torna historicamente obsoleta.

O Caráter Primário da Matéria e Secundário da Consciência

P. T. Belov

O Problema Fundamental da Filosofia

A grande e fundamental questão da filosofia é a questão da relação entre o pensamento e o ser, entre o espírito e a natureza. Na história das doutrinas filosóficas sempre houve e continua a haver uma grande quantidade de escolas e tendências, uma grande quantidade de teorias de toda espécie, que não concordam entre si quanto a muitos problemas, importantes e secundários, relativos à concepção do mundo. Monistas e dualistas, materialistas e idealistas, dialéticos e metafísicos, empiristas e racionalistas, nominalistas e realistas, relativistas e dogmáticos, céticos, agnósticos e partidários da cognoscibilidade do mundo, etc., etc. Por sua vez, cada uma dessas correntes encerra uma grande quantidade de matizes e de ramificações. Seria extremamente difícil orientar-se na multiplicidade de correntes filosóficas. Tanto mais que os partidários das teorias filosóficas reacionárias propositalmente inventam "novas" denominações (como o empirocriticismo, o empiromonismo, o pragmatismo, o positivismo, o personalismo, etc.), para, sob a rubrica de um novo "ismo", ocultar o conteúdo obsoleto da teoria idealista, há muito desmascarada.

Pôr em evidência a *questão principal e fundamental da filosofia* é proporcionar um critério objetivo para determinar a essência e o caráter de cada corrente filosófica e é ensejar uma orientação no complexo labirinto dos sistemas, das teorias e das concepções filosóficas.

A definição científica, clara e precisa, dessa questão fundamental da filosofia foi feita pelos fundadores do marxismo. Na obra *Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã,* Engels escreve:

> "A grande questão fundamental de toda filosofia, e especialmente da filosofia moderna, é a da relação entre o pensamento e o ser." (1)

> "Os filósofos se dividiam em dois grandes campos, de acordo com a resposta que dão a esse problema. Os que afirmavam o caráter primordial do espírito em relação à natureza, e que admitiam, por conseguinte, em última instância, uma criação do mundo sob uma ou outra forma — e esta criação é frequentemente, nos filósofos, em Hegel por exemplo, muito mais complicada e impossível do que no cristianismo — formavam no campo do idealismo. Os outros, que consideravam a natureza como o elemento primordial, pertenciam às diferentes escolas do materialismo."(2)

Todas as tentativas dos filósofos reacionários no sentido de deixar de lado essa questão básica da concepção do mundo, pretensamente "elevando-se" acima da "unilateralidade" do materialismo e do idealismo, todas as tentativas dos idealistas em ocultar a essência de suas concepções atrás do disfarce de um novo "ismo", sempre e em toda a parte levaram e levam apenas a uma nova confusão, a um novo charlatanismo e, no final de contas, ao reconhecimento mais ou menos franco da existência do mundo de além-túmulo.

V. L Lênin afirma:

> "Por trás da prestidigiação da nova terminologia, por trás do amontoado confuso da escolástica erudita, encontramos 'sempre, sem exceção, duas tendências fundamentais, duas correntes principais, na solução dos problemas filosóficos. Considerar como primária a natureza, a matéria, o físico, o mundo exterior, e

considerar como secundaria a consciência, o espírito, a sensação (a experiência, segundo a terminologia em voga em nossa época), o psíquico, etc., eis a questão capital que na realidade continua a dividir os filósofos em dois grandes partidos."(3)

A solução marxista-leninista da questão fundamental da filosofia e inteiramente clara, categórica, e não permite nenhum desvio em relação ao materialismo. Em sua genial obra *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico*, o camarada Stálin nos dá uma completa formulação dessa solução.

J. V. Stálin afirma:

"Em oposição ao idealismo, que afirma que só nossa consciência tem existência real e que o mundo material, o ser, a natureza, existe apenas em nossa consciência, em nossas sensações, representações e conceitos, o materialismo filosófico marxista parte do princípio de que a matéria, a natureza, o ser, é uma realidade objetiva que existe fora e independentemente da consciência; que a matéria é o primário, porque é a fonte das sensações, das representações, da consciência, e esta é o secundário, o derivado, porque é o reflexo da matéria, o reflexo do ser; de que o pensamento é um produto da matéria ao chegar esta a um elevado grau de perfeição em seu desenvolvimento, mais precisamente, um produto do cérebro, e este é o órgão do pensamento, e, por isso, não se pode separar o pensamento da matéria, se não quisermos cometer um grosseiro erro."(4)

A resposta idealista à questão básica da filosofia opõe-se diretamente tanto à ciência como ao senso comum e forma um todo com os dogmas da religião. Alguns idealistas (Platão, Hegel, Berkeley, os teólogos de todas as religiões, etc.) apelam sem quaisquer rodeios para a ideia de Deus, do sobrenatural, para o princípio do misticismo. Outros representantes do idealismo (machistas, pragmatistas,

semanticistas, etc., etc.) chegam às mesmas teses da religião, por meio de confusos raciocínios gnosiológicos. Assim, rejeitando todos os pretensos postulados "exteriores à experiência” e só admitindo como real a consciência do sujeito que filosofa, chegam inevitavelmente ao solipsismo, isto é, à negação da existência real de todo o mundo que nos cerca, à negação da existência do que quer que seja fora da consciência do sujeito que filosofa. E, metendo-se nesse beco sem saída, apelam fatalmente para a ideia "salvadora” da divindade, em cuja consciência dissolvem todo o mundo, bem como a consciência individual do homem com todas as suas contradições.

Por mais que as teorias idealistas se distingam uma da outra, nunca houve nem há uma diferença essencial entre elas.

V. I. Lênin afirma que toda a pretensa diferença entre as escolas idealistas reduz-se apenas

> "a tomar por base um idealismo filosófico muito simples ou muito complexo: muito simples, se ele se reduz abertamente ao solipsismo (eu existo e o universo é apenas minha sensação); muito complexo, se o pensamento, a representação, a sensação do homem vivo é substituída por uma abstração morta: não o pensamento, a representação, a sensação de homens particulares, mas o pensamento em geral (ideia absoluta, vontade universal, etc.), a sensação considerada como elemento' indefinido ‘psíquico', que substitui toda a natureza física, etc., etc. Milhares de matizes são possíveis entre as variedades do idealismo filosófico, e sempre se pode acrescentar a eles o matiz milésimo primeiro (o empiromonismo, por exemplo), cuja diferença em relação aos outros pode parecer muito importante a seu autor. Do ponto de vista do materialismo, essas diferenças não têm a menor importância.”(5)

Os idealistas de todos os tempos e de todos os países sempre

afirmaram e afirmam uma mesma coisa, reconhecendo que a base primeira de toda consciência existente é o espírito, a ideia, enquanto os corpos materiais e toda a natureza infinita, a realidade, são declarados como secundários e derivados da consciência.

Todo homem sensato, inexperiente nas "sutilezas" da filosofia idealista, ao se lhe depararem tais afirmações dos idealistas, conjetura: Que. absurdo! Como se pode, em sã consciência, negar a realidade da existência do mundo exterior que nos cerca e de todo o universo? Essas conjeturas têm toda razão de ser. Os delírios dos idealistas pouco diferem dos delírios do alienado. Nesse sentido, V. I. Lênin compara os idealistas aos moradores das "casinhas amarelas" (isto é, dos hospícios).

No entanto, o idealismo não é simplesmente um absurdo, porque se assim fosse não se manteria durante milênios na cabeça dos homens. O idealismo tem raízes teórico-cognitivas (gnosiológicas) e raízes de classe, sociais. Não é por acaso que muitos e muitos representantes da ciência burguesa, inclusive naturalistas, são prisioneiros da religião e do idealismo. Não é por acaso que milhões e milhões de trabalhadores nos países capitalistas continuam a ter religião; a religião é a irmã mais velha do idealismo, uma variedade da concepção idealista do mundo.

As *raízes gnosiológicas* do idealismo se embebem nas dificuldades do conhecimento, no caráter contraditório das relações mútuas entre o sujeito (a consciência) e o objeto (o ser).

V. I. Lênin afirma:

"O modo de a razão (de o homem) entrar em contacto com determinada coisa, de copiá-la (= a conceito), não é um ato

> simples, direto, morto como um reflexo no espelho, mas um ato complexo, diversificado, ziguezagueante, que inclui a possibilidade de voos de fantasia que se distanciam da vida; mais: inclui a possibilidade da transformação (mais ainda: da transformação imperceptível, de que o homem não se dá conta) do conceito abstrato, da ideia, em fantasia (em última instância a Deus). Isso porque, na mais simples generalização, na mais elementar ideia geral (‘a mesa’ em geral) há uma determinada partícula de fantasia."(6)

O reflexo das coisas na consciência do homem é um processo complexo, biológica e socialmente contraditório. Por exemplo, à percepção sensível, um mesmo objeto ora parece quente, ora frio, ora doce, ora amargo, dependendo de determinadas condições. Em condições diferentes, o colorido dos mesmos corpos se apresenta de maneira diversa. Finalmente, à percepção sensível direta do homem só é acessível um círculo limitado de propriedades das coisas. Daí a conclusão da relatividade dos dados provenientes das percepções sensíveis. A mesma relatividade caracteriza o conhecimento lógico. A história do conhecimento é a história da sucessiva substituição de umas ideias e teorias obsoletas por outras, mais aperfeiçoadas.

Tudo isso se verifica com o esquecimento do principal: o fato de que, por mais contraditório que seja o processo do conhecimento, nele se reflete o mundo material real, existente fora de nós e independente de nós, e de que nossa consciência é apenas uma cópia, uma fotografia, um reflexo da matéria que existe e se desenvolve eternamente. Ao se esquecerem desse elemento principal, muitos filósofos, enredando-se nas contradições gnosiológicas, lançam-se nos braços do idealismo.

Estudando, por exemplo, os fenômenos intra-atômicos e intranucleares, e outros processos físicos, nos quais se manifestam as

mais profundas propriedades da matéria, os físicos modernos submetem esses fenômenos a uma complexa elaboração matemática. A matemática representa aqui, nas mãos do físico, uma poderosa alavanca, que ajuda a estabelecer e expressar em fórmulas as leis do micromundo. Entretanto, tendo-se acostumado a operar principalmente com cálculos matemáticos, e não dispondo da possibilidade de ver diretamente os átomos e muito menos as ínfimas partículas da matéria, o físico que não se mantém firmemente nas posições do materialismo filosófico só vê os símbolos matemáticos e "se esquece" da natureza objetiva. Em consequência desse "esquecimento", os físicos machistas declaram: a matéria desaparece e só restam equações. O resultado é que, tendo começado por estudar a natureza, o físico que não tem conhecimentos filosóficos sólidos chega a negar a existência real da natureza, rolando para o abismo do idealismo e do misticismo.

Consideremos outro exemplo, também retirado da história das ciências naturais.

Pesquisando a natureza do corpo vivo, os biólogos estabeleceram no passado que às células das diferentes espécies animais e vegetais é inerente uma coleção particular de cromossomas, filamentos *sui generis,* nos quais se transforma o núcleo da célula biológica no momento de sua divisão. E eis que, sem saber das causas reais da hereditariedade e de sua variabilidade, os Biólogos metafísicos concluíram, de maneira puramente dedutiva e especulativa, que a causa da hereditariedade e da variabilidade reside totalmente no cromossoma, e que no cromossoma da célula-embrião estão predeterminados todos os caracteres concretos do futuro indivíduo. E como os caracteres hereditários concretos do organismos são muitos, esses biólogos começaram a dividir (mais uma vez de maneira

puramente especulativa) o filamento do cromossoma em pequenas partes isoladas ("genes”), que foram declaradas as determinantes da hereditariedade. Como, porém, o desenvolvimento das propriedades reais dos organismos vivos não se amolda ao artificioso esquema da genética cromossomática, os partidários dessa teoria, os weismannistas-morganistas, começaram a apregoar a "incognoscibilidade do genes”, a natureza imaterial da "imortal” "substância” da hereditariedade, etc., etc.

Ao invés de submeter a um completo reexame as premissas da teoria cromossomática da hereditariedade e de auscultar a atividade prática dos inovadores da produção agrícola, a genética burguesa, desconhecendo as verdadeiras forças motrizes do desenvolvimento dos organismos vivos, chega ao idealismo e ao clericalismo.

O fator principal disso é que os sábios burgueses ignoram o papel da prática no processo do conhecimento, na solução de todas as contradições gnosiológicas. Deparando-se-lhe determinadas dificuldades na ciência, no conhecimento, eles encaram sua solução de maneira puramente especulativa. E como, sem levar em conta a prática, não se pode resolver cientificamente nenhum problema teórico, os filósofos, ignorando o pape! da atividade prática no conhecimento enredam-se definitivamente em contradições e atolam-se inteiramente no pântano do idealismo.

Nesse sentido, devemos lembrar-nos do pesado jugo das tradições religiosas, que, nas condições do regime burguês, pesam desde a infância sobre a mente dos homens e constantemente os atiram para o campo do misticismo.

V. I. Lênin afirma:

> "O conhecimento humano não é uma linha reta (respective não avança em linha reta), mas uma curva que se aproxima incessantemente de uma série de círculos, de uma espiral. Qualquer fragmento, segmento, pequeno pedaço dessa curva, pode ser transformado (unilateralmente transformado) em linha rela independente, completa, a qual (se por trás das árvores não virmos a floresta) levará então ao pântano, ao clericalismo (onde é consolidada pelo interesse de classe das classes dominantes). Marchar em linha reta, ir somente para um lado, como um manequim, por rotina, por subjetivismo e por cegueira subjetiva, voilà (eis — N. da R.) as raízes gnosiológicas do idealismo. E o clericalismo (= o idealismo filosófico) tem, evidentemente, raízes gnosiológicas, não é desprovido de fundamento; é uma flor estéril, sem dúvida, mas flor estéril que cresce na árvore viva do conhecimento humano vivo, produtivo, verdadeiro, poderoso, onipotente, objetivo e absoluto."(7)

Argumento costumeiro dos idealistas é o de que a consciência lida apenas com sensações e ideias. Qualquer que seja o objeto considerado, para a consciência ele é uma sensação (percepção da cor, da forma, da resistência, do peso, do gosto, do som, etc.). Dirigindo-se ao mundo exterior, a consciência — afirmam os idealistas — não sai dos limites das sensações, da mesma forma que não podemos sair de nossa própria pele.

Entretanto, nenhuma pessoa sensata jamais duvidou, por um minuto sequer, de que a consciência humana não lida simplesmente com as "sensações como tais", mas com o próprio mundo material, com as coisas e fenômenos reais que se encontram fora da consciência e que existem independentemente dela.

Mas eis que, deparando-se-lhe a relação, dialeticamente contraditória, entre o objeto e o sujeito, o idealista começa a conjeturar: que pode haver lá, "do lado de lá" das sensações? Alguns idealistas

(Kant) afirmam que "lá” existem "coisas em si” que exercem influência sobre nós, mas que são, por princípio, incognoscíveis. Outros (por exemplo, Fichte, os neokantistas, os machistas) afirmam: não há semelhante "coisa em si”, a "coisa em si” é também um conceito e, por conseguinte, mais uma "construção da própria razão”, da consciência. Por isso, afirmam, só a consciência existe realmente. Todas as coisas não são mais do que um "complexo de ideias” (Berkeley), um "complexo de elementos” (de sensações) (Mach).

Os idealistas de forma alguma podem sair do círculo vicioso das sensações, por eles próprios traçado. É fácil, porém, desfazer esse "círculo vicioso” e resolver a contradição, se levarmos em conta os argumentos da atividade prática dos homens, se colocarmos na base da solução da questão fundamental da filosofia — a relação entre o pensamento e o ser, entre a consciência e a natureza — as indicações da prática (a experiência diária, a indústria, a experiência da luta das classes revolucionárias, a experiência da vida social em seu todo).

Em sua atividade prática, os homens diariamente se convencem de que as sensações, as representações, os conceitos (se são científicos) não separam mas ligam a consciência com o exterior mundo material das coisas; convencem-se de que não há nenhuma "coisa em si” incognoscível por princípio e de que, a cada novo êxito alcançado na produção social, cada vez conhecemos mais profundamente as propriedades objetivas e as leis do mundo material que nos cerca.

Consideremos, por exemplo, a moderna técnica da aviação. No aeroplano, cada grama de metal é uma vantagem, porque aumenta a solidez da construção, e uma desvantagem, porque torna maior o peso do aparelho, reduzindo sua capacidade de manobra. Até que grau de exatidão precisamos conhecer as propriedades aerodinâmicas dos

materiais e dos motores empregados na fabricação de aviões e as propriedades do ar para se calcular com justeza as possibilidades de manobra dos aparelhos que desenvolvem velocidades equivalentes à velocidade do som! E se a técnica da aviação marcha a passos tão rápidos, isso quer dizer que nossos conhecimentos sobre as coisas é digno de fé; isso quer dizer que as sensações não separam a consciência do mundo exterior, mas nos ligam com ele; isso quer dizer que a consciência não se fecha no "círculo vicioso” das sensações, mas sai dos limites desse "círculo”, para o mundo material das coisas, que o homem fica conhecendo e, após conhecê-lo, subordina a seu próprio poder.

Os êxitos alcançados pela indústria da química sintética, que produz borracha artificial, seda, lã, tintas, combinações orgânicas próximas da albumina; os resultados obtidos pela análise espectral, pelo uso do radar e pela radiotécnica em geral, os progressos verificados no estudo dos fenômenos intra-atômicos até a utilização prática das inesgotáveis fontes da energia intra-atômica — tudo isso são irrefutáveis argumentos a favor do materialismo e contra o idealismo.

Depois disso, ainda há cretinos idealistas que continuam a afirmar que nada sabemos e nada podemos saber sobre a existência do mundo material e que "só a consciência é real”. Refutando os argumentos do agnosticismo, F. Engels apresentou como exemplo a descoberta da alizarina no alcatrão fóssil como um fato de grande importância e que demonstrava de maneira clara a veracidade dos conhecimentos humanos. Em virtude das conquistas técnicas de meados do século XX, esse fato pode parecer relativamente elementar. Entretanto, sob o aspecto de princípio gnosiológico, ele conserva todo o seu valor, pois indica o decisivo papel da experiência, da prática, da indústria, na

solução de todas as dificuldades do conhecimento.

Além das raízes gnosiológicas, o idealismo possui suas raízes *sociais, de classe.* Se o idealismo não tivesse raízes de classe, essa filosofia anticientífica não se manteria por muito tempo.

A divisão da sociedade em classes hostis, a separação entre o trabalho intelectual e o trabalho físico, e a contraposição antagônica do primeiro ao segundo, o implacável jugo da exploração — tudo is§o originou e continua a originar ilusões religiosas e idealistas relativas ao domínio do espírito "eterno" sobre a natureza "transitória”, e a ilusão de que a consciência é tudo e a matéria nada.

A extrema confusão das relações de casta e de classes nas sociedades anteriores ao capitalismo, a anarquia da produção na época do capitalismo e a impotência dos homens perante as leis espontâneas da História criaram ilusões a respeito da incognoscibilidade do mundo exterior. As conclusões do idealismo, do misticismo e da religião são úteis às classes reacionárias e servem ao capitalismo moribundo. Por isso, na moderna sociedade burguesa, tudo o que serve ao capitalismo e é contra o socialismo alimenta, apoia e anima as conjeturas idealistas.

Pode-se afirmar francamente que em nossa época, quando extraordinários êxitos são alcançados pela ciência, técnica e indústria no trabalho de dominar as leis da natureza, quando grandiosos êxitos são obtidos na luta revolucionária da classe operária para dominar as leis do desenvolvimento social, as raízes de classe do idealismo são as *principais* causas da manutenção dessa filosofia anticientífica e reacionária.

E não é por acaso que entre todas as variedades do idealismo, as mais em moda entre a burguesia são hoje as correntes do idealismo

subjetivo, que rejeitam as leis objetivas da natureza e que deixam o campo livre para o arbítrio, a ilegalidade e o charlatanismo sem freios. O imperialismo germânico desenvolveu sua selvagem agressão aventureira sob o signo do voluntarismo de Nietzsche. Os imperialistas dos Estados Unidos empreendem hoje suas aventuras sob o signo do pragmatismo, do positivismo lógico e do semanticismo, variedades da filosofa especificamente americana, do *business,* variedades que justificam quaisquer vilanias, desde que prometam vantagens aos magnatas de Wall Street.

A marcha objetiva da História leva inevitavelmente ao colapso do capitalismo, à inevitável vitória do socialismo em todo o mundo. É por isso que as leis objetivas da realidade assustam tanto à burguesia reacionária e seus ideólogos. É por isso que não desejam levar em conta as leis objetivas do desenvolvimento histórico e procuram justificação para suas ações contra o povo em sistemas filosóficos anticientíficos. Justamente por isso a burguesia imperialista lança-se aos braços do idealismo e especialmente do idealismo subjetivo.

A reação imperialista nada desdenha. Tenta apoiar-se diretamente no obscurantismo da Idade Média, ressuscitando, por exemplo, a sombra de "santo” Tomás (de Aquino), um dos principais teólogos cristãos do século XIII, e formando a corrente filosófica do neotomismo.

Essas são as raízes sociais e de classe das modernas teorias idealistas. Nesse sentido, não se pode deixar de observar que, visando a enganar as massas trabalhadoras com a propaganda do idealismo, do clericalismo e do obscurantismo, a burguesia ao mesmo tempo se engana a si própria, afundando-se definitivamente na mais completa confusão anticientífica e perdendo qualquer critério para sua própria orientação na impetuosa torrente dos acontecimentos atuais. Todos

sabem em que abismo os hitleristas se precipitaram, por professarem as teorias de Nietzsche, do "mito do século XX", etc. O mesmo destino aguarda os imperialistas americanos. Querendo enganar os outros, eles próprios se emaranham nas trevas do pragmatismo, do positivismo lógico, do semanticismo, etc., acelerando assim sua própria ruína e o colapso de todo o sistema capitalista.

É esse o destino das forças reacionárias e obsoletas da sociedade, que não desejam abandonar voluntariamente a arena da História.

| - - | - - | - - |

Toda a história da filosofia, a começar pelas escolas da China e da Grécia antigas, é a história de uma intensa luta entre o materialismo e o idealismo, entre a corrente de Demócrito e a de Platão. Na solução do problema fundamental da filosofia, o materialismo filosófico marxista apoia-se nas grandes tradições do materialismo do passado e continua essas tradições.

Combatendo implacavelmente o idealismo de todos os matizes, Marx e Engels apoiaram-se em Feuerbach, nos materialistas franceses do século XVIII, em Francis Bacon, nos materialistas da antiguidade, etc. Desmascarando o machismo, em sua genial obra *Materialismo e Empirocriticismo*, V. I. Lênin refere-se a Demócrito, Diderot, Feuerbach, Tchernitchévski e a outros eminentes filósofos materialistas e naturalistas do passado. V. I. Lênin nos aconselha a continuar editando as melhores obras materialistas e ateístas dos velhos materialistas, porque até hoje ainda não perderam sua significação na luta contra o idealismo e a religião.

O materialismo filosófico marxista não é, porém, uma simples

continuação do velho materialismo. Embora os materialistas anteriores a Marx, ao enfrentarem o problema fundamental da filosofia, partissem, com inteira justeza, do caráter primário da matéria e secundário da consciência, eles eram em geral, como é sabido, materialistas metafísicos, contemplativos. Ao resolver a questão fundamental da filosofia, não levavam em conta o papel da atividade prática revolucionária do homem. A relação entre a consciência e o ser era comumente considerada por eles como relação puramente contemplativa (teórica ou sensível). Apesar de alguns deles se terem referido ao papel da prática no conhecimento (em parte Feuerbach e sobretudo Tchernitchévski), não podiam compreender cientificamente a própria prática, pois lhes faltava, como aos anteriores, a compreensão materialista da História.

Criticando o caráter limitado de todo o velho materialismo de Feuerbach e formulando as bases da concepção proletária e científica do mundo, Marx escreve em suas célebres *Teses Sobre Feuerbach:*

> "A principal deficiência de todo o materialismo precedente — inclusive o de Feuerbach — reside em que o objeto, a realidade, o mundo sensível, só são considerados sob a forma de objeto, ou de contemplação, mas não como atividade humana concreta, como prática (...)(8)

Idealistas no domínio da História, os materialistas anteriores a Marx não podiam, naturalmente, interpretar cientificamente as leis da origem e do desenvolvimento da consciência *humana,* não podiam dar uma solução materialista ao problema da relação entre a consciência social e o ser social.

Marx afirma na conclusão das *Teses Sobre Feuerbach:*

> “Os filósofos só cuidaram de interpretar o mundo de diferentes

maneiras, mas trata-se de transformá-lo."(9)

Por isso, o materialismo filosófico marxista não é nem pode ser uma simples continuação do velho materialismo. .

Muitos dos velhos materialistas se perderam quer no *hilozoísmo* (atribuição da sensibilidade a toda a matéria)(10) quer no materialismo vulgar. Os materialistas vulgares não veem nenhuma diferença entre a consciência como propriedade da matéria e os restantes atributos da matéria, e consideram a consciência como uma emanação especial, uma secreção do cérebro. Os erros dos velhos materialistas eram inevitáveis, porque eles não estavam em condições de resolver cientificamente o problema da consciência como produto da matéria.

Ao contrário deles, o materialismo filosófico marxista afirma que a consciência não é uma propriedade de toda a matéria, mas somente da matéria altamente organizada e organizada de maneira particular. A consciência é uma propriedade apenas da matéria viva biologicamente organizada, propriedade que surge e se desenvolve à medida que surge e se aperfeiçoam as formas vivas.

Na obra *Anarquismo ou Socialismo?*, J. V. Stálin afirma:

"é falsa a concepção segundo a qual o aspecto ideal e, em geral, a consciência, precede em seu desenvolvimento ao desenvolvimento do aspecto material, Quando não havia ainda seres vivos, já existia a chamada natureza exterior ‘não viva'. O primeiro ser vivo não possuía consciência alguma, possuía somente a propriedade da irritabilidade e os primeiros rudimentos da sensação. Depois se foi desenvolvendo, gradativamente, nos animais, a capacidade da sensação, passando lentamente a ser consciência, em consonância com o desenvolvimento da estrutura de seu organismo e do sistema nervoso."(11)

O camarada Stálin também critica como inconsistente o ponto de vista dos materialistas vulgares que identificam a consciência com a matéria. Escreve ele:

> "(...) a ideia de que a consciência é a forma do ser não quer dizer de modo algum que a consciência seja, por natureza, a própria matéria. Assim pensavam somente os materialistas vulgares (por exemplo: Büchner e Moleschott), cujas teorias estão em contradição radical com o materialismo de Marx, aos quais Engels, com justeza, pôs em ridículo em seu Ludwig Feuerbach."(12)

A consciência é uma propriedade *particular* da matéria, a propriedade de *refletir* as coisas exteriores e suas relações mútuas no cérebro do homem. A consciência social, por sua vez, é um produto do ser social.

Embora nem toda a natureza possua consciência, isso de forma alguma significa que esta última seja uma propriedade casual na natureza. Generalizando os dados das ciências naturais e baseando-se neles, <*o* materialismo filosófico marxista afirma que a consciência é um resultado inteiramente regular e, em determinadas condições, inevitável do desenvolvimento das formas da matéria. Isso porque a *possibilidade* da sensação da consciência, está contida no próprio fundamento da matéria como sua propriedade potencial inseparável.

Referindo-se ao desenvolvimento eterno, irresistível e inesgotável da matéria, ao aparecimento e ao desaparecimento de algumas de suas formas e sua substituição por outras, inclusive à possibilidade de a natureza infinita dar origem e fim aos seres vivos e pensantes, Engels escreve:

> "(...) qualquer que seja o número dos milhões de sóis e de terras que surgem e desaparecem; por maior que fosse o tempo

> necessário a que, num sistema solar, se formassem as condições para a vida orgânica, mesmo que num só planeta; por mais numerosos que sejam os seres orgânicos que devem surgir e perecer antes que de seu seio saiam animais com um cérebro capaz de pensar, encontrando por um curto prazo condições próprias à sua vida, para depois serem também aniquilados sem compaixão — temos a certeza de que, em todas as suas transformações, a matéria permanece eternamente a mesma, que nenhum dos seus atributos nunca poderá perder-se, e que, por conseguinte, se ela deve na terra exterminar um dia, com uma necessidade férrea, sua floração suprema, o espírito pensante, é preciso que, com a mesma necessidade, em algum lugar e em outra ocasião, ela o reproduza."(13)

O materialismo filosófico marxista varre de seu caminho as absurdas suposições dos obscurantistas a respeito da "imortalidade da alma", do "mundo de além-túmulo", etc., e, apoiando-se nos firmes dados da ciência e da prática, revela as leis reais da origem material da consciência — as leis das eternas transformações de umas formas da matéria em outras, inclusive das transformações da matéria inanimada em matéria viva, e vice-versa.

Nos simples corpos minerais, evidentemente, não há irritabilidade, não há sensação. No entanto, também neles já existe a possibilidade de que, sob a condição de uma organização qualitativamente diferente da matéria (corpo vivo), surjam as formas biológicas que refletem o mundo exterior. Onde surge a albumina viva, surge também, de modo natural e inevitável, a irritabilidade e, posteriormente, a sensação.

O mesmo se deve dizer do aparecimento da consciência humana. Em comparação com a capacidade intelectual dos próprios animais superiores, a consciência é uma propriedade qualitativamente nova e de ordem superior, inexistente no mundo animal. Seu aparecimento baseia-

se, porém, nas premissas biológicas preparatórias que se formam através de prolongado progresso histórico-natural das espécies animais e de sua organização nervosa superior.

A consciência é um atributo da matéria. V. I. Lênin afirma:

> "(...) a oposição entre a matéria e a consciência só tem significação absoluta dentro de lmites muito restritos, no caso, exclusivamente dentro dos limites da questão gnosiológica fundamental: o que se deve considerar como primário, o que se deve considerar como secundário. Além desses limites, a relatividade dessa oposição está fora de dúvida."(14)

Em seu trabalho *Anarquismo ou Socialismo?*, J. V. Stálin frisa o mesmo pensamento, referindo-se à natureza una e indivisível que se expressa em duas formas, a material e a ideal.

Nos *Cadernos Filosóficos,* V. I. Lênin observa novamente que

> "a diferença entre o ideal e o material também não é incondicional e taxativa."(15)

Além dos limites da questão gnosiológica fundamental, o material e o ideal apresentam-se como formas diferentes de manifestação da natureza una e indivisível. A consciência humana existe realmente. Desenvolve-se historicamente no espaço e no tempo, por intermédio dos milhões e milhões de inteligências das gerações que se sucedem. A consciência do indivíduo é tão acessível à pesquisa científico-natural como qualquer outra propriedade da matéria em movimento. O grande mérito de Ivan Petróvitch Pávlov está em que ele, pela primeira vez na história da ciência, descobriu e elaborou o método objetivo (científico-natural) de estudo dos fenômenos psíquicos.

Seria errado afirmar que a consciência é algo que está fora do

tempo e fora do espaço. Nas obras dos clássicos do marxismo-leninismo, em parte alguma se encontra tal caracterização da consciência. E isso não é casual, porque todas as formas da matéria e literalmente todas as suas propriedades, inclusive a consciência, encontram-se e desenvolvem-se no tempo e no espaço, porque a própria matéria existe, só pode existir, no tempo e no espaço.

Ao mesmo tempo, porém, a consciência não é, absolutamente, uma "secreção" qualquer, um "suco", uma "exalação", como pensam os materialistas vulgares. Onde está, então, a diferença de princípios entre a matéria e a consciência? Em poucas palavras, a diferença está no seguinte:

Qualquer substância, qualquer outra forma de matéria, encerra em si mesma seu conteúdo material: o conteúdo molecular, o conteúdo atômico ou o conteúdo eletromagnético, que se pode, por assim dizer, medir e pesar. Ao contrário, o conteúdo material da consciência não se encontra na própria consciência, mas fora dela — no mundo exterior que é refletido pela consciência. Assim, a consciência não tem outro conteúdo senão o mundo que está fora dela, independe dela e que ela reflete.

A esse respeito, V. I. Lênin criticou José Dietzgen, não porque ele reconhecesse na consciência uma propriedade da matéria, mas porque Dietzgen, utilizando uma terminologia pouco precisa, escamoteava a diferença entre o material e o ideal no domínio da questão gnosiológica fundamental, ao declarar que a diferença entre a mesa na consciência e a mesa na realidade não é maior do que a diferença entre duas mesas reais. Isso já representava uma concessão direta aos idealistas que pretendem justamente fazer passar por realidade os produtos da própria consciência.

Na verdade, a representação do objeto e o próprio objeto não são dois objetos igualmente reais. A representação do objeto é apenas a imagem mental do objeto real, não é material, mas ideal. O conteúdo objetivo do pensamento não está no próprio pensamento, mas fora dele.

Evidentemente, a consciência se acha ligada, unida, a deter-m:nados movimentos bioquímicos, fisiológicos (inclusive eletromagnéticos), que se passam no cérebro. A fisiologia moderna verificou, por exemplo, que no momento em que a consciência do homem não está tensa, mas se encontra em estado de quietude (repouso), verificam-se no cérebro vibrações eletromagnéticas uniformes (vibrações de onda alfa, cuja frequência corresponde a dez vibrações por segundo). Logo, porém, que começa um trabalho intelectual intenso, a solução de um problema matemático, por exemplo, surgem no cérebro vibrações eletromagnéticas extremamente rápidas. Cessado o trabalho intelectual, cessam também essas rápidas vibrações. Restabelece-se novamente a vibração-alfa uniforme.

Daí se conclui que o pensamento se acha ligado a determinadas tensões eletromagnéticas que se verificam no tecido cerebral. Entretanto, -nesse caso, o *conteúdo* do pensamento não são esses movimentos eletromagnéticos que se processam no cérebro. Esses movimentos representam apenas uma condição para o processo de pensamento. O conteúdo do pensamento é o problema que o cérebro resolve. E no problema matemático estão justamente refletidas as formas de relações mútuas entre coisas e fenômenos que se encontram *fora* da consciência, no mundo exterior.

Nisso consiste o caráter específico da consciência como atributo da matéria. Essa diferença entre a matéria e a consciência não é absoluta, não é taxativa, porém. Ela só é admissível e obrigatória dentro

dos limites da questão fundamental da filosofia. Além desses limites, a matéria, como primária, e a consciência, como secundária, manifestam-se como dois aspectos da natureza una e indivisível.

V. I. Lênin afirma que

> "o quadro do mundo é o quadro de como a matéria se movimenta e de como ‘a matéria pensa'."

Os Dados Científicos Sobre o Surgimento da Consciência como Atributo da Matéria

Para os idealistas, o problema da origem da consciência é um enigma insolúvel por princípio. Os idealistas não têm possibilidade de resolver e nem mesmo de propor de maneira justa essa questão. Contornando a proposição direta do problema da relação entre o pensamento e o ser, os idealistas modernos "desejam”, em suas teorias filosóficas, permanecer apenas "dentro dos limites da experiência” (isto é, da interpretação subjetiva e idealista da experiência, como cadeia de sensações, de ideias, etc.). Por isso, de fato nada absolutamente podem dizer sobre a origem da consciência, além da tautologia sem sentido de que a consciência é a consciência.

(Se, evidentemente, não se levar em conta o apelo mais ou menos dissimulado ao sobrenatural.) Nisso consiste sua "profunda sabedoria”.

Ao contrário, o materialismo, e particularmente o materialismo filosófico marxista, ao enfrentar a questão da origem da consciência, apela abertamente para as ciências naturais de vanguarda, que estudam em minúcia e experimentalmente as mais profundas propriedades da matéria inorgânica e orgânica.

O que nos diz concretamente a ciência do século XX a respeito da origem material da consciência? Nas modernas ciências naturais, essa questão se divide em dois problemas independentes, mas estreitamente relacionados entre si:

1. o problema da origem do ser vivo a partir da natureza inanimada e

2. o problema do aparecimento e desenvolvimento da irritabilidade, da sensibilidade e da consciência, com o desenvolvimento progressivo das formas biológicas.

Na realidade, se a sensação, a consciência, é, em geral, uma propriedade exclusiva da matéria altamente organizada e organizada de maneira particular (matéria viva), o problema da origem material da consciência, repousa, antes de tudo, na questão da origem do ser vivo a partir da natureza inanimada, no problema da origem da vida.

Devemos desde logo ressaltar, com legítimo orgulho, que, em nossa época, é a ciência russa e depois soviética que — graças às suas grandes descobertas da segunda metade do século XIX e da primeira metade do século XX, descobertas que deram início a diversos novos ramos científicos e que elevaram o conjunto das ciências naturais a novo nível — fornece os dados mais abundantes para a solução prática e científica do problema multissecular da origem da vida e da transformação da matéria inanimada em matéria sensível.

Continuando a orientação de Mendelêiev e Butlerov, os sábios soviéticos muito avançaram no estudo da química orgânica, das conexões mútuas e das transformações recíprocas entre a natureza orgânica e inorgânica. As descobertas de V. I. Vernádski, no campo da geobioquímica, as descobertas de N. D. Zelínski e de seus discípulos, de A. N. Bach, A. I. Opárin e seus discípulos, as conquistas alcançadas pelos institutos de pesquisas científicas de Moscou, Leningrado e de

outros centros científicos no setor da química das albuminas. e da bioquímica, inclusive a obtenção artificial de albuminas (provenientes dos produtos da ressíntese), a descoberta de algumas propriedades biológicas (por exemplo, as propriedades da imunização e da fermentação) — tudo isso lança brilhante luz sobre o problema, da origem dos seres vivos a partir da natureza inanimada.

Por sua vez, as grandes conquistas alcançadas pela biologia materialista russa e depois soviética, os trabalhos de K. A. Timiriázev, I. V. Mitchúrin, N. F. Gamáleim, O. B. Lepechinskaia, T. D. Lissenko e outros eminentes biólogos e micro-biologistas; os trabalhos de I. M. Sétchenov, I. P. Pávlov e seus seguidores, também comprovam, de maneira irrefutável, a origem da matéria sensível a partir da matéria insensível, confirmando as inabaláveis teses do materialismo filosófico marxista.

| - - | - - | - - |

As modernas ciências naturais atacam sob dois aspectos a solução do problema da origem dos seres vivos a partir dos seres inanimados, da essência da vida como processo material dê natureza bioquímica definida. Um aspecto é o da química, da geoquímica e da bioquímica, segundo o ponto de vista da análise das leis da transformação das substâncias inorgânicas em orgânicas, das leis da síntese de combinações orgânicas cada vez mais complexas até à formação das albuminas (sendo que o ser vivo surge em determinado grau de complexidade das albuminas), segundo o ponto de vista do esclarecimento da essência das reações bioquímicas iniciais. Ao contrário, o segundo aspecto é o da biologia teórica, da citologia e da microbiologia, que atacam o mesmo problema segundo o ponto de vista do estudo das próprias formas vivas, começando pelas manifestações

superiores da vida e terminando pelas inferiores e mais elementares. Assim, os diferentes ramos das modernas ciências naturais, alguns dos quais procedem da natureza inanimada para a viva, enquanto outros procedem das formas vivas para a natureza inanimada, combinam-se, *em seus pontos de convergência*, para o estudo da origem e da essência da assimilação e da desassimilação — para o estudo do processo biológico do metabolismo.

Generalizando os dados da ciência de sua época, F. Engels escreveu no *Anti-Dühring,* há três quartos de século:

> "A vida é o modo de existência dos corpos albuminoides; e esse modo de existência consiste, essencialmente, em que esses próprios corpos constantemente renovam os elementos químicos de que são constituídos."

> "A vida, o modo de existência dos corpos albuminoides, consiste, portanto, antes de tudo em que o corpo albuminoide em cada momento dado é ele mesmo e ao mesmo tempo outro, e isso é assim não em virtude de qualquer ação de fora, a que fosse submetido, como acontece com os corpos não vivos. A vida, ao contrário, a troca de substâncias que se verifica por meio da nutrição e da eliminação, é um processo que se verifica. por si mesmo, que é inerente e inato a seu veículo, a albumina, sem o qual não pode haver vida. Disso se segue que se a química conseguir algum dia produzir artificialmente a albumina, essa albumina deverá necessariamente manifestar fenômenos vitais, por mais fracos que sejam."(16)

O desenvolvimento posterior das ciências naturais de vanguarda confirmou inteiramente a genial definição de Engels sobre a essência da vida e seu prognóstico sobre a possibilidade de sintetizar artificialmente os corpos albuminoides, inclusive os que possuem os primeiros sintomas do ser vivo.

Os dados da moderna ciência de vanguarda sobre a essência e origem da vida podem ser reduzidos aos seguintes: A vida não é um fenômeno casual na Terra. O conjunto de todos os seres vivos da Terra, conjunto que se denomina biosfera, é um produto necessário do desenvolvimento geoquímico da superfície de nosso planeta. A biosfera continua a representar um papel essencial, extraordinariamente importante, em todos os processos geoquímicos da crosta terrestre, determinando o caráter da formação das espécies, da formação do solo, da composição da atmosfera e em geral da distribuição dos elementos químicos nas camadas superiores da crosta terrestre, na hidrosfera e na atmosfera.

> "Do ponto de vista geoquímico, os organismos vivos não são um fato casual no quimismo da crosta terrestre; formam sua parte mais essencial e inseparável. Acham-se indissoluvelmente ligados à matéria inanimada da crosta terrestre, aos minerais e às rochas (...) Os grandes biólogos há muito reconheceram a ligação indissolúvel que prende o organismo à natureza que o cerca."(17)

Deixando de lado algumas conclusões filosóficas absolutamente erradas a que chegou o eminente sábio russo V. I. Vernádski, fundador da geobioquímica, é necessário ressaltar com, todo vigor que seus trabalhos sobre a geoquímica e a biosfera contêm generalizações e descobertas científico-naturais extremamente importantes e valiosas para a compreensão materialista da origem da vida na Terra.

O ser vivo é formado pelos mesmos elementos químicos que constituem a parte restante, mineral, da natureza. Na composição do corpo vivo organizado, entram quase todos os elementos químicos, inclusive os radioativos, do sistema periódico de Mendelêiev, uns, em maiores, outros, em menores proporções. Mas, por menor que seja a

quantidade com que certos elementos químicos participam da composição do protoplasma (sua presença nos organismos só é revelada pela análise espectral), ainda assim seu papel é essencial à atividade vital da albumina e sua ausência provoca a morte do organismo.(18)

V T Vernádski afirma que, do ponto de vista geoquímico, a substância viva é uma substância oxigenada e rica em hidrogênio e em carbono. A importância do carbono para os organismos não é determinada, porém, pela sua quantidade, mas pelas suas extraordinárias propriedades químicas, que abrem possibilidades ilimitadas para a associação química, eixo de todas as complicações subsequentes no desenvolvimento da molécula orgânica.

O organismo vivo constitui seu corpo com as substâncias da matéria inanimada. K. A. Timiriázev demonstra em seus trabalhos que no laboratório natural que é a folha verde da planta se verifica a primeira transformação da substância inorgânica na substância orgânica que constitui a base da alimentação de todas as subsequentes formas de vida na Terra. K. A. Timiriázev demonstrou que tanto a fotossíntese orgânica como em geral todos os processos bioquímicos dos organismos estão estritamente subordinados às imutáveis leis do universo: às leis da conservação e da transformação da matéria e da energia.

K. A. Timiriázev afirma:

> "Da mesma forma que nenhum átomo de carbono é criado pela planta, mas penetra nesta vindo de fora, assim também nenhuma unidade de calor, libertada pela matéria vegeta’ na combustão, é criada pela vida, mas tomada emprestada, em última instância, do sol."

> "(...) A lei da conservação da energia se justifica em geral em relação aos organismos animais e vegetais, explicando-nos o vínculo que existe entre a atividade do organismo e o dispêndio de sua substância."(19)

A química, a bioquímica e a biologia provam experimentalmente que no organismo não há nenhuma força mística particular, inventada pelos idealistas ("enteléquia", "alma", "força vital", etc.), e que pretensamente "dá vida" à "matéria inerte". Todas as propriedades do ser vivo, inclusive os mais profundos processos do metabolismo, decorrem da própria complexidade interna e do caráter contraditório da matéria viva. Todo organismo é uma condensação, formada natural e historicamente, das condições exteriores. Em todas as suas fases, os organismos desenvolvem-se em indissolúvel unidade com essas condições materiais.

Diante de nossos olhos, por assim dizer, verifica-se um incessante processo químico de intercâmbio de substâncias entre a natureza viva e a natureza inanimada. Depois de certo tempo, verifica-se de fato a total renovação da composição material do organismo. As substâncias químicas que constituem o corpo vivo (e cada molécula da albumina viva) atrofiam-se e se separam do organismo, enquanto as novas combinações químicas que provêm do meio exterior, transformando-se em tecidos do organismo, adquirem todas as propriedades da matéria viva.

O acadêmico T. D. Lissenko afirma:

> "Todo corpo vivo constrói-se a si mesmo com o material inanimado, em outras palavras, com o alimento, com as condições do meio exterior (...) O corpo vivo é constituído de diferentes elementos do meio exterior, que se transformam em elementos do corpo vivo."(20)

Nesse sentido, é importante ressaltar que a matéria inanimada, sendo assimilada pelo organismo e transformando-se, assim, em matéria viva, não só reproduz integralmente todas as propriedades da substância viva, cujo lugar vem ocupar, *mas também origina, além disso, propriedades biológicas novas, mais elevadas*, graças ao que a vida se processa tanto no plano do desenvolvimento gradual do indivíduo, como no plano geral da filogênese.

Definido como naturalista a essência da vida, a diferença entre o ser vivo e o ser inanimado, K. A. Timiriázev confirma inteiramente o pensamento de Engels.

O grande sábio materialista russo escreve:

> "A propriedade básica que caracteriza os organismos e que os distingue dos não-organismos é a constante e ativa troca de substâncias com o meio ambiente. O organismo constantemente ingere substâncias, as transforma em elemento idêntico a si mesmo (assimila), torna a modificá-las e as elimina. A vida da mais simples célula, — da partícula de protoplasma —, a existência do organismo é formada por essas duas transformações: absorção e acumulação — eliminação e dispêndio de substâncias. Ao contrário, a existência de um cristal só é concebível na ausência de quaisquer transformações, na ausência de qualquer troca entre sua substância e as substâncias do meio."(21)

"*Na partícula de substância albuminoide está potencialmente contido todo o variado quimismo do corpo vivo.*"(22)

Combatendo os vitalistas, os neovitalistas e outros cientistas idealistas, K, A. Timiriázev demonstra com fatos e à base de uma rica documentação experimental, que na bioquímica do corpo vivo nada há senão matéria, senão "natureza”, que se desenvolve segundo as leis da

própria natureza.

Expulsos do campo da interpretação dos processos fisiológicos básicos, os biólogos idealistas tentaram transplantar seus artifícios para a interpretação da natureza da hereditariedade e de sua varabilidade. Entretanto, o idealismo foi também derrotado completamente nesse campo de batalha.

Em luta intensa contra a genética idealista, weismannista-morganista, K. A. Timiriázev, I. V. Mitchúrin e T. D. Lissenko demonstraram, de maneira profunda e sob todos os aspectos, que no organismo não existe nenhuma "substância hereditária" diferente do corpo e pretensamente imortal. As leis da hereditariedade e de sua variabilidade também têm uma natureza perfeitamente compreensível, material, constituída integralmente pelas relações mútuas entre o organismo e o meio. Procurar no organismo qualquer "substância hereditária" especial equivale a procurar nele uma "alma", ou uma "força vital" independente do corpo do organismo.

O fato de que, multiplicando-se, os indivíduos reproduzem organismos idênticos a si mesmos não é de forma alguma provocado por quaisquer "determinantes da hereditariedade", sobrenaturais e particulares, mas pelas leis dialéticas da conexão mútua e interdependência entre todas as partes do corpo vivo — entre os átomos e suas combinações na molécula da albumina viva, entre as moléculas no protoplasma e na célula, entre as células nos tecidos, entre os tecidos nos órgãos e entre os órgãos no organismo.

Reproduzindo-se a partir da célula sexual ou da gema vegetativa, como se "passasse por uma regeneração, o organismo desenvolve todas as suas propriedades potenciais de acordo com a lei da conexão

mútua e interdependência entre as moléculas, células, tecidos, etc.

O acadêmico T. D. Lissenko escreve:

> "Expressando-nos em sentido figurado, o desenvolvimento do organismo é um destorcimento, por dentro, de uma espiral torcida na geração precedente."(23)

Essas são as conclusões das modernas ciências naturais avançadas, que, de maneira consequentemente materialista, consideram a vida como uma das formas do movimento da matéria.

As modernas ciências naturais de vanguarda (astronomia, física, química, biologia) desmascaram completamente as teorias idealistas sobre a "eternidade da vida”, a "panspermia”, etc.

A vida na terra tem origem terrestre, é resultado de uma síntese natural, que se processou com extrema lentidão, de substâncias orgânicas sempre mais e mais complexas. Nos outros planetas do sistema solar(24), bem como nos planetas de outras estreias, em toda parte, a vida só pode resultar do desenvolvimento da matéria no referido planeta, porque o ser vivo é inseparável das condições de sua existência e só é concebível como produto do desenvolvimento dessas próprias condições.

No livro do acadêmico A. I. Opárin, *Origem da Vida na Terra,* publicado pela primeira vez em 1936, que generaliza do ponto de vista do materialismo as conquistas da ciência na URSS e no estrangeiro, estão indicados os estágios básicos da possível síntese orgânica natural, desde, as primeiras combinações de hidrocarbonatos até as albuminas capazes de se precipitarem em soluções com a forma de diversos sedimentos coloidais, que posteriormente puderam evoluir, transformando-se em substância viva. E claro que o desenvolvimento

posterior da cosmogonia, da geologia, da química, da biologia inevitavelmente modificará essa compreensão, tornando mais precisas as concepções científico-naturais sobre os elos concretos do quadro geral da origem primeira do ser Vivo a partir do ser inanimado. Todavia, por mais que se modifiquem certas conclusões científico-naturais, uma coisa permanece invariável: o fato de que o ser vivo, orgânico, originou-se e continua a originar-se da natureza inorgânica, inanimada, de acordo com as leis do desenvolvimento da própria matéria.

O aparecimento da vida assinalou um grandioso salto qualitativo, uma reviravolta no desenvolvimento da matéria na Terra. A brusca reviravolta no desenvolvimento da matéria significa no caso, em última instância, que os processos químicos se transformam em bioquímicos, os quais sé distinguem, exatamente, por um novo tipo de associação e dissociação química que se processa na própria molécula orgânica.

A combinação química inanimada é um sistema fechado, no qual todos os vínculos de valência e outros são comumente substituíveis e correlacionados entre si. Isso empresta à molécula a estabilidade própria do equilíbrio. A estabilidade da molécula inanimada, o caráter estacionário de sua composição química, é alcançado pela sua relativa inercia em relação aos corpos que a rodeiam (logo que uma tal molécula entra em reação, modifica sua composição química, o que dá origem a outra combinação).

Ao contrário, a estabilidade da molécula viva é alcançada pelo fato de que sempre realiza a auto-renovação de sua composição química por meio da ininterrupta assimilação de novos e novos átomos e de seus grupos provenientes do meio exterior e por meio da eliminação dos mesmos para o exterior (desassimilação). Do mesmo modo que a forma aparentemente estável do jorro de uma fonte ou da

chama de uma vela é determinada pela rápida passagem de partículas através dessas formas, a relativa estabilidade, a constância da composição química da molécula da albumina viva resulta de nela (molécula) se processar um movimento ininterrupto e regular de determinadas partículas químicas, absorvidas do exterior e expelidas para o exterior. Daí decorre a brusca dissimetria que se pode observar na molécula da albumina viva: é que ela, por um lado, está, por assim dizer, combinando-se continuamente e, por outro lado, está constantemente em processo de dissociação.

Não podemos concordar com a afirmação de que o protoplasma vivo é formado de moléculas inanimadas. A essência da vida, a troca de substâncias, regida por leis, determina o caráter das relações químicas (associação e dissociação) dentro da própria molécula da albumina viva. Será mais exato afirmar que o próprio metabolismo, que é uma unidade da assimilação e da desassimilação, decorre de um tipo qualitativamente novo de associação e dissociação química que se forma na molécula viva da albumina, em oposição às combinações químicas inanimadas.

A molécula da albumina viva é uma formação química extremamente Complexa, constituída de muitas dezenas de milhares de átomos, onde encontramos a maioria dos elementos do sistema periódico de Mendelêiev. Segundo dados atuais, da composição molecular da albumina viva chegam a participar até 50 mil diferentes aminoácidos. Esses próprios amino- ácidos são extremamente variados. O peso molecular dessa combinação química atinge de dois a três milhões. Segundo a teoria de N. I. Gavrílov e N. D. Zelínski, a molécula de albumina, extremamente volumosa (macromolécula), é formada de várias partículas (micromoléculas) menos volumosas, mas por sua vez

extremamente complexas. Dentro dessa estrutura, surgem novas e novas formas de conexões químicas, que, em comparação com as conexões iniciais, covalentes ou iônicas, se distinguem por uma flexibilidade cada vez maior, pela instabilidade e pela mobilidade. O conjunto desse sistema molecular adquire, em última instância, um caráter extremamente imóvel, instável.

É por isso que as moléculas albuminoides, como nenhuma, outra combinação química, possuem a capacidade de se combinarem em associações cada vez maiores, em agregados cada vez mais complexos, tanto entre si mesmas, como com outras combinações orgânicas e inorgânicas. A estrutura físico-química dessa substância tem todas as propriedades que são inerentes aos cristais líquidos: o movimento, o crescimento, a gemação, a constituição de formas mais volumosas, peculiares às combinações cristaloides colocadas num meio adequado. A albumina viva adquire atividade fermentativa, acelerando e autorregulando a corrente dos processos bioquímicos.

A estabilidade relativa do sistema móvel da molécula viva só é mantida pelo fato de que ela, por meio da sequência regular de determinadas reações, de um lado, ininterruptamente e a cada instante acrescenta a si mesma novas e novas substâncias químicas e, por outro lado, expele substâncias químicas para o exterior.

Daí a particularidade qualitativa que diferencia a combinação química viva da inanimada consistir, também, em que a albumina viva só pode manter-se aproximadamente o que é, porque existem os correspondentes materiais químicos e condições energéticas necessários à albumina, que permite sua ininterrupta passagem através de si, com o que são mantidos a relativa constância da composição química dos elementos e um nível energético determinado de suas

moléculas.

É esse o tipo qualitativamente novo de associação e dissociação química cujo surgimento na história da evolução química da Terra significou a transformação da albumina inanimada em substância viva.

À medida em que se foi tornando mais complexa a estrutura interna da substância viva (surgimento de formas pré- celulares, da célula biológica, de organismos pluricelulares, etc.) complicaram-se os processos bioquímicos do metabolismo. Papel cada vez maior adquiriu a regulação enzimática e depois a regulação nervosa desses processos. Todavia, por mais que esses processos se tornassem complexos e por mais que se elevasse o papel dos enzimas e do sistema nervoso no organismo, o vivo tem suas raízes nas características específicas internas da organização química da própria molécula da albumina viva, o que provoca sua incessante auto-renovação.

Se "*a matéria viva que não tem forma celular é capaz de metabolismo, se ela se desenvolve, cresce e se multiplica”* (25) não há dúvida de que cada molécula desse corpo da natureza possui suas próprias leis de assimilação e desassimilação.

O. B. Lepechínskaia afirma:

> "A matéria viva começa com a molécula, albuminoide, capaz de metabolismo, sendo que essa molécula, conservando-se e desenvolvendo-se, dá origem a novas formas, cresce e se multiplica.”(26)

As grandes descobertas de O. B. Lepechínskaia no domínio do estudo do papel que desempenha no organismo a substância viva inicial, sem estrutura celular, indubitavelmente nos convencem de que a

vida realmente começa com a molécula da albumina.

Comprovam isso, de maneira particularmente evidente, as descobertas da ciência soviética sobre os vírus que são, evidentemente, as formas liminares da vida, situadas nos limites entre o vivo e o inanimado. As formas mais minúsculas dos vírus não são mais do que moléculas da albumina e em seguida agregados de moléculas albuminoides, formando toda uma escala de transições para o mundo das bactérias e dos organismos unicelulares.

K. S. Súkov, um dos eminentes especialistas soviéticos em vírus, afirma:

> "A autorreprodução das partículas virulentas significa que têm capacidade de assimilação e é essa uma qualidade que as distingue, quanto aos princípios, dos corpos da natureza inanimada. Ao mesmo tempo, graças à simplicidade de sua organização, os vírus conservam várias propriedades que os aproximam extremamente das substâncias moleculares. Aí se incluem sua capacidade de cristalizar-se e sua reatibilidade química."

A seguir, K. S. Súkov escreve:

> "Nessa fase do desenvolvimento da matéria viva, a vida é reversível, podendo cessar inteiramente e renovar-se de acordo com as condições ambientes."(27)

Em outros termos, a molécula da albumina virulenta, evidentemente, pode passar (conforme as condições existentes) de um tipo aberto e móvel de associação e dissociação química dos átomos, próprio do sistema vivo, a um outro tipo, internamente fechado e estacionário, próprio do sistema da combinação química inanimada. São essas as transições naturais da química para a bioquímica, das

formas inanimadas de matéria às formas vivas, descobertas na natureza pelos cientistas soviéticos.

A abundante documentação conseguida pelas ciências naturais de vanguarda do século XX demonstra e confirma amplamente a verdade do materialismo filosófico marxista com respeito à unidade de todas as formas de movimento da matéria e a verdade de que a matéria viva e sensível provém da matéria inanimada e insensível.

| - - | - - | - - |

Defendendo o materialismo contra os ataques dos machistas e desenvolvendo e aprofundando a concepção marxista do mundo, V. I. Lênin afirma, em sua obra *Materialismo e Empirocriticismo,* que as ciências naturais ainda têm que realizar a grande tarefa de explicar de maneira concreta e experimental como a matéria sensível provém da matéria insensível.

V. I. Lênin afirma:

> ”(...) ainda falta muito por estudar no processo graças ao qual a matéria que parece inteiramente privada de sensibilidade se liga a Uma outra matéria, constituída dos mesmos átomos (ou elétrons), mas dotada dá faculdade muito claramente expressa de sentir. O materialismo postula claramente esse problema ainda por resolver, estimulando assim sua solução e novas pesquisas experimentais."(28)

E, realmente, as ciências naturais durante muito tempo não puderam dar uma resposta científica ao problema da origem material da consciência, da natureza da sensação e da Consciência. Se a astronomia, a partir da época de Copérnico e Galileu, acabou com ás concepções de Aristóteles e de Ptolomeu sobre o movimento dos corpos celestes, se a química, desde Lomonóssov e Dalton, abandonou

as teorias alquimistas e flogísticas, já a ciência dos fenômenos psíquicos antes de Sétchenov e Pávlov, continuava a vegetar no nível das hipóteses anticientíficas da filosofia da natureza.

I. P. Pávlov assevera:

> "Pode-se afirmar com justeza que a marcha irreprimível das ciências naturais desde Galileu sofreu pela primeira vez uma longa parada diante do estudo do segmento superior do cérebro, ou, de um modo mais geral, diante dos órgãos das mais complexas redações entre os animais s o mundo exterior. Parece que essa parada não foi fortuita, que tínhamos realmente atingido o ponto crítico das ciências naturais, porque o cérebro — cuia formação superior o cérebro humano, criava e cria as ciências naturais -— se tornara ele próprio objeto de estudo para as ciências."(29)

Enquanto os naturalistas estudavam, por assim dizer, as formas ponderáveis, sensíveis, dá matéria e do movimento, procediam de acordo com os métodos perfeitamente científicos de tratamento objetivo, materialista, dos fenômenos, reduzindo-os às leis fundamentais da natureza — as leis da conservação e da transformação da matéria e do movimento. Mas, no domínio dos fenômenos psíquicos, os naturalistas ficavam num beco sem saída e, abandonando o campo da ciência, entregavam-se às arbitrárias conjeturas da filosofia da natureza. I. P. Pávlov afirma que

> "nesse ponto o fisiólogo abandonava uma posição firmemente científica (...), empreendendo a tarefa ingrata de conjeturar a respeito do mundo interior dos animais."(30)

Evidentemente, o materialismo filosófico há muito resolveu esse problema, afirmando o caráter primário da' matéria e secundário da consciência como propriedade que é da matéria altamente organizada.

Isso, porém, somente de forma teórica geral. Realmente, as ciências naturais ainda não haviam penetrado nesse setor com seus métodos de estudo experimental, fato que era aproveitado pelo idealismo, que se sentia quase senhor nessa esfera.

I. M. Sétchenov foi o primeiro a indicar às ciências naturais os meios básicos para o assalto à última fortaleza que se antepunha à ciência, o cérebro. I. P. Pávlov realizou essa conquista. Hoje, após as grandes descobertas de I. P. Pávlov, também estão esclarecidas as leis científicas básicas no domínio da vida psíquica dos animais e do homem. Provou-se que o cérebro é o laboratório material da vida espiritual. I. P. Pávlov afirma:

> "E nisso o mérito é todo e indiscutivelmente russo na ciência universal, no pensamento humano em geral."(31)

As grandes descobertas de Sétchenov e Pávlov vibraram um golpe esmagador em todos os sistemas de "filosofia sem cérebro" e de "psicologia sem cérebro". O idealismo foi expulso também desse seu último refúgio.

Referindo-se à importância teórica dos êxitos alcançados pela ciência da fisiologia e tendo em vista sobretudo a importância das descobertas de Pávlov, V. M. Molotov afirmou na recepção oferecida no Kremlin aos participantes do XV Congresso Internacional de Fisiólogos:

> "A moderna fisiologia. materialista por sua base, penetrando cada vez mais profundamente na essência dos processos vitais do organismo humano, nos processos vitais dos animais e das plantas, realiza juntamente com o desenvolvimento das demais ciências, um grande trabalho de libertação do desenvolvimento intelectual do homem, livrando-o de todo o bolor da mistica e das sobrevivências religiosas."(32)

Com sua doutrina da atividade nervosa superior, I. P. Pávlov forneceu uma profunda fundamentação científica das teses básicas do materialismo filosófico marxista sobre o caráter primário da matéria e secundário da consciência, da consciência como propriedade da matéria, como reflexo da realidade no cérebro, e do cérebro como órgão material da consciência .

Realizando uma revolução na ciência dos fenômenos psíquicos, I. P. Pávlov conseguiu os seguintes resultados:

1. pela primeira vez na história da ciência, apresentou, fundamentou e elaborou o método *objetivo,* isto é, científico, de estudo dos fenômenos psíquicos;

2. descobriu o *reflexo condicionado* e assim forneceu aos naturalistas um poderoso instrumento de pesquisa experimental das leis da psique, instrumento de penetração nos segredos do trabalho do cérebro;

3. analisando o mecanismo do reflexo do mundo exterior no cérebro dos animais e do homem, estabeleceu *três graus, três estágios* da organização e da capacidade cognitiva (refletora) do sistema nervoso: a) o sistema dos reflexos condicionados (peculiares aos segmentos inferiores do cérebro e ao tecido não diferenciado dos animais desprovidos de sistema nervoso), caracterizado pela ligação através de um *elemento condutor* (isto é, ligação direta e invariável na base do contacto direto entre o corpo vivo e a excitação externa); b) o sistema da atividade condicional-refletora (grandes hemisférios cerebrais) — ligação *fechada* e móvel, comparada por Pávlov à ligação telefônica através do comutador, através da estação central. Em conjunto, esses dois estágios constituem o *primeiro sistema de sinalização* da atividade psíquica; c) o *segundo sistema de sinalização* é o mecanismo especificamente humano de reflexo da realidade no cérebro através da palavra articulada — por meio da palavra e dos conceitos, por meio da língua e do pensamento;

4. revelou a estrutura da organização e da ação recíproca entre os centros da atividade nervosa superior e as leis básicas dos movimentos internos no tecido nervoso: a ação recíproca entre a

excitação e a inibição, a irradiarão, e da concentrarão da excitação e da inibição, a indução recíproca desses processos, etc.;

5. após revelar a dialética dos processos internos da atividade nervosa, explicou a natureza fisiológica dos fenômenos do sonho, da hipnose, das doenças mentais, e as particularidades dos temperamentos, expulsando, assim, o idealismo também desse domínio científico;

6. com suas descobertas, lançou brilhante luz sobre os meios concretos pelos quais a matéria insensível se transforma em sensível sobre Os meios pelos quais se criaram as premissas biológicas para o surgimento da consciência humana;

7. finalmente, com suas teses geniais a respeito das particularidades do *segundo sistema de sinalização,* apontou os meios para a descoberta pormenorizada da fisiologia do pensamento e das bases fisiológicas da interação entre a língua e o pensamento.

Analisando a vida como resultado regular do, desenvolvimento material da crosta terrestre, I. P. Pávlov procedeu ao esclarecimento decisivo de todas as manifestações da vida psíquica dos animais, partindo do ponto de vista da unidade, entre o organismo e o meio ambiente, da progressiva adaptação dos organismos às condições de sua existência, da unidade entre o ontogênese e filogênese no desenvolvimento das formas vivas. I. P. Pávlov demonstrou que toda atividade nervosa, a começar das primeiras manifestações da irritabilidade do protoplasma, se acha subordinada à função de adaptação do organismo às condições de existência e se apresenta como um meio para essa adaptação.

I. P. Pávlov afirma:

> "é perfeitamente evidente que toda atividade do organismo deve ser regida por leis. Empregando a terminologia biológica, se o animal não estivesse exatamente adaptado ao meio ambiente, mais ou menos rapidamente, mais ou menos lentamente, deixaria de"existir. Sé o animal, ao invés de se dirigir para o

alimento, dele se afastasse, e ao invés de fugir do fogo à ele se lançasse, etc., etc., seria, de uma ou outra forma, destruído. Assim, o animal' deve reagir em relação ao mundo exterior de tal modo que sua existência seja garantida por toda sua atividade.”(33)

Essas conclusões de Pávlov concordam inteiramente com as teses do materialismo filosófico marxista sobre a consciência,como propriedade de refletir.

Combatendo os machistas, V. I. Lênin afirma, no livro *Materialismo e Empirocriticismo*, que somente refletindo com veracidade a realidade exterior por meio do sistema nervoso, fica o animal em condições de assegurar a troca regular de substâncias entre o organismo e o meio. E o fato de que os, animais em geral se conduzem com acerto em suas condições, de vida, adaptando-se ao meio ambiente, atesta, de maneira convincente, que em geral os animais refletem fielmente os propriedades do mundo dos fenômenos que os cerca.

Determinando aos naturalistas a tarefa de pesquisar de que maneira se "processa' a passagem da matéria insensível à sensível, V. I. Lênin ao mesmo tempo forneceu indicações geniais a respeito da justa orientação que deve tomar o. pensamento dos cientistas para resolver, esse problema. Em dois trechos do livro *Materialismo e Empirocriticismo*, V. I. Lênin repete o pensamento de que se não pode afirmar que toda a matéria possui a propriedade da sensação, mas *"no fundamento do próprio edifício da matéria”* é lógico pressupor a existência de uma propriedade semelhante à Sensação, afim da sensação — a propriedade de refletir.(34)

Nas obras de Engels *Anti-Dühring* e *Dialética da Natureza,* há

indicações perfeitamente claras no sentido de que uma propriedade qualitativamente nova, inerente apenas à matéria viva, — a propriedade da irritabilidade, da sensação — surge simultaneamente com a passagem da química à bioquímica, isto é, simultaneamente com o surgimento do metabolismo, e decorre do próprio processo de assimilação e dissimilação.

Engels afirma:

> "Da troca de substâncias por meio da nutrição e da eliminação, considerada como função essencial da albumina, e da plasticidade que lhe é própria, decorrem todos os outros fatores mais simples da vida: a irritabilidade, que já implica a ação mútua entre a albumina e seu alimento; a contratilidade, que já se manifesta num grau extremamente baixo na absorção dos alimentos; a capacidade de crescimento, que, nos graus mais baixos, compreende a multiplicação por cissiparidade; o movimento interno, sem o qual não e possível nem a absorção nem a assimilação de alimento."(35)

Pesquisando a filosofia da irritabilidade da sensação I. P. Pávlov fornece uma profunda confirmação científica desses pensamentos de Engels e Lênin. Pávlov estabelece O elemento geral que nesse sentido torna afins a matéria sensível e a insensível e as liga entre si. Segundo Pávlov, o elemento geral consiste aí em que o corpo inanimado, da mesma forma que o corpo vivo, somente existe como indivíduo até que toda a estrutura de sua organização externa e interna permita-lhe contrapor-se às influências exercidas sobre ele por todo o meio ambiente. Isso, porque no mundo tudo se acha reciprocamente ligado, não há vazio absoluto, e todo o mundo restante exerce influência, por assim dizer, direta ou indiretamente, sobre cada corpo. E, não obstante, todo corpo de vez em quando se contrapõe a essa imensa influência que é exercida de fora sobre ele.

Os atos mecânicos, químicos, acústicos, ópticos e outros, pelos quais o corpo produz reflexos mortos, como se fossem em espelho, das influências exercidas sobre ele de fora, ajudam-no a manter sua forma até que esta se decomponha, até que se transmude em outras formas.

Assim se apresenta a questão para os corpos da natureza inanimada. Todas essas propriedades da matéria inanimada são também inerentes ao corpo vivo, porque é constituído dos mesmos átomos que os corpos físicos. I. P. Pávlov pergunta:

> "Que se passa precisamente no fato da adaptação?"

> E responde:

> "Nada (...) além da ligação exata dos elementos de um sistema complexo, e em toda a sua complexidade, com o ambiente que o cerca.
>
> Mas isso é exatamente o mesmo que se pode observar em qualquer corpo morto. Consideremos um corpo químico complexo. Esse corpo somente pode existir como tal graças ao equilíbrio dos átomos e de seus grupos entre si, e de todo esse complexo com as condições ambientes.
>
> Exatamente da mesma forma, a grandiosa complexidade tanto dos organismos, superiores como inferiores só permanece como um todo enquanto tudo o que a constitui estiver sutilmente e com precisão ligado, equilibrado entre si e com as condições ambientes."(36)

A matéria viva, porém, tem uma estrutura incomparavelmente mais complexa do que um corpo morto. Sendo extremamente complexa por sua organização, a matéria viva está sempre e ininterruptamente trocando substâncias com o meio ambiente. Nesse ininterrupto processo de assimilação e desassimilação, o inanimado transforma-se

em animado e vice-versa.

Nessas relações entre o organismo e o meio para manter a existência e garantir a regularidade do metabolismo, não bastam as propriedades mecânicas, químicas, ópticas, acústicas, térmicas, etc., de reflexo morto, como se fosse em espelho, das influências externas. C necessária a capacidade de, na relação biológica com o meio ambiente, selecionar o que se pode e o que se não pode apropriar, ingerir e assimilar, o com que se pode e o com que se não pode entrar em contacto. Assim, no próprio processo da formação do metabolismo, na transição da albumina inanimada à albumina viva, da química à bioquímica, as propriedades de reflexo simples (mecânicas, térmicas, acústicas, ópticas, etc.,) transformam-se em fenômenos de irritabilidade biológica. Ou, mais precisamente, esta surge na base dos primeiros. E partindo da irritabilidade, à medida que se desenvolvem e se tornam mais complexas as formas biológicas, surgem e se consolidam todas as outras propriedades mais elevadas de reflexo da realidade: a sensação, a percepção, a representação, etc.

Ressaltando a base natural, *material,* das reações nervosas superiores do animal, I. P. *Pávlov escreve:*

> "Que essa reação seja extremamente complexa em comparação com a reação do animal inferior e infinitamente complexa em comparação com a reação de qualquer objeto morto, a essência da questão continua a mesma."(37)

I. M. Sétchenov expressou de maneira bastante profunda o pensamento de que são materiais as causas do surgimento e do desenvolvimento das propriedades da irritabilidade, da sensação, etc., nos corpos vivos. Analisando os estágios principais do desenvolvimento progressivo das formas de sensibilidade dos tecidos vivos, a partir das

manifestações mais elementares da propriedade da irritabilidade, ainda uniformemente distribuída por todo o corpo, até a diferenciação dos órgãos especiais dos sentidos (olfato, visão, audição, etc.), I. M. Sétchenov afirma:

> "O meio em que o animal existe é, aqui também, o fator que determina a organização. Havendo uma sensibilidade corporal uniformemente distribuída, e estando excluída a possibilidade de deslocamento do animal no espaço, a vida se mantém somente sob a condição de que o animal se ache diretamente cercado pelo meio capaz de manter sua existência. O ambiente da vida é nesse caso, necessariamente, muito exíguo. Ao contrário, quanto mais elevada é a organização sensível por meio da qual o animal se orienta no tempo e no espaço, tanto mais ampla é a esfera dos fenômenos vitais possíveis, tanto mais diverso é o próprio meio que atua sobre a organização e tanto mais variados os modos de adaptação possíveis. Daí já se conclui claramente que, na prolongada cadeia da evolução dos organismos, a maior complexidade tanto da organização como do ambiente que sobre ela atua são fatores que se condicionam reciprocamente. E fácil compreender isso, se se considerar a vida como uma harmonia entre as necessidades vitais e as condições do meio: quanto maiores as necessidades, isto é, quanto mais elevada é a organização, tanto maior e a exigência em relação ao meio para que essas necessidades sejam satisfeitas."(38)

Desenvolvendo e aprofundando os pensamentos de I. M. Sétchenov aqui citados, I. P. Pávlov revela o mecanismo concreto do desenvolvimento progressivo da atividade nervosa, o mecanismo da formação da psique dos animais, cada vez mais complexa até os macacos superiores. *Esse mecanismo é a transformação dos reflexos condicionados em incondicionados.*

I. P. Pávlov demonstrou que, além das reações de reflexão constantes (inatas) do organismo, que têm suas raízes na irritabilidade

do protoplasma, os animais dotados de um sistema nervoso mais complexo são capazes de, em ligação com o processo bioquímico de troca de substâncias, formar reflexos temporários provocados pelo contacto direto do corpo vivo com o estimulante. O organismo equivale a uma membrana extremamente delicada que capta e fixa as menores modificações no ambiente que o cerca. Se um novo estimulante (um novo aroma, som, figura de um objeto, etc.) for indiferente para a manutenção das funções vitais, o animal rapidamente deixa de reagir em relação ao mesmo, por mais perceptível que o estimulante seja. Mas, se esse novo estimulante for o sinal de que se aproxima o alimento, o perigo, etc., o organismo rapidamente elabora uma ação reversa automática, estereotipada, o reflexo. Esses novos reflexos, elaborados no processo da vida individual do animal, asseguram ao organismo uma adaptação cada vez mais sutil e diferenciada em relação ao ambiente, aumentam a amplitude da atividade vital do animal.

I. P. Pávlov indica a seguir que, com a conservação da ligação direta de determinado sinal com as necessidades vitais do organismo durante uma prolongada série de gerações, o reflexo temporário, condicionado, elaborado pelo organismo, é capaz de gradualmente consolidar-se, a tal ponto que será transmitido por herança, isto é, de individual passa a geral para determinada espécie animal, de condicionado transforma-se em incondicionado.

O grande fisiólogo russo escreve:

"Pode-se admitir que certos reflexos condicionados, recentemente firmados, se transformam posteriormente, graças à hereditariedade, em reflexos incondicionados."(39)

I. P. Pávlov afirma em outro trabalho:

> "É mais do que provável (e para isso já possuímos determinadas indicações baseadas em fatos) que os novos reflexos que surgem, com a manutenção das mesmas condições de vida durante uma série de gerações sucessivas, ininterruptamente se transformam em permanentes. Isso seria, assim, um dos mecanismos atuantes do desenvolvimento do organismo animal." (40)

Realmente, o próprio fato de que, com a prolongação dos exercícios e de outros fatores auxiliares, os reflexos condicionados elaborados em condições de laboratório se tornem cada vez mais sólidos, comprova a possibilidade de sua consolidação progressiva e cada vez mais profunda, que pode, em última instância, passar a ligação incondicionada.

A transformação dos reflexos condicionados em incondicionados amplia a base para a formação de novos e novos reflexos condicionados, que só podem surgir sobre as reações nervosas incondicionadas, enquanto a ampliação e o aprofundamento desse processo por meio da atividade nervosa do animal provoca o crescimento quantitativo e o aumento da complexidade qualitativa do tecido nervoso, do cérebro.

A seleção natural, atuando implacavelmente sobre todas as fases da vida dos indivíduos e das espécies, provoca e orienta esse processo de aumento de complexidade da atividade nervosa dos animais.

Revelando as bases fisiológicas da complexidade progressiva da atividade nervosa superior, I. P. Pávlov elabora ao mesmo tempo a interpretação materialista do mecanismo constitutivo dos instintos cada vez mais complexos dos animais, expulsando o idealismo também desse seu refúgio.

I. P. Pávlov afirma que

> "não há nenhum caráter essencial que distinga os reflexos dos instintos. Há, sobretudo, uma grande quantidade de transições absolutamente imperceptíveis dos reflexos comuns em instintos." (41)

Comparando, uma a uma, as características dos instintos e dos reflexos, I. P. Pávlov indica que os reflexos podem ser tão complexos e constituir uma cadeia tão consecutiva de ações do animal quanto os instintos, e podem, da mesma maneira que os instintos, ser provocados por excitações que partem de dentro do organismo e abranger inteiramente a atividade vital do mesmo. Pávlov afirma:

> "Assim, tanto os reflexos como os instintos são reações regulares do organismo em relação a determinados agentes, e por isso não bá necessidade de indicá-los por palavras diferentes. Tem primazia a palavra ‘reflexo' porque a ela se empresta, desde o inicio, um sentido estritamente cientifico."(42)

A concepção materialista de I. P. Pávlov sobre a conduta instintiva dos animais e suas descobertas no domínio da concepção das causas materiais do desenvolvimento dos instintos dos animais, desde os inferiores aos superiores, permitem compreender o processo de formação das premissas biológicas básicas para o surgimento da consciência humana.

| - - | - - | - - |

Seria um profundo erro conceber a origem da consciência humana como um processo de simples aperfeiçoamento dos instintos animais. A consciência humana é *qualitativamente* diferente da consciência do animal, surge e se desenvolve sobre uma base qualitativamente nova, o trabalho humano, a produção social. Por isso,

somente as ciências naturais (a fisiologia, a biologia em geral) não podem resolver cientificamente o problema da origem e do desenvolvimento do pensamento.

Para tanto, o materialismo histórico, a ciência da história da sociedade, da história da língua e outras ciências sociais devem vir em auxílio das ciências naturais.

Os clássicos do marxismo demonstraram que o trabalho criou o homem e que somente graças ao trabalho se verificou a humanização de uma espécie altamente desenvolvida de macacos que outrora viveram na Terra.

Engels escreve em seu artigo *O Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem:*

> "O trabalho, dizem os economistas, e a fonte de toda riqueza. Efetivamente o é (...) ao lado da natureza que lhe fornece a matéria que transforma em riqueza. Todavia, é infinitamente mais do que isso. É a condição fundamental primeira de toda a vida humana, é a tal ponto que, em certo sentido, devemos dizer: o trabalho criou o próprio homem."(43)

À luz das descobertas de I. P. Pávlov, é fácil conceber os meios concretos que deram origem às premissas biológicas para o surgimento do trabalho e, de maneira correspondente, às premissas para a transformação da consciência instintiva do macaco em pensamento lógico do homem.

Engels observa que nos animais superiores há em embrião, em germe, todos os tipos de atividade mental.(44) E, realmente, podem ser citados muitos exemplos de conduta bastante inteligente de animais; por exemplo, do cão, da raposa, do urso, do castor e especialmente dos

macacos antropoides. Isso, evidentemente, não quer dizer que seja necessário colocar um sinal de igualdade entre a "consciência” do animal e a consciência do homem. Trata-se apenas das premissas biológicas gerais do pensamento: trata-se de que a consciência dó homem é um produto natural e histórico do desenvolvimento do cérebro, desenvolvimento que começou ainda no reino animal.

A consciência do homem é uma propriedade qualitativamente nova em comparação com o reflexo do mundo exterior no cérebro do animal. Deixando de lado o pensamento abstrato e lógico, que só o homem possuí, as próprias sensações, percepções e representações são essencialmente diferentes no homem e nos animais, porque são representações, percepções e sensações *inteligentes.*

Esse novo salto no desenvolvimento do cérebro verificou-se graças ao trabalho. O trabalho criou o homem e foi também o trabalho que fez surgir a consciência humana.

O macaco que antecedeu ao homem tinha uma vida instintiva e a princípio só ocasionalmente se vália de uma vara, de uma pedra ou de um osso, como instrumento, na forma em que lhe eram fornecidos pela própria natureza. Os macacos superiores e também alguns outros animais até hoje às veies empregam a pedra ou a vara como instrumento. Passaram-se muitas centenas de milhares e, talvez, de milhões de anos antes que a utilização casual do instrumento se transformasse, de acordo com as leis da "transformação dos reflexos condicionados em incondicionados, em hábito regular de determinada espécie de macacos, tornando-se *instinto de trabalho*, transmitido hereditariamente de geração a geração.

Ainda não se tratava, porém, de trabalho. Era o instinto. Marx

distingue nitidamente a atividade de trabalho realmente humana e as "*primeiras formas instintivas de trabalho peculiares dos animais",*(45) porque nessas formas ainda não se tinha consciência do instinto e o "trabalho" do macaco pouco se distinguia da conduta instintiva do pássaro ou da fera que constroem ninhos ou covis.

Por conseguinte, a princípio o trabalho tinha um caráter instintivo, subordinando-se às leis da formação e do desenvolvimento de reflexos puramente animais, condicionados e incondicionados, cuja origem é materialisticamente explicada pela doutrina de I. P. Pávlov.

Logo, porém, que toda a vida posterior dessa determinada espécie de macaco começou a basear-se cada vez mais na atividade instintiva de trabalho, nas formas do trabalho instintivo, pouco a pouco, refletindo-se no cérebro bilhões e bilhões de vezes, essa ligação *indireta,* através do instrumento de trabalho, do organismo com a natureza ambiente, começou a consolidar-se na consciência por meio de determinadas figuras já próprias do pensamento lógico.

Depois de, durante milhões de anos, *ligar-se* instintivamente com o instrumento de trabalho, o macaco que antecedeu ao homem já não estava em condições de prescindir do instrumento e consegui-lo tornou-se para ele uma necessidade equivalente à; conquista de alimento. Podemos avaliar que *novas* relações entre o organismo e o meio deviam refletir-se no cérebro, já que a satisfação da necessidade direta de alimento era doravante precedida por uma "preocupação" preliminar, pelas ações para conseguir (procura, elaboração, conservação) esses objetos que por si mesmos não são diretamente consumidos.

Graças ao trabalho, a consciência passou a distinguir novas e novas conexões entre os fenômenos, até então ocultas. Essas

conexões se refletiam e se fixavam no cérebro sob a forma de determinados conceitos e categorias que constituíam estágios na distinção do geral e regular em meio ao aparente caos de fenômenos isolados.

V. I. Lênin observa:

> "O homem em diante de si uma rede de fenômenos da natureza. O homem instintivo, o selvagem, não e distingue da natureza. O homem consciente o faz e as categorias são estágio dessa distinção, isto é, estágio do conhecimento do mundo, pontos nodais na cadeia, que ajudam a conhecera e dominá-la."(46)

A consciência tem seu começo na transformação do instinto do animal em pensamento. Os fundadores do marxismo afirmam:

> "Esse começo tem um caráter tão animal como a própria vida social nessa fase; e uma consciência puramente gregária, e o homem só se distingue então do carneiro pelo fato de que nele a consciência substitui o instinto, ou, então, seu instinto torna-se consciente."(47)

As experiências de I P. Pávlov e de seus discípulos com os macacos revelam todo o absurdo e o reacionarismo das considerações dos partidários da psicologia idealista da gestalt na Europa e na América, que, desde Kant, afirmam o caráter "não desmembrável” da "autoconsciência” do cão, do gato ou do macaco e a "independência" da capacidade intelectual dos animais em relação à sua atividade nervosa refletora.

Generalizando as observações experimentais realizadas com macacos, I. P. Pávlov demonstra que justamente as ações do macaco em determinado ambiente, seus choques reais com os objetos que o cercam, provocam em seu cérebro as representações correspondentes

e a associação dessas representações que o ajudam a orientar-se na situação e a adaptar-se a ela.

É precisamente a ação — afirma I. P. Pávlov — que faz nascer a associação no cérebro do animal, e não ao contrário. I. P. Pávlov critica implacavelmente os "argumentos” idealistas dos psicólogos dualistas, dos positivistas, dos kantistas do gênero de Kioler, Koffka, Yerkes, Sherrington e outros, que consideram que a "consciência" dos animais nasce e se desenvolve independentemente dos movimentos, do desenvolvimento do organismo. Atendo-se, de maneira consequente, ao princípio do determinismo no domínio da ciência da psique, Pávlov estabelece as bases materiais, fisiológicas, da origem e do desenvolvimento da consciência.

I. P. Pávlov afirmava a seus discípulos:

> "O macaco possui associações que vão atê as interações com os objetos mecânicos da natureza (...); se formos indagar o porquê do êxito do macaco em comparação com outros animais, por que se acha mais próximo do homem, verificaremos que é justamente porque possui mãos, atê mesmo quatro mãos, isto é, mais do que nós. Graças a isso, tem a possibilidade de entrar em relações muito complexas com os objetos que o cercam. E por isso que nele se forma uma massa de associações que os restantes animais não possuem. De acordo com isso, uma vez que essas associações motoras devem ter seu substrato material no sistema nervoso, no cérebro, então os grandes hemisférios do macaco se desenvolveram mais do que o de outros animais, sendo que se desenvolveram justamente em conexão com a diversidade das funções motoras.”(48)

Juntamente com o trabalho e tendo-se formado sua base, a língua, a palavra articulada, como envoltura material do pensamento, representou imenso papel no processo de surgimento e

desenvolvimento da consciência humana, no processo de sua separação do mundo das representações instintivas do animal.

Engels afirma:

> "A princípio o trabalho; depois dele, e ao mesmo tempo que ele, a linguagem: tais são os dois estimulantes essenciais sob a influência dos quais o cérebro de um macaco se transformou gradualmente em cérebro humano, que, apesar de todas as semelhanças, supera de muito o do macaco quanto ao tamanho e à perfeição."(49)

Desbaratando as concepções anticientíficas e idealistas dos partidários da teoria de Marr, J. V. Stálin afirma:

> "A linguagem fonética é, na história da humanidade, uma das forças que ajudaram os homens a se distinguir do mundo animal, a se reunir em sociedades, a desenvolver sua faculdade de pensar, a organizar a produção social, a travar com êxito a luta contra as forças da natureza e a alcançar o progresso a que chegamos hoje."(50)

Os animais, que se contentam apenas com aquilo que a natureza lhes fornece já preparado, têm sua adaptação biológica ao meio ambiente limitada pelo fato de que o cérebro só reflete os fenômenos ambientes em sua relação estreita e direta com o organismo. Para isso, bastam os reflexos incondicionados e a atividade condicional refletora do cérebro. Já para o homem, cuja vida se baseia no trabalho, na produção social, não basta que o cérebro reflita as relações diretas entre o organismo e os corpos da natureza. Para a realização da produção material é necessário, além disso, o reflexo no cérebro de todas as relações possíveis, diretas, e indiretas, entre os próprios corpos e fenômenos da natureza.

Para sua comunicação entre si, basta aos animais os sons que

emitem, Para o homem, no entanto, à medida que se ampliam e se aprofundam seus vínculos com a natureza e com ,os próprios homens, já não bastam os sons que o macaco é capaz de pronunciar. No processo do trabalho, da comunicação no trabalho, os macacos antropoides eram forçados a modular cada vez mais esses sons, para expressar com eles novas e novas propriedades e relações entre as coisas que os cercavam.

Engels afirma:

> "A necessidade criou o órgão de que necessitava: a laringe rudimentar do macaco transformou-se, lenta mas seguramente, por meio da modulação, para se adaptar a uma modulação cada vez mais desenvolvida, e os órgãos da boca gradualmente aprenderam a pronunciar um som articulado após outro.".(51)

Uma reviravolta radical ha ampliação e no aprofundamento das interações entre o organismo- e o meio, graças ao aparecimento do trabalho, exigiu do cérebro a passagem a um grau qualitativamente novo de análise e de síntese, ao grau do pensamento lógico, ligado à palavra, à sinalização através da palavra, ao conceito:

A doutrina de I. P. Pávlov, que se atém consequentemente aos princípios materialistas na análise dos fenômenos psíquicos, permite descobrir e compreender as novas leis fisiológicas que se formam no cérebro, no processo de passagem para o reflexo da realidade através da sinalização pela palavra, pela palavra articulada.

O grande fisiólogo afirma:

> "No mundo animal em desenvolvimento, verificou-se, na fase do homem, um aumento extraordinário dos mecanismos da atividade nervosa. Nos animais, a realidade e percebida quase exclusivamente por meio de excitações e suas impressões nos

grandes hemisférios, as quais chegam diretamente a células, especiais dos receptores ópticos, auditivos e outros do organismo: é o que corresponde em nós às impressões, sensações e representações do meio exterior, tanto da natureza em geral, como da Sociedade, com exceção da palavra, falada e escrita. E o primeiro sistema de sinalização da realidade, comum a nós e aos animais. A palavra, porém, constitui o segundo sistema de sinalização da realidade, especificamente nosso, o sinal dos primeiros sinais (. . .) Não há dúvida porém, .de que as leis básicas, estabelecidas no trabalho do primeiro sistema de sinais, devem também governar o segundo, porque é um trabalho do mesmo tecido nervoso "(52)

Assim, três graus principais, três estágios básicos, marcam a história do desenvolvimento dos fenômenos psíquicos, no desenvolvimento da capacidade de a matéria viva refletir a realidade. Já nos primeiros sintomas de irritabilidade da matéria viva, atua o sistema de reações refletoras incondicionadas, provocadas pela excitação exterior. É extremamente exíguo o limite da "observação" nesse estágio, quando o organismo só é capaz de reagir adequadamente sob a influência direta de um agente vitalmente importante, e não é capaz de adaptar o aparelho refletor à situação que se modifica. O segundo estágio, que é a superestrutura erigida sobre os reflexos incondicionados, é o sistema da atividade nervosa condicional-refletora. Ampliando bruscamente o horizonte da observação, esse sistema permitiu ao organismo reagir adequadamente em relação a uma quantidade infinita de novos excitantes, apenas indiretamente ligados às necessidades do organismo, mas que indicam a aproximação de modificações no meio ambiente, importantes para ele. Finalmente, como produto superior do desenvolvimento da capacidade analítica do cérebro, forma-se o *segundo sistema de sinalização* — que reflete os fenômenos e as leis do meio ambiente através da palavra, através da

palavra articulada.

Desenvolvendo esse pensamento, I. P. Pávlov escreve:

> "No homem, é acrescentado, pode-se dizer, outro sistema de sinalização, especialmente em suas partes frontais, que não existem nos animais com as mesmas dimensões, a sinalização do sistema nervoso por meio da palavra, tendo por base ou como componente de base as irritações sinestésicas dos órgãos da palavra. Com isso, introduz-se um novo princípio da atividade nervosa — a abstração e, ao mesmo tempo, a generalização dos inúmeros sinais do sistema precedente, por sua vez acompanhados da análise e da síntese desses novos sinais generalizados — princípio que condiciona uma ilimitada orientação no meio ambiente."(53)

Nesse novo estágio surgem possibilidades e capacidades realmente ilimitadas de o cérebro refletir a realidade. Ao contrário dos irritadores (sinais) do primeiro sistema de sinalização, cada palavra reflete *todo um mundo de fenômenos* e transmite o sinal correspondente. "*Toda palavra (linguagem) já generaliza”* (Lênin); cada palavra é a expressão generalizada de grupos e classes completas de objetos, de suas propriedades, de suas relações entre si e com o homem. Justamente através da palavra, forma-se o *conceito, esse* poderoso instrumento do pensamento.

Graças à palavra, o cérebro supera a limitada esfera da imagem refletida e sensível (que apenas reflete fenômenos isolados) e sai para o campo da análise de conexões cada vez mais profundas e complexas, de entrelaçamentos, de relações entre as coisas, penetrando na essência oculta das coisas. A palavra, a língua, é um poderoso meio de desenvolvimento da consciência humana. O camarada Stálin afirma:

> "Quaisquer que sejam os pensamentos que surjam na cabeça do

> homem e qualquer que seja o momento em que surjam, só podem surgir e existir na base do material da língua, na base dos termos e frases da língua. Não existem pensamentos nus, livres do material da língua, livres da 'matéria natural' da língua. 'A língua é a realidade imediata do pensamento' (Marx). A realidade do pensamento manifesta-se na língua. Só os idealistas podem falar de um pensamento desligado da 'matéria natural' da língua, do pensamento sem língua."(54)

O papel da palavra, da língua, na história do desenvolvimento do pensamento, é análogo ao papel dos instrumentos de trabalho na história do desenvolvimento da produção material. Do mesmo modo que, através do sistema de instrumentos de trabalho, se consolidam e são transmitidas de geração a geração as conquistas da atividade dos homens no trabalho, graças ao que a produção social progride inexoravelmente, também nas palavras, na língua e através dela, se acumulam e são transmitidos de geração a geração os êxitos cognitivos do pensamento.

O camarada Stálin escreve:

> "Diretamente ligada ao pensamento, a língua registra e fixa em palavras e em combinações de palavras, em frases, os resultados do trabalho do pensamento, os êxitos do trabalho cognitivo do homem e torna assim possível a troca de pensamentos na sociedade humana."(55)

Esses são os estágios básicos da origem e da formação da consciência como propriedade da matéria altamente organizada, estabelecida pela moderna ciência de vanguarda, que não deixa pedra sobre pedra das ficções idealistas, que têm suas raízes nas incipientes ideias do selvagem. As potencialidades contidas no próprio fundamento da matéria"(a propriedade do reflexo) dão origem, com o surgimento' da matéria viva, à irritabilidade biológica, inicialmente ainda uniformemente

distribuída ; por todo o corpo dos organismos inferiores. Com o progresso das formas biológicas surgem faculdades cada vez mais diferenciadas de sensação, de representação, até que, com a passagem do macaco ao Homem- surge a consciência humana, que, em seu desenvolvimento, "se apoia no trabalho e na palavra articulada.

O Ser Social e a Consciência Social

A filosofia é a ciência das leis fundamentais, universais, do desenvolvimento, não só da natureza, mas também da sociedade. Por isso, o problema principal e fundamental da filosofia, a relação entre o pensamento, e o ser, é também e necessariamente a questão principal; para a compreensão da essência dos fenômenos sociais, manifestando-se aqui no campo das relações recíprocas entre a *consciência social* e o *ser social.* Além disso, se na interpretação das leis básicas, do desenvolvimento da natureza, a história, da ciência registrou no passado muitas é brilhantes teorias materialistas, que atacavam cm audácia o idealismo e a religião, já no domínio da interpretação das bases do desenvolvimento Social, o idealismo campeava livremente na ciência pré-marxista. Até mesmo Os pensadores materialistas mais avançados do passado adotavam posições idealistas nos problemas da sociologia, considerando a consciência social com o primário e o ser social como secundário.

É verdade que, antes de Marx e Engels, os sábios de vanguarda (filósofos, historiadores, economistas) fizeram conjecturas isoladas que se orientavam pela concepção materialista da História; foi o caso dos historiadores franceses da época da Restauração (Quizot, Minnier, Thierry), dos economistas ingleses (A. Smith e D. Ricardo) dos russos Hertzen, Bielinski, Ogáriov e especialmente de Tchernitchévski, Dobrolíubov e Pissárev.

Assim, N. G. Tchernitchévski escreve que

> "o desenvolvimento intelectual, do mesmo modo que o político e qualquer outro, depende das circunstâncias da vida econômica"

e que, na História, sempre,

> "o progresso é impulsionado pelos êxitos da ciência que são condicionados fundamentalmente pelo desenvolvimento da vida de trabalho e dos meios de existência material."(56)

Continuando a orientação de Tchernitchévski, D. I. Pissárev declara que

> "a fonte de toda a nossa riqueza, a base de toda a nossa civilização e o motor real da história universal estão, evidentemente, no trabalho físico do homem, na ação direta e imediata do homem sobre a natureza."(57)

Pissárev afirma que a força decisiva da História

> "sempre e em toda parte, residia e continua a residir, principalmente, nas condições econômicas gerais de existência das massas populares e não em unidades, em círculos ou obras literárias."(58)

Mas nada disso passava de conjeturas geniais. A concepção geral das forças motrizes da História, pelos grandes materialistas russos — ideólogos da democracia revolucionária do século XIX — ainda era também idealista, porque também, segundo seu ponto de vista, o progresso intelectual determina o desenvolvimento de todos os demais aspectos da vida social, inclusive da economia. O fato marcante de que na sociedade, ao contrário do que acontece com as forças espontâneas e cegas da natureza, atuem pessoas dotadas de consciência, dê que todo procedimento do homem seja intelectivo, passa pela cabeça,

embotava nos sábios a possibilidade de descobrir as condições materiais de vida da sociedade, que são primárias, decisivas e independentes da consciência humana.

Por isso, logo que os materialistas do passado passavam à interpretação dos fenômenos sociais, sempre rolavam para as posições do idealismo, afirmando que "a opinião governa o mundo”. Acompanhando essa fórmula dos enciclopedistas franceses do século XVIII, os socialistas utópicos (Saint-Simon, Fourier, Owen, etc.) esperavam, por isso, que a simples propaganda das ideias socialistas — e além disso, dirigida principalmente às camadas educadas, possuidoras, da sociedade — conseguiria abolir a exploração e a opressão do homem pelo homem, e levar ao socialismo. A inconsistência desses sonhos idealistas foi demonstrada pela própria História.

É preciso dizer que o próprio caráter da produção social, da economia, nas formações pré-capitalistas (o atraso patriarcal, a rotina, o fracionamento feudal, etc.), a própria estrutura da sociedade daquelas épocas históricas — com suas relações de casta extremamente confusas — dissimulavam as bases reais da vida social. Somente o capitalismo, ligando (através do mercado, através da divisão social e técnica do trabalho) todos os setores da produção num todo único e simplificando extremamente as relações antagônicas de classe, revelou essas bases reais, materiais, da vida da sociedade, permitindo aos ideólogos do proletariado, a Marx e Engels, transformar em ciência a teoria da sociedade.

Somente partindo das posições da classe operária foi possível compreender as leis objetivas da História. Os sábios anteriores a Marx fechavam os olhos às leis reais da vida social em virtude de suas

limitações de classe. Somente com o aparecimento do marxismo surgiu, pela primeira vez na história do pensamento, uma acabada doutrina materialista da sociedade — *o materialismo histórico.* Engels afirma no *Anti-Dühring:*

> "Com isso o idealismo foi expulso de seu último refúgio, a concepção da História; impunha-se uma concepção materialista da História: foi encontrado o caminho para explicar a consciência dos homens por sua maneira de viver, ao invés de explicar, como se jazia antes, sua maneira de viver por sua consciência."(59)

Referindo-se, mais tarde, à essência da revolução realizada por Marx nas concepções sobre a História, Engels afirmou em discurso à beira da sepultura de Marx:

> "Da mesma forma que Darwin descobriu a lei do desenvolvimento do mundo orgânico, Marx descobriu a lei do desenvolvimento da história humana; descobriu o fato simples, até agora oculto pelo crescimento impetuoso da ideologia, de que a humanidade precisa primeiramente comer, beber, ter moradia e vestir-se, antes de poder entregar-se à política, à ciência, à arte, à religião, etc.; e de que, portanto, a produção dos meios diretamente necessários à subsistência e, consequentemente, o grau de desenvolvimento econômico alcançado por um povo ou durante determinada época, formam a base sobre a qual se desenvolveram as instituições estatais, as concepções jurídicas, a arte e, até mesmo, as ideias religiosas do povo em questão, à luz da qual essas coisas devem por isso ser explicadas, e não ao contrário, como se tem feito até hoje."(60)

Em oposição a todas as teorias pré-marxistas e antimarxistas, sem excetuar as que são idealistas, o materialismo histórico estabelece o caráter primário do ser social e secundário da consciência social. Marx afirma:

> "O modo de produção da vida material condiciona os processos

> de vida social, política e espiritual em geral. Não é a consciência dos homens que determina seu ser; ao contrário, seu ser social determina sua consciência."(61)

Tal é a férrea lógica do materialismo filosófico marxista, que, de maneira consequente e acabada, — desde os fenômenos da natureza até às manifestações superiores da vida social — considera a consciência como produto do desenvolvimento do ser material, como reflexo do ser material.

Com o surgimento e desenvolvimento da concepção materialista marxista da História, as teorias idealistas da sociedade não deixaram de existir. Os representantes da burguesia pregam até hoje, de diferentes maneiras, várias concepções idealistas sobre a sociedade, desde as "doutrinas" francamente clericais até as que são dissimuladas por uma fraseologia pseudo-socialista. De maneira idêntica às teorias dos apologistas da burguesia imperialista, as teorias dos socialistas de direita — ao contrário dos erros sinceros dos velhos utopistas — também visam, precisamente, a enganar, de maneira proposital e consciente, a classe operária e defender os privilégios da burguesia monopolista em relação à pressão revolucionária das massas. Os ideólogos e políticos socialistas de direita são inimigos jurados da classe operária, do mesmo modo que os progromistas fascistas, para os quais eles sempre abrem o caminho do poder e com os quais constantemente se unem contra os verdadeiros porta-vozes dos interesses dos trabalhadores.

Em nossa época, os sociólogos idealistas não podem negar abertamente o imenso papel do fator econômico — da indústria, do progresso industrial, etc. — na vida da sociedade, no ascenso e declínio dos Estados. Procurando apresentar como verdade uma mentira

bastante conhecida, eles limitam seus esforços a demonstrar que o próprio progresso técnico, econômico, é determinado, em última instância, pela consciência, uma vez que, afirmam, a própria técnica, a economia, é criada pelos homens, movidos pela consciência do objetivo, do interesse. Os idealistas não podem absolutamente compreender que *nem todas* as relações que se formam na sociedade passam preliminarmente pela consciência dos homens e que as relações sociais decisivas — as relações de produção — se formam além dos limites da consciência e são impostas aos homens com a força coercitiva das leis da natureza.

V. I. Lênin afirma:

> "Em todas as formações sociais mais ou menos complexas, e principalmente na formação social capitalista, os homens, quando entram em relação uns com os outros, não têm consciência das relações sociais que se estabelecem entre eles, das leis que presidem ao desenvolvimento das mesmas, etc. Exemplo: o camponês que vende seu trigo entra em 'relação' com os produtores mundiais de trigo no mercado universal, mas sem ter consciência disso, sem ter consciência d"as relações que se estabelecem em consequência da troca. A consciência social reflete a existência social, eis o pensamento de Marx."(62)

No capitalismo, por exemplo, as sucessivas gerações de proletários precisam vender sua força de trabalho aos capitalistas, precisam trabalhar para os capitalistas, porque, de outra forma, a morte pela fome os espera. E pouco importa que tenham ou não consciência de sua situação objetiva no sistema total das relações de produção capitalista, porque, enquanto os instrumentos e outros meios de produção não forem tomados dos exploradores e transformados em propriedade socialista, os proletários serão *forçados* a vender sua força de trabalho aos exploradores. Essa é a base econômica, material, da

vida na sociedade capitalista, base que independe da consciência dos homens e que determina todos os demais aspectos da vida nessa sociedade. O materialismo histórico considera que as condições da vida material da sociedade, independentes da consciência dos homens, são as seguintes: *a natureza ambiente, o meio geográfico, o crescimento e a densidade da população,* isto é, a existência e a reprodução das gerações dos próprios homens que constituem a sociedade e, finalmente, como elemento principal e determinante, o *modo de produção social,* que encarna a unidade entre as forças produtivas e as relações de produção na sociedade.

O meio geográfico e a reprodução biológica das gerações são condições materiais que só são plenamente suficientes para o desenvolvimento biológico. As leis do desenvolvimento dos animais e das formas vegetais, as leis da seleção natural, se formam precisamente graças à ação recíproca das seguintes condições: a influência do meio sobre os organismos e o grau de fecundidade de determinada espécie (fecundidade essa que se forma num prolongado processo de adaptação dos organismos ao meio).

No caso do homem, porém, não bastam as condições puramente animais de desenvolvimento, porque os homens não se limitam a adaptar-se à natureza ambiente; eles próprios adaptam a natureza às suas necessidades, produzindo, por meio dos instrumentos de produção, tudo o que é necessário à vida: alimento, vestuário, combustível, iluminação e até mesmo o oxigênio para a respiração, onde ele não existe. É por isso que justamente o modo de produção dos bens materiais é a condição principal e decisiva para a vida material da sociedade. E por isso que o grau de influência de determinado meio geográfico sobre a sociedade e as leis que regem a população nas

diversas formações econômico-sociais diferem em consonância com as diferenças no modo de produção. Além disso, é justamente o modo de produção que determina outros aspectos da vida — as concepções sobre o Estado e as concepções jurídicas, políticas, filosóficas, religiosas e estéticas dos homens.

Marx afirma:

> "Na produção social de sua existência, os homens contraem relações determinadas, necessárias, independentes de sua vontade, relações de produção que correspondem a determinado estágio de desenvolvimento de suas forças produtivas materiais. O conjunto dessas relações de produção constitui a estrutura econômica da sociedade, a base real sobre a qual se ergue a superestrutura jurídica e política e à qual correspondem determinadas formas de consciência social."(63)

Desmascarando a inconsistência das teorias idealistas sobre a sociedade, defendendo e desenvolvendo a concepção materialista dos fenômenos sociais, V. I. Lênin afirma:

> "Até agora os sociólogos tinham dificuldade em distinguir, na complexa rede dos fenômenos sociais, os que eram importantes dos que não o eram (esta a raiz do subjetivismo na sociologia); não podiam encontrar um critério objetivo para essa distinção. O materialismo forneceu um critério perfeitamente objetivo destacando as 'relações de produção' como estrutura da sociedade e oferecendo a possibilidade de aplicar a essas relações o critério científico geral da repetição, cuja aplicação à sociologia os subjetivistas negavam. Enquanto se limitaram às relações sociais ideológicas (isto é, relações que, antes de se constituírem, passam pela consciência dos homens), não puderam descobrir a repetição e a regularidade nos fenômenos sociais dos diferentes países, e sua ciência não passou, no melhor dos casos, de uma descrição desses fenômenos, de uma coletânea de materiais brutos. A análise das relações sociais

> materiais (isto é, daquelas que se formam sem passar pela consciência dos homens: trocando produtos, os homens estabelecem relações de produção sem mesmo terem consciência de que ai há uma relação social de produção), a análise das relações sociais materiais permitiu imediatamente verificar a repetição e a regularidade, e generalizar os regimes de diferentes países, chegando-se a uma concepção fundamental: a formação social."(64)

Assim como em toda a natureza, também na vida da sociedade o materialismo filosófico marxista descobre na base material, a regularidade dos fenômenos.

É imensa a significação prática dessas teses científicas inamovíveis do materialismo filosófico marxista, do materialismo histórico, para a classe operária, para o Partido Comunista. Elas fornecem uma firme base teórica para a estratégia e a tática da luta revolucionária pelo socialismo e comunismo.

O camarada Stálin afirma que se a natureza, o ser, o mundo material, é o primário, e a consciência, o pensamento, o secundário, o derivado; se o mundo material é uma realidade objetiva, que existe independentemente da consciência dos homens, e a consciência, um reflexo dessa realidade objetiva, daí se conclui que a vida material da sociedade, o ser social, também é o primário, enquanto sua vida espiritual é o secundário, o derivado; daí se conclui que a vida material da sociedade é uma realidade objetiva que existe independentemente da vontade dos homens, enquanto a vida espiritual da sociedade é o reflexo dessa realidade objetiva, o reflexo do ser.

> "Conforme seja o ser da sociedade, as condições da vida material da sociedade, assim são suas ideias, teorias, concepções políticas e instituições políticas."(65)

Em sua atividade revolucionária, o Partido bolchevique se orienta consequentemente por essas teses teóricas. Organizando e levando a classe operária e, juntamente com ela, todo o povo trabalhador à luta contra o capitalismo, pelo socialismo e pelo comunismo, o Partido de Lênin e Stálin parte antes de tudo da necessidade de que seja modificada a base material da sociedade. Somente modificando a infraestrutura material, econômica, da sociedade, pode-se modificar também toda a superestrutura que sobre ela se ergue — as concepções sociais, políticas e outras e as instituições que lhe correspondem.

Todas as fases de desenvolvimento da URSS no período que se seguiu à Revolução de Outubro revelam a ligação orgânica da política do Partido bolchevique e do poder soviético com as teses fundamentais da filosofia marxista sobre o caráter primário do ser e secundário da consciência. O poder soviético promoveu a expropriação dos latifundiários e capitalistas, realizando inflexivelmente uma política de fortalecimento da economia socialista, de industrialização do país, e de aumento do peso específico da classe operária; posteriormente realizou a liquidação dos culaques como última classe exploradora e transformou milhões de explorações camponesas baseadas na pequena propriedade em grande produção colcosiana socialista.

Assim, passo a passo, formou-se e consolidou-se na URSS a *infraestrutura material, econômica, do socialismo,* sobre a qual se ergueu e se consolidou a superestrutura socialista, constituída pela consciência social socialista e pelas instituições políticas, jurídicas e culturais soviéticas, que correspondem a essa consciência e que organizam as massas para continuar a luta pelo comunismo.

Tomando posteriormente o caminho da passagem gradual do socialismo ao comunismo, o Partido bolchevique, seguindo a indicação

do camarada Stálin, novamente colocou como tarefa principal a solução da *tarefa econômica básica* da URSS, isto é, a tarefa de alcançar e ultrapassar os principais países capitalistas na produção industrial por habitante.

J. V. Stálin afirma:

> "Podemos e devemos fazê-lo. Somente se conseguirmos ultrapassar economicamente os principais países capitalistas, podemos esperar que nosso pais esteja inteiramente provido de artigos de consumo, teremos abundância de produtos e poderemos passar da primeira fase do comunismo à sua segunda fase."(66)

O plano quinquenal de após-guerra de restauração e desenvolvimento da economia nacional da URSS, sua realização e superação, o histórico plano de transformação da natureza na zona árida, a epopeia das grandes obras do comunismo no Volga e no Dniéper, no Don e no Amu-Dariá, demonstram a realização prática do programa stalinista de formação acelerada das premissas materiais para a passagem do socialismo ao comunismo.

Essa é a ligação da tese filosófica inicial do marxismo-leninismo sobre o caráter primário do ser e secundário da consciência com a política, a estratégia e a tática da luta pelo comunismo.

Durante os últimos 35 anos os socialistas de direita "também" por mais de uma vez chegaram ao poder em vários países europeus. Três vezes os trabalhistas ingleses tomaram as rédeas da administração do Estado; os social-democratas alemães governaram a Alemanha durante muitos anos; os socialistas da França, da Áustria e dos países escandinavos muitas vezes formaram governo. Dissimulando-se, porém, com a cortina de fumaça das teorias idealistas e limitando-se,

para efeito externo, a algumas modificações administrativas ou culturais de cúpula, nunca e em parte alguma tocaram nas bases materiais, econômicas, do capitalismo. Em virtude disso, seus "governos” nunca foram mais do que uma ponte para a chegada ao poder de partidos fascistas e outros partidos das centúrias-negras.

Somente os Partidos Comunistas e Operários, que fielmente se orientam pela teoria marxista-leninista, baseiam sua atividade na necessidade de modificações radicais, principalmente na base 'material da sociedade. A tomada do poder é necessária à classe operária justamente para que esta, utilizando o poderoso instrumento que representa um poder estatal ilimitado, possa derrocar, abolir as relações de produção capitalistas, que constituem a infraestrutura do capitalismo, e em seu lugar consolidar as relações socialistas de cooperação e ajuda mútua entre pessoas livres da exploração, que constituem a infra-estrutura do socialismo.

Da tese do materialismo marxista sobre o caráter primário do ser social e secundário da consciência social não se segue de forma alguma que se deva subestimar o papel e a significação das ideias no desenvolvimento da sociedade, subestimação que caracteriza o materialismo vulgar, o chamado "materialismo econômico” (Bernstein, Kautski, P. Struve e outros). Engels desmascarou esse gênero de rebaixamento do marxismo já nas fontes do oportunismo, nos partidos da II Internacional. Em várias cartas (a J. Bloch, F. Mehring, C. Schmidt e a outros), Engels afirma que a concepção materialista marxista da História nada tem de comum com o fatalismo econômico.

Engels escreve que,

> "de acordo com a concepção materialista da História, o elemento determinante na História e, e m última instância, a produção e a

> reprodução da vida real. Marx e eu nunca afirmamos mais do que isso (...)”.
>
> "A situação econômica é a base, mas os diferentes elementos da superestrutura — as formas políticas da luta de classes e suas consequências, as constituições estabelecidas pela classe vencedora após uma batalha bem sucedida, etc., as formas jurídicas e até mesmo o reflexo de todas essas lutas reais no cérebro dos combatentes: as teorias políticas, jurídicas, filosóficas, as concepções religiosas e seu desenvolvimento posterior em sistema de dogma — também influenciam o curso das lutas históricas e, em muitos casos, preponderam na determinação de sua forma. Há uma interação de todos esses elementos, interação na qual, em meio à massa infinita de acidentes (...) o movimento econômico termina por se afirmar como necessário. Não fosse assim, a aplicação da teoria a qualquer período histórico que se escolhesse seria mais fácil do que resolver uma simples equação do primeiro grau."(67)

Alinhando-se entre os oportunistas da Europa Ocidental, os inimigos do marxismo na Rússia — os chamados "marxistas legais”, os "economistas”, os mencheviques e, a seguir, os restauradores de direita do capitalismo — também interpretavam o desenvolvimento histórico como simples crescimento espontâneo das "forças produtivas”, reduzindo a nada o papel da consciência socialista e o grau de organização do proletariado, o papel da teoria, do partido político da classe operária e de seus chefes, negando em geral a importância do fator subjetivo no desenvolvimento social. Essas concepções pseudomaterialistas não são menos anticientíficas e reacionárias do que as loucas elucubrações subjetivas e idealistas. Isso porque, se estas levam ao aventurismo em política, as concepções que negam o papel do fator subjetivo na História condenam a classe operária à passividade e à resignação.

Em todas as fases da luta revolucionária, V. I. Lênin e J. V. Stálin lutaram implacavelmente contra esse gênero de teorias reacionárias no movimento operário russo e internacional. V. I. Lênin afirma:

> "Sem teoria revolucionária, não pode haver movimento revolucionário."(68)

> O camarada Stálin afirma:

> "A teoria é a experiência do movimento operário de todos os países, considerado em seu aspecto geral. Naturalmente, a teoria deixa de ter objetivo quando não se liga a prática revolucionária, exatamente do mesmo modo que a prática é cega, se a teoria revolucionária não ilumina seu caminho. Mas a teoria pode converter-se numa formidável força do movimento operário, se é elaborada em ligação indissolúvel com a prática revolucionária, porque ela, e somente ela, pode dar ao movimento segurança, capacidade para orientar-se e a compreensão dos vínculos internos entre os acontecimentos que nos cercam; porque ela, e somente ela, pode ajudar a prática a compreender não só como e para onde se movem as classes no presente, mas também como e para onde devem mover-se no futuro próximo."(69)

Assim, explicando *a origem, o surgimento* das ideias, das teorias e das concepções, como resultado do desenvolvimento do ser social, o materialismo marxista não só não nega a sua significação no desenvolvimento social, mas também, pelo contrário, ressalta de todas as formas seu papel e sua significação na História. As teorias e as concepções sempre desempenham papel ativo e freiam ou aceleram o desenvolvimento histórico, conforme sejam reacionárias ou revolucionárias as classes cujos interesses elas refletem e defendem. Por isso, as forças progressistas da sociedade sempre tem por tarefa revelar e desmascarar continuamente a essência das concepções

reacionárias e assim abrir caminho para que as teorias e concepções avançadas que desenvolvem a atividade revolucionária das mansas e que as organizam para a abolição dos regimes caducos e a consolidação da nova ordem social conquistem o cérebro e o coração de milhões.

O camarada Stálin afirma:

> "As novas ideias e teorias sociais somente surgem depois que o desenvolvimento da vida material da sociedade coloca perante a sociedade novas tarefas. Alas, depois de surgirem, tornam-se uma força importante que facilita a execução das novas tarefas colocadas pelo desenvolvimento da vida material da sociedade e que facilita o progresso da sociedade. E precisamente então que se manifesta a grandiosa importância organizadora, mobilizadora e transformadora das novas ideias, das novas teorias, das novas concepções políticas e das novas instituições políticas. Por isso, as novas ideias e teorias sociais surgem a rigor porque são necessárias à sociedade, porque sem sua ação organizadora, mobilizadora e transformadora é impossível dar solução às tarefas já maduras do desenvolvimento da vida material da sociedade. E como surgem na base das novas tarefas colocadas pelo desenvolvimento da vida material da sociedade, as novas ideias e teorias sociais abrem caminho, tornam-se patrimônio das massas populares, que elas mobilizam e organizam contra as forças caducas da sociedade, facilitando, assim, a derrubada dessas forças obsoletas da sociedade que freiam o desenvolvimento da vida material da sociedade.

Eis como as ideias e teorias sociais, as instituições políticas, que surgem na base das tarefas já maduras do desenvolvimento da vida material da sociedade, do desenvolvimento do ser saciai, atuam depois, por sua vez, sobre o ser social, sobre a vida material da sociedade, criando as condições necessárias para levar a termo a realização das tarefas já maduras da vida material da sociedade e tornar possível seu

desenvolvimento posterior."(70)

A teoria — afirmou Marx — se torna uma força material, quando penetra nas massas.

A história do movimento operário na Rússia, a experiência mundial e histórica do bolchevismo e a história da construção do socialismo e do comunismo na URSS revelam na realidade a inesgotável importância dessas teses do materialismo marxista para a prática da luta revolucionária.

Lênin e os leninistas não esperaram que o progresso gradual do capitalismo expulsasse definitivamente o feudalismo da vida russa, que o movimento operário espontâneo se elevasse, "por si mesmo", ao nível da consciência socialista, e, desbaratando os "marxistas legais" e os "economistas", criaram o partido político independente da classe operária, — o partido marxista de novo tipo — desenvolveram com audácia o trabalho de organização e de agitação, *introduzindo* a consciência socialista na classe operária e fundindo, através do Partido, o movimento operário de massas com a teoria do socialismo científico.

Lênin, Stálin e os bolcheviques não esperaram que a chamada burguesia liberal terminasse a transformação política e econômica da Rússia no sentido burguês, depois do que ao proletariado se abririam, "por si mesmas", as perspectivas diretas para a revolução socialista. Não. Combatendo os princípios seguidistas dos mencheviques, os bolcheviques, chefiados por Lênin e Stálin, orientaram-se no sentido de que precisamente o proletariado chefiasse a revolução popular russa, democrático-burguesa, orientando-se no sentido da transformação da revolução democrático-burguesa em socialista.

A classe operária russa, esclarecida e organizada, educada e

temperada no espírito do papel hegemônico da atividade revolucionária leninista-stalinista, de seu papel dirigente das grandes forças do povo na luta revolucionária, derrubou o jugo do capitalismo, construiu o socialismo numa sexta parte do globo terrestre, enquanto os socialistas de direita da Europa Ocidental — agentes venais de Wall Street no movimento operário — continuam a exortar os operários a esperarem que o capitalismo "por si mesmo”, "pacificamente”, se transforme em socialismo.

Às melancólicas lamentações dos mencheviques acerca de que "a Rússia ainda não atingira o nível de desenvolvimento das forças produtivas com o qual é possível o socialismo”, de que a Rússia precisava ser alfabetizada, "civilizada”, para que pudesse conquistar o socialismo, Lênin responde:

> "Dizeis que para a criação do socialismo é necessária a civilização. Muito hem. Por que não podemos, então, em primeiro lugar, criar as premissas da civilização em nosso país, com a expulsão dos latifundiários e dos capitalistas russos, e depois então começar o movimento para o socialismo?"(71)

Por que não utilizar, para um desenvolvimento, consideravelmente mais acelerado do que no capitalismo, das forças produtivas do país, uma força tão poderosa como o Estado proletário, a administração planificada da economia nacional, a abolição das classes parasitárias, etc.?

Mal se passaram duas décadas depois da Grande Revolução Socialista de Outubro e já a URSS, cujo Estado é dirigido pelos bolcheviques, se transformava de país agrário e economicamente atrasado em poderosa potência industrial que, pelos ritmos do progresso industrial deixava muito atrás os países capitalistas mais

desenvolvidos, passando a ocupar o primeiro lugar na Europa pelo volume global da produção industrial, tendo-se transformado num país inteiramente alfabetizado, no país da cultura mais avançada, no país do socialismo vitorioso, que tomou o caminho da transição gradual para a segunda fase do comunismo.

E, ao contrário, durante as mesmas décadas, a Alemanha, por exemplo, onde temporariamente vencera a princípio a ideologia reacionária dos socialistas de direita alemães, e depois os hitleristas, que foi outrora o país mais avançado e civilizado da Europa, caiu ao nível da barbárie fascista. E somente a derrota da Alemanha hitlerista pelo Exército Soviético abriu ao povo alemão o caminho para o renascimento social e cultural.

Em sua atividade, o Partido de Lênin e Stálin leva constantemente em conta a grande força motriz que é a consciência social avançada. Desenvolvendo uma gigantesca construção econômica, o Partido bolchevique simultaneamente amplia cada vez mais o dinâmico trabalho de superação das sobrevivências do capitalismo na *consciência* dos homens e de *educação* comunista das massas. Não é por acaso que uma das mais importantes funções do Estado do socialismo vitorioso, além da *econômica* e *organizadora,* seja a *cultural* e *educativa* realizada pelos órgãos do Estado. As resoluções tomadas no período de após-guerra pelo CC do PC (b) da URSS sobre as questões ideológicas; os debates realizados sobre as questões de filosofia, biologia, fisiologia, linguística e em outros setores do conhecimento; as diretrizes traçadas pelo camarada Stálin, seus trabalhos dedicados às questões de linguística e ao desenvolvimento de outras ciências — tudo isso comprova que, a par da criação da base material e técnica do comunismo, o Partido de Lênin e Stálin luta pela garantia das premissas

espirituais para que a URSS passe à segunda fase do comunismo.

Essa é a significação metodológica, para a prática da luta revolucionária, das teses do materialismo marxista sobre o caráter primário do ser social e secundário da consciência social e, ao mesmo tempo, sobre o ativo papel organizador, mobilizador e transformador das ideias sociais avançadas. Essa é a integridade monolítica e lógica do materialismo filosófico marxista, que afirma o caráter primário da matéria e secundário da consciência.

A Cognoscibilidade do Mundo e de Suas Leis

I. G. Gaidukov

O Materialismo Filosófico Marxista e a Cognoscibilidade do Mundo

Como já vimos, o problema da relação entre o pensamento e o ser, que é o problema fundamental da filosofia, pode ser resolvido de maneira materialista ou idealista, conforme se tome como primário, determinante, a matéria ou o espírito. Engels escreve:

> "Mas o problema da relação entre o pensamento e o ser tem ainda um outro aspecto: que relação existe entre nossas ideias a respeito do mundo que nos cerca e esse próprio mundo? Nosso pensamento está em condições de conhecer o mundo real? Podemos nós, em nossas ideias e conceitos sobre o mundo real, reproduzir uma imagem exata da realidade?"(1)

O problema da cognoscibilidade, pelo homem, do mundo material que o cerca foi e continua a ser objeto de luta entre o materialismo e o idealismo. Se os representantes do materialismo partem do reconhecimento da cognoscibilidade do mundo material pelo homem, já os representantes do idealismo negam a possibilidade desse conhecimento: declaram que o mundo que nos cerca é misterioso e inacessível ao conhecimento humano, à ciência. A negação idealista da cognoscibilidade do mundo pelo homem é amplamente difundida na filosofia burguesa sob as formas de agnosticismo e de ceticismo. A tendência agnóstica na história da filosofia foi desenvolvida, da maneira mais completa e franca, pelo filósofo alemão E. Kant.

Depois de admitir a existência do mundo material como "coisa em si", Kant declarou que ela pertence ao outro mundo e é inacessível ao conhecimento humano, à ciência. Considerava que o conhecimento humano se limita ao mundo dos fenômenos e que é incapaz de penetrar no mundo das "coisas em si". Lênin escreve:

> "Kant, em compensação, admite a existência da 'coisa em si', mas a declara 'incognoscível', diferente em principio do fenômeno, pertencente a um domínio completamente diferente, ao domínio do 'outro mundo' (Jenseits), inacessível ao saber, mas revelado pela fé."(2)

Afirmando a incognoscibilidade do mundo das "coisas em si", Kant perfilhou a teoria subjetiva e idealista do conhecimento. Demonstrou que o sujeito, por meio de formas e categorias apriorísticas (independentes da experiência), que lhe são inerentes, ordena o caótico mundo dos fenômenos, empresta-lhe "harmonia", "unidade interna", "necessidade" e "regularidade'. O agnóstico e cético inglês Hume não só negava a possibilidade do conhecimento do mundo pelo homem, mas também duvidava da própria existência do mundo, considerando absurda e anticientífica a simples ideia de que o mundo objetivo existe independente do homem. Lênin escreve:

> "Hume, ademais, nada quer saber da 'coisa em si', e a própria ideia da 'coisa em si' parece-lhe inadmissível em filosofia, não passa a seus olhos de 'metafísica' (...)".(3)

O agnosticismo de Kant e de Hume foi uma tentativa de conciliação do conhecimento com a fé, a ciência e a religião, por meio da limitação das "pretensões" da ciência e da ampliação dos direitos da religião.

O agnosticismo de Kant e de Hume foi posteriormente

ressuscitado pela filosofia burguesa reacionária e no último terço do século XIX e começo do século XX teve ampla divulgação, principalmente sob a forma de neokantismo e posteriormente de machismo. Após haverem ressuscitado o agnosticismo de Kant e o idealismo subjetivo, os representantes do neokantismo e do machismo foram ainda mais longe no caminho do subjetivismo: submeteram o kantismo a uma crítica de direita e eliminaram de sua filosofia a "coisa em si" de Kant.

Os clássicos do marxismo-leninismo refutaram completamente o agnosticismo, demonstrando sob todos os aspectos sua absoluta inconsistência científica. Criticando o agnosticismo, Engels afirma que muitos dos argumentos teóricos contra o agnosticismo já haviam sido formulados pela filosofia anterior a Marx. Engels ressalta, porém, que a refutação mais decisiva dessa extravagância filosófica, assim como de quaisquer outras, não se deve à teoria, mas à prática, notadamente a experiência e a indústria.

> "Se, todavia, os neokantistas procuram ressuscitar na Alemanha as ideias de Kant, e os agnósticos, na Inglaterra, as ideias de Hume (que ali nunca foram esquecidas), isso constitui, do ponto de vista científico, uma regressão em face da refutação teórica e prática que já sofreram há muito tempo (...)".(4)

O absurdo idealista do agnosticismo de Kant e de Hume já foi severamente criticado não só pelos fundadores do marxismo-leninismo, mas também pelos representantes de vanguarda da filosofia materialista russa do século XIX: Hertzen, Bielinski, Tchernitchévski, Dobrolíubov, etc. Em complemento especial ao trabalho *Materialismo e Empirocriticismo*, Lênin observa que o eminente pensador russo N. G. Tchernitchévski elevou-se à altura de Engels na crítica ao agnosticismo. (5)

As concepções de Kant, dos neokantistas e dos machistas foram herdadas pelos modernos sistemas filosóficos idealistas, ainda mais místicos e reacionários do que o neokantismo — o pragmatismo, o neorrealismo, o personalismo, o positivismo lógico, o existencialismo, o semanticismo, etc. Todos esses sistemas filosóficos em moda, refletindo a putrefação e a decadência da filosofia burguesa no período da crise geral do capitalismo, dirigem seu ataque contra a ciência e a razão humana, contra tudo o que é avançado e progressista, e em primeiro lugar contra o marxismo. Os criadores desses sistemas proclamam a incognoscibilidade do mundo, a impossibilidade do conhecimento científico, deturpam as conquistas da ciência moderna, tentando demonstrar que ela confirma a conclusão de Kant a respeito dos limites do conhecimento humano, que só poderiam ser ultrapassados pela fé.

O ideólogo do imperialismo americano-inglês, B. Russel, por exemplo, propõe que se abandone a pesquisa científica, baseada na observação e na experiência, e que se recorra à análise lógica "pura”. Russel nega a cognoscibilidade do mundo, a verdade objetiva na ciência; considera a ciência apenas como um "sistema de proposições” sem nenhuma relação com a prática e com o mundo objetivo.

Outro obscurantista, o filósofo americano Santayana, afirma que só pode ser autêntica a ciência que baseie suas conclusões na fé. Os representantes da filosofia semanticista (Karnap, Chase, Morris, Neurat e outros) declaram que a realidade é misteriosa e incognoscível, afirmando que não pode ser explicada, expressa em palavras e refletida pela ciência, porque esta é apenas um sistema de sinais convencionais, privado de qualquer conteúdo objetivo.

Interpretando o processo de conhecimento de modo subjetivo e idealista, como processo de criação do mundo pelo sujeito, os

pragmatistas americanos (J. Dewey e outros) também privam o conhecimento humano, a ciência, de qualquer conteúdo objetivo e declaram que a ciência é uma "arte prática”. Alegam que a ciência não deve sair dos limites da "utilidade”, do êxito prático, porque sua tarefa não é refletir o mundo objetivo, mas somente servir aos interesses do sujeito. Acompanhando seus colegas americanos, o existencialista francês Sartre coloca como seu objetivo a fundamentação da impossibilidade do conhecimento, tanto do mundo exterior, como do próprio homem.

O agnosticismo da filosofia burguesa moderna exerce nefasta influência sobre o desenvolvimento da atual ciência burguesa, intensificando e aprofundando sua situação de crise. Os sábios burgueses tentam valer-se dos dados da ciência moderna para fundamentar o princípio da incognoscibilidade do mundo e para introduzir o obscurantismo clerical nas ciências naturais. Os representantes do moderno idealismo "físico” (Bohr, Dirak, Schredinguer, Heisenberg, Einstein e outros) afirmam que quanto mais se aperfeiçoam os meios técnicos para as pesquisas físicas, tanto mais misterioso e incognoscível para nós se torna o mundo real, e que em geral "não se pode penetrar” nos segredos da natureza. O físico inglês Dirak afirma que é impossível "criar um quadro intelectual” dos processos físicos objetivos e que a física é impotente para explicá-los.

Os filósofos idealistas reacionários da burguesia são acompanhados pelos modernos socialistas de direita — Attlee, Morrison, Moch, Sherf, Spaak, Saragat e outros — que tentam difundir as corrompidas ideias da decadente filosofia burguesa entre as massas populares. A propagação da reacionária filosofia burguesa entre o povo é necessária a esses vis traidores como meio de envolver as massas

trabalhadoras numa rede de mentiras, de impedir a divulgação da concepção do mundo científica do proletariado, o marxismo, que, vencendo todos os obstáculos, alcança os cérebros e corações de milhões de trabalhadores dos países capitalistas.

Rejeitando o absurdo idealista de que o mundo é incognoscível, o materialismo filosófico marxista insiste sobre a possibilidade de o homem conhecer o mundo material que o cerca e suas leis. O camarada Stálin escreve:

> "Em oposição ao idealismo, que discute a possibilidade de conhecer o mundo e as leis por que se rege, que não acredita na veracidade de nossos conhecimentos, que não reconhece a verdade objetiva e considera que o mundo está cheio de 'coisas em si', que jamais poderão ser conhecidas pela ciência, o materialismo filosófico marxista parte do principio de que o mundo e as leis por que se rege são perfeitamente cognoscíveis, de que nossos conhecimentos sobre as leis da natureza, comprovados pela experiência, pela prática, são conhecimentos verazes, que têm o valor de verdade objetiva, de que no mundo não há coisas incognoscíveis, mas simplesmente ainda não conhecidas, mas que serão descobertas e conhecidas pela ciência e pela prática."(6)

Toda a história da ciência e da atividade prática do homem confirma a justeza da doutrina marxista-leninista sobre a cognoscibilidade do mundo e de suas leis. A teoria do conhecimento marxista-leninista considera o conhecimento como reflexo, na consciência do homem, da realidade material que o cerca. Ao contrário dos representantes do materialismo metafísico, que interpretavam o processo do conhecimento humano como um ato espontâneo e simples que refletisse diretamente os objetos, como num espelho, não compreendendo o caráter histórico, complexo e contraditório do

processo de conhecimento, o materialismo filosófico marxista considera o conhecimento humano como um processo complexo, contraditório e que se desenvolve historicamente, que procede da ignorância para o conhecimento, do conhecimento incompleto ao conhecimento mais completo, do conhecimento dos fenômenos do mundo objetivo ao conhecimento de sua essência, ao conhecimento das conexões internas e das conexões regulares entre os objetos e fenômenos.

A teoria do conhecimento materialista dialética, criada no século XIX por Marx e Engels, foi concretizada e desenvolvida nos trabalhos de Lênin e Stálin, na base da generalização criadora dos novos dados apresentados pelo desenvolvimento da ciência, na base da nova experiência da luta revolucionária do proletariado pela transformação da sociedade capitalista em socialista. A elaboração da teoria marxista do conhecimento por Lênin e Stálin foi condicionada não só pela necessidade de desmascarar definitivamente os neokantistas, os machistas e outros idealistas reacionários que concentravam, no domínio da gnosiologia, sua luta contra o marxismo, mas também pelas necessidades históricas da nova época e pelas tarefas relacionadas com a atividade prática revolucionária do proletariado e de seu Partido. Na época de renovação prática do mundo por via revolucionária, de colapso do velho mundo capitalista e da instauração do novo mundo — o comunista — de grandiosos êxitos da ciência no conhecimento dos mau profundos segredos da natureza, a teoria do conhecimento adquiriu importância ainda maior porque "*a filosofia burguêsa se especializara particularmente na gnosiologia (...)* (Lênin).

A tarefa de desmascarar a gnosiologia subjetiva e idealista dos filósofos burgueses, seus novos artifícios na luta contra o materialismo filosófico marxista, exigia a elaboração mais acabada da teoria marxista

do conhecimento, a única científica. A elaboração da teoria do conhecimento materialista dialética era historicamente necessária não só para desmascarar os machistas e outros pregadores da filosofia reacionária da burguesia, mas também para que se generalizassem teoricamente os novos dados revelados pela ciência e pela atividade prática revolucionária do proletariado, do Partido bolchevique, e para que se conhecessem cientificamente as leis do desenvolvimento social e se formulassem a estratégia e a tática bolcheviques. Desenvolvida por Lênin e Stálin, a teoria marxista do conhecimento armou os quadros do Partido bolchevique e os cientistas soviéticos com uma poderosa arma teórica para o conhecimento científico das leis da natureza e da sociedade, para sua transformação com vistas a um objetivo determinado t de acordo com os interesses e tarefas históricas da construção do comunismo.

O Conhecimento Sensível (Sensação, Percepção, Representação)

A contemplação direta e viva da realidade ambiente, o conhecimento sensível, que inclui as sensações, as percepções e as representações é o grau inicial do conhecimento humano, que é complexo e se desenvolve historicamente. Como forma do reflexo direto dos objetos e fenômenos concretos do mundo material, o conhecimento sensível serve de fonte direta ou indireta de todos -os nossos conhecimentos. Lênin escreve:

> "A não ser através da sensação nada poderemos saber de nenhuma forma da matéria e de nenhuma forma do movimento (...)“.(7)

Todo conhecimento começa com as sensações, as percepções, a

observação, a comparação, a diferenciação, o confronto e elaboração do material percebido pelos sentidos. Todo o processo subsequente do conhecimento humano é baseado, em última instância, no conhecimento sensível. O conhecimento sensível, histórica e logicamente, constitui o grau inicial do processo de conhecimento. Isso é verdade tanto em relação ao reflexo do mundo material na consciência do homem, como em relação ao desenvolvimento histórico do conhecimento humano.

O conhecimento sensível da realidade material pelo homem verifica-se no processo de sua atividade prática, no processo da produção. Os clássicos do marxismo-leninismo observam que os homens não começam pela teoria, mas pela atividade prática, pela produção dos meios de existência. No processo de trabalho, de atividade prática, na produção, os homens exercem influência sobre os objetos e fenômenos do mundo material que os cerca e recebem determinadas sensações e percepções.

Em sua imortal obra *Materialismo e Empirocriticismo*, Lênin elabora minuciosamente a doutrina materialista da sensação. Lênin escreve:

> ”A sensação é o resultado da ação exercida sobre nossos órgãos dos sentidos pelas coisas que existem objetivamente fora de nós (...)(8)

Através da sensação, os homens obtêm certos conhecimentos sobre as propriedades e qualidades de determinados objetos e fenômenos. Assim, qualquer perturbação na atividade dos órgãos dos sentidos perturba inevitavelmente a conexão da consciência com o mundo exterior. V. I. Lênin afirma que

> "a sensação é de fato o vínculo entre a consciência e o mundo

> exterior, é a transformação da energia da excitação exterior em fato de consciência."(9);

O mecanismo de transformação da excitação física no correspondente processo fisiológico e posteriormente em processo psíquico foi em grande parte descoberto pelos diferentes ramos da ciência soviética — física, biologia, fisiologia e psicologia.

A moderna fisiologia soviética, baseando-se na doutrina de I. P. Pávlov sobre a atividade nervosa superior, revelou as bases materiais, fisiológicas, dos processos da sensação e das funções dos órgãos sensoriais. A sensação é considerada como resultado do trabalho conjugado dos órgãos sensoriais do córtex cerebral. O córtex cerebral é o órgão superior de análise e síntese das excitações externas; orienta o trabalho dos analisadores nervosos.

A ciência soviética comprovou que a transformação da excitação exterior em processo nervoso (em excitação fisiológica e em ato psíquico), que se realiza no processo da sensação, se verifica em forma de salto, como passagem da energia físico-química a uma forma de movimento da matéria qualitativamente diferente, a forma orgânica.

I. P. Pávlov escreve:

> "(...) Todo aparelho periférico é um transformador especial de determinada energia exterior em processo nervoso."(10)

A influência da energia luminosa sobre nossos olhos provoca em sua retina determinados fenômenos fotoquímicos e elétricos que, por sua vez, provocam a modificação da concentração dos íons nas extremidades periféricas dos nervos ópticos. Esse processo de excitação óptica, que se inicia nos nervos sensíveis à luz — bastonetes e pequenas retortas — é transmitido por meio de filamentos ópticos aos

centros correspondentes (ópticos) do córtex dos grandes hemisférios cerebrais, onde se transforma em determinado processo psíquico. I. P. Pávlov revelou a dialética do processo pelo qual a excitação fisiológica se transforma em ato psíquico. Demonstrou que a formação do reflexo condicionado é, ao mesmo tempo, um processo de surgimento de um ato psíquico elementar — a sensação.

As ligações nervosas no córtex cerebral, que são o aparelho fisiológico que reflete diretamente a realidade sob a forma de reflexos condicionados e incondicionados, foram denominados por I. P. Pávlov primeiro sistema de sinalização. I. P. Pávlov escreve:

> "Nos animais a realidade é percebida quase exclusivamente por meio de excitações e de suas impressões nos grandes hemisférios, as quais chegam diretamente a células especiais dos receptores ópticos, auditivos, e outros do organismo. É isso que corresponde em nós às impressões, sensações e representações do meio exterior, tanto da natureza em geral, como da sociedade, com exceção da palavra, escrita e falada. E o primeiro sistema de sinalização da realidade, comum a nós e aos animais."(11)

Entretanto, no homem, o primeiro sistema de sinalização adquiriu características qualitativamente novas porque se desenvolveu sob a influência do segundo sistema de sinalização, que já se formara sob o influxo do trabalho, da produção material e de toda a prática social e histórica. No homem, o primeiro sistema de sinalização é um produto não só de toda a precedente evolução de seus antecessores animais, mas também de toda a história da humanidade. Uma vez que as leis biológicas que determinam o desenvolvimento dos animais foram substituídas, no homem, por leis sociais, seus órgãos dos sentidos perderam sua antiga agudeza animal e sua limitação biológica, adquirindo uma nova qualidade — tornaram-se órgãos humanos. Sob a

influência do trabalho, da ação prática, sobre o mundo ambiente, os órgãos sensoriais do homem e sua atividade funcional se aperfeiçoaram e se desenvolveram, aumentou sua capacidade de perceber a imensa diversidade de qualidades e propriedades do mundo objetivo.

A capacidade de os órgãos dos sentidos perceberem adequadamente as diferentes propriedades e qualidades do mundo objetivo aperfeiçoou-se durante a evolução biológica dos organismos, em consequência do aumento de complexidade das formas de ação mútua entre eles e o meio. A fisiologia soviética comprovou, por exemplo, que a sensibilidade da visão à cor é produto da um desenvolvimento relativamente posterior do mundo orgânico. Nas fases iniciais da filogenia, a visão dos organismos animais não distinguia a cor. Em muitos animais altamente desenvolvidos a sensibilidade à cor ou não existe ou se acha muito pouco desenvolvida (é o caso do cão). Nos próprios macacos antropoides a sensibilidade cromática só distingue poucas cores. Somente no homem, no processo do trabalho e de mais profunda interação com *o* mundo exterior, é que se formou um aparelho fisiológico ricamente dotado para a percepção adequada das diferentes cores. O olho do homem moderno é capaz de distinguir até 180 tons de cada cor, e mais de dez mil cores diferentes (gradações de intensidade e de luminescência).(12)

Submetendo os objetos da natureza à elaboração prática e criando novos objetos, os homens modificaram o mundo ambiente e ao mesmo tempo modificaram o caráter de sua contemplação sensível. As percepções sensíveis do homem passaram a refletir os objetos e fenômenos da realidade já em grande parte modificados e transformados pelo processo de trabalho material de produção.

Marx e Engels observam que o

> "mundo sensível" que nos cerca não é uma coisa imutável, "sempre idêntica a si mesma, mas um produto da indústria e da ordem social, porque é um produto histórico, o resultado da atividade de várias gerações, cada uma das quais se apoiou na geração precedente (...).(13)

Por isso, os órgãos dos sentidos e sua atividade funcional são, no homem, produto não só de toda a evolução precedente de seus antecessores animais, mas também do desenvolvimento histórico-social do próprio homem. Marx escreve:

> "A formação dos cinco sentidos é um produto de toda a história universal.''(14)

O olho humano, capaz de perceber a riqueza das formas e das cores, foi chamado à vida pelas necessidades práticas do homem, pela prática social e histórica. O ouvido musical só pôde formar-se como resultado da criação da música. Ainda em maior dependência para com a atividade produtiva, encontram-se as percepções gustativas do homem, que só se tornaram humanas no processo de desenvolvimento da produção dos alimentos e da arte de sua preparação.

Engels escreve:

> "Do mesmo modo que o desenvolvimento progressivo da palavra é necessariamente acompanhado do aperfeiçoamento correspondente do órgão da audição, o desenvolvimento do cérebro é em geral acompanhado do aperfeiçoamento de todos os sentidos. A águia vê a uma distância consideravelmente maior do que o homem; mas o olho humano nota nas coisas muito mais do que o olho da águia. O cão possui um olfato consideravelmente mais fino do que o homem, mas não distingue a centésima parte dos odores que, para o homem, são indícios seguros de diversas coisas. E o sentido do tato, que no macaco apenas existe em seus rudimentos mais grosseiros, só se

> desenvolveu com a própria mão humana, graças ao trabalho."(15)

| - - | - - | - - |

No homem, a sensação é um processo complexo que se verifica em seu aparelho sensorial sob a influência das excitações externas. Às sensações se caracterizam por o homem sentir, perceber, refletir sensorialmente não os próprios processos nervosos, físico-químicos e fisiológicos, mas os objetos e fenômenos que provocam esses processos.

Surge assim a seguinte pergunta: os objetos do mundo material refletem-se fielmente nas sensações e percepções do homem? Os representantes do agnosticismo e do idealismo filosófico e fisiológico afirmaram e continuam a afirmar que existe uma incapacidade congênita de os órgãos dos sentidos refletirem com acerto o mundo exterior. Helmholtz, fisiólogo alemão do século XIX, escreve:

> "Não há nenhuma semelhança entre a qualidade das sensações e a qualidade dos agentes externos que as despertam e que são transmitidos por elas."

Os agnósticos e os filósofos e fisiólogos idealistas afirmam que as sensações e as percepções sensíveis são sinais convencionais, símbolos ou hieróglifos que não têm nenhuma semelhança com os objetos exteriores que representam.

No seu trabalho *Materialismo e Empirocriticismo*, V. I. Lênin submete a uma crítica esmagadora a teoria dos símbolos ou dos hieróglifos. Lênin demonstra que essa teoria é anticientífica e falsa e leva água ao moinho do agnosticismo e do idealismo.

Criticando Helmholtz, Lênin escreve:

> "Se as sensações, não sendo imagens dos objetos, não passam de sinais e símbolos sem 'nenhuma semelhança' com eles, a premissa materialista de Helmholtz está comprometida, a existência dos objetos exteriores torna-se duvidosa, porque os sinais ou símbolos podem dizer respeito também a objetos fictícios; e todos nós conhecemos modelos de sinais ou símbolos dessa espécie."(16)

Lênin critica severamente a Plekhânov, que fazendo concessões ao kantismo, dizia que

> "nossas sensações são hieróglifos de tipo especial, que trazem ao nosso conhecimento aquilo que se passa na realidade" e que "os hieróglifos não são semelhantes aos acontecimentos que transmitem".

Em luta intransigente contra as diferentes escolas idealistas, Lênin desenvolveu com profundeza e consequência extraordinárias a doutrina dialética e materialista da sensação como imagem da realidade objetiva. Lênin escreve:

"*Nossas sensações, nossa consciência são apenas a imagem do mundo exterior; ora, é evidente que a imagem não pode existir sem o objeto que ela representa, enquanto o objeto pode existir independentemente de sua imagem.*"(17)

O desmascaramento do machismo, do idealismo fisiológico e da teoria dos hieróglifos feito por Lênin em seu trabalho *Materialismo e Empirocriticismo*, tem grande importância e nos arma na luta contra a moderna filosofia reacionária americana e inglesa. Essa filosofia não se cansa de ressuscitar as velhas concepções idealistas sobre a impossibilidade de as sensações humanas refletirem fielmente o mundo exterior. Negando a exatidão da imagem que as sensações humanas nos dão do mundo objetivo, as velhas concepções idealistas reduzem

toda a riqueza deste último ao mundo subjetivo, ao "complexo de sensações", à "energia específica” dos órgãos dos sentidos, etc.

A teoria que afirma o caráter subjetivo das qualidades secundárias (cor, som, odor, gosto, etc.), amplamente difundida na filosofia burguesa, foi usada no passado e é usada atualmente pelos diversos idealistas, na luta contra o materialismo em geral e particularmente contra a teoria marxista-leninista do reflexo. Os idealistas americanos e ingleses como Bradley, Mactaggart, Royce, Drake, Santayana, Broyd, Pratt, Strong e outros "demonstram”, por diferentes meios o caráter subjetivo das qualidades secundárias. Afirmam:

> "A coisa só possui a qualidade secundária em sua relação com o órgão (...), de modo que podemos ter a sensação sem o objeto (...). Por isso, as qualidades secundárias são aparências.”

Para todos os idealistas, a negação do caráter objetivo das qualidades secundárias representa apenas uma preparação lógica para a negação do caráter objetivo das qualidades primárias e do caráter objetivo do mundo em geral. É da negação do caráter objetivo das qualidades secundárias que partem Russel, Moore, Wittguenstein e outros, para fundamentar o "positivismo lógico”. Desfazendo-se do caráter objetivo das qualidades secundárias, reduzem depois o mundo objetivo ao mundo subjetivo, a um conjunto de "dados sensíveis” (de sensações), declaram que estas são "elementos do mundo” e afirmam que todo o mundo que existe consiste "simplesmente de determinadas séries e combinações de dados sensíveis”. O pragmatista americano J. Dewey afirma que nossas percepções sensíveis são apenas uma "torrente da consciência”, instrumentos de nossa atividade prática, de nossas necessidades, mas não têm nenhuma relação com os objetos

exteriores.

Perfeitamente de acordo com a experiência, com a prática e com a ciência, o materialismo dialético demonstra que a sensação é o reflexo, na consciência do homem, dai diferentes propriedades e qualidades dos objetos e fenômenos do mundo material (extensão, movimento, forma, cor, som, odor, etc.). A teoria leninista do reflexo rejeita com firmeza a negação, pelos subjetivistas e mecanicistas, da existência objetiva da cor, do som, do odor, etc. Não são nossos órgãos dos sentidos que fazem surgir, em nossa consciência, a cor, o som, o odor, etc., mas a existência objetiva da coloração (matizes) nos objetos e fenômenos do mundo material, sua sonoridade e odorância é que são percebidas pelos nossos órgãos dos sentidos, originando em nós as sensações de cor, som, odor, etc.

A ciência soviética de vanguarda fundamenta, com os dados das ciências naturais, a doutrina leninista da sensação como reflexo do mundo objetivo e refuta integralmente as diferentes teorias idealistas. Nossos órgãos dos sentidos possuem a capacidade de refletir, de maneira adequada, os atributos e as qualidades inerentes aos próprios objetos do mundo material. Nossos olhos, por exemplo, refletem o colorido do mundo material. As superfícies dos objetos do mundo material têm determinada coloração (cor), isto é, possuem a propriedade de emitir ou refletir oscilações eletromagnéticas de determinado comprimento de onda. O célebre sábio soviético Krávkov escreve:

> "Tanto o Sol como todos os objetos por ele iluminados emitem uma grande quantidade de raios dos mais diferentes comprimentos de onda, emitidos ou refletidos por qualquer corpo, e dão os espectros de radiação ou reflexo que caracterizam as propriedades de cor desse corpo."(18)

Por conseguinte, as diferentes cores (vermelho, azul, verde, etc.) representam determinadas propriedades objetivas, certas qualidades dos objetos materiais, que existem independentemente do sujeito que as percebe.

No entanto, embora a cor seja uma propriedade objetiva do corpo que existe fora do sujeito, sua sensação depende do sujeito que percebe. A sensação é o reflexo subjetivo, na cabeça do homem, da realidade objetiva do mundo exterior. Lênin afirma:

"A sensação é uma imagem subjetiva do mundo objetivo (...).(19)

A sensação é uma imagem subjetiva, porque se verifica no sistema nervoso de um indivíduo, historicamente concreto, e não existe fora do sujeito atuante. Por isso, a sensação depende de certa maneira do estado do sujeito, do estado e do desenvolvimento tanto de todo o organismo, quanto de seus órgãos dos sentidos, do sistema nervoso e do cérebro. Sabe-se que a modificação no estado do organismo, nos órgãos dos sentidos e no sistema nervoso exerce influência sobre o processo da sensação, provoca maior ou menor capacidade de reação do sistema nervoso às excitações externas. A sensação não é uma imagem subjetiva no sentido de que a consciência do homem deturpe a realidade, mas no sentido de que é um processo psíquico ideal, de que representa a elaboração do material na cabeça do homem. A imagem que surge na cabeça do homem é apenas uma fotografia, uma cópia, aproximadamente fiel do objeto real; essa imagem não é, porém, idêntica ao objeto, não é seu reflexo absolutamente exato e sob todos os seus aspectos. Se nossas sensações refletissem, de modo imediato e completo, toda a complexidade dos processos materiais, então a ciência perderia sua finalidade. Lênin afirma:

"O homem não pode abranger — reproduzir — refletir a natureza,

> toda, completa, sua 'totalidade direta': só pode cada vez mais aproximar-se disso (...).(20)

A sensação é subjetiva pela sua forma, porque é uma função do cérebro, do sistema nervoso, da matéria organizada de determinada maneira. O conteúdo da sensação não é, porém, determinado pelo processo nervoso que se verifica no sujeito, mas pela natureza da realidade objetiva que a provocou. A sensação, sendo subjetiva pela sua forma, é objetiva pelo seu conteúdo originário. A sensação humana contém em si, em forma ideal, aquilo que realmente existe fora da sensação, aquilo que é seu objeto, a fonte real de sua existência. O camarada Stálin afirma:

> "Se olho uma árvore e a vejo, isso quer dizer somente que, já antes de que em minha cabeça haja nascido a representação da árvore, existia a própria árvore que despertou em mim a correspondente representação (...)".(21)

A sensação, sendo uma imagem da realidade objetiva, dá essencialmente um reflexo justo, fiel e adequado da realidade objetiva, o que é confirmado pela experiência diária e pela atividade prática dos homens.

Todos os imensos êxitos alcançados pela prática da humanidade tornaram-se possíveis em virtude de o homem refletir fielmente o mundo material que o cerca. Se as percepções sensíveis dessem, porém, um reflexo errado, deturpado, dos objetos, seria impossível uma justa interação entre o homem e o mundo que o cerca, seria impossível ao homem orientar-se nesse mundo e, mais ainda, sobre ele atuar prática e objetivamente.

Lênin escreve:

> "O domínio sobre a natureza, realizado na prática humana, é o

> resultado do reflexo objetivamente exato, na cabeça do homem, dos fenômenos e dos processos naturais, e constitui a melhor prova de que esse reflexo (nos limites que a prática nos determina) é uma verdade objetiva, absoluta, eterna."(22)

Por meio das sensações, o homem reflete as diferentes propriedades e qualidades dos objetos do mundo exterior (resistência, aspereza, maciez, forma, cor, som, odor, etc.). Mas na realidade não existem qualidades e propriedades "puras”, isoladas dos objetos, e sim objetos completos, que possuem determinadas qualidades e propriedades. Por meio do processo de atuação prática sobre os objeto e de sua modificação alcançamos a compreensão total dos objetos. Em consequência disso, nosso conhecimento sensível desenvolveu-se historicamente, como capacidade de refletir objetivamente o mundo material. As sensações fornecidas pelos diferentes órgãos sensoriais, que refletem diferentes propriedades e qualidades dos objetos, sintetizando-se no córtex dos grandes hemisférios cerebrais e ligando-se aos dados da experiência passada, transformam-se em conceitos, que fornecem imagens completas dos objetos.

A sensação e a percepção são dois elementos, duas fases de um conhecimento sensível único. Sendo um ato psíquico mais complexo do que a sensação, a percepção não é, porém, possível, sem as sensações. No entanto, ela só surge e se desenvolve com base nas sensações, como capacidade de sintetizá-las e generalizá-las. Esse processo de transformação das sensações em percepções é condicionado pela unidade entre a natureza do próprio objeto percebido (a integridade objetiva dos objetos) e a atividade prática objetiva do sujeito que percebe.

A percepção sensível é uma observação viva, a forma do reflexo direto, na consciência do homem, dos objetos e dos fenômenos da

realidade que o cerca. Todavia, num nível mais elevado de desenvolvimento histórico do homem, a sensação direta sempre se verifica com base em meios auxiliares fornecidos por toda a prática histórico-social precedente, pelo desenvolvimento da produção material, do conhecimento científico e do pensamento. O desenvolvimento da produção material e da ciência revela o caráter relativamente limitado das percepções sensíveis do homem e leva-o a empregar todos os possíveis métodos de percepção, com a ajuda de meios auxiliares, leva-o à invenção de diferentes instrumentos e aparelhos, que ampliam infinitamente os limites de sua sensibilidade, o campo dos fenômenos percebidos.

O apetrechamento dos órgãos sensoriais do homem com a aparelhagem correspondente (lente, telescópio, microscópio, espectroscópio, etc.) permitiu-lhe ampliar infinitamente os limites do conhecimento sensível e penetrar não só nos limites do distante mundo estelar, mas também no mundo microscópico, no mundo das minúsculas bactérias, no mundo das moléculas, dos átomos e dos elétrons. Graças a instrumentos tecnicamente aperfeiçoados de pesquisa física, o homem pôde penetrar no mundo dos processos intra-atômicos. conhecer suas leis e neles descobrir novas e inesgotáveis fontes de energia (energia intra-atômica), que podem ser colocadas a serviço da humanidade. Aquilo que está fora do alcance do conhecimento sensível num estágio do desenvolvimento histórico da humanidade, torna-se acessível em outro estágio, graças ao desenvolvimento da produção social, da técnica. Por isso, a limitação natural dos órgãos humanos dos sentidos não pode servir de limite para sua capacidade de conhecimento.

Na base das sensações e das percepções humanas, surgem as

representações como forma mais complexa de reflexo da realidade. As representações se formam com base na ação prática do homem sobre os objetos do mundo material e são a forma mais geral do reflexo direto, sensível, desses objetos. Ao reproduzir um objeto anteriormente percebido, a representação não reflete todos os seus pormenores concretos (como a percepção), mas apenas os traços, aspectos e indícios mais característicos. A representação é, assim, uma forma generalizada de reflexo da realidade. A representação é, porém, apenas o estágio inicial da generalização, ainda conserva alguns traços da particularidade e da singularidade. A interpenetração entre o particular e o geral nas representações constitui uma característica destas, como elo da passagem dialética das percepções sensíveis aos conceitos, ao pensamento teórico.

O Pensamento Abstrato

O pensamento abstrato é o segundo e mais complexo grau do conhecimento. O conhecimento sensível do homem reflete apenas os aspectos e as conexões externas entre determinados objetos e fenômenos da realidade objetiva. As sensações e percepções não podem abranger as conexões gerais, as relações regulares entre os objetos do mundo material, e por isso são apenas o primeiro grau do conhecimento humano. Ao contrário, o pensamento abstrato permite penetrar na essência dos objetos e dos fenômenos, permite descobrir suas leis gerais. Mas, na realidade objetiva, o geral só se manifesta em objetos e fenômenos particulares. Lênin observa:

> "O geral só existe no particular, através do particular . Todo particular tem (desta ou daquela forma) seu caráter de generalidade."(23)

A possibilidade de conhecer o geral, de formar conceitos

abstratos, reside, por isso, no conhecimento sensível dos objetos isolados.

O primeiro passo para a generalização do singular sob a forma de representações surge na base das percepções e se realiza ainda dentro dos limites do conhecimento sensível. Todas as tentativas feitas pelos idealistas, no sentido de desligar o conhecimento racional (mental) de sua base sensível, deturpam a compreensão da essência do processo real, porque na realidade entre o conhecimento sensível e o conhecimento racional não existe nenhuma solução de continuidade, porque um e outro refletem uma única realidade material. O conhecimento sensível se transforma em conhecimento lógico, e este surge do conhecimento sensível e é seu desenvolvimento. Essa unidade dialética entre os elementos sensível e racional (mental) no processo do conhecimento não foi compreendida pelos filósofos anteriores a Marx. Se os representantes do sensualismo limitavam o conhecimento humano às percepções sensíveis de determinados objetos, subestimando o papel do pensamento teórico, já os racionalistas, ao contrário, desligavam o pensamento abstrato da percepção sensível, considerando-o como processo independente .

O erro fundamental dos representantes clássicos do racionalismo (Descartes, Leibnitz, Spinosa e outros) residia cm subestimar a importância do conhecimento sensível, o que levou muitos deles ao idealismo. Os idealistas, por sua vez, ou ignoram em geral o conhecimento sensível, considerando-o duvidoso (Platão, Hegel), ou negam seu conteúdo objetivo (Berkeley, Hume, os machistas e outros).

A separação idealista entre o geral e o particular, entre o pensamento abstrato e sua base sensível, está muito difundida na moderna filosofia reacionária da burguesia. O místico americano

Santayana, desligando o geral e abstrato do singular e concreto, transforma o místico "ser puro” constituído de essências ideais e inventado por ele, em natureza "divina” fora do tempo, colocando-o acima do mundo das coisas concretas, particulares. Tenta "provar” que "o reino das essências forma a base infinita de todas as coisas”, que "todas as coisas são abstrações do reino das essências”. Separação análoga entre o geral e o particular, entre o pensamento abstrato e os órgãos dos sentidos, e a contraposição dos mesmos, é realizada por muitos outros filósofos e cientistas burgueses.

Ao contrário dos metafísicos e dos idealistas, o marxismo-leninismo considera impossível a existência do pensamento abstrato sem base sensível. O exemplo dos surdos-mudos que não possuem a palavra falada e cujo pensamento se acha privado de envoltura sonora comprova isso com particular clareza. O camarada Stálin afirma*:*

> "Os pensamentos dos surdos-mudos somente surgem e podem existir na base das imagens, das percepções, das representações que se formam em sua vida diária acerca dos objetos do mundo exterior e das relações desses objetos entre si, graças aos sentidos da visão, do tato, do paladar e do olfato. Fora dessas imagens, percepções e representações, o pensamento é vazio, desprovido de qualquer conteúdo, isto é, não existe."(24)

A passagem do conhecimento sensível das coisas e fenômenos ao pensamento teórico, ao conhecimento das conexões internas e das relações regulares entre os mesmos, verifica-se na base do desenvolvimento da prática histórico-social. A atividade prática dos homens forma suas faculdades cognoscitivas; com base nela, realiza-se o processo de formação dos conceitos a partir dos dados fornecidos pelos sentidos e o processo de desenvolvimento do pensamento lógico

abstrato. Lênin afirma:

> "(...) a atividade prática do homem, repetindo-se bilhões de vezes, e consolidada na consciência do homem pelas figuras da lógica."(25)

O aparelho fisiológico — que reflete de forma generalizada as conexões essenciais e as relações regulares entre os objetos do mundo real, aparelho indissoluvelmente ligado à palavra, à linguagem, e chamado por I. P. Pávlov de segundo sistema de sinalização — formou-se no processo do trabalho, da atividade prática, no processo da vida social dos homens.

O segundo sistema de sinalização formou-se na base do primeiro sistema de sinalização, no processo de desenvolvimento do encéfalo no sentido da complexidade e da diferenciação dos seus nexos e analisadores corticais, da formação dos lobos entre os analisadores, e do poderoso desenvolvimento das partes parietais, occipitais e frontais. I. P. Pávlov escreve:

> "Se nossas sensações e representações relativas ao mundo que nos cerca são para nós os sinais primários da realidade, sinais concretos, a palavra e sobretudo as excitações cinéticas que vão dos órgãos da palavra ao córtex são os sinais secundários, os sinais dos sinais. São uma abstração da realidade e permitem a generalização, o que constitui precisamente nossa inteligência superior, especificamente humana, que cria primeiro o empirismo em geral e finalmente a ciência, instrumento superior de orientação do homem no mundo que o cerca e dentro de si mesmo."(26)

Nos animais, há embriões de pensamento, mas estes estão circunscritos aos limites do primeiro sistema de sinalização. O segundo sistema de sinalização, no qual a palavra é o excitante, permitiu ao

homem desenvolver o pensamento teórico por meio da abstração das excitações concretas, sensíveis. As palavras, como excitante específico do segundo sistema de sinalização, atuam não só pelo seu aspecto sonoro, mas sobretudo pelo seu conteúdo semântico, consolidado pela prática histórico-social do homem. O camarada Stálin escreve:

"*A língua é um meio, um instrumento, com o auxílio do qual os homens se comunicam entre si, trocam pensamentos e conseguem entender-se. Diretamente ligada ao pensamento, a língua registra e fixa em palavras e em combinações de palavras, nas orações, os resultados do trabalho, do pensamento, os êxitos alcançados pelo trabalha cognoscitivo do homem e torna assim possível a troca de pensamentos na sociedade humana.*"(27)

| - - | - - | - - |

O conceito é uma das formas básicas do pensamento lógico. Os conceitos são necessariamente revestidos pela "envoltura material da linguagem", fora da qual não existem. Na base da formação dos conceitos, está o processo de generalização, isto é, de unificação mental das propriedades gerais dos objetos e dos fenômenos da realidade. Inicialmente, a generalização estava estreitamente ligada à ação prática.

Eram unificados num só grupo os objetos que exerciam função idêntica na atividade prática. Os conceitos se formavam como resultado da generalização de muitos indícios importantes para a prática e da abstração dos indícios não essenciais para a atividade prática. Por exemplo, o conceito "machado" era a generalização de muitos instrumentos concretos de trabalho que exerciam função prática idêntica.

A princípio, os conceitos estavam estreitamente ligados às representações concretas e diretas, e se desenvolviam no sentido de uma abstração e generalização ainda maiores.

O surgimento de conceitos gerais, abstratos, assinalou um reflexo mais completo e profundo da realidade material, contribuindo para a descoberta dos aspectos mais essenciais, das ligações internas e das relações regulares entre os objetos do mundo. Lênin observa que

> "a mais simples generalização, a primeira e mais elementar formação de conceitos (juízo, conclusão intelectual, etc.) já significa o conhecimento pelo homem da conexão objetiva, cada vez mais profunda, do mundo."(28)

Os filósofos e sábios da burguesia consideram o processo de formação das abstrações científicas como' empobrecimento do pensamento, seu afastamento da realidade objetiva. O físico V. Heisenberg, por exemplo, considera a história da física como um processo de seu afastamento cada vez maior da realidade e de empobrecimento do conhecimento humano. Afirma que todos os conceitos da física moderna (átomo, espaço, tempo, etc.) nada encerram de real, sendo apenas formas de nosso pensamento. É no mesmo sentido idealista que A. Einstein interpreta o processo de abstração científica. Considera a geometria como ciência puramente formal, privada de conteúdo objetivo, afirmando que os axiomas geométricos são "criações livres do espírito humano”.

Ao contrário do idealismo, o materialismo dialético considera a abstração científica como modo específico de reflexo da realidade material. A abstração, como todas as operações mentais, origina-se antes de tudo no processo da ação prática. A abstração na ação, que precede a abstração mental, residia em que os homens, em suas ações

práticas, destacavam em primeiro lugar as propriedades e qualidades dos objetos que tinham significação mais importante e direta para suas necessidades, abandonando toda uma série de indícios menos importantes, desnecessários ou secundários.

O pensamento é capaz de analisar, desmembrar a realidade que pesquisa, suas partes, propriedades e aspectos constituintes, e estudá-los ordenadamente, retendo o que é necessário e abandonando o que é secundário e casual, com o objetivo de conseguir um conhecimento mais completo e profundo da realidade.

Por meio da abstração científica, o conhecimento humano assa da percepção da unidade para a generalização de um conjunto de fenômenos, cria conceitos, categorias e leis, nas quais se refletem as conexões e leis mais profundas do mundo material. Com extraordinária profundeza, o camarada Stálin revela o papel da abstração científica no desenvolvimento da geometria e da gramática. Escreve:

> "A gramática é o resultado de um prolongado trabalho de abstração do pensamento humano, o expoente de grandes êxitos do pensamento.
>
> Sob esse aspecto a gramática lembra a geometria, que estabelece suas leis abstraindo-as dos objetos concretos, considerando os objetos como corpos privados de qualquer caráter concreto e estabelecendo entre eles relações que não são relações concretas entre determinados objetos concretos, mas relações entre corpos em geral, privados de qualquer caráter concreto."(29)

A abstração científica não só não empobrece o conhecimento humano, como os idealistas tentam demonstrar, mas, ao contrário, enriquece-o, é uma forma mais completa, profunda e ampla de refletir a realidade material do que o conhecimento sensível. V. I. Lênin observa:

> "O pensamento, elevando-se do concreto ao abstrato, não se afasta, se é justo, da verdade, mas dela se aproxima. O conceito abstrato de matéria, de lei da natureza, de valor, etc., em uma palavra, todas as abstrações científicas (as justas, sérias, não arbitrárias) refletem a natureza de maneira mais profunda, mais justa mais completa. Da observação viva ao pensamento abstrato e dele para a prática — tal é o caminho dialético do conhecimento da verdade, do conhecimento da realidade objetiva."(30)

| - - | - - | - - |

A formação dos conceitos e a operação com os mesmos sob a forma de juízos e de conclusões intelectuais são importantes processos mentais. Todo conhecimento científico assume a forma de determinado juízo, que ou afirma algo (juízo afirmativo), ou nega algo (juízo negativo). Do ponto de vista do movimento progressivo do conhecimento humano, Engels classifica os juízos da seguinte maneira:

1. juízo da singularidade (por exemplo, o juízo "a fricção é fonte de calor");

2. juízo da particularidade (por exemplo, o juízo "todo movimento mecânico pode, por meio da fricção, transformar-se em calor");

3. juízo da universalidade (por exemplo, o juízo "qualquer forma de movimento pode e deve necessariamente, em condições determinadas para cada caso, converter-se direta ou indiretamente em qualquer outra forma de movimento").

Esse último juízo é uma verdade absoluta, expressa uma lei absoluta da natureza.

A conclusão intelectual tem grande importância cognitiva. A conclusão intelectual é um processo lógico de tirar conclusões de determinados juízos. Na base da conclusão intelectual sempre estão determinados juízos (premissas), mas sua conclusão pode levar e

efetivamente leva a um significado novo em comparação com o que está contido nas premissas.

Para que a conclusão intelectual seja justa e útil são necessárias, no mínimo, duas condições:

1. os juízos (premissas) nos quais se baseia a conclusão intelectual devem ser verdadeiros, devem corresponder à própria realidade;

2. a conclusão intelectual, isto é, a união, a combinação das ideias contidas nos juízos, deve ser feita com acerto, sem violação das regras do pensamento lógico.

A justeza das conclusões intelectuais deve ser confirmada pela prática, que é o seu critério da verdade. A conclusão intelectual justa, científica, da mesma forma que o juízo, reflete processos reais, as conexões e relações mútuas entre as coisas e os fenômenos da própria realidade material.

Os conceitos, os juízos e as conclusões intelectuais só podem ser autênticos, quando refletem a realidade objetiva, quando só ligam, unem ou separam aquilo que está ligado, unido ou separado na própria realidade.

Ao contrário dessa compreensão dos processos lógicos, que é a única justa, os modernos filósofos obscurantistas e reacionários da burguesia tentam demonstrar a independência entre as formas do pensamento e a realidade objetiva. Por exemplo, os representantes do "positivismo lógico" consideram a ciência como "sistema de proposições" e afirmam que estas devem concordar apenas com outras proposições. Russel afirma que a filosofia não trata do mundo objetivo, mas somente de fórmulas lógicas e que, por isso, "a lógica é a essência da filosofia". Por sua vez, Karnap, representante da filosofia

semanticista, foi ainda mais longe ao declarar que o objeto da filosofia é apenas a combinação de palavras e proposições privadas de qualquer conteúdo.

A dedução (modo de raciocínio que vai do geral para o particular) e a indução (modo de raciocínio que vai do particular para o geral) têm grande importância cognitiva. Na filosofia burguesa a indução e a dedução eram contrapostas uma à outra como dois métodos independentes. Os empíricos (Bacon e outros) emprestavam significação geral ao método indutivo. Os representantes do racionalismo (Descartes, Spinosa e outros), por sua vez, erigiram a dedução em método absoluto. O marxismo-leninismo considera a indução e a dedução como dois processos diferentes de um método único de pesquisa científica, que se completam (e não se excluem) um ao outro. Engels observa que toda dedução científica é o resultado de uma indução preliminar sem a qual é impossível qualquer conhecimento científico. Por sua vez, a indução só é método científico, quando se vale de conclusões gerais, quando o estudo de determinados fenômenos particulares se baseia no conhecimento de princípios ou leis gerais. Engels observa:

> "A indução e a dedução estão ligadas entre si de maneira tão necessária quanto a síntese e a análise. Ao invés de elevar unilateralmente às nuvens uma delas às expensas da outra, é preciso procurar empregar cada qual em seu lugar, e isso só é possível se não se perder de vista que elas estão ligadas entre si, que se completam reciprocamente."(31)

Ao invés de contrapor metafisicamente a análise à síntese como dois métodos independentes, a dialética materialista as considera em unidade, como diferentes processos de um único método dialético de conhecimento. Sem análise (desmembramento do fenômeno em suas

partes constituintes), é impossível qualquer conhecimento científico da realidade concreta e variada. Só a análise, porém, não pode fornecer o conhecimento científico; ela deve ser completada pela síntese, que une as partes desmembradas e apresenta o objeto ou o fenômeno estudado como um todo único.

Frisando a unidade dialética entre a análise e a síntese, Lênin ressalta que entre os elementos da dialética

> "a unidade entre a análise e a síntese significa desmembrar as partes isoladas e reunir, somar essas partes entre si."(32)

Nas obras dos clássicos do marxismo-leninismo encontramos geniais modelos de unidade dialética entre a análise e a síntese. Em seu trabalho *Imperialismo, Etapa Superior do Capitalismo*, por exemplo, Lênin pesquisou, por meio da análise os diferentes aspectos e características do capitalismo em sua fase imperialista e depois, por meio da síntese, englobou-os, fazendo uma caracterização geral e completa do imperialismo, definindo seu lugar histórico.

No Informe ao XVIII Congresso do Partido, J. V. Stálin fez uma profunda análise dos êxitos da construção do socialismo e do desenvolvimento dos diferentes setores da economia nacional da URSS, e depois os sintetizou e englobou, fazendo uma caracterização geral das históricas vitórias alcançadas pelo socialismo na URSS e indicando as tarefas fundamentais de desenvolvimento no sentido do comunismo.

O Papel da Prática no Processo do Conhecimento

Pela primeira vez na história da filosofia, o marxismo-leninismo introduziu a prática na teoria do conhecimento. A teoria do conhecimento tornou-se realmente científica. Na solução marxista-

leninista do problema do papel da prática na teoria do conhecimento, da unidade entre a teoria e a prática, se reflete a essência revolucionária da filosofia do marxismo, chamada não só a explicar o mundo, mas também a transformá-lo.

Na filosofia burguesa, a gnosiologia não tinha caráter científico principalmente porque não revelava o papel da prática no processo do conhecimento. Os representantes do materialismo metafísico em geral não viam nem compreendiam o papel ativo, realmente prático, do homem em relação à natureza; muito menos compreendiam a prática social, histórica e revolucionária, e seu papel no processo de conhecimento do mundo, no desenvolvimento da ciência e do pensamento humano. Embora às vezes tentassem ligar o processo do conhecimento com a prática, compreendiam esta última de maneira extremamente estreita e limitada, rebaixando-a a pesquisas e experiências de laboratório. Por isso, não viam a força motriz do conhecimento humano na prática social e histórica, mas na "curiosidade” e "sede de conhecimentos” do dentista, na tendência dos homens ao aperfeiçoamento do intelecto. Essa estreiteza, essa limitação na compreensão da prática e de seu papel na teoria do conhecimento estava condicionada pela estreiteza, pela limitação das tarefas práticas e cognitivas da burguesia como classe exploradora.

Os representantes do idealismo, interpretando a prática do homem como atividade da ideia abstrata, do espírito puro, limitavam e limitam a esfera da atividade prática ao campo do labor teórico.

Ao contrário das diferentes considerações místicas e reacionárias dos modernos filósofos da burguesia, o marxismo-leninismo reconhece o papel decisivo da prática, da atividade prática dos homens, tanto como ponto de partida ou base do conhecimento, quanto como critério

da veracidade da teoria. Lênin ensina:

> "O ponto de vista da prática, da vida deve ser o ponto de vista fundamental da teoria do conhecimento. Rejeitando de seu caminho as elucubrações intermináveis da escolástica professoral, ela leva infalivelmente, em linha reta, ao materialismo."(33)

Na concepção marxista-leninista, a prática é antes de tudo a atividade do homem no trabalho, na produção material, que inclui todos os aspectos da atividade produtiva tanto na indústria como na agricultura. Além disso, a prática é a atividade social, universal, histórica, revolucionária e crítica do homem, orientada não só para a transformação da natureza, mas também da vida social. Nas condições da sociedade de classes, a prática inclui também a luta de classes, que é a força motriz de todo o processo histórico.

No conceito de prática, deve-se incluir também a pesquisa de laboratório, a experiência e a observação. No conhecimento dos processos da natureza inacessíveis à influência do homem (cósmicos, astronômicos, etc.), a prática se manifesta sob a forma de observações com o auxílio do aparelhamento necessário, que é, porém, produto da atividade do homem na produção material. Por isso, Lênin afirma que

> "a prática, que nos serve de critério na teoria do conhecimento, deve incluir também as observações astronômicas, as descobertas, etc."(34)

Compreendida com essa amplitude, a prática é a base do conhecimento humano e o critério de sua verdade em todas as fases de seu desenvolvimento.

Somente no processo de influência ativa sobre o mundo material que o cerca, por meio do trabalho e da produção, é que o homem

recebe determinadas sensações, percepções e representações. Elaborando praticamente os objetos da natureza, os homens recebem, por meio de seus órgãos dos sentidos, determinadas informações sobre as propriedades e qualidades desses objetos, passando a conhecê-los. As operações práticas com os objetos materiais estão na base da formação e do desenvolvimento dos conceitos e de todas as operações mentais: juízo e conclusão intelectual, dedução e indução, análise e síntese. Lênin observa:

> "Todos esses elementos (passos, graus, processos) do conhecimento dirigem-se do sujeito ao objeto, sendo verificados pela prática e passando, através dessa verificação, a verdade (...).(35)

A significação da prática reside não só em que sem ela seriam impossíveis todas as formas da atividade mental, mas também em que sem ela seria impossível a descoberta das conexões internas e das leis da realidade objetiva por meio dos conceitos, categorias e leis abstratas. A prática histórico-social é a base de todo o complexo processo do conhecimento científico, a base do surgimento e do desenvolvimento da ciência.

Engels observa que o surgimento e o desenvolvimento da astronomia, da matemática e da mecânica foi condicionado pelas necessidades práticas dos povos antigos. Escreve:

> "Assim, desde o começo, o nascimento e o desenvolvimento das ciências são condicionados pela produção."(36)

As necessidades práticas dos homens condicionaram o nascimento da matemática. A necessidade do cálculo, da medida das áreas, das distâncias, etc., originaram a aritmética e a geometria. A princípio, todas as operações matemáticas estavam ligadas às

operações práticas. Os homens só calculavam contrapondo objetos a outros. As primeiras cifras e unidades de medida estavam ligadas aos órgãos do corpo humano — mãos, dedos, palma da mão, pés, etc.

Engels escreve:

> "Como todas as demais ciências, a matemática surgiu das necessidades práticas dos homens: da necessidade de medir a terra e a capacidade dos recipientes, do cálculo do tempo e da mecânica."(37)

O surgimento e o desenvolvimento da biologia foi condicionado pelas necessidades da medicina, de melhoramento da agricultura, da pomicultura e da pecuária. A atividade prática precedeu a teoria e condicionou o desenvolvimento da teoria.

A experiência prática multissecular foi generalizada em princípios teóricos correspondentes da ciência biológica.

> "A doutrina da seleção, pelo seu conteúdo, resulta da prática multissecular, considerada sob o aspecto mais geral, dos agricultores e dos pecuaristas, que, muito antes de Darwin, criaram empiricamente espécies vegetais e raças de animais (...). A prática agrícola serviu a Darwin de base material sobre a qual elaborou sua teoria evolucionista, que explica os princípios naturais da regularidade de estrutura do mundo orgânico."(38)

A criação da agricultura socialista em nosso país e o desenvolvimento da prática colcosiana e sovcoziana condicionaram o desenvolvimento da nova ciência biológica soviética — a biologia mitchuriniana.

> "A agricultura socialista, o regime colcosiano e sovcoziano originarem uma ciência biológica própria, nova, a ciência biológica mitchuriniana, soviética, que se desenvolve em estreita unidade com a prática agronômica, como biologia agronômica."

(39)

Somente baseando-se na prática social e histórica é possível um aprofundamento cada vez maior do conhecimento humano, a descoberta de novos aspectos, conexões e relações entre os objetos e fenômenos materiais, o conhecimento de suas leis internas.

Separadamente da prática é impossível solucionar de modo científico as questões teóricas, é impossível conhecer as leis da natureza viva. Somente a solução de importantes questões práticas, como as da luta contra as ervas daninhas na agricultura, da seleção dos componentes de misturas de relvas, do cultivo rápido e amplo dos bosques nas regiões de estepes e muitas outras questões, permitiram que os mitchurinianos resolvessem muitos problemas teóricos fundamentais da ciência biológica. O acadêmico Lissenko observa:

> "A solução científica de problemas práticos é o caminho mais seguro para conhecer profundamente as leis de desenvolvimento da natureza viva."(40)

A prática histórico-social é a base do conhecimento não só das leis da natureza, mas também das leis do desenvolvimento

O surgimento e o desenvolvimento da teoria marxista-leninista foi condicionado pelas necessidades práticas da luta de classe do proletariado. Somente quando o capitalismo alcançou determinada maturidade, quando se desenvolveu a luta de classes dos proletários contra os capitalistas, é que se criaram as condições necessárias para o nascimento da teoria revolucionária que reflete os interesses de classe do proletariado. Expressando essas necessidades históricas, Marx e Engels criaram uma teoria científica, que constitui nas mãos do proletariado uma poderosa arma de luta pela sua libertação. A

concretização e o desenvolvimento do marxismo por Lênin e Stálin estavam ligados às novas necessidades práticas do movimento revolucionário na época do imperialismo e das revoluções proletárias, na época da construção do socialismo na URSS Generalizando a nova experiência da luta revolucionária do proletariado, Lênin e Stálin elevaram a teoria do marxismo a um grau novo e superior, desenvolvendo-a e concretizando-a.

A teoria marxista-leninista se desenvolve em ligação indissolúvel com a prática do movimento operário revolucionário.

Em seu genial trabalho *O Estado e a Revolução*, Lênin revela o papel decisivo da prática revolucionária na elaboração por Marx e Engels da doutrina relativa à ditadura do proletariado.

Em 1848, no *Manifesto do Partido Comunista*, Marx e Engels foram os primeiros a apresentar a ideia da ditadura do proletariado; mas só se referiram em forma geral às tarefas que o proletariado teria que enfrentar, quando se transformasse em classe dominante. Nessa ocasião, a História ainda não fornecera material para a solução concreta dessa questão, e somente a experiência viva, revolucionária e prática, dos acontecimentos de 1848-1851 permitiu a Marx chegar a uma conclusão concreta, exata e "praticamente palpável": todas as revoluções anteriores se tinham limitado a aperfeiçoar a máquina estatal, mas a tarefa do proletariado é desmontá-la, destruí-la. Lênin escreve:

> "Não foram as deduções lógicas, mas o desenvolvimento real dos acontecimentos, a experiência vivida dos anos de 1848-1851, que levaram a essa colocação do problema. A que ponto Marx se atém estritamente à experiência histórica é o que mostra o fato de que, em 1852, ainda não levanta a questão concreta de saber por que substituir essa máquina estatal que deve ser

destruída. A experiência ainda não fornecera a documentação necessária a esse problema, que a História só colocará na ordem do dia mais tarde, em 1871."(41)

Lênin demonstra que Marx não caía em utopia, não elaborava tratados abstratos sobre as formas do futuro Estado, mas esperava que a experiência prática da luta revolucionária de massas do proletariado apresentasse a solução desse problema fundamental da teoria marxista. E somente a experiência da luta prática dos comunardos de Paris, a tentativa que fizeram de substituir a máquina estatal burocrática por um novo tipo de Estado — o Estado proletário — permitiram que Marx, após haver estudado atentamente a experiência da Comuna, visse nela a forma estatal da ditadura do proletariado.

Lênin e Stálin concretizaram e desenvolveram a doutrina marxista da ditadura do proletariado e do Estado na base da experiência prática das três revoluções russas e na da atividade prática do Estado soviético. Lênin descobriu que o poder soviético é a melhor forma estatal da ditadura do proletariado, ressaltou a fórmula da ditadura do proletariado sob o ponto de vista do problema dos aliados do proletariado, demonstrando que a ditadura do proletariado é uma aliança particular de classe entre o proletariado e o campesinato, um tipo superior de democracia, a democracia proletária.

A doutrina marxista-leninista do Estado e da ditadura do proletariado foi concretizada e desenvolvida pelo camarada Stálin. Generalizando criadoramente a experiência revolucionária do Partido bolchevique e das massas trabalhadoras de nosso país na criação e fortalecimento do novo Estado, o camarada Stálin descobriu a essência da ditadura do proletariado, criou a doutrina de seus três aspectos, a doutrina do sistema da ditadura do proletariado e do papel dirigente do

Partido bolchevique na mesma. Apoiando-se na generalização criadora da experiência prática da construção socialista na URSS, nas condições do cerco capitalista hostil, o camarada Stálin elaborou a doutrina das funções e fases básicas de desenvolvimento do Estado socialista, solucionou o problema teórico dos destinos do Estado, não só no período do socialismo, mas também no período do comunismo.

Elaborando genialmente os problemas da teoria marxista, o camarada Stálin ensina que não devemos limitar-nos a decorar suas teses isoladas e que é necessário fazê-la avançar na base da generalização da riquíssima experiência da construção do socialismo e do comunismo na URSS

> "(...) Podemos e devemos exigir que os marxistas-leninistas de nossa época não se limitem a decorar algumas teses gerais do marxismo, que penetrem na essência do marxismo, que aprendam a levar em conta a experiência de vinte anos de existência do Estado socialista em nosso país, que aprendam, finalmente, a concretizar, apoiando-se nessa experiência e baseando-se na essência do marxismo, algumas teses gerais do marxismo, a torná-las mais precisas e a melhorá-las."(42)

Sendo um reflexo das necessidades práticas já maduras e da generalização da experiência revolucionária das massas, a teoria marxista-leninista revela cientificamente os meios para transformar prática e revolucionariamente o mundo, não só esclarece o presente, mas também revela as características gerais do futuro.

O camarada Stálin forneceu-nos uma caracterização clássica da unidade entre a teoria e a prática revolucionárias. Afirma:

> "A teoria é a experiência do movimento operário de todos os países, considerada em seu aspecto geral. Naturalmente, a teoria deixa de ter objeto, quando não está vinculada à prática

> revolucionária, exatamente da mesma forma que a prática é cega se a teoria revolucionária não ilumina seu caminho. Mas a teoria pode converter-se numa grandiosa força do movimento operário, se for elaborada em ligação indissolúvel com a prática revolucionária"(43)

| - - | - - | - - |

O marxismo-leninismo considera a prática não só como ponto de partida e base do conhecimento humano, mas também como critério da verdade dos conhecimentos. Os clássicos do marxismo-leninismo consideraram escolásticas todas as tentativas de resolver fora da prática os problemas da verdade ou da falsidade desta ou daquela teoria.

A prática não só desmascara o agnosticismo, demonstrando a completa cognoscibilidade do mundo material, mas também refuta todos os conceitos, ideias e teorias anticientíficos, confirmando apenas aquilo que é certo e científico. V. I. Lênin escreve:

> "A prática humana demonstra a exatidão da teoria do conhecimento materialista, diziam Marx e Engels, qualificando de ‘escolástica’ e de ‘subterfúgios filosóficos’ as tentativas de resolver o problema gnosiológico fundamental sem recorrer à prática"(44)

A prática serve de critério da verdade, porque comprova a teoria com a realidade material, transfere as fórmulas teóricas do reino das ideias para o reino da realidade objetiva, revelando assim sua verdade ou falsidade. As tentativas sub-reptícias dos pragmáticos americanos no sentido de substituir a prática humana real pela "experiência” subjetiva, pelo "bom êxito”, pela "vantagem”, etc., são, na realidade, uma forma de negação idealista da verdade objetiva e da realidade do mundo exterior. Segundo os pragmáticos, o conceito "prática” é destituído de

significação objetiva e real, é privado de ligação com o mundo real e, por isso, assume um caráter subjetivo e idealista, e pode confirmar, de acordo com seu ponto de vista, quaisquer considerações anticientíficas que sejam úteis e proveitosas ao imperialismo.

Ao contrário de todos os agnósticos e idealistas subjetivos, Lênin demonstra que

> "a prática da humanidade tem um valor (...) objetivo e real."(45)

Enquanto os homens contemplam os fenômenos da natureza sem intervir em sua marcha natural, não podem fazer mais do que simples suposições sobre a verdade ou falsidade de seus conceitos e ideias. Mas, logo que passam da contemplação passiva da realidade à ação prática sobre ela, têm a possibilidade de verificar se suas ideias correspondem à realidade. Influenciando praticamente os objetos do mundo material e elaborando-os, os homens verificam a verdade de suas ideias e conceitos, sua correspondência com os objetos refletidos. Lênin indica que justamente

> "a atividade prática demonstra ao homem a verdade objetiva de suas ideias, conceitos, conhecimentos, ciência."(46)

No desenvolvimento das ciências naturais, o papel da prática como critério da verdade manifesta-se sempre sob a forma de observações, pesquisas e experiências realizadas cientificamente. Na astronomia, por exemplo, o critério da prática, conservando integralmente seu valor, manifesta-se sob a forma de coincidência entre as conclusões da teoria e os dados reais da ciência astronômica, isto é, os dados fornecidos pelas observações científicas.

Analisando, na base dos dados da experiência, a doutrina da atividade nervosa superior, I. P. Pávlov comprovou cuidadosa e

profundamente cada nova tese e cada nova conclusão de sua teoria com numerosas experiências realizadas especialmente com essa finalidade. Fundamentando cientificamente sua tese sobre a identidade entre o sono e a inibição, I. P. Pávlov afirma:

> "Com essa conclusão concordaram perfeitamente todas as numerosas observações que acumulamos durante vinte anos de trabalho sobre os reflexos condicionados, e ela foi também confirmada pelas novas experiências que propositalmente fizemos a partir dessa conclusão."(47)

Com as experiências científicas que realizou de 1933 a 1945, O. B. Lepechínskaia refutou completamente os princípios de Virchow na citologia e demonstrou a existência da vida extracelular, a origem da célula não só de outra célula mas também de substância sem estrutura celular.

A prática é o critério universal da verdade da teoria, tanto para as ciências sociais, como para as ciências naturais. O camarada Stálin afirma:

> "Os dados da ciência sempre sofreram a prova da prática, da experiência. Que espécie de ciência e essa que rompeu suas ligações com a prática, com a experiência? Se a ciência fosse tal como a representam alguns de nossos camaradas conservadores, há muito teria perdido o valor para a humanidade. A ciência se chama ciência justamente porque não reconhece fetiches, porque não teme acabar com o que se torna velho e caduco porque ouve atentamente a voz da experiência, da prática."(48)

A prática é a base do conhecimento e o critério de verdade da teoria. A prática é o primário em relação à teoria e determina seu desenvolvimento. A prática possui o atributo de universalidade; abarca

inúmeros vínculos e relações recíprocas entre o homem e a realidade material, que a teoria só pode abranger com unilateralidade. Em comparação com a teoria, que é apenas o reflexo ideal da realidade, a prática tem o mérito de estar em contacto com a realidade direta, porque encarna a relação mútua, objetiva e real, entre o homem e a realidade material. Lênin observa:

> "A prática é superior ao conhecimento teórico, porque possui não só o mérito da universalidade, mas também o da realidade imediata."(49)

Ao interpretar o papel da prática, é preciso também proceder de maneira dialética e não metafísica, dogmática. O critério da prática tem caráter absoluto, porque apresenta uma comprovação da verdade, do conhecimento, confirma tudo o que é real, científico, e rejeita tudo o que é anticientífico, falso. Ao mesmo tempo, porém, o critério da prática contém um elemento de relatividade, porque só demonstra a verdade desta ou daquela lei, tese, etc., em determinadas condições, e não em toda parte e sempre. Toda lei da ciência reflete, sob forma abstrata, um dos aspectos e momentos da conexão universal e interdependência da realidade objetiva, mas não todos os vínculos que existem na realidade. Pela prática, verifica-se e confirma-se a verdade objetiva de uma lei. Nenhuma verificação pode, porém, transformar esta ou aquela lei em absoluto, porque a prática só confirma a verdade da lei dentro dos limites em que a lei se manifesta.

Lênin escreve:

> "(...) Não devemos certamente esquecer que o critério da prática nunca pode, no fundo, confirmar ou refutar integralmente uma ideia humana qualquer que seja. Esse critério é também bastante 'vago' para não permitir que os conhecimentos do homem se tomem 'absolutos'; é, no entanto suficientemente preciso para

> permitir uma luta implacável contra todas as variedades de idealismo e de agnosticismo. Se aquilo que nossa prática confirma é uma verdade objetiva, única, final, daí decorre que o único caminho para essa verdade é o da ciência que se apoia na concepção materialista."(50)

A própria prática não é algo estagnado, dado uma vez por todas, mas se aperfeiçoa, se enriquece e se desenvolve. Por exemplo, a prática, por vezes, confirmava as afirmações dos químicos sobre a impossibilidade de se criarem substâncias orgânicas a partir de substâncias inorgânicas (até que os homens se tornaram capazes de fazê-lo) . O desenvolvimento posterior da ciência e da prática levou, porém, a que se criasse artificialmente muitos compostos orgânicos e assim refutou a velha verdade, substituindo-a por uma nova verdade, que corresponde ao novo nível do desenvolvimento da prática.

O desenvolvimento da prática revolucionária, mundial e histórica, do proletariado e de seu partido, torna obsoletas certas teses da teoria marxista, presas a determinadas condições históricas, e exige sua substituição por novas teses. Lênin e Stálin, generalizando criadoramente a nova experiência acumulada pela prática revolucionária, concretizaram e desenvolveram o marxismo, aplicando-o às novas condições e às novas necessidades do proletariado e de seu partido, substituindo as teses obsoletas do marxismo por novas teses.

É assim que a prática histórico-social, sendo base do conhecimento e critério de sua verdade, impulsiona o progresso da ciência para novas conquistas do pensamento humano.

O Materialismo Dialético e a Verdade Objetiva. Verdade Absoluta e Verdade Relativa

Os fundadores do marxismo-leninismo, após haverem criado uma autêntica filosofia científica, o materialismo dialético e histórico, foram os primeiros a dar uma solução justa e científica ao problema da verdade objetiva — absoluta e relativa — e desmascararam a interpretação metafísica e idealista da verdade. Em seu trabalho *Materialismo e Em piro criticismo,* Lênin demonstra que a doutrina da verdade objetiva está indissoluvelmente ligada à solução materialista do problema básico da filosofia, que o materialismo filosófico está ligado ao reconhecimento da verdade objetiva e que a negação desta leva inevitavelmente ao agnosticismo e ao idealismo subjetivo. Lênin escreve:

> "Para ser materialista é preciso reconhecer a verdade objetiva que nos é revelada pelos órgãos dos sentidos."(51)

Negando a realidade objetiva do mundo exterior, os machistas inevitavelmente negavam a própria existência da verdade objetiva: interpretavam a verdade no espírito do idealismo subjetivo, reduzindo-a a uma forma da experiência subjetiva do homem, ao pensamento coletivo dos homens. O machista Bogdânov afirmava que

> "a verdade é uma forma ideológica — a forma organizadora de experiência humana".

Combatendo com firmeza essa concepção machista da verdade, Lênin aponta seu sentido reacionário, demonstrando que essa interpretação da verdade justifica a existência não só de todas as ideias anticientíficas, mas também de dogmas e superstições religiosas. Lênin escreve:

> "Mas se não existe verdade objetiva, se a verdade (inclusive a verdade cientifica) é apenas a forma organizadora da experiência humana, está admitido o postulado fundamental do

> obscurantismo clerical, a porta está aberta para este último, o terreno está preparado para as ‘formas organizadoras' da experiência religiosa."(52)

Elaborando com profundidade a questão da verdade objetiva, em oposição à concepção subjetiva e idealista do machismo, Lênin dá uma definição científica, dialética e materialista desse importantíssimo conceito da teoria do conhecimento.

No conceito de verdade objetiva, Lênin inclui o conteúdo objetivo dos conhecimentos humanos, isto é, o conteúdo que é dado de fora ao homem e que depende exclusivamente do mundo exterior, da realidade objetiva, e não da capacidade cognoscitiva de determinado homem e de toda a humanidade. A verdade objetiva é o reflexo fiel da realidade objetiva nas sensações, representações e conceitos humanos. Criticando o machismo de Bogdânov, Lênin pergunta:

> "(...) Existe a verdade objetiva, em outras palavras, as representações mentais do homem podem ter um conteúdo independente do sujeito, do homem e da humanidade?”(53)

V. I. Lênin fundamenta exaustivamente a existência da verdade objetiva e ilustra essa tese com dados da ciência e com fatos da vida diária. A teoria leninista do reflexo parte do reconhecimento da realidade objetiva do mundo exterior e de seu reflexo, aproximadamente fiel, na cabeça do homem. Uma vez que os conhecimentos humanos refletem com justeza a realidade objetiva existente, eles contêm a verdade objetiva. Cada teoria e cada lei científica, se refletem fielmente a realidade objetiva, se são comprovadas pela experiência, pela prática da humanidade, são verdades objetivas. Assim, por exemplo, a doutrina heliocêntrica de Copérnico é uma verdade objetiva, enquanto -a teoria de Ptolomeu não é uma verdade objetiva, porque não corresponde à

realidade objetiva. A doutrina mitchuriniana é uma verdade objetiva, enquanto a teoria do weismannismo-morganismo é uma teoria falsa, anticientífica, refutada pela prática do desenvolvimento da agricultura soviética socialista. O marxismo-leninismo é uma verdade objetiva, porque revela com acerto as leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade, aponta com acerto os caminhos para a transformação da sociedade capitalista em socialista, os caminhos para a construção do comunismo. Sua verdade é confirmada pela prática revolucionária do povo soviético, do Partido bolchevique e também pela prática da construção socialista nos países de democracia popular, pela experiência da luta dos trabalhadores de todos os países contra a escravidão capitalista.

Uma vez que a verdade objetiva é um conteúdo dos conhecimentos humanos que independe do homem e da humanidade, sua existência não está subordinada a ser ou não reconhecida por todos. A burguesia e seus ideólogos, evidentemente, não admitem a verdade da teoria marxista-leninista, mas o marxismo-leninismo, como teoria verdadeira, não só continua a existir, mas se desenvolve e estende cada vez mais amplamente sua influência, penetrando na consciência das massas trabalhadoras.

Os modernos filósofos idealistas da burguesia (os pragmáticos, os positivistas lógicos, os neorrealistas, os semanticistas, etc.) fizeram do conceito de verdade objetiva o alvo principal de seus ataques reacionários no domínio da gnosiologia. A negação da verdade objetiva lhes serve de meio de luta contra a ciência e o conhecimento científico, de meio para defender o clericalismo. E justamente com tais objetivos que os representantes do positivismo lógico eliminam da ciência a verdade objetiva, "demonstram” que a ciência não trata do mundo

objetivo, mas somente do conteúdo subjetivo da experiência. Tentando desviar a ciência do caminho' do conhecimento da realidade material para o caminho do puro formalismo, exigem que a ciência contenha apenas fórmulas logicamente harmoniosas. Já no começo do século XX, W. James, representante do pragmatismo, filosofia dos *businessmen* americanos, proclamou que verdade é tudo aquilo que "é útil” e que garante "êxito prático". Afirma cinicamente:

"*Se as ideias religiosas preenchem essas condições, se, particularmente, verificamos que o conceito de Deus satisfaz a essas condições, sob que fundamento negará o pragmatismo a existência de Deus? Para o pragmatismo será simplesente um absurdo considerar-se como ‘falso’ um conceito tão benéfico no sentido pragmático."*

Essa "filosofia” que afirma que é verdadeiro tudo aquilo que for vantajoso para o rapace imperialismo americano, é continuada pelo seu ideólogo contemporâneo, J. Dewey.

J. Dewey considera o mundo real como "existência tosca”. A realidade não existe por si mesma; é condicionada e criada pelo nosso conhecimento. Todo o processo de conhecimento humano não é considerado por ele do ponto de vista do reflexo da realidade objetiva, mas apenas do ponto de vista dos "resultados do êxito”. Concebendo a ciência no espírito do subjetivismo, J. Dewey elimina dela o conteúdo objetivo, a verdade objetiva, declara a ciência uma "arte prática”, uma "forma altamente especializada da prática”. Dewey reduz a ciência a simples indicações para a "ação”, considerando suas leis como "modo de realização eficiente dos negócios”. Essa concepção pragmática da ciência expressa a situação real da ciência nos Estados Unidos, onde se acha transformada em serva dos monopólios imperialistas e dos departamentos militares.

Nas condições da sociedade de classes, as ciências sociais, em virtude de estarem ligadas às ideias políticas das classes em luta, assumem inevitável e completamente um caráter de classe. As verdades objetivas das ciências naturais, porém, não tendo relação direta com as ideias políticas das classes, assumem caráter universal e existem durante milênios, passando de época a época e de povo a povo. Sabemos que as bases da geometria euclidiana, da mecânica clássica, da eletro- dinâmica, da química, são verdades objetivas, reconhecidas por todas as classes e utilizadas por elas na prática. Entretanto, também essas bases fundamentais das ciências, que são verdades objetivas, são envolvidas em determinadas formas ideológicas, formas de concepção do mundo, que têm um caráter de classe, de partido. Por isso, toda ciência contém não só verdades objetivas irrefutáveis, que representam suas bases fundamentais, mas também determinada concepção do mundo.

Os cientistas que fazem a apologia da burguesia envolvem as verdades objetivas numa forma reacionária e idealista, tentando conciliar a ciência com o obscurantismo clerical. O capitalismo monopolista dos Estados Unidos impôs grilhões imperialistas ao desenvolvimento da ciência e subordinou as pesquisas científicas aos objetivos estreitos e egoístas dos imperialistas e de sua luta pelo domínio do mundo.

Os imperialistas americanos, objetivando conquistar o domínio do mundo, pensam em exterminar a maior parte da humanidade com as armas atômicas e bacteriológicas e obrigam a ciência a servir a seus vis objetivos. Somente a abolição do capitalismo e a passagem ao socialismo pode salvar a ciência dos grilhões imperialistas e de sua total degradação. Somente no país do socialismo vitorioso, a ciência floresce

plenamente, somente em nosso país as verdades científicas objetivas se revestem da correspondente forma ideológica científica, porque a ideologia dominante é uma concepção do mundo realmente científica, o marxismo-leninismo.

| - - | - - | - - |

A questão da verdade relativa e absoluta envolve a pergunta:

> "se (. . .) as representações humanas, que expressam a verdade objetiva, podem expressá-la de pronto, inteiramente, incondicionalmente, absolutamente, ou só podem expressá-la de modo aproximado, relativo?”(54)

Ao contrário da concepção metafísica e dogmática do processo do conhecimento como descoberta de verdades eternas, imutáveis e estabelecidas de uma vez por todas, o materialismo dialético considera o conhecimento humano como um processo que se desenvolve historicamente, que procede da ignorância para o conhecimento, de um conhecimento menos completo a um conhecimento mais completo.

Cada fase do conhecimento humano é limitada por marcos históricos, o que torna os conhecimentos adquiridos incompletos, aproximados e relativos. Por isso, a verdade não é algo estabelecido e assentado de uma vez por todas, mas um processo de aprofundamento do conhecimento humano sobre o mundo objetivo que o cerca. Lênin observa:

> "A verdade é um processo. Partindo da ideia subjetiva, o homem chega à verdade objetiva através da ‘prática' (e da técnica)”.(55)

O conhecimento humano tomado em seu todo possui capacidade ilimitada, encerra a possibilidade de chegar ao conhecimento completo, absoluto, do mundo material, mas em cada estágio de seu

desenvolvimento histórico acha-se inevitavelmente limitado pelo nível de desenvolvimento da ciência, da técnica e das condições sociais e históricas. A capacidade historicamente ilimitada do conhecimento humano está corporificada no pensamento de várias gerações, cujos conhecimentos são limitados pelas condições históricas de sua época e pelo nível de desenvolvimento da ciência e da prática social e histórica.

Engels escreve:

> "Nesse sentido, o pensamento humano é e não é soberano, e sua capacidade de conhecer é simultaneamente ilimitada e limitada. Soberano e ilimitado por sua natureza, sua vocação, suas possibilidades, seu objetivo final na História; mas não soberano e limitado em cada uma de suas aplicações e em qualquer de suas realizações."(56)

Em cada fase histórica de seu desenvolvimento, o conhecimento humano é limitado não só pelo nível de desenvolvimento da produção material, da técnica e da ciência, mas também pelo caráter das relações sociais e econômico-sociais. Historicamente isso se manifesta na orientação de classe impressa ao processo de conhecimento, na influência exercida sobre o desenvolvimento da ciência pela ideologia dominante das classes exploradoras.

Na Idade Média, por exemplo, as relações feudais e a ideologia religiosa dominante entravaram o desenvolvimento do conhecimento científico, tornavam a filosofia e a ciência da época dependentes da religião, transformando-as em servas da teologia. Em sua fase imperialista, o capitalismo também agrilhoa o processo do conhecimento científico, o desenvolvimento da ciência. Somente a vitória da revolução socialistas abole as barreiras com que as relações sociais antagônicas da sociedade exploradora dificultam o avanço do

conhecimento humano e cria possibilidades ilimitadas para o desenvolvimento livre e amplo da ciência.

Por conseguinte, em cada estágio do desenvolvimento do conhecimento humano, a verdade, sendo científica e objetiva, inevitavelmente tem caráter relativo, manifestando-se como verdade relativa. O caráter relativo da verdade não deve ser compreendido no sentido de que o reflexo que ela apresenta do objeto material seja convencional, mas no sentido de que esse reflexo não é integral, no sentido de que os conhecimentos alcançados em determinada fase do desenvolvimento histórico são incompletos. O caráter relativo da verdade reside em que cada tese científica, embora sendo uma verdade objetiva que reflete fielmente esse ou aquele processo da natureza, ainda não pode abranger todos os seus aspectos e facetas, conexões e leis, necessitando ser precisado. completado, aprofundado e concretizado, o que só pode ser alcançado com o desenvolvimento ulterior do conhecimento humano.

Lênin escreve:

> "Assim, o pensamento humano é, pela sua natureza, capaz de nos dar e de fato nos dá a verdade absoluta, que não passa de uma soma de verdades relativas. Cada estágio do desenvolvimento das ciências acrescenta novos elementos a essa soma de verdade absoluta, mas os limites de cada tese científica são relativos, sendo ora ampliados, ora reduzidos, à medida que as ciências progridem."(57)

A verdade objetiva expressa a correspondência entre os conhecimentos humanos e o objeto material que eles refletem, enquanto a verdade absoluta e a verdade relativa já expressam o grau em que ele é conhecido; em que é refletido com plenitude. A verdade é relativa se ainda não dá um conhecimento completo e amplo, se ainda

não reflete completamente o objeto material ou a lei da realidade; quando, porém, o conhecimento atinge a plenitude e abrange o objeto em todos os seus aspectos, quando já não necessita de maior exatidão e complementação, a verdade adquire um caráter absoluto.

Reconhecer unilateralmente que os conhecimentos humanos são apenas relativos e negar seu caráter objetivo e absoluto conduz inevitavelmente ao relativismo e, em última instância, ao idealismo. Assim acontece com muitos físicos burgueses do século XX, que elevaram ao absoluto o caráter relativo dos conhecimentos humanos, declarando que os conhecimento científicos são privados de objetividade e de qualquer valor absoluto, o que os conduziu ao idealismo físico.

Lênin escreve:

> "Todas as velhas verdades da física, inclusive as que foram consideradas indiscutíveis e garantidas, revelaram-se verdades relativas; portanto, não pode haver nenhuma verdade objetiva independente da humanidade. Este é o pensamento de toda a doutrina machista, e também de todo idealismo 'físico' em geral. Que a verdade absoluta resulte da soma das verdades relativas, que as verdades relativas sejam imagens relativamente exatas de um objeto independente da humanidade, que essas imagens se tornem cada vez mais exatas, que cada verdade científica, apesar de sua relatividade, contenha um elemento de verdade absoluta, todas essas proposições (...) são incompreensíveis para a teoria 'contemporânea' do conhecimento."(58)

Nessas palavras de Lênin, acha-se demonstrada, de maneira evidente, a unidade dialética entre a verdade absoluta e a relativa, unidade que se manifesta no desenvolvimento do conhecimento científico. Toda verdade científica (se é realmente uma verdade científica) é não só uma verdade relativa, mas também uma verdade

objetiva e absoluta. É uma expressão da unidade entre a verdade objetiva absoluta e a relativa. É por isso que o materialista não pode limitar-se apenas ao reconhecimento de verdades relativas; é seu dever ver nelas o conteúdo objetivo, que é o reflexo, relativamente fiel, da realidade objetiva. Além disso, deve ir mais adiante e reconhecer que toda verdade objetiva é até certo ponto uma verdade absoluta, contém determinados elementos de verdade absoluta.

Lênin escreve:

> "É preciso reconhecer a verdade objetiva, isto é, independente do homem e da humanidade, admitir desta ou daquela forma, a verdade absoluta."(59)

A correlação entre a verdade objetiva absoluta e a relativa no processo do conhecimento pode ser ilustrada com o exemplo do desenvolvimento das ideias científicas a respeito do átomo. Sabemos que até fins do século XIX o átomo era considerado na ciência como última partícula material, absolutamente indivisível, sólido, impenetrável e inerte. Essa ideia do átomo, sendo uma verdade relativa, continha não só a verdade objetiva (isto é, era o reflexo da realidade objetiva na medida em que era conhecida), mas continha também elementos de verdade absoluta, porque representava conhecimentos irrefutáveis sobre o átomo como a menor partícula do elemento químico, sobre sua capacidade de combinar-se com outros átomos e formar as moléculas, sobre o peso atômico, sobre as dimensões do átomo, etc.

A descoberta da radioatividade dos elementos, o estudo das partículas intra-atômicas, os elétrons e os prótons, etc., modificou radicalmente a concepção existente sobre o átomo. Generalizando essas descobertas e comparando, a princípio, o átomo ao sistema planetário, os físicos criaram o modelo mecânico do átomo, que

expressava um novo estágio no conhecimento da natureza e acrescentava novos elementos de verdade absoluta à ideia do átomo. Posteriormente, os físicos descobriram novas partículas atômicas, o nêutron, o pósitron, etc. Na base dessas novas descobertas, o físico soviético D. D. Ivanenko criou uma nova teoria neutrônica e protônica do núcleo, elaborando um modelo de interação das forças no interior do átomo. Essas novas descobertas aprofundaram consideravelmente nossos conhecimentos sobre o átomo e introduziram na concepção científica do átomo novos elementos de verdade absoluta. Todavia, essa concepção do átomo também ainda não é definitiva: tornar-se-á mais precisa, será completada e desenvolvida, à medida que avancem os conhecimentos sobre a estrutura da matéria.

Lênin escreve:

> "'A essência' das coisas ou a 'substância' são também relativas; expressam apenas o aprofundamento do conhecimento humano a respeito dos objetos; se ontem esse conhecimento não ia além do átomo e não vai hoje além do elétron e do éter, o materialismo dialético insiste sobre o caráter transitório, relativo, aproximado de todos esses passos no conhecimento crescente da natureza pela ciência humana. O elétron é tão inesgotável quanto o átomo; a natureza é infinita, mas existe de maneira infinita (...).(60)

Cada verdade relativa é um estágio do conhecimento, a expressão da verdade absoluta, e por isso contém obrigatoriamente elementos, grãos de verdade absoluta. O marxismo-leninismo de forma alguma nega a existência de verdades absolutas, eternas. Assim, por exemplo, as bases da geometria euclidiana, da mecânica clássica, da física, da química, etc., são até certo ponto verdades eternas. Engels escreve:

> "certos resultados dessas ciências são verdades eternas,

> verdades definitivas e sem revisão, e por isso essas ciências são chamadas de ciências exatas."(61)

Muitas teses do materialismo dialético, que refletem as leis gerais, eternas, da realidade objetiva, são verdades absolutas desse tipo. É uma verdade absoluta, por exemplo, o conceito filosófico de matéria.

Lênin escreve:

> "Afirmar que esse conceito pode 'envelhecer' é uma balbucia infantil, é uma repetição sem sentido dos argumentos da filosofia reacionária em moda."(62)

As verdades relativas a fatos (por exemplo, as datas de determinados acontecimentos históricos, a localização geográfica, etc.) também são verdades eternas. A seu respeito Lênin observa que servem de exemplo

> "dessas verdades eternas e absolutas, das quais só aos loucos é permitido duvidar (...).(63)

Todas as verdades científicas, porém, manifestam-se sempre de maneira concreta, em ligação com condições concretas e históricas da própria realidade material. Por isso, o marxismo-leninismo não admite verdades abstratas, mas somente verdades concretas, que dependem de condições concretas e históricas, do lugar e do tempo. Lênin escreve:

> "(...) Não existe verdade abstrata; a verdade é sempre concreta (...).(64)

Por exemplo, as conclusões do marxismo sobre a inevitabilidade da vitória simultânea do socialismo nos principais países da Europa foram uma verdade nas condições concretas e históricas do capitalismo monopolista. Mas nas novas condições históricas da época do

imperialismo, tornou-se verdade a doutrina de Lênin e Stálin sobre a possibilidade da vitória do socialismo num só país, considerado isoladamente.

Na resolução de todas as questões teóricas e práticas, os chefes do Partido bolchevique, Lênin e Stálin, sempre partiram da consideração de que não há verdade abstrata, de que a verdade é sempre concreta. O camarada Stálin afirma, empregando a tese da verdade concreta à solução da questão nacional:

> "Uma nação tem o direito de decidir livremente do seu destino. Tem o direito de organizar-se como lhe aprouver, naturalmente sem tripudiar sobre os direitos das outras nações. Isso está fora de discussão. Porém, como precisamente deverá organizar-se, que formas deverá ter a sua futura constituição, se se tomarem em consideração os interesses da grande maioria da nação e antes de tudo do proletariado?
>
> (...) qual é a decisão mais de acordo com os interesses das massas trabalhadoras? A autonomia, a federação ou a separação?

Todos esses são problemas cuja decisão depende das condições históricas concretas nas quais se encontra a nação dada.

Mais ainda. As condições, como qualquer outra coisa, mudam, e uma decisão, justa num dado momento, pode revelar-se absolutamente errada num outro momento."(65)

A doutrina marxista-leninista sobre o caráter concreto da verdade se acha indissoluvelmente ligada à atividade prática revolucionária, é uma expressão da unidade entre a teoria e a prática revolucionárias. Lênin e Stálin sempre ligaram a solução das questões teóricas à atividade prática revolucionária do proletariado e de seu partido e, por

isso, as verdades teóricas que estabeleceram têm um caráter concreto, combativo e são orientadas para um objetivo determinado.

| - - | - - | - - |

A doutrina marxista-leninista sobre a cognoscibilidade do mundo, doutrina que revela as leis gerais do conhecimento humano, tem grande importância não só para o desenvolvimento da ciência e do pensamento humano, mas também para a atividade prática do proletariado e de seu partido. A teoria marxista-leninista do conhecimento ensina que os homens, conhecendo as leis da natureza e da sociedade, têm a possibilidade de utilizar em sua atividade prática os dados do conhecimento científico e as leis da natureza e da sociedade, descobertas pelas ciências. O camarada Stálin escreve:

> "Isso quer dizer que a ciência da história da sociedade, em que pese toda a complexidade dos fenômenos da vida social, pode tornar-se uma ciência tão exata quanto a biologia, por exemplo, e capaz de utilizar as leis do desenvolvimento da sociedade para aplicação prática.
>
> Isso quer dizer que, em sua atividade prática, o partido do proletariado deve orientar-se não por quaisquer motivos fortuitos, mas pelas leis do desenvolvimento da sociedade e pelas conclusões práticas que decorrem dessas leis.
>
> Isso quer dizer que o socialismo deixa de ser um sonho sobre Um futuro melhor para a humanidade, para converter-se numa ciência.
>
> Isso quer dizer que a ligação entre a ciência e a atividade prática, a ligação entre a teoria e a prática, sua unidade, deve ser a estrela polar do partido do proletariado."(66)

O marxismo-leninismo, como ciência das leis do desenvolvimento

da sociedade, das leis da revolução proletária, das leis da construção do socialismo, da vitória do comunismo, é uma poderosa arma teórica na luta histórico-mundial do proletariado e do Partido bolchevique pela transformação prática revolucionária da sociedade capitalista em socialista. Sob a direção de Lênin e Stálin, o Partido bolchevique deu vida à tese marxista de que

> "a teoria materialista não pode limitar-se a explicar o mundo; deve, além disso, transformá-lo."(67)

Orientando-se pela teoria mais avançada do mundo, o marxismo-leninismo, o Partido bolchevique realizou na URSS transformações realmente gigantescas, em consequência das quais o país soviético passou de país atrasado, agrário, a potência industrial de vanguarda, a baluarte da paz, da democracia e do socialismo em todo o mundo. No processo da atividade prática revolucionária do proletariado e do Partido bolchevique, orientada para a transformação revolucionária do mundo, Lênin e Stálin, generalizando criadoramente a nova experiência revolucionária, concretizaram e enriqueceram a teoria do marxismo, desenvolveram-na, aplicando-a às novas condições da época do imperialismo e das revoluções proletárias, aplicando-a às necessidades da ditadura do proletariado e da construção do socialismo na URSS.

A vitória da Grande Revolução Socialista de Outubro abriu possibilidades ilimitadas para o conhecimento científico, para o desenvolvimento da verdadeira ciência, liberta da escravização ao capital e às teorias pseudocientíficas e reacionárias que lhe foram impostas pelo capitalismo. Nas condições do capitalismo contemporâneo, a ciência se encontra na mais profunda crise e degradação. O capitalismo colocou a ciência num beco sem saída e já não está mais em condições de retirá-la desse beco. Somente o

socialismo libertou a ciência, assegurando seu livre desenvolvimento. O país do socialismo vitorioso apresenta-se a todo o mundo como verdadeiro baluarte e cidadela da ciência e da cultura avançada.

Amplas possibilidades para o desenvolvimento da ciência e da cultura abriram-se também nos países de democracia popular, onde as massas trabalhadoras puseram por terra o jugo capitalista e enveredaram pelo caminho da construção do socialismo.

A ciência soviética avançada acha-se a serviço do povo soviético, a serviço da construção vitoriosa do comunismo. A atividade científica na URSS já não é monopólio de um estreito círculo de cientistas de gabinete, porque se tornou uma tarefa das amplas massas trabalhadoras. A ciência na URSS já não está enclausurada nas universidades, institutos, e laboratórios científicos. Hoje as descobertas da ciência começaram a ser diretamente aplicadas na produção, e o trabalho de pesquisa científica se desenvolve em escala de massas, nas fábricas e nos campos colcosianos e sovcozianos que são amplos laboratórios. Esse vínculo entre o conhecimento científico e a prática da construção do comunismo se manifesta da maneira mais brilhante na cooperação criadora que se desenvolve na União Soviética entre os trabalhadores da ciência e da produção, cooperação que não só facilita a aplicação das conquistas da ciência à produção, mas também enriquece a pesquisa científica com a fértil experiência adquirida na produção.

O período da construção do comunismo na URSS apresenta ao povo soviético uma grande tarefa — a transformação revolucionária da natureza e a subordinação de suas forças elementares ao homem. O grande plano stalinista de transformação da natureza apoia-se em dados científicos exatos e no caráter prático e transformador da ciência

soviética avançada. A realização de grandes medidas de transformação da natureza, indicadas pelo plano stalinista, exige imensos esforços harmônicos dos representantes de todos os setores da ciência soviética.

Assim, a transformação prática da natureza, que se desenvolve no país do socialismo, é, por si mesma, a base decisiva para um maior impulso no desenvolvimento da ciência soviética. Os trabalhos de transformação que estão sendo executados exigiram o estudo exaustivo das condições naturais vigentes nos desertos, de seu clima, do regime das águas no subsolo, o estudo da flora, a pesquisa minuciosa do solo, a elaboração de métodos para melhorá-lo, etc., etc.

A solução dos grandiosos problemas, colocados perante a ciência soviética pelo plano stalinista de transformação da natureza e pelas grandes obras do comunismo, eleva a ciência soviética a nível mais alto. E isso significa que a construção do comunismo, que se processa na URSS, é a base decisiva para o verdadeiro conhecimento científico da natureza, para o desenvolvimento da ciência e do pensamento humanos. Essa a mais brilhante manifestação do papel decisivo da prática social e histórica no desenvolvimento do conhecimento humano.

O Materialismo Dialético e Histórico, Fundamento Teórico do Comunismo

M. A. Leonov

O Materialismo Dialético. Sistema Filosófico do qual Decorre o Socialismo Científico

O materialismo dialético e histórico é caracterizado por J. V. Stálin como a concepção do mundo do partido marxista-leninista, o fundamento teórico do comunismo e a base teórica do partido marxista. O materialismo dialético é considerado por ele como base filosófica e teórica do marxismo, e o materialismo histórico como base histórico-científica do marxismo.

Nessa caracterização estão expressas as particularidades específicas da filosofia marxista-leninista: sua natureza de classe, sua função na luta do proletariado pela ditadura da classe operária, seu lugar e sua importância na sociedade soviética que constrói o comunismo, seu papel como base científica da atividade prática do partido marxista-leninista. Essa caracterização indica as profundas diferenças qualitativas entre a filosofia marxista-leninista e toda a filosofia precedente. Nunca no passado uma teoria filosófica teve importância prática e política tão grande quanto o materialismo dialético e histórico.

O marxismo-leninismo é uma doutrina monolítica, completa, na qual todas as partes — o comunismo científico, a economia política e a filosofia — se acham organicamente ligadas entre si.

J. V. Stálin escreve no trabalho *Anarquismo ou Socialismo?:*

> "O marxismo não é apenas a teoria do socialismo, é uma concepção integral do mundo, um sistema filosófico do qual decorre, naturalmente, o socialismo proletário de Marx. Esse sistema filosófica se chama materialismo dialético."(1)

Nesse trabalho J. V. Stálin demonstra que o socialismo proletário é uma dedução direta do materialismo dialético(2), e que

> "a base teórica do socialismo científico é a teoria materialista de Marx e Engels''.(3)

A filosofia marxista se distingue pelo seu caráter monolítico, completo e harmonioso. Lênin escreve, caracterizando o materialismo dialético:

> "Não se pode retirar nenhuma premissa fundamental, nenhuma parte essencial desta filosofia do marxismo forjada em aço, num só bloco, sem se afastar da verdade objetiva, sem cair nos braços da mentira reacionária da burguesia."(4)

A concepção que o partido marxista-leninista tem do mundo se acha interna e indissoluvelmente vinculada ao objetivo final do proletariado, o comunismo. A teoria do comunismo científico, criada por Marx e Engels e desenvolvida por Lênin e Stálin, está baseada no fundamento granítico do materialismo dialético e histórico. Com a criação do materialismo dialético e histórico do marxismo transformou o socialismo de utopia em ciência. Essa doutrina filosófica fundamenta cientificamente os interesses básicos de classe e as tarefas do proletariado. Marx e Engels revelaram em todos os seus aspectos a conexão indissolúvel entre o comunismo científico e o materialismo dialético e histórico. Demonstraram que o materialismo dialético e histórico é a arma teórica do proletariado na luta pela libertação da

exploração capitalista. Na *Sagrada Família* Marx e Engels escreveram que o materialismo é a base lógica do comunismo. Denominaram o comunismo de materialismo prático.

Partindo da concepção dialética e materialista do mundo, Marx e Engels descobriram as leis objetivas do capitalismo, que levam inevitavelmente à substituição do regime capitalista pelo comunista. Graças à interpretação materialista da História foi cientificamente demonstrado o caráter objetivamente inevitável do comunismo como fase superior do desenvolvimento social. Os fundadores do comunismo científico, descobrindo as leis da origem e do desenvolvimento do modo de produção capitalista, demonstraram que as relações de produção capitalistas, em determinada fase de seu desenvolvimento, entram em contradição irreconciliável com as forças produtivas que cresceram nas condições do capitalismo, o que torna absolutamente inevitável a substituição revolucionária do modo de produção capitalista pelo modo de produção socialista.

> "Marx e Engels descobriram as leis do desenvolvimento da sociedade capitalista e demonstraram cientificamente que o desenvolvimento da sociedade capitalista e a luta de classes no seio dessa sociedade deviam inevitavelmente acarretar a queda do capitalismo, a vitória do proletariado, a ditadura do proletariado."(5)

Lênin e Stálin concretizaram a tese do marxismo sobre o materialismo dialético como doutrina filosófica da qual decorre o socialismo científico. Ergueram a novo e mais elevado nível a doutrina de Marx e de Engels sobre a necessidade histórica do socialismo. Na luta contra os diferentes escribas da burguesia e seus lisonjeadores oportunistas, que negavam "a possibilidade de fundamentar cientificamente o socialismo e demonstrar, do ponto de vista da

concepção materialista da História, sua necessidade e inevitabilidade", Lênin e Stálin fundamentaram sob todos os seus aspectos a tese marxista de que o socialismo proletário não é uma ficção de sonhadores, mas uma ciência baseada no conhecimento das leis do desenvolvimento social e nas leis econômicas da sociedade burguesa. Estudando a época do imperialismo, Lênin e Stálin estabeleceram que o sistema capitalista de economia se tornou obsoleto e deve ceder lugar a outro, mais elevado, o sistema socialista de economia. Baseando-se em profundo estudo da época do imperialismo, Lênin estabeleceu que o imperialismo é a fase em que o capitalismo, após atingir a seu mais elevado grau de amadurecimento, apodrece, estando pois às vésperas de sua queda e substituição pelo socialismo. Tendo descoberto que a desigualdade do desenvolvimento econômico e político é uma lei objetiva inerente ao imperialismo, Lênin chegou à conclusão de que a vitória simultânea do socialismo em todos os países é impossível e de que é possível a vitória do socialismo primeiro em alguns ou até mesmo num só país capitalista considerado isoladamente. Revelando as principais contradições do imperialismo, J. V. Stálin demonstra que a revolução proletária se tornou "*praticamente inevitável".*(6)

No trabalho *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico,* J. V. Stálin desenvolve e aprofunda a tese marxista sobre o materialismo dialético e histórico como fundamento teórico do comunismo, como concepção do mundo do partido marxista-leninista.

J. V. Stálin demonstra que todas as teses do materialismo dialético e histórico e as conclusões derivadas dessas teses fundamentam cientificamente a inevitabilidade da substituição do regime capitalista pelo comunista e dão aos revolucionários proletários uma poderosa arma em sua atividade prática.

Na fundamentação teórica do comunismo científico tem grande importância a tese da dialética marxista segundo a qual nenhum fenômeno pode ser compreendido se o considerarmos isoladamente, desligado das condições ambientes. Ao contrário dos utopistas, cujas ideias sobre o socialismo se apoiavam em fantasias, e não na consideração das condições materiais de vida da sociedade, o marxismo estabeleceu que o socialismo é um resultado necessário do desenvolvimento da sociedade, condicionado não pela "boa vontade" dos homens, mas por todo o desenvolvimento precedente. Lênin afirma que

> "a inevitabilidade da transformação da sociedade capitalista em socialista é deduzida por Marx inteira e exclusivamente da lei econômica do movimento da sociedade moderna."(7)

Engels escreve que o socialismo científico é o reflexo ideal, na cabeça da classe operária, do conflito originado pelo modo de produção burguês. E quanto mais se desenvolve esse modo de produção, tanto mais agudamente se manifesta a incompatibilidade da produção social com a apropriação burguesa.(8) Assim, a análise dos fenômenos sociais em sua interconexão com as condições históricas concretas evidencia a necessidade e a inevitabilidade da substituição do regime capitalista pelo socialismo.

Em seu grau mais elevado, as conclusões revolucionárias derivam da lei universal do movimento e do desenvolvimento. Já em 1895 Lênin escrevia:

> "Se tudo se desenvolve, se uma instituição é substituída par outra, por que então continuarão a existir eternamente a autocracia do rei da Prússia ou do tzar da Rússia, o enriquecimento de uma minoria insignificante à custa da imensa maioria, o domínio da burguesia sobre o povo?"(9)

Essa conclusão foi desenvolvida no trabalho de J. V. Stálin *sobre a Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico.* O camarada Stálin demonstra que se o mundo se encontra em movimento e desenvolvimento ininterruptos e se a lei desse desenvolvimento é o desaparecimento do velho e o fortalecimento do novo, decorre dessa lei irrevogável que não há nem pode haver "princípios eternos" de propriedade privada, de subordinação dos camponeses aos latifundiários e dos operários aos capitalistas.

> "Isso quer dizer que o regime capitalista pode ser substituído pelo regime socialista, da mesma forma que, em seu tempo o regime capitalista substituiu o regime feudal."(10)

Essa conclusão sobre a inevitabilidade do colapso do capitalismo arma os trabalhadores na luta contra a burguesia imperialista, que recorre aos meios mais vis para salvar o putrefato regime capitalista.

O marxismo fundamenta a inevitabilidade do comunismo partindo da lei objetiva do desenvolvimento como movimento progressivo do simples ao complexo, do inferior ao superior. A produtividade do trabalho é o elemento principal para a vitória de cada regime social novo, para a passagem de uma fase do desenvolvimento social a outra, mais elevada. O capitalismo venceu o feudalismo porque criou uma produtividade do trabalho mais elevado. O socialismo vence o capitalismo porque cria uma produtividade do trabalho muito mais elevada que a capitalista. Essa lei social tem sua expressão concreta no aumento da produtividade do trabalho na URSS e, também, nos países de democracia popular.

Partindo da lei objetiva da invencibilidade do que surge e se desenvolve, a dialética marxista fundamentou cientificamente a tese da invencibilidade do comunismo como regime social novo e poderoso, ao

qual pertence o futuro. Lênin escreve:

> "Os comunistas devem saber que o futuro lhes pertence, aconteça o que acontecer, e, por isso, podemos (e devemos) unir a maior paixão na grande luta revolucionária à apreciação tranquila e sóbria das loucas convulsões da burguesia."(11)

O materialismo dialético e histórico serve de fundamentação científica à luta de classe do proletariado e às leis que regem as reviravoltas revolucionárias.

> "Se a passagem das modificações quantitativas lentas, às modificações qualitativas bruscas e rápidas é uma lei do desenvolvimento, é evidente que as transformações revolucionárias realizadas pelas classes oprimidas representam um fenômeno absolutamente natural e inevitável.
>
> Isto quer dizer que a passagem do capitalismo ao socialismo e a libertação da classe operária do jugo capitalista não pode ser realizada por meio de modificações lentas, por meio de reformas, mas somente pela transformação qualitativa do regime capitalista, pela revolução."(12)

Essa conclusão armou ideologicamente a classe operária para o assalto ao capitalismo e hoje arma todos os trabalhadores dos países capitalistas na luta contra os lacaios dos imperialistas anglo-americanos — os socialistas de direita, que tentam envenenar a consciência dos homens com especulações a respeito da transformação pacífica do socialismo em capitalismo. Os socialistas de direita, lacaios dos imperialistas, fazem todos os esforços para que se aceite o preto por branco, o capitalismo por socialismo. Williams, ex-conselheiro de Attlee, em seu livro *Tríplice Desafio,* apresenta manhosamente a atividade do governo trabalhista — que visa a fortalecer o capitalismo monopolista — como "autêntica revolução" que teria criado na Inglaterra um "novo

socialismo”. Em seu zelo de lacaio, um dos líderes trabalhistas, Younger, mente despudoradamente:

> ”Muito daquilo que os europeus chamariam de socialismo acha-se realizado nos Estados Unidos."

Faz-lhe eco Spaak, líder dos socialistas de direita da Bélgica, ao afirmar que na América "pouco a pouco desaparecem os milionários”, que "o capitalismo americano atinge a objetivos socialistas”. Assim se referem os socialistas de direita a um país repleto de desempregados, país em que o racismo se tomou uma ideologia oficial, país que é um vampiro a sugar os povos dos países coloniais e de outros países escravizados.

O marxismo-leninismo ensina os proletários dos países capitalistas 'a não temerem os choques entre as classes e a levar até o fim, por via revolucionária, a solução das contradições da sociedade burguesa. O materialismo dialético educa os trabalhadores despertando-lhes a consciência de que seus interesses são irreconciliavelmente opostos aos da burguesia e a todo o regime burguês.

É como poderoso apelo à ação revolucionária que ressoam as palavras de J. V. Stálin:

> "Se o processo de desenvolvimento é um processo de revelação das contradições in emas, um processo de choque entre forças contrapostas na base dessas contradições, choque que tem por fim superá-las, é evidente que a luta de classes do proletariado é um fenômeno perfeitamente natural e inevitável.
>
> Isto quer dizer que não devemos dissimular as contradições do regime capitalista, mas revelá-las e aprofundá-las, que não devemos sufocar a luta de classes, mas levá-la até o fim.

> Isto quer dizer que em política, para não nos enganarmos, é preciso realizar uma política proletária, de classe, intransigente, e não uma política reformista, de harmonia entre os interesses do proletariado e os da burguesia, uma política conciliadora de 'integração' do capitalismo no socialismo."(13)

Essa conclusão inculca nos lutadores do comunismo a audácia, a firmeza, a coragem bolcheviques e a fidelidade aos princípios na luta contra a burguesia imperialista e seus lacaios socialistas de direita. Essa conclusão desmascara os socialistas de direita que tentam silenciar a respeito da luta de classes e que Maurice Thorez caracterizou com razão como homem da "síntese", da "conciliação", das resoluções "furta-cor" que dissimulam as divergências e procuram "tapar o sol com uma peneira".

A filosofia marxista-leninista arma a classe operária e todos os trabalhadores de uma clara perspectiva. Demonstrando cientificamente a inevitabilidade do colapso do capitalismo, ela também ensina que o capitalismo não perece automaticamente, que ele "*'não cairá' por si mesmo, sem que lhe 'provoquemos a queda'."*(14) Permitindo uma justa compreensão de todo o mundo que nos cerca, a filosofia marxista-leninista serve de base teórica à atividade prática das massas de milhões de proletários que lutam pela transformação revolucionária da sociedade capitalista em socialista.

Desligado da prática da luta de classes do proletariado, separado da tática revolucionária dessa luta, o materialismo dialético e histórico é inconcebível,

> "(...) Sem esse aspecto, Marx com justeza considerou o materialismo como impreciso, unilateral e sem vitalidade."(15)

O marxismo-leninismo ensina que, embora as leis objetivas da

História determinem a atividade dos homens, não atuam por si mesmas, mas pressupõem a atividade dinâmica dos homens. A necessidade objetiva no desenvolvimento social não exclui, mas, ao contrário, pressupõe a participação criadora dos homens. Lênin escreve:

"São os próprios homens que criam a sua história (...)".(16)

E quanto mais dinâmica for a atividade dos homens, tanto mais rápida e completamente se realiza a necessidade histórica objetiva. Só é possível realizar as tarefas da revolução socialista, as tarefas da construção do socialismo quando todo o exército revolucionário da classe operária e das amplas massas trabalhadoras é lançado na ação ativa. As profundas transformações sociais exigem a participação das amplas massas populares, a participação de dezenas e centenas de milhões. Essa lei do desenvolvimento histórico foi formulada por Lênin:

> "(...) quanto mais profunda for a transformação que quisermos realizar, tanto maior a amplitude com que precisaremos despertar o interesse e uma atitude consciente em relação a ela, convencendo de sua necessidade novos e novos milhões e dezenas de milhões."(17)

O partido de Lênin e Stálin considerava e considera como uma de suas tarefas básicas armar as amplas massas trabalhadoras com a concepção marxista do mundo. V. I. Lênin no trabalho *Que Fazer?* e o camarada Stálin no trabalho *Algumas Palavras Sobre as Divergências no Partido* elaboraram as bases ideológicas do partido marxista e fundamentaram a tese marxista sobre a fusão do movimento operário com o socialismo e sobre a introdução da consciência socialista no movimento operário.

O proletariado tende naturalmente para o socialismo em consequência da posição que ocupa na sociedade. Em virtude dessa

inclinação o proletariado facilmente assimila as ideias socialistas.

A elaboração do socialismo científico não pode, no entanto, ser obra dos próprios operários porque eles, nas condições do capitalismo, não possuem os meios e o lazer necessários para isso. A história de todos os países, afirma Lênin, atesta que por seus próprios recursos a classe operária só tem condições de elaborar uma consciência sindicalista, que reduz as tarefas do movimento operário à defesa de interesses particulares, estritamente profissionais. Desenvolvendo essa tese, J. V. Stálin afirma:

> "Para elaborar o socialismo cientifico é necessário estar à vanguarda da ciência, estar armado de conhecimentos científicos e saber analisar profundamente as leis do desenvolvimento histórico."(18)

A concepção marxista do mundo, que se baseia nas conclusões de todas as ciências, no conhecimento das leis do desenvolvimento social, é elaborada pelos ideólogos da classe operária, pelos teóricos e sábios que dominaram todos os dados da ciência. A ideologia socialista, a concepção científica do mundo, é introduzida na consciência das massas operárias pela vanguarda da classe operária, isto é, por seu partido. O partido de Lênin e Stálin armou e arma os trabalhadores de nossa Pátria com essa concepção do mundo.

Somente o marxismo, observa Lênin, apontou ao proletariado a saída da escravidão espiritual em que vegetaram até hoje as classes oprimidas.

Já em seu trabalho *O Que São os "Amigos do Povo" e Como Lutam Contra os Social-Democratas?,* Lênin afirmava que essa

> "teoria propõe-se francamente por tarefa descobrir todas as

> formas de antagonismo e de exploração na sociedade moderna, acompanhar-lhes a evolução, demonstrar o caráter transitório dessa sociedade, a inevitabilidade de sua transformação em outra e servir assim ao proletariado para que ele, o mais rapidamente passível e o mais facilmente possível, acabe com toda exploração."(19)

Somente os interesses do proletariado exigem a abolição de toda exploração. Por isso, os marxistas não se detêm em explicar o mundo, mas procuram transformá-lo. A diferença fundamental entre o materialismo dialético, como concepção proletária do mundo, e todos os outros sistemas filosóficos reside justamente em que, fornecendo uma justa compreensão de todo o mundo que nos cerca, ao mesmo tempo aponta o caminho para a transformação desse mundo, serve de base teórica da atividade prática orientada para a transformação revolucionária da sociedade capitalista em sociedade comunista.

Sendo uma expressão teórica das necessidades do movimento operário, a filosofia marxista representa o papel de poderoso instrumento de transformação prática do mundo. Somente o materialismo dialético e histórico aponta o caminho para o domínio das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade e para a transformação prática do mundo de acordo com os interesses dos trabalhadores. Assim se definem características tão marcantes da filosofia marxista como, por exemplo, a atividade do proletariado, *a atitude crítica e revolucionária em relação à realidade,* a inesgotável energia revolucionária que tudo supera e que exclui todo espontaneísmo, todo fatalismo, toda passividade e toda atitude contemplativa.

O marxismo sempre se caracterizou pela atividade revolucionária e pela hostilidade orgânica à concepção fatalista do desenvolvimento

social. Já Marx e Engels lutavam contra os fatalistas que compreendiam de maneira abstrata a necessidade objetiva e afirmavam que o homem não pode proceder de maneira diferente da que procede. Tudo o que os homens empreendem, afirmavam os fatalistas, está tão condicionado pela marcha geral do desenvolvimento que a vontade se torna predestinada, impotente. Marx, em carta a L. Kugelmann, ridiculariza os fatalistas e fundamenta a ideia da atividade revolucionária dinâmica. Criar a história universal, escreve Marx, seria, certamente, muito cômodo, se a deflagração da luta estivesse condicionada à existência de oportunidades impecavelmente favoráveis. Engels também ridicularizou a concepção fatalista da necessidade como predeterminadora de tudo o que acontece.

Marx e Engels fornecem

> "a mais profunda interpretação dos objetivos transformadores fundamentais do proletariado (...)(20)

Na época de Lênin e Stálin a questão do papel da atividade revolucionária do proletariado e de seu partido adquiriu importância particularmente grave. A nova época colocou de maneira nova a questão do papel do fator subjetivo na luta pela revolução socialista e pela transformação do mundo.

Marx e Engels resolveram teoricamente o problema da correlação entre os elementos objetivos e subjetivos do desenvolvimento social. Por força de várias circunstâncias históricas, porém, Marx e Engels dedicaram maior atenção ao esclarecimento do papel das condições objetivas, materiais, do desenvolvimento social. Marx e Engels defrontaram principalmente a tarefa de demonstrar que as contradições internas, objetivas, do capitalismo, levam inevitavelmente esse regime ao colapso e à instauração da ditadura do proletariado. A época do

imperialismo e das revoluções proletárias apresentou aos chefes do bolchevismo uma nova tarefa: a de elaborar em todos os seus aspectos a questão do papel da luta revolucionária do proletariado como força histórica decisiva, da qual depende o aceleramento da queda do capitalismo.

Apoiando-se nas necessidades da luta revolucionária do proletariado na nova época, a época do imperialismo e das revoluções proletárias, Lênin e Stálin elaboraram em todos os seus aspectos a questão do papel do fator subjetivo, isto é, o papel das ideias avançadas, o papel da consciência proletária e da organização, o papel do partido do proletariado. Demonstraram que na época das revoluções proletárias adquiriam extraordinária atualidade a consciência e a organização, a vontade e a firmeza do proletariado e de sua vanguarda, o Partido Comunista.

Lênin e Stálin dedicaram maior atenção ainda à questão do papel da atividade revolucionária, porque era necessário opor o marxismo revolucionário, combativo, ao oportunismo da II Internacional. Gomo agentes da burguesia no movimento operário, os oportunistas faziam as mais solertes tentativas de privar o proletariado do espírito de luta, de minar, na classe operária e em seu Partido, a atividade revolucionária, a determinação inabalável e a firmeza na luta pelo comunismo. O oportunismo estava disposto a

> "tomar do marxismo tudo o que era aceitável para a burguesia liberal, até mesmo a luta pelas reformas, até mesmo a luta de classes (sem a ditadura do proletariado), até mesmo o reconhecimento 'geral' dos ‘ideais socialistas' e a substituição do capitalismo por um 'novo regime' e a rejeitar 'apenas' a alma viva do marxismo, ‘apenas’ seu caráter revolucionário."(21)

Ao invés da atividade revolucionária e da decisiva luta de classes os oportunistas pregam o fatalismo, a contemplação, a inatividade, a atitude passiva em relação ao que nos cerca. Os ideólogos da II Internacional deturparam monstruosamente a tese de Marx e Engels segundo a qual nenhuma formação social perece antes de que nela se tenham desenvolvido as forças produtivas necessárias. Interpretavam essa tese de Marx de um ponto de vista fatalista. O fatalismo da II Internacional significava rejeitar a luta pela revolução socialista e a ditadura do proletariado. O fatalismo pregado pelos oportunistas tornou-se particularmente perigoso quando se travou o embate decisivo entre o capitalismo e o socialismo e quando a importância da atividade do proletariado e do papel dirigente de seu partido aumentaram de muito.

Desenvolvendo a doutrina marxista, Lênin e Stálin lutaram tenazmente contra o oportunismo no movimento operário.

J. V. Stálin demonstrou que a "teoria” do espontaneísmo é a base lógica do oportunismo. A necessidade histórica da queda do capitalismo é condicionada por dois aspectos internamente ligados entre si: o objetivo (a existência de determinadas condições sociais e econômicas) e o subjetivo (a decisão da classe operária de lutar contra a burguesia). O oportunismo interpreta de maneira metafísica o fator objetivo e ignora o papel ativo e dinâmico do fator subjetivo, considerando a "necessidade histórica” desligada da ação ativa e revolucionária das classes e dos partidos .

Lênin e Stálin submeteram a uma crítica esmagadora a deturpação da teoria marxista pelos oportunistas. Lutando contra os mencheviques, Lênin demonstrou que eles

> "rebaixam a concepção materialista da História pela sua ignorância do papel ativo, dirigente e orientador que podem e

> devem representar na História os partidos que tenham consciência das condições materiais da revolução e que se coloquem à frente das classes avançadas."(22)

Desmascarando o revisionismo e suas tentativas de substituir a ação revolucionária do materialismo dialético pela contemplação, J. V. Stálin escreve:

> "Marx dizia que a teoria materialista não pode limitar-se a interpretar o inundo, mas que, além disso, deve transformá-lo. Mas a Kautski & Cia. não lhes preocupa isso, preferindo ficar na primeira parte da fórmula de Marx."(23)

Os modernos lacaios do imperialismo, os socialistas de direita, em seu vil servilismo diante da reação imperialista, superaram todos os anteriores oportunistas no movimento operário, dos quais Lênin dizia que introduzem no movimento operário

> "a influência burguesa, as ideias burguesas, a hipocrisia e a depravação da burguesia”.(24)

Nas condições do aprofundamento das contradições do imperialismo e do aguçamento da crise geral do sistema mundial do capitalismo os socialistas de direita, cães de fila da burguesia, procuram com afinco os meios de salvar esse regime social totalmente putrefato. Os socialistas de direita da Inglaterra, da França e da Bélgica, comportando-se como sufocadores e carrascos da classe operária e de todos os trabalhadores das metrópoles e também dos países coloniais e dependentes, cobriram-se de indelével vergonha.

Contrapondo o marxismo revolucionário ao oportunismo, Lênin e Stálin apresentam como uma das mais importantes características do bolchevismo a atividade revolucionária, crítica e transformadora do proletariado e de seu partido. Lênin e Stálin elevaram a nível mais alto a

doutrina de Marx e de Engels sobre as leis da História e os meios, métodos e formas de sua realização. O marxismo-leninismo não só afirma a existência de leis objetivas do desenvolvimento social como reconhece a necessidade de sua utilização na atividade prática, revolucionária e transformadora do proletariado.

O Materialismo Dialético, Base Científica da Atividade Prática do Partido Marxista-Leninista

O partido marxista-leninista é, antes de tudo, um partido de ação. Em sua atividade prática apoia-se na teoria do marxismo que estuda os processos objetivos em seu desenvolvimento, apoia-se no programa do marxismo, que se baseia nas conclusões da teoria e define o objetivo do movimento da classe operária, apoia-se na estratégia e na tática, que é a ciência da direção da luta de classes do proletariado. Nenhum outro partido jamais teve ou tem agora semelhante fundamento científico.

A atividade prática do partido está baseada no conhecimento exato das leis do desenvolvimento da natureza e da sociedade e em consequência disso se distingue pela sua força invencível, que

> "não conhece e não admite barreiras, e que, com sua operosa perseverança, vence todos e quaisquer obstáculos, que não pode deixar de levar até o fim o trabalho, uma vez começado (...). (25)

A concepção marxista-leninista dá ao Partido a possibilidade de

> "avançar com audácia, sem temer os escolhos", dá-lhe "um claro programa e uma firme tática (...)" (Stálin).

Marx e Engels, generalizando a experiência da luta de classes e

dirigindo o movimento operário, expressaram muitas ideias geniais, baseadas na concepção dialética e materialista do mundo, a respeito da tática revolucionária do proletariado.

> "(...) Marx forjou uma tática única para a luta proletária da classe operária nos diferentes países."(26)

Caracterizando as bases científicas da tática marxista, Engels escreve:

> "Para mim a teoria histórica de Marx é a condição básica de toda tática revolucionária coerente e consequente; para encontrar-se essa tática, é necessário apenas aplicar a teoria às condições econômicas e políticas de determinado país."(27)

O materialismo dialético e histórico é a base filosófica da estratégia e da tática da luta de classe do proletariado. Lênin observa que

> "a tarefa básica da tática do proletariado foi definida por Marx estritamente de acordo com todas as premissas de sua concepção materialista e dialética do mundo."(28)

A tática revolucionária do proletariado é parte inseparável do marxismo-leninismo. Por isso,

> "Marx, durante toda sua vida, a par dos trabalhos teóricos, dedicou incansável atenção aos problemas da tática da luta de classes do proletariado."(29)

As ideias geniais de Marx e de Engels sobre tática e estratégia foram enterradas pelos oportunistas da II Internacional. Os partidos da II Internacional, que atuavam num período de desenvolvimento mais ou menos pacífico do capitalismo, no período em que o parlamentarismo era a forma principal da luta de classes, não possuíam uma estratégia

acabada nem uma tática elaborada. J. V. Stálin afirma:

> "Somente no período seguinte, período de ações abertas do proletariado, no período da revolução proletária, quando a questão da derrubada da burguesia tornou-se uma questão da atividade prática imediata, quando a questão das reservas do proletariado (estratégia) tornou-se uma das questões mais palpitantes, quando todas as formas de luta e de organização — tanto parlamentares como extraparlamentares (tática) — se revelaram com toda nitidez, somente nesse período podiam ser traçadas uma estratégia coerente e uma tática bem elaborada da luta do proletariado."(30)

Essa estratégia coerente e essa tática elaborada da luta revolucionária do proletariado foram criadas pelos grandes continuadores da obra e da doutrina de Marx e Engels — Lênin e Stálin. Os trabalhos de Lênin e Stálin, nos quais se acha generalizada em todos os seus aspectos e de maneira profunda a rica experiência do Partido bolchevique, a experiência de toda a luta de libertação do proletariado nos países capitalistas, da luta de libertação nacional dos povos oprimidos nas colônias e a grandiosa experiência da construção do socialismo constituem uma fonte inesgotável de ideias profundas e de diretrizes mestras sobre os problemas da estratégia e da tática.

A estratégia e a tática e toda a atividade do Partido bolchevique se assentam no inabalável alicerce do materialismo dialético e histórico, no conhecimento das leis do desenvolvimento social, na maneira dialética de considerar os acontecimentos históricos, na análise estritamente objetiva das forças motrizes da revolução, da correlação entre as classes, etc.

J. V. Stálin ensina que o movimento operário é constituído por dois aspectos: o objetivo (ou espontâneo) e o subjetivo (ou consciente).

> "O lado objetivo consiste nos processos de desenvolvimento que ocorrem fora do proletariado e em seu redor, independentemente da vontade do proletariado e do seu Partido, processos que, em última análise, determinam o desenvolvimento de toda a sociedade. O lado subjetivo consiste nos processos que se verificam no seio do proletariado, como reflexo dos processos objetivos na consciência do proletariado, processos que aceleram ou retardam a marcha destes últimos, mas que de forma alguma os determinam."(31)

Se o Partido não pode nem revogar nem modificar o lado objetivo (por exemplo, as leis do desenvolvimento econômico), já o lado subjetivo, ao contrário do objetivo, depende inteiramente do Partido. Da estratégia e tática do Partido depende que se acelere ou que se retarde o movimento, que se facilite ou que se dificulte o curso objetivo do desenvolvimento. Brilhante exemplo da influência do Partido sobre a marcha da luta revolucionária do proletariado são as palavras de ordem estratégica do bolchevismo que refletem a distribuição das forças revolucionárias na frente da luta de classes e que facilitam a aproximação das massas da frente de luta pela vitória da revolução. Na. orientação das forças básicas da revolução e de suas reservas, a estratégia do Partido bolchevique representou importante papel em todas as etapas da revolução: de 1905 a fevereiro de 1917, quando se travava a luta pela vitória da revolução democrático-burguesa; de fevereiro de 1917 a outubro de 1917, quando se travava a luta pela vitória da revolução socialista, e daí em diante.

A estratégia do Partido bolchevique leva em conta as mudanças havidas no curso da luta de classes e se modifica de acordo com as reviravoltas históricas e as passagens de uma para outra etapa da luta revolucionária. A estratégia do bolchevismo está baseada na análise das condições objetivas da luta de classes do proletariado e na sóbria

avaliação das forças em luta.

A política do Partido bolchevique, tendo como base teórica o materialismo dialético, distingue-se, quanto aos princípios, da política de todos os outros partidos. Falando das características da política dos partidos burgueses, Lênin escreve que

> "os mais inteligentes representantes da burguesia ficam confusos e não podem deixar de cometer erros irreparáveis. Nisso está a ruína da burguesia."(32)

A política das classes exploradoras não pode ter base científica; essa política tem por finalidade dissimular as gritantes contradições da sociedade antagônica e ocultar as mazelas provocadas por esse sistema social. J. V. Stálin afirmou em seu Informe ao XVII Congresso do Partido:

"*Olhai para os países que nos rodeiam. Acaso neles encontrais muitos partidos governantes que tenham e executem uma política justa? Na realidade, hoje não há tais partidos no mundo, porque todos eles vivem sem perspectivas, enredam-se no caos da crise e não veem meios de se livrar do atoleiro.”*(33)

Essa análise dos partidos burgueses, feita há cerca de 20 anos, conserva até hoje todo o seu vigor, quer se trate do Partido Trabalhista ou do Conservador na Inglaterra, quer do Partido Democrata ou do Republicano nos Estados Unidos, etc., etc. A política desses partidos se baseia na demagogia e no aventurismo, na chantagem e na violência, na hipocrisia e no embuste.

Só o proletariado está interessado na política científica porque seus interesses não contradizem mas, ao contrário, correspondem à marcha progressiva do desenvolvimento social. A política proletária,

baseada na ciência, é realizada pelo Partido marxista-leninista. Por isso ela resolvia e resolve com acerto os problemas que se lhe apresentam. J. V. Stálin afirma:

> "Unicamente o nosso Partido sabe para onde encaminhar o trabalho e o faz avançar com êxito. A que deve nosso Partido essa superioridade? A que é um partido marxista, um partido leninista, que se orienta em seu trabalho pela doutrina de Marx, Engels e Lênin. Não pode haver dúvida de que, enquanto permanecermos fiéis a essa doutrina, enquanto nos guiamos por essa bússola, conseguiremos êxitos em nosso trabalho."(34)

A longa e gloriosa história do Partido bolchevique representa a comprovação viva da justeza de sua política. A história do Partido bolchevique demonstra que toda sua multiforme atividade se baseia no fundamento granítico da concepção marxista-leninista do mundo. O Partido bolchevique sempre realizou e continua a realizar todas as suas tarefas programáticas, estratégicas e táticas inteiramente de acordo com essa doutrina. A História do P.C. (b) da URSS é o materialismo dialético e histórico em ação, é um modelo clássico da unidade entre a teoria e a prática.

No *Compêndio de História do PC (b) da URSS*, J. V. Stálin revela com insuperável vigor a ligação interna existente entre a filosofia do marxismo-leninismo e a atividade prática revolucionária do Partido bolchevique, o papel do materialismo dialético e histórico como instrumento de transformação do mundo, sua significação na luta do proletariado pela conquista da ditadura do proletariado e pela construção do comunismo.

J. V. Stálin demonstra que durante toda sua história e na solução de todas as questões políticas o Partido bolchevique partiu das teses da ciência marxista-leninista, aplicando-as à solução de complexos

problemas de estratégia e tática. As conclusões formuladas por J. V. Stálin caracterizam a indissolúvel conexão entre a filosofia marxista-leninista e a política bolchevique, são um brilhante modelo de aplicação criadora das teses do materialismo dialético e histórico à atividade prática do Partido do proletariado.

Uma das bases científicas da atividade prática do Partido e de sua política é a dialética materialista, que Lênin e Stálin chamam de alma do marxismo. Caracterizando a força e o poderio da dialética marxista, J. V. Stálin afirma que ela

> "dá aos bolcheviques a possibilidade de tomar as fortalezas mais inacessíveis (...)".(35)

No capítulo *Sobre o Materialismo Dialético e o Materialismo Histórico* do *Compêndio de História do P. C. (b) da URSS* encontramos um exame circunstanciado do papel do método dialético marxista na atividade prática do Partido do proletariado. Em forma generalizada o papel da dialética, como base científica da política do Partido, se expressa numa série de brilhantes fórmulas e conclusões.

J. V. Stálin ensina:

> "Tudo depende das condições, do lugar e do tempo.''

O Partido se orienta por esse princípio da dialética ao abordar todos os fenômenos, considerando-os de maneira concreta e histórica. O Partido, em sua atividade, orienta-se também por outras conclusões da dialética, formuladas pelo camarada Stálin:

> "(...) em política, para não nos enganarmos, devemos olhar para a frente e não para trás."

O Partido se coloca diante da classe operária, olha para a frente,

penetra no futuro e traça suas perspectivas baseando-se na ciência.

> "Não nos podemos satisfazer com que nossas palavras de ordem táticas coxeiem atrás dos acontecimentos, adaptando-se a eles depois que os mesmos se tenham verificado. Devemos nos esforça/ para que essas palavras de ordem nos conduzam para a frente, nos iluminem o caminho e nos elevem acima das tarefas imediatas do momento."(36)

A dialética marxista, voltada para o presente e o futuro, dá ao Partido a possibilidade de olhar com firmeza para a frente, de penetrar profundamente no futuro e de armar a classe operária e todos os trabalhadores com um claro objetivo do movimento, com a profunda certeza no êxito da causa revolucionária.

E na base do conhecimento das leis do desenvolvimento social e da profunda análise das causas dos acontecimentos históricos que o Partido bolchevique faz suas previsões científicas.

Basta lembrar, por exemplo, a previsão feita por J. V. Stálin de que justamente a Rússia seria o país que abriria o caminho para o socialismo; ou a previsão de J. V. Stálin de que a revolução mundial se desenvolverá por meio do afastamento de novos e novos países do sistema dos países imperialistas, sendo que

> "o processo pelo qual novos países separar-se-ão do imperialismo se verificará com tanto maior rapidez e profundidade, quanto mais firmemente se for consolidando o socialismo no primeiro país vitorioso (...)”.(37)

J. V. Stálin formula várias outras conclusões da dialética marxista, extremamente importantes para a atividade prática do Partido. J. V. Stálin ensina:

> "em política, para não nos enganamos, devemos ser

> revolucionários e não reformistas (...) em política, para não nos enganarmos, devemos realizar uma intransigente política proletária, de classe (...)”.(38)

Ser revolucionário significa realizar uma política firme, consequentemente bolchevique, manifestar firmeza bolchevique na luta, defender o espírito bolchevique de partido, a fidelidade aos princípios, a precisão e a firmeza:

> "A tática revolucionária deve ser clara, precisa e nítida (...).(39)

Em sua atividade, o Partido orienta-se pelas conclusões derivadas da concepção dialética marxista do desenvolvimento. Orientando-se pela dialética, o Partido encara o desenvolvimento tanto do ponto de vista do novo como do velho, inculca nos bolcheviques o sentido do novo, a capacidade de reconhecer os embriões do novo, do progressista e de apoiá-lo.

O materialismo filosófico marxista é a base inamovível da atividade prática do Partido e de sua política. J. V. Stálin ensina:

> "A força e a vitalidade do marxismo-leninismo residem precisamente em que sua atividade prática se baseia nas necessidades do desenvolvimento da vida material da sociedade, sem desligar-se jamais da vida real da sociedade."(40)

Essa conclusão revela, em forma generalizada, a significação do materialismo filosófico marxista para a atividade prática do Partido.

O Partido se orienta, em sua atividade, pelo inabalável princípio da concepção materialista do mundo: da mesma forma que a conexão mútua e a interdependência entre os fenômenos da natureza são leis objetivas, a conexão mútua entre os fenômenos da vida social e sua interdependência também são leis objetivas e não um amontoado de

"casualidades”.

Partindo dessa lei objetiva, J. V. Stálin formula uma importante conclusão para a atividade prática do Partido.

> "Isto quer dizer que a atividade prática do Partido do proletariado deve basear-se, não nos bons desejos de ‘personalidades eminentes', não nos postuladas da 'razão', da ‘moral universal', etc., mas nas leis do desenvolvimento da sociedade e no estudo dessas leis.”(41)

Orientando-se pelos princípios do materialismo dialético e histórico, J. V. Stálin descobriu as leis inerentes à sociedade socialista soviética, leis que a distinguem qualitativamente da sociedade capitalista, e indicou ao Partido os meios e os métodos de aproveitamento das leis do desenvolvimento da sociedade para aplicação prática. A base do regime burguês é a propriedade privada capitalista dos meios de produção. A lei do modo de produção burguês é a caça ao elevado lucro capitalista. Essa lei do capitalismo leva à falta de correspondência entre as relações de produção e as forças produtivas, leva ao conflito entre as mesmas, origina as crises econômicas que acarretam a destruição das forças produtivas. Essa lei do capitalismo condiciona a inevitabilidade da desproporção entre a produção e o consumo, entre a indústria e a agricultura, entre os diferentes setores da indústria. Nas condições da sociedade burguesa o consumo é determinado pelo caráter capitalista da distribuição e o consumo das massas trabalhadoras é limitado pela sua reduzida capacidade aquisitiva. J. V. Stálin afirma que no capitalismo

> "o aumento do consumo das massas (capacidade aquisitiva) jamais acompanha o aumento da produção e sempre fica atrasado em relação ao mesmo, permanentemente condenando a produção a crises.”(42)

As crises de superprodução são o único meio possível, o único recurso, embora provisório (até a crise seguinte) de, sob o capitalismo, restabelecer-se certa proporcionalidade entre os diferentes setores da economia. Essas são leis do modo de produção capitalista.

> "Se o capitalismo pudesse adaptar a produção não à obtenção do lucro máximo, mas à sistemática melhoria da situação material das massas populares, se pudesse destinar o lucro não à satisfação dos caprichos das classes parasitárias, não ao aperfeiçoamento dos métodos da exploração, não à exportação de captal, mas à sistemática elevação da situação material dos operários e dos camponeses, então não haveria crises. Mas, o capitalismo já não seria capitalismo."(43)

Em sua atividade prática o Partido parte da consideração de que ao modo de produção socialista são inerentes leis diferentes quanto aos princípios. O regime socialista se baseia na propriedade social dos meios de produção.

> "A particularidade da sociedade soviética de nossa época, ao contrário de qualquer sociedade capitalista, reside em que nela não há mais classes antagônicas, classes hostis; as classes exploradoras foram liquidadas, e os operários, os camponeses e os intelectuais, que constituem a sociedade soviética, vivem e trabalham na base dos princípios da cooperação fraternal."(44)

Analisando as leis do surgimento e do desenvolvimento do regime socialista, J. V. Stálin afirma que os êxitos alcançados por esse regime social e estatal são condicionados pelo estabelecimento da correspondência completa entre a propriedade social dos meios de produção e o caráter social do processo de produção. Em sua atividade, o Partido e o poder soviético levaram e levam em conta que

> "as forças produtivas só podem se desenvolver completamente quando as relações de produção correspondem ao caráter e ao

> estado das forças produtivas e abrem caminho para o desenvolvimento das forças produtivas."(45)

Engels observa que no capitalismo o caráter social da produção, em virtude da forma privada da apropriação, dirige-se contra a sociedade, perturbando periodicamente a produção e a troca e se manifesta como "*lei da natureza que age cegamente (...)*(46) No socialismo o caráter social da produção transforma-se "*de causa de desordem e de colapso periódico na mais potente alavanca da própria produção.”*(47)

Em sua atividade prática, o Partido apoia-se na lei econômica fundamental do socialismo, cujas características essenciais, segundo J. V. Stálin, são a garantia da máxima satisfação das necessidades materiais e culturais, sempre crescentes de toda a sociedade, por meio do aumento e aperfeiçoamento ininterruptos da produção socialista à base de uma técnica superior.

Em sua atividade, o Partido leva em conta a lei da interdependência dialética entre a produção e o consumo no socialismo, utiliza essa lei no interesse da sociedade soviética e contribui para a máxima realização das ricas possibilidades e grandes vantagens do regime socialista. O Partido ensina aos homens soviéticos que, ao desenvolverem a produção e ao aperfeiçoá-la, estão criando possibilidades para a ininterrupta satisfação de novas necessidades em processo de surgimento. Na URSS

> "o aumento do consumo (capacidade aquisitiva) das massas sempre ultrapassa o aumento da produção, impulsionando-a para a frente (...)(48)

O Partido e o poder soviético levam em conta também outras leis objetivas peculiares ao socialismo e as utilizam devidamente no

interesse da sociedade soviética.

O Partido orienta-se, em sua atividade prática, pelos princípios do materialismo filosófico marxista, pela solução materialista da questão gnosiológica fundamental. Partindo da compreensão de que o ser é o primário e a consciência o secundário, e, de acordo com isso, o ser social, a vida material, é o primário e a consciência social o secundário, J. V. Stálin chega à seguinte conclusão para a atividade do Partido:

> "Isto quer dizer que, em política, para não se enganar e não se converter num aglomerado de estéreis sonhadores, o Partido do proletariado deve basear sua ação não nos abstratos 'princípios da razão humana', mas nas condições concretas da vida material da sociedade, que constituem a força decisiva do desenvolvimento social; não nos bons desejos dos 'grandes homens', mas nas necessidades reais do desenvolvimento da vida material da sociedade."(49)

O marxismo-leninismo ensina que a necessidade natural é o primário, e a consciência e a vontade dos homens, o secundário. Estas últimas, afirma Lênin, devem adaptar-se à primeira.

O fracasso dos anarquistas, dos social-revolucionários, dos trotskistas e de outros grupos políticos hostis ao proletariado e a seu Partido, que baseavam sua atividade no aventurismo, demonstra a que leva a ignorância do papel primordial da vida material da sociedade.

Ao resolver tarefas concretas de política prática, o Partido bolchevique parte da análise das condições objetivas e do exame das necessidades reais do desenvolvimento social. O Partido condena como expressão da mania de fazer projetos e de aventurismo a ignorância das condições objetivas. No trabalho de construção dos colcoses, por exemplo, o Partido bolchevique condenou severamente as tentativas

esquerdistas de passar diretamente à comuna, saltando sobre o artel agrícola. Partindo da análise do grau objetivo do desenvolvimento das forças produtivas alcançado pela sociedade soviética, o Partido indicou que o elo principal no movimento colcosiano na etapa atual é o artel agrícola. Nas condições atuais o artel agrícola combina melhor os interesses pessoais e sociais dos colcosianos. Por isso, o reforço e a consolidação do artel agrícola *é,* na etapa atual, a principal tarefa. O artel agrícola é a condição necessária para a passagem à futura comuna agrícola. J. V. Stálin ensina que

"a futura comuna surgirá do artel desenvolvido e próspero”.(50)

O Partido condenou os raciocínios vulgares de alguns economistas e filósofos sobre os meios da passagem do socialismo ao comunismo. O Partido indicou aos simplistas que a colocação em primeiro plano do problema da distribuição, e não das questões do desenvolvimento das forças produtivas, é rebaixar o marxismo e deturpar o materialismo histórico.

O marxismo sempre atribuiu grande importância ao papel ativo dos homens. A Lênin e Stálin pertence o mérito de haverem elaborado em todos os seus aspectos, em novas condições históricas, a concepção dialética da relação entre o ser e a consciência. Na época do imperialismo e das revoluções proletárias apresentou-se com todo vigor o problema do papel ativo da consciência revolucionária. Os inimigos do movimento revolucionário — os "economistas” e os mencheviques — não reconheciam o papel mobilizador, organizador e transformador da teoria de vanguarda. Lênin e Stálin combateram a negação do papel ativo da consciência social, a "teoria” oportunista do espontaneísmo e seguidismo. Lênin e Stálin dedicaram grande atenção ao papel e à significação da consciência social e das ideias revolucionárias na luta

de classes. Partindo da tese do materialismo filosófico marxista de que a consciência dos homens, em seu desenvolvimento, se atrasa em relação à sua situação econômica, o Partido de Lênin e Stálin sempre considerou e considera como tarefa fundamental introduzir as ideias do marxismo-leninismo no movimento operário. Lênin e Stálin ensinam que as ideias avançadas representam sério papel na solução das novas tarefas colocadas pelo desenvolvimento da vida material da sociedade.

Da terceira característica do materialismo filosófico marxista segue-se importante conclusão para a atividade prática do Partido. Se o mundo é cognoscível e, consequentemente, se são cognoscíveis as leis do desenvolvimento da sociedade, se os dados da ciência sobre as leis do desenvolvimento da sociedade têm a significação de verdades objetivas, conclui-se que

> "em sua atividade prática, o Partido do proletariado deve guiar-se, não por quaisquer motivos casuais, mas pelas leis do desenvolvimento da sociedade e pelas conclusões práticas que decorrem dessas leis."(51)

A grandeza do Partido de Lênin e Stálin reside em que parte, em sua atividade, das leis objetivas da natureza e da sociedade e se orienta pelas conclusões práticas que derivam dessas leis. As leis da natureza e da sociedade existem objetivamente, independentemente da consciência e da vontade dos homens. Lênin afirma que os materialistas reconhecem o caráter objetivo das leis, reconhecimento que está indissoluvelmente ligado à admissão da realidade objetiva do mundo exterior, refletido pela nossa consciência. Não levar em conta as leis objetivas da natureza e da sociedade significa, na teoria, perfilhar o idealismo e, em política, rolar para o voluntarismo e o aventurismo.

O reconhecimento do caráter objetivo das leis da natureza e da

sociedade não significa que os homens sejam prisioneiros dessas leis. Ao contrário, o reconhecimento do caráter objetivo das leis pressupõe o seu domínio, pressupõe o domínio do homem sobre as leis do mundo exterior. O mesmo acontece com as leis da sociedade.

> "As forças que aluam na sociedade operam exatamente como as forças da natureza: cegamente, violentamente, destrutivamente, enquanto não as conhecemos e não as levamos em conta. Logo, porém, que as conhecemos e compreendemos sua ação, sua tendência e seus efeitos, depende inteiramente de nós mesmos subordiná-las cada vez mais à nossa vontade e com sua ajuda alcançar nossos objetivos"(52)

O domínio sobre a natureza se baseia no conhecimento de suas leis. Certas leis da natureza atuam destrutivamente. Mas, após conhecê-las, o homem pode dar outra orientação às forças destrutivas da natureza. A eletricidade é uma força destrutiva sob a forma do relâmpago, mas é uma força que pode ser utilizada no aparelho telegráfico ou na lâmpada de arco. Há a mesma diferença, afirma Engels, entre o incêndio e o fogo, que serve ao homem.(53) Engels afirma que, uma vez conhecida a natureza das leis, de senhores despóticos elas se transformam em servos submissos. Fundamentando essas teses de Engels, Lênin escreve no *Materialismo e Empirocriticismo*:

> "(...) enquanto ignoramos a lei natural, esta lei, existindo e atuando malgrado nossa consciência e fora dela, faz-nos escravos da 'cega necessidade'. Uma vez que a conhecemos, essa lei que atua (como Marx repetiu milhares de vezes) independentemente de nossa vontade e de nossa consciência, faz de nós senhores da natureza".(54)

Nesse trabalho Lênin observa a seguir que a mais elevada tarefa da humanidade é conhecer a lógica objetiva do desenvolvimento,

"*adaptando a ela, com espírito crítico, sua consciência social (...)",*(55) e agir, assim, de maneira consciente, com conhecimento de causa.

Por conseguinte, o domínio sobre as leis da natureza não reside na imaginária dependência em relação a essas leis, mas no conhecimento dessas leis e na possibilidade de, por isso, utilizá-las de maneira planificada para a realização de determinados objetivos.

Brilhante exemplo de utilização das leis da natureza no interesse da sociedade são os grandes planos stalinistas de transformação da natureza: a plantação de faixas florestais protetoras nas regiões de estepes e de florestas-e-estepes da URSS, o canal "V. I. Lênin" Volga-Don, a construção de gigantescas estações hidrelétricas no Volga, Don, Dniéper, Amu-Dariá, a construção dos canais Principal da Turcmênia, do sul da Ucrânia e da Crimeia setentrional, etc. As grandes obras do comunismo, que se realizam com base na mais avançada técnica soviética, são um novo testemunho da força criadora e transformadora do regime social soviético.

J. V. Stálin elaborou de maneira profunda e ampla o problema da conquista e governo das leis da sociedade. Os homens podem exercer influência sobre as condições da vida material da sociedade e acelerar seu desenvolvimento, acelerar seu melhoramento.(56) Exercendo-se influência sobre as leis objetivas da sociedade, pode-se acelerar o ritmo de seu desenvolvimento e facilitar seu progresso.

Considerando que "*a ação das leis e limitada ou ampliada de acordo com condições que se modificam (...)"* (Stálin), os homens podem criar condições que excluam a possibilidade da ação das leis que originam as crises econômicas, a destruição das forças produtivas, a miséria das massas trabalhadoras, o desemprego, etc. Com a

socialização dos meios de produção na URSS, deixou de atuar a lei da concorrência e da anarquia na produção e começou a agir a lei do desenvolvimento planificado da economia nacional.

> "(...) A produção socialista da URSS não conhece as crises periódicas de superprodução nem os absurdos que elas acarretam."(57)

Os homens podem criar condições necessárias para se dar livre curso a leis como, por exemplo, a lei da correspondência completa entre as relações de produção e o caráter das forças produtivas. As condições objetivas existentes na URSS permitem que as forças produtivas se desenvolvam a

> "ritmo acelerado porque as relações de produção que lhes correspondem não opõem o menor obstáculo a esse desenvolvimento."(58)

O Partido de Lênin e Stálin resolveu e resolve seus problemas inteiramente de acordo com a doutrina do materialismo dialético e histórico, isto é, da concepção do mundo que representa a unidade entre o método dialético e a teoria materialista. O Partido sempre foi e continua a ser fiel à concepção e à interpretação materialista dos fenômenos e ao modo dialético de abordá-los. Em sua política, o Partido bolchevique parte da análise materialista da situação histórica concreta e da sóbria apreciação das forças e possibilidades reais, pesquisando a própria realidade do ponto de vista do desenvolvimento das tendências e possibilidades que nela amadurecem. Por isso, a atividade do Partido sempre esteve livre tanto do voluntarismo, que inevitavelmente abre as portas ao aventurismo político, como da atitude fatalista e contemplativa em relação à realidade, que inevitavelmente coloca a política a reboque dos acontecimentos. A base de granito da

riqueza ideológica do bolchevismo é a concepção científica do mundo de que dispõe nosso Partido — o materialismo dialético — que, sendo a unidade entre o método dialético e a teoria materialista, é uma arma insubstituível para o conhecimento científico e a ação revolucionária.

O Materialismo Dialético, Arma Ideológica na Luta pela Construção do Comunismo

Com a vitória do socialismo na URSS apresentaram-se à filosofia marxista-leninista novas tarefas em ligação com as novas necessidades da vida material da sociedade soviética.

Cabe à concepção do mundo marxista-leninista, como parte integrante da superestrutura da sociedade soviética, contribuir ativamente para o fortalecimento e o desenvolvimento da infraestrutura da sociedade socialista. A concepção marxista-leninista do mundo cimenta as forças motrizes da sociedade soviética: a unidade moral e política, a amizade entre os povos e o patriotismo soviético.

O ativo papel criador da filosofia marxista-leninista e da superestrutura marxista-leninista em seu todo reside em que ajuda poderosamente o movimento da infraestrutura para o comunismo. Toda a superestrutura ideológica serve a um único objetivo: a construção do comunismo. Entretanto, as partes integrantes da superestrutura distinguem-se entre si por suas funções, e possuem suas particularidades específicas. O papel particular da filosofia marxista-leninista consiste em criar as premissas ideológicas para a passagem ao comunismo.

Nas condições do socialismo cabe à ideologia marxista-leninista armar os homens soviéticos com o conhecimento das leis da construção

do comunismo. A concepção marxista-leninista do mundo é a base do desenvolvimento de toda a vida espiritual da sociedade soviética. O marxismo-leninismo arma o Partido Comunista da União Soviética e o Estado soviético para a realização da tarefa estabelecida pelo camarada Stálin no XVIII Congresso do Partido

> "preparar ideologicamente nossos quadros em todos os domínios do trabalha e temperá-los politicamente de modo a que possam orientar-se facilmente na situação interna e internacional (...).(59)

É justamente o marxismo-leninismo que dá a possibilidade de atuarmos com acerto na vida política, econômica e cultural diária e de participarmos com proficiência da administração do país.

A política do Partido bolchevique, que se apoia no firme alicerce da concepção marxista do mundo, é a base vital do regime soviético. Por isso, a compreensão da política do Partido bolchevique, o estudo de suas bases científicas, a capacidade de orientar-se pela teoria marxista-leninista e pela política do Partido no trabalho prático, são importantes condições para a eficiente atividade dos homens soviéticos. A importância da preparação ideológica e política dos homens soviéticos aumentou em virtude das novas e grandes tarefas que se apresentam ao povo soviético no período de coroamento da construção da sociedade socialista e da passagem gradual do socialismo ao comunismo.

Os princípios do materialismo dialético e histórico servem de guia a todos os homens soviéticos. O marxismo-leninismo arma os homens soviéticos com o conhecimento das leis do desenvolvimento social, ensina a empregar essas leis na prática, obriga-os a se apoiarem, em sua atividade prática, na teoria social de vanguarda e a

> "utilizar consequentemente sua força mobilizadora, organizadora

e transformadora.” (Stálin).

A contradição básica na URSS atualmente expressa-se na luta da parte avançada da sociedade socialista contra as sobrevivências do capitalismo na consciência de certa parte dos homens soviéticos. J. V. Stálin ensina que as sobrevivências do capitalismo na consciência dos homens — hábitos e costumes, tradições e preconceitos herdados da sociedade burguesa e que refletem influências do inimigo — "*são um perigoso inimigo do socialismo.”* Daí decorre, em toda a sua amplitude, a tarefa da educação comunista.

A consciência comunista dos homens soviéticos, originada pelas relações socialistas de produção e educada pelo Partido bolchevique, é fator essencial para o aceleramento do movimento da sociedade soviética para o comunismo.

Daí a importância de uma incansável luta contra todas as sobrevivências da ideologia burguesa. Igualmente em nossos dias não perderam atualidade as palavras de Lênin, pronunciadas há 50 anos:

> "(...) a questão se apresenta unicamente assim: ideologia burguesa ou ideologia socialista. Não há meio termo. (...) Eis por que todo rebaixamento da ideologia socialista, todo afastamento em relação à mesma, significa reforçar a ideologia burguesa."(60)

Na obra de educação comunista dos homens soviéticos e de superação das sobre- vivências nocivas e corruptoras em sua consciência, a concepção marxista-leninista do mundo representa papel de primeira grandeza.

As históricas resoluções do C.C. do P.C. (b) da URSS sobre as questões ideológicas são um exemplo clássico da aplicação dos princípios da concepção marxista-leninista do mundo à luta contra os

restos da influência da ideologia burguesa no campo da literatura e da arte, no desmascaramento do apoliticismo, do pessimismo do cosmopolitismo apátrida e do servilismo perante a corrupta cultura burguesa. O debate filosófico realizado em 1947 por iniciativa do C.C. do P.C. (b) da URSS é um brilhante modelo da aplicação do espírito bolchevique de Partido na luta contra o objetivismo burguês. As ideias da concepção marxista-leninista do mundo representam papel dirigente e orientador no desmascaramento e desbarata- mento dos restos das concepções idealistas, metafísicas e outras concepções errôneas nos diferentes ramos da ciência.

Na época da luta pelo comunismo apresentam-se à filosofia marxista-leninista tarefas particulares relativas ao desmascaramento da filosofia de banditismo da burguesia imperialista. A moderna filosofia burguesa reflete, com maior relevo, o marasmo e a decomposição da cultura burguesa. Essa pretensa filosofia tem por missão salvar a ordem capitalista, condenada ao colapso pela história, frear o desenvolvimento da sociedade e fazê-la voltar atrás. Os filósofos burgueses são os escudeiros ideológicos dos fomentadores de guerra, os apologistas dos pretendentes norte-americanos ao domínio do mundo.

A filosofia idealista sempre se distinguiu pelo seu caráter antipopular. O caráter antipopular da moderna filosofia burguesa chega aos limites extremos. Do princípio ao fim serve aos exploradores, sendo um meio de sufocamento espiritual das massas. Para desarmar espiritualmente as massas, na moderna filosofia burguesa realiza-se uma desenfreada pregação do pessimismo e do agnosticismo. Os modernos obscurantistas afirmam que cabe à filosofia burguesa consolar os homens. (No dicionário americano de F. Riuness a filosofia é definida como "consolação”.)

Espumando de cólera, os modernos obscurantistas filosofantes deblateram contra a ciência e despudoradamente a difamam. Está em voga o seguinte apelo dos ideólogos do imperialismo: "Agrilhoar o Prometeu da ciência." Dewey, Santayana, Russel e outros pregam abertamente o fideísmo e semeiam a falta de confiança nas forças da ciência. Um dos ideólogos dos fomentadores de guerra — Russel — apela para que se crie "uma ciência que nos livre da ciência”. Atacando ferozmente a ciência, falsificando não só as conclusões derivadas de fatos, mas também os próprios fatos, os ideólogos da burguesia imperialista fazem afirmações bombásticas no sentido de que

> "considerável parte da sabedoria acumulada pelo mundo é conseguida não como resultado do emprego dos métodos científicos de pesquisa, mas graças à hábil imaginação intuitiva dos filósofos, dos profetas, dos políticos, artistas, pintores, sábios."(61)

Nos países capitalistas criam-se várias organizações e instituições reacionárias e fascistas do gênero da organização de "Defesa da Arte e da Ciência Cosmopolitas”, dos Estados Unidos a qual tem por objetivo "fortalecer o espírito americano” .

Com esses meios a filosofia reacionária da burguesia visa a entorpecer a consciência dos povos e prolongar a existência do obsoleto regime capitalista. A doutrina marxista-leninista arma ideologicamente toda a humanidade progressista na luta contra a reação e o obscurantismo, contra a política e a ideologia dos fomentadores de guerra. O marxismo-leninismo torna-se a concepção do mundo das massas cada vez mais amplas de trabalhadores de todo o globo terrestre.

A vitória do materialismo dialético na URSS expressa-se também

no fato de que a doutrina filosófica de Marx, Engels, Lênin e Stálin é o fundamento teórico da ciência soviética.

Nunca antes a ciência teve condições sociais tão favoráveis para seu desenvolvimento como no socialismo. A Revolução de Outubro aboliu as causas que originaram a crise teórica das ciências naturais e criou na URSS condições, sem precedentes na História, para o desenvolvimento da ciência; Lênin afirma:

> "(...) somente o socialismo liberta a ciência de suas cadeias burguesas, de sua escravização pelo capital, de sua sujeição aos interesses da vil cupidez capitalista."(62)

Somente no socialismo o materialismo dialético, como método de pesquisa científica e guia para a atividade prática, teve a possibilidade de penetrar profundamente na consciência dos cientistas. Na era soviética, quando o materialismo dialético se transforma na dominante concepção do mundo, apresenta-se de maneira nova a questão da relação mútua entre a filosofia e as ciências naturais, a questão do papel dirigente da concepção marxista do mundo na pesquisa científica. Na era soviética a filosofia marxista-leninista representa papel orientador no desenvolvimento das ciências naturais.

Lênin e Stálin apetrecharam a ciência soviética com uma poderosa arma ideológica, — o materialismo dialético — transformando-o em firme alicerce das ciências naturais soviéticas. A teoria do conhecimento do materialismo dialético abriu à ciência soviética imensas perspectivas de desenvolvimento. Lênin escreve no *Materialismo e Empirocriticismo:*

> ”Se o mundo é a matéria em movimento, podemos e devemos estudá-lo indefinidamente em todas as suas manifestações e em todas as ramificações complexas e de menor importância dês se

movimento(...)".(63)

No mesmo livro Lênin observa que o mundo exterior e as leis da natureza exterior

> "sendo perfeitamente acessíveis ao conhecimento humano, nunca podem ser conhecidas por ele completamente".(64)

Essas teses converteram-se em diretrizes para a ciência soviética. O materialismo dialético se tornou um guia seguro para a pesquisa científica, amplia os limites da atividade científica, ajuda a encontrar os problemas atuais e nos arma com a capacidade de resolver os complexos problemas da atualidade.

Nisso está uma das incomparáveis vantagens da ciência soviética em relação à ciência burguesa.

O poderoso desenvolvimento da ciência soviética, seu florescimento e crescentes conquistas tornaram-se possíveis graças ao papel orientador da concepção marxista-leninista do mundo. A ciência soviética orienta-se, em todos os setores do conhecimento, pela concepção marxista-leninista do mundo, a única científica.

Caracterizando, no Informe ao XVIII Congresso do Partido, a relação mútua entre a teoria marxista-leninista e as ciências particulares, nas novas condições históricas, J. V. Stálin assinala o imenso papel da concepção marxista-leninista do mundo, o papel do princípio bolchevique de partido em todos os setores do conhecimento.

Referindo-se à ligação entre a ciência e a atividade prática, J. V. Stálin ensina que a conexão entre a teoria e a prática, sua unidade, é a estrela polar do partido do proletariado.(65) Esse princípio marxista da ligação entre a teoria e a prática é também o princípio diretor da ciência

soviética avançada.

Em seu imortal trabalho *Materialismo e Empirocriticismo*, Lênin fustiga os representantes da "ciência pura” da burguesia, que não se permite um "salto” da teoria à prática. Para os sábios burgueses, afirma Lênin, uma coisa é a teoria do conhecimento e outra, inteiramente diferente, é a prática. Ao contrário, a lei básica do desenvolvimento da ciência soviética é a ligação com a vida, a unidade entre a teoria e a prática.

A ciência soviética serve à causa do comunismo, contribuindo ativamente para a construção do comunismo. A opinião pública soviética condenou, com indignação, as famigeradas experiências genéticas dos morganistas-weismannistas com a drosófila, as estéreis experiências do acadêmico Beritachvili para saber como uma rã se conduz num encanamento de água e condenou a volta ao passado, o afastamento em relação às grandes tarefas práticas da atualidade. O. B. Lepechínskaia se referiu com clareza à essência do espírito bolchevique de partido na ciência soviética:

> "O partidarismo bolchevique exige na ciência disposição de luta nas questões estudadas, exige a luta contra o idealismo e a metafísica na ciência e a colocação, em primeiro plano, das questões ligadas à elaboração de novos setores do conhecimento que possam esclarecer, de maneira nova, as questões ligadas à prática.”(66)

Armada com o poderoso e fecundo método do materialismo dialético e rejeitando firme e decididamente os conceitos obsoletos, a ciência soviética quebra as velhas tradições e normas e descobre incessantemente novas leis da natureza. O grande transformador da natureza, I. V. Mitchúrin, caracteriza da seguinte maneira o papel

orientador da filosofia marxista:

> "Somente com base na doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin é que se pode reconstruir inteiramente a ciência. O mundo objetivo — a natureza — é o primário; o homem é parte da natureza, mas não deve limitar-se a contemplar exteriormente essa natureza e, como afirmou Karl Marx, pode transformá-la. A filosofia do materialismo dialético é um instrumento de transformação desse mundo objetivo; ela nos ensina a exercer uma ativa influência sobre a natureza e a transformá-la, mas somente o proletariado, que fornece os maiores cérebros da humanidade, está em condições de influenciar e transformar a natureza de maneira consequente e ativa — é o que nos ensina a doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin."(67)

Na sociedade socialista soviética a biologia se transformou de ciência contemplativa, que descreve o desenvolvimento da natureza viva, em ciência criadora, que transforma a natureza de acordo com as necessidades materiais da sociedade socialista. As palavras de I. V. Mitchúrin segundo as quais "*o homem pode e deve fazer melhor do que a natureza (...)",*(68) expressam a atitude bolchevique, criadora, em relação à natureza.

> "(...) Com a interferência do homem — afirma I. V. Mitchúrin — torna-se possível forçar cada forma animal ou vegetal a transformar-se mais rapidamente e além disso no sentido que o homem deseja. Para o homem abre-se um vasto campo para uma atividade sumamente útil (...)."(69)

A doutrina mitchuriniana é o darwinismo soviético, criador . A grandeza da doutrina de Mitchúrin reside em que arma os que atuam praticamente com métodos cientificamente fundamentados de transformação planificada da natureza das plantas e dos animais.

Armada com as ideias da filosofia marxista-leninista, a ciência

soviética avançada combate o idealismo e a metafísica. W. R. Williams relata que a filosofia do marxismo ajudou aos agrólogos soviéticos avançados a desmascarar e a rejeitar a teoria burguesa da fertilidade decrescente do solo.

> "Com base nos trabalhos clássicos dos criadores do comunismo científico, compreendemos perfeitamente bem a natureza de classe dessa lei burguesa, seu caráter extremamente relativo, sua ligação com a estagnação dos modos de produção, com o caráter unilateral das aplicações do trabalho e do capital e que, em essência, não se trata de "lei" alguma e nem mesmo de qualquer particularidade principal da agricultura. Baseando-nos nos trabalhos de Marx, Engels, Lênin e Stálin, conseguimos demonstrar que todas essas experiências dos naturalistas burgueses eram apenas uma prova de seu método errado de abordar a explicação de processos complexos e que a revelação das leis que regem esses processos só pode ser feita como resultado da aplicação da análise dialética, e não metafísica."(70)

A crítica marxista-leninista do agnosticismo representou imenso papel na derrota do weismannismo reacionário que parte da consideração de que o homem não está em condições de conhecer as causas que provocam e orientam a transformação da hereditariedade. Os weismannistas-morganistas consideram essas transformações como puramente casuais.

Derrotando o weismannismo-morganismo, os mitchurinistas defenderam o papel realmente transformador da ciência, a possibilidade de transformar consciente e planificadamente as plantas, os animais, os micro-organismos do solo, a possibilidade de transformar os próprios solos e vastas extensões da natureza.

A sessão da Academia de Ciências da URSS e da Academia de Ciências Médicas da URSS, dedicada à doutrina fisiológica de I. P.

Pávlov, desferiu um golpe esmagador nas diferentes tentativas ecléticas de conciliar a doutrina de I. P. Pávlov com as ideias idealistas dos fisiólogos da Europa Ocidental.

Se o materialismo dialético é a base teórica, filosófica, da doutrina de Pávlov e da biologia mitchuriniana, a doutrina de Pávlov e a biologia de Mitchúrin são pedras fundamentais do alicerce científico-natural do materialismo dialético.

O papel da ciência na URSS é imenso e aumenta de ano para ano à medida que nosso país avança para o comunismo.

A ciência soviética visa a reduzir ao mínimo o papel da casualidade, dar às forças destrutivas da natureza outra orientação e utilizar tanto as leis da natureza como as leis econômicas no interesse da sociedade.

Em seu histórico discurso aos eleitores da circunscrição eleitoral Stálin, da cidade de Moscou, a 9 de fevereiro de 1946, J. V. Stálin descreveu o grandioso plano de novo e poderoso desenvolvimento da economia nacional, que garantirá nossa pátria em relação a quaisquer eventualidades.

Os sábios soviéticos, em conjunto com todo o povo, participam ativamente do cumprimento desse plano.

A ciência soviética trabalha incansavelmente pela solução dos problemas ligados à realização do plano stalinista de transformação da natureza.

Já em 1924 o camarada Stálin apontou a necessidade da luta contra a seca, a necessidade de

"elevar a agricultura a grau superior e garantir para sempre nosso pais em relação as casualidades do tempo."(71)

Esses grandiosos empreendimentos se consubstanciaram praticamente nas resoluções, tomadas por iniciativa do camarada Stálin, do Conselho de Ministros da URSS e do C.C. do P.C. (b) da URSS: "Plano de plantação de faixas florestais protetoras e emprego do sistema de rotação forrageira; construção de reservatórios e açudes para garantir colheitas elevadas e estáveis nas estepes e nas regiões de estepes-e-florestas da parte europeia da URSS"; nas resoluções do Conselho de Ministros da URSS sobre a construção de estações hidrelétricas no Volga, Amu-Dariá, Dniéper e Don, dos canais Principal da Turcmênia, do sul da Ucrânia, Crimeia setentrional e Volga-Don; sobre a irrigação e abastecimento de água às regiões centrais de terras negras, à região situada na margem esquerda do Volga, às estepes adjacentes ao Cáspio e a Rostov, na parte baixa do Amu-Dariá, à Turcmênia ocidental, à parte ocidental do deserto de Kara-Kum, às regiões sul da Ucrânia e às regiões norte da Crimeia

Os sábios soviéticos prestam ajuda diária aos construtores das grandes obras do comunismo.

A ciência soviética encontra-se atualmente numa etapa de novo ascenso. Quanto mais a sociedade soviética avançar pelo caminho do comunismo, tanto maior significação adquirirá o materialismo dialético para a ciência. Papel decisivo no desenvolvimento da ciência é representado pelas ideias orientadoras do camarada Stálin, que abrem à ciência novas e amplas perspectivas .

O camarada Stálin descobriu e fundamentou a lei do desenvolvimento da ciência soviética.

"Todos nós sabemos que nenhuma ciência pode desenvolver-se e florescer sem a luta de opiniões, sem liberdade de crítica."(72)

A luta de opiniões, a liberdade de crítica e as discussões criadoras vencem a estagnação na ciência, ajudam a rejeitar-se o que é obsoleto, desfazem as concepções fossilizadas e caducas, contribuem para limpar o caminho do novo, do avançado, acelerando o desenvolvimento da ciência e do pensamento teórico em seu todo. Sob o signo da livre luta de opinião e do livre desenvolvimento da crítica processaram-se os debates sobre filosofia, biologia, fisiologia e linguística. Durante os debates sobre linguística foi revelado o pseudomarxismo de N. J. Marr e desmascarado o regime de Araktchêiev que dominava na linguística. Os trabalhos do camarada Stálin sobre os problemas de linguística indicam o caminho para o maior florescimento da ciência soviética.

O método dos debates científicos criadores expressa o espírito crítico e revolucionário da dialética marxista que considera os objetos e fenômenos em movimento, desenvolvimento, transformação e renovamento. O camarada Stálin ensina:

"*O que interessa, antes de tudo, ao método dialético não é aquilo que em dado momento parece estável, mas já começa a perecer, e sim aquilo que surge e se desenvolve, embora num momento dado pareça pouco estável porque, para o método dialético, só é invencível o que surge e se desenvolve.*"(73)

O Caráter Criador da Filosofia Marxista-Leninista

O marxismo-leninismo e sua teoria filosófica — o materialismo dialético e histórico — é uma doutrina criadora que se desenvolve e se enriquece simultaneamente com o desenvolvimento da luta de classes

do proletariado e de toda a vida social. Dando respostas científicas aos problemas que surgem durante a luta revolucionária do proletariado, o marxismo ao mesmo tempo desenvolve e enriquece sua teoria. Caracterizando a natureza criadora dessa doutrina, J. V. Stálin afirma:

> "O marxismo, como ciência, não pode permanecer no mesmo lugar: desenvolve-se e se aperfeiçoa. Em seu desenvolvimento, o marxismo não pode deixar de enriquecer-se com a nova experiência e com os novos conhecimentos; por conseguinte, algumas de suas fórmulas e conclusões não podem deixar de modificar-se com o tempo, não podem deixar de ser substituídas por fórmulas e conclusões novas, que correspondam às novas tarefas históricas."(74)

O caráter criador do marxismo-leninismo é um indício da grandiosa força dessa teoria. E a única teoria capaz de refletir rápida e profundamente as modificações nas condições da vida social, notar o novo em desenvolvimento, dar uma explicação científica dos novos fenômenos e servir, assim, de guia para a atividade prática. A marxismo criador acha-se indissoluvelmente ligado ao sentido do novo. Justamente por isso o marxismo não é algo estagnado, mas desenvolve-se e se enriquece sem cessar.

J. V. Stálin revelou em toda sua plenitude as particularidades distintivas do marxismo criador. A atitude criadora em relação ao marxismo pressupõe, em primeiro lugar, não o reconhecimento exterior do marxismo, mas sua realização na prática; em segundo lugar, ser concreto na determinação dos caminhos e dos meios para a realização do marxismo, e escolher esses caminhos e esses meios de acordo com a situação real; em terceiro lugar, a formulação de conclusões não à base de analogias e paralelos históricos, mas através do estudo das condições ambientes; em quarto lugar, a verificação, pela prática, de

sua atividade.(75)

À base da análise da nova experiência histórica e das novas leis, o marxismo-leninismo substitui as teses obsoletas por novas teses, que correspondam às novas condições históricas. A fórmula de Lênin sobre a possibilidade da vitória do socialismo num só país, considerado isoladamente, substituiu a velha fórmula de Marx e Engels sobre a vitória simultânea da revolução socialista em vários países. A fórmula do camarada Stálin sobre a manutenção do Estado no socialismo com a existência do cerco capitalista tornou mais precisa a fórmula de Engels sobre os destinos do Estado socialista, etc.

O Partido, afirma o camarada Stálin, vaguearia nas trevas e a teoria marxista definharia se as velhas fórmulas não fossem substituídas por novas fórmulas, correspondentes à nova situação histórica.

Assim, a natureza criadora do marxismo reside em que essa doutrina não admite conclusões e fórmulas invariáveis.

Mas, como observa o camarada Stálin, essa particularidade não esgota o caráter criador do marxismo. No desenvolvimento do marxismo as fórmulas e conclusões não se modificam simplesmente. O camarada Stálin afirma que

> "o marxismo exige o melhoramento e o enriquecimento das velhas fórmulas, à base da análise da nova experiência, mantendo-se o ponto de vista do marxismo (...)".(76)

O ponto de vista do marxismo são seus princípios inabaláveis que não podem modificar-se no curso do desenvolvimento social. A conclusão da inevitabilidade da substituição da sociedade capitalista pela comunista é uma tese do marxismo que não pode ser substituída

por nenhuma outra. Já as fórmulas isoladas sobre os modos de obter a vitória do socialismo (em todos os países ao mesmo tempo ou primeiro num só país) não são absolutas, mas transitórias e não podem deixar de modificar-se com o desenvolvimento e modificação das condições históricas. Por conseguinte, modificam-se *fórmulas isolaladas* do marxismo, conservando-se a *essência do marxismo, seus princípios.*

O que significa dominar a teoria marxista-leninista ? Significa saber orientar-se pelos princípios dessa doutrina na atividade prática, saber aplicá-los às condições concretas.

> "Dominar a teoria marxista-leninista não significa absolutamente decorar todas as suas fórmulas e todas as suas conclusões e agarrar-se a cada letra dessas fórmulas e dessas conclusões. Para dominar a teoria marxista-leninista, é necessário, antes de tudo, aprender a distinguir entre sua letra e sua essência.
>
> Dominar a teoria marxista-leninista significa assimilar a essência dessa teoria e aprender a utilizar essa teoria na solução dos problemas práticos do movimento revolucionário nas diferentes condições da luta de classes do proletariado.
>
> Dominar a teoria marxista-leninista significa saber enriquecer essa teoria com a nova experiência do movimento revolucionário; saber enriquecê-la com novas teses e conclusões; saber desenvolvê-la e fazê-la avançar, sem hesitar — partindo da essência da teoria — em substituir algumas de suas teses e conclusões que já se tornaram obsoletas, por novas teses e conclusões que correspondam à nova situação histórica."(77)

O esquecimento dessas indicações leva inevitavelmente ao dogmatismo. Transformar o marxismo em dogma é uma tendência a sufocar sua alma revolucionária, a transformar os princípios combativos e revolucionários do marxismo em dogmas mortos e secos, a castrar o conteúdo vivo do marxismo.

O dogmatismo se caracteriza pela separação entre a teoria e a prática, a fuga para o campo da teorização escolástica. O dogmático, o talmudista, o escolástico, parte unicamente de citações e não da experiência viva da prática, da realidade. Sem penetrar na essência da questão, o dogmático, o escolástico, o talmudista, estende mecanicamente os pronunciamentos dos clássicos do marxismo-leninismo, que se referem a condições históricas determinadas e concretas, a todos os tempos e a todas as épocas. O dogmático é inimigo da dialética marxista. A falta de compreensão e a negação das ideias do desenvolvimento, a falta de historicidade no tratamento das questões, são traços típicos do dogmatismo. Ao mesmo tempo, o dogmatismo associa-se ao idealismo. Ao invés de partir dos fenômenos da realidade objetiva, o dogmático parte de esquemas mortos, os quais tenta impor à realidade viva.

O marxismo é inimigo do dogmatismo. O marxismo surgiu, desenvolveu-se e temperou-se na luta contra todo dogmatismo. Não é por acaso que, na época do imperialismo, os inimigos do marxismo escolheram o dogmatismo, como arma envenenada, em sua vil luta contra a doutrina marxista. Lênin e Stálin desmascararam e desbarataram as tentativas de substituir o marxismo criador pelo dogmatismo. Os grandes corifeus do marxismo, Lênin e Stálin, muito desenvolveram, criadoramente, a teoria marxista.

No genial trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística,* o camarada Stálin eleva a luta contra o dogmatismo a novo nível. No país do socialismo vitorioso o dogmatismo tem como fonte a fraca assimilação das bases do marxismo-leninismo, a incapacidade de empregar as ideias básicas dessa doutrina à atividade prática.

No trabalho *O Marxismo e os Problemas de Linguística, o*

camarada Stálin ressalta a significação atual da assimilação criadora do marxismo e da luta decisiva contra o dogmatismo. A passagem do socialismo ao comunismo exige que os homens soviéticos mantenham uma atitude criadora na solução das tarefas que se apresentam e tenham capacidade de encontrar novos caminhos para a solução das questões da teoria e da prática. Entretanto, as pessoas prisioneiras do dogmatismo pensam que, se decorarem conclusões e fórmulas do marxismo, como tabela de multiplicação, e

> "aprenderem a citá-las a torto e a direito, estarão em condições de resolver toda e qualquer questão, esperando que as conclusões e fórmulas aprendidas lhes sirvam para todos os tempos e para todos os países, para todas as circunstâncias da vida."(78)

O camarada Stálin ensina que o antídoto mais decisivo contra o dogmatismo é a assimilação de teoria marxista-leninista e seu emprego ativo na prática de construção do comunismo. Assim, a profunda compreensão do marxismo é impossível sem uma atitude criadora em relação ao mesmo. Utilizar de maneira criadora a arma do marxismo-leninismo significa aguçá-la e aperfeiçoá-la constantemente.

No decurso de cem anos de existência e de desenvolvimento da filosofia marxista confirmou-se na prática sua grande força e eficácia. O vigor e a vitalidade do materialismo dialético são comprovados por toda a marcha da história moderna, pela experiência da vida e da luta revolucionária de milhões de trabalhadores. Nenhuma doutrina na história da humanidade foi confirmada tão brilhantemente pela própria vida como a grande doutrina de Marx, Engels, Lênin e Stálin.

No artigo *Os Destinos Históricos da Doutrina de Karl Marx,* Lênin escreve:

> "Após o surgimento do marxismo, cada uma das três grandes épocas da história universal trouxe-lhe novas confirmações e novos triunfos. Mas a época histórica que vai começar trará ao marxismo, doutrina do proletariado, um triunfo ainda maior."(79)

Sob a bandeira da concepção marxista-leninista do mundo o socialismo conquistou na URSS uma vitória completa e nosso país ingressou no caminho da passagem gradual do socialismo ao comunismo.

A vitória do socialismo na URSS, a construção do socialismo nos países de democracia popular, a vitória do povo chinês sobre as forças da reação — são uma notável comprovação do poderio do marxismo-leninismo e de sua doutrina filosófica. Acelera-se cada vez mais o movimento dos países de democracia popular para o socialismo. A construção do socialismo se tornou a tarefa fundamental da República Democrática Alemã.

O marxismo-leninismo é a estrela polar para todos os povos do mundo, fanal inextinguível que ilumina o caminho da humanidade para o comunismo. Com o esplendor de seu gênio o camarada Stálin ilumina aos trabalhadores de todo o mundo o caminho para um futuro melhor, o caminho do comunismo. Henri Barbusse escreve a respeito do grande Stálin:

> "Em toda sua estatura ele se ergue sobre a Europa e a Ásia, sobre o passado e sobre o futuro."

A teoria marxista-leninista, enriquecida pelo camarada Stálin, é uma poderosa força que mobiliza as massas e transforma o mundo.

Armados com a todo-poderosa concepção marxista-leninista do mundo, os Partidos Comunistas de todo o globo conduzem a

humanidade progressista pelo caminho que leva ao comunismo.

Notas de rodapé

Notas de rodapé - cap. 01:

(1) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, E.P.E., 1952, pág. 54-55; ver revista Problemas, nº 85, pág. 55. (retornar ao texto)

(2) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 536; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 44. (retornar ao texto)

(3) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 350; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, págs. 314-315. (retornar ao texto)

(4) A. A. Jdânov— Intervenção no Debate Sobre o Livro do G. F. Alexandrov — História da Filosofia da Europa Ocidental, ed. russa, E.P.E.. 1952. pág. 12. (retornar ao texto)

(5) A. A. Jdânov — Intervenção no Debate Sobre o Livro de G. F. Alexandrov — História da Filosofia da Europa Ocidental, ed. russa, E.P.E. 1952, pág. 7. (retornar ao texto)

(6) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã. ed. russa, E.P.E.. 1952, pág. 18. (retornar ao texto)

(7) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 343. (retornar ao texto)

(8) V. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XIX. pág. 3. (retornar ao texto)

(9) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, E.P.E., 1952, pág. 34; ver revista Problemas, nº 35, pág. 53.

(retornar ao texto)

(10) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã. ed. russa, E.P.E.. 1952, pág. 21. (retornar ao texto)

(11) M. V. Lomonóssov — Obras Filosóficas Escolhidas. ed. Russa. E.P.E., 1350, pág. 160. (retornar ao texto)

(12) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 28. (retornar ao texto)

(13) Ibid., pág. 160. (retornar ao texto)

(14) K. Marx — *O Capital*, ed. russa, 1951, t. I, pág. 19. (retornar ao texto)

(15) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 26. (retornar ao texto)

(16) K. Marx e F. Engels — OBRAS, ed. russa, 1938, t. I, pág. 398. (retornar ao texto)

(17) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 214. (retornar ao texto)

(18) Ibid., pág. 38. (retornar ao texto)

(19) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. I, págs. 300-301; ver ed. Bras. Ed. Vitória, Rio, págs. 272-273. (retornar ao texto)

(20) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXXIV pág. 353. (retornar ao texto)

(21) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. I, pág. 297; ver ed. Bras. Ed. Vitória, Rio, 195, pág. 270. (retornar ao texto)

(22) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págr. 544. (retornar ao texto)

(23) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. XIII, pág. 298. (retornar ao texto)

(24) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. I, págs. 380-381. (retornar ao texto)

(25) Id., t. XIV, pág. 321. (retornar ao texto)

(26) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 329. (retornar ao texto)

(27) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. IV, pág. 192. (retornar ao texto)

(28) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, E.P.E., 1952, págs. 54-55; ver revista Problemas, nº 35, pág. 55. (retornar ao texto)

(29) J. V. Stálin — História do PC(b) da URSS, ed. russa, pág. 98; ver História do PC(b) da URSS, 2.ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 43. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 02:

(1) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 294. (retornar ao texto)

(2) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 303; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 275. (retornar ao texto)

(3) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. I, págs. 171-172; ver Obras Escolhidas, Ed. Vitória, Rio, 1955, t. I, págs. 171-172. (retornar

ao texto)

(4) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XIV, pág. 40. (retornar ao texto)

(5) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. VII, pág. 366. (retornar ao texto)

(6) Ibid., pág. 367. (retornar ao texto)

(7) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 22. (retornar ao texto)

(8) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 38. (retornar ao texto)

(9) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 193. (retornar ao texto)

(10) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 536; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 44. (retornar ao texto)

(11) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 52. (retornar ao texto)

(12) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 45. (retornar ao texto)

(13) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 38. (retornar ao texto)

(14) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 155. (retornar ao texto)

(15) K. Marx e F. Engels — Cartas Escolhidas, ed. russa, E.P.E., 1948, págs. 449-450. (retornar ao texto)

(16) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 39. (retornar ao texto)

(17) I. P. Pávlov — Conferências Sobre Fisiologia, ed. russa. Editora da Academia de de Ciências Médicas da URSS, Moscou, 1912-1913 pág 55. (retornar ao texto)

(18) O. B. Lepechínskaia — A Origem das Células a Partir da Substancia Viva e o Papel da Substância Viva no Organismo, ed. russa. Editora da Academia de Ciências Médicas da URSS, Moscou, 1950, pág. 13. (retornar ao texto)

(19) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. I, págs. 124-125; ver Obras Escolhidas, Ed. Vitória, Rio, 1955, t. I, págs. 113-114. (retornar ao texto)

(20) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 547; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 49. (retornar ao texto)

(21) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa. E.P.E., 1952, pág. 19; ver revista Problemas. nº 28, pág. 45. (retornar ao texto)

(22) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, E.P.E., 1952, pág. 39: ver revista Problemas, nº 35, pág. 17. (retornar ao texto)

(23) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541: ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio,

1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(24) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 329. (retornar ao texto)

(25) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 143. (retornar ao texto)

(26) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 319. (retornar ao texto)

(27) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 185. (retornar ao texto)

(28) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 126. (retornar ao texto)

(29) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 127. (retornar ao texto)

(30) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 213. (retornar ao texto)

(31) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. I, pág. 122; ver Obras Escolhidas, Ed. Vitória, Rio, 1955, t. I, págs. 113. (retornar ao texto)

(32) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 107. (retornar ao texto)

(33) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 140. (retornar ao texto)

(34) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 182. (retornar ao texto)

(35) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 134. (retornar ao texto)

(36) Ibid.. pág. 134. (retornar ao texto)

(37) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 136. (retornar ao texto)

(38) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXVII, pág. 506. (retornar ao texto)

(39) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XI, pág. 179. (retornar ao texto)

(40) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXI, pág. 2. (retornar ao texto)

(41) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 22. (retornar ao texto)

(42) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. VI, pág. 71. (retornar ao texto)

(43) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. V, pág. 130. (retornar ao texto)

(44) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t.XXVIII, pág. 299. (retornar ao texto)

(45) Id., t. XXV, pág. 372. (retornar ao texto)

(46) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t.XXXII, pág. 69. (retornar ao texto)

(47) Ibid., pág. 62. (retornar ao texto)

(48) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXXII, pág. 72. (retornar ao texto)

(49) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 104. (retornar ao texto)

(50) P. Holbach — Sistema da Natureza, ed. russa, 1940, pág. 35. (retornar ao texto)

(51) P. Holbach — Sistema da Natureza, ed. russa, 1940, pág. 131.(retornar ao texto)

(52) K. Marx e F. Engels — Cartas Escolhidas, ed. russa, E.P.E., 1948, pág. 264. (retornar ao texto)

(53) Ibid., pág. 422. (retornar ao texto)

(54) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XII, pág. 153. (retornar ao texto)

(55) Ibid., t. XVIII, pág. 86. (retornar ao texto)

(56) Ibid., t. I, pág. 417. (retornar ao texto)

(57) Ibid., t. XX, pág. 182. (retornar ao texto)

(58) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIII, pág. 19. (retornar ao texto)

(59) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 329. (retornar ao texto)

(60) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XI, pág. 110. (retornar ao texto)

(61) J. V. Stálin — OBRAS, ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, t. II,

pág. 281. (retornar ao texto)

(62) K. Marx e F. Engels — Cartas Escolhidas, ed. russa, E.P.E., 1948, pág. 422-423. (retornar ao texto)

(63) Ibid., págs. 422-470. (retornar ao texto)

(64) T. D. Lissenko — Agrobiologia, 4ª ed. russa, 1948, pág. 652. (retornar ao texto)

(65) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XII, pág. 38. (retornar ao texto)

(66) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 539: ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(67) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. IX, pág. 89. (retornar ao texto)

(68) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXXI, pág. 143. (retornar ao texto)

(69) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. VII, pág. 38. (retornar ao texto)

(70) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, págs. 49-50; ver revista Problemas, nº 35, págs. 52-53. (retornar ao texto)

(71) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, págs. 50-51; ver revista Problemas, nº 35, págs. 53. (retornar ao texto)

(72) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed.

russa, 1952, págs. 52; ver revista Problemas, nº 35, págs. 54. (retornar ao texto)

(73) Ibid., pág. 53; Ibid., pág. 54. (retornar ao texto)

(74) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, págs. 53-54; ver revista Problemas, nº 35, págs. 54-55. (retornar ao texto)

(75) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. VI, pág. 163. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 03:

(1) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 20. (retornar ao texto)

(2) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 537; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 44. (retornar ao texto)

(3) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIX, pág. 4. (retornar ao texto)

(4) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 350. (retornar ao texto)

(5) F. Engels — Anti-Dühring ed. russa. 1951. pág. 314. (retornar ao texto)

(6) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã. ed. russa. 1952. págs. 37. (retornar ao texto)

(7) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 21. (retornar ao texto)

(8) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. I, pág. 126-127; ver Obras Escolhidas, ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1955, t. I, pág. 118. (retornar ao texto)

(9) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 6. (retornar ao texto)

(10) F. Engels – Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. Russa, 1952, págs. 38-39. (retornar ao texto)

(11) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 168. (retornar ao texto)

(12) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 44. (retornar ao texto)

(13) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 57. (retornar ao texto)

(14) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 301; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 273. (retornar ao texto)

(15) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 44. (retornar ao texto)

(16) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 52. (retornar ao texto)

(17) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIX, pág. 314. (retornar ao texto)

(18) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 239. (retornar ao texto)

(19) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 298; ver ed. bras.,

Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 270. (retornar ao texto)

(20) A. I. Opárin — O Aparecimento da Vida na Terra, ed. russa, edição da Academia de Ciências da URSS, Moscou-Leningrado, 1941, pág. 264. (retornar ao texto)

(21) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 559; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 53. (retornar ao texto)

(22) K. Marx e F. Engels — Obras Escolhidas, ed. russa, E. P. E., 1941, t. II, pág. 32. (retornar ao texto)

(23) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXII, pág. 296. (retornar ao texto)

(24) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXVIII, pág. 50. (retornar ao texto)

(25) Id., t. XXIX, pág. 292. (retornar ao texto)

(26) V. M. Mólotov — Stálin e a Direção Stalinista, ed. russa, E.P.E., 1949, pág. 11. (retornar ao texto)

(27) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXXV, pág. 194. (retornar ao texto)

(28) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XII, pág. 339. (retornar ao texto)

(29) Ibid., pág. 341. (retornar ao texto)

(30) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XII, pág. 146. (retornar ao texto)

(31) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 540; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(32) J. V. Stálin — Discursos nas Assembleias Eleitorais dos Eleitores da Circunscrição Eleitoral Stálin, Moscou, a 11 de dezembro de 1937 e 9 de fevereiro de 1946, ed. russa, E. P. E., 1952, pág. 20. (retornar ao texto)

(33) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 496. (retornar ao texto)

(34) I. V. Mitchúrin — OBRAS, ed. russa, E. A., Moscou, 1948, págs. 548-549. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 04:

(1) V. I. Lênin Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, págs. 327-328. (retornar ao texto)

(2) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 203. (retornar ao texto)

(3) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 236. (retornar ao texto)

(4) T. D. Lissenko — Agrobiologia. 4.ª ed. russa, 1948, pág. 329. (retornar ao texto)

(5) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 537; ver História do P. C. (b) da URSS, 2.ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 45. (retornar ao texto)

(6) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 201.

(retornar ao texto)

(7) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 184. (retornar ao texto)

(8) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 39. (retornar ao texto)

(9) Ibid. (retornar ao texto)

(10) Ibid., pág. 41. (retornar ao texto)

(11) Ovsiúg - Planta daninha cujas sementes se parecem com a aveia, mas que não serve para alimento. (N. do T.) (retornar ao texto)

(12) Eozon Canadense — fóssil encontrado no Canadá e considerado como vestígio de organismos primitivos muito antigos. (N. do T.) (retornar ao texto)

(13) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 13. (retornar ao texto)

(14) K. Marx — *O Capital* ed. russa. 1951. t. I. pág. 314. (retornar ao texto)

(15) A. A. Jdânov — Intervenção no Debate Sobre o Livro de G. F. Alexândrov — «História da Filosofia da Europa Ocidental», ed. russa, E.P.E., 1952, pág. 8; ver revista Problemas, n.º 7, pág. 64. (retornar ao texto)

(16) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 309; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 280. (retornar ao texto)

(17) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. XVI, pág. 319. (retornar ao texto)

(18) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 301; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, págs. 272-273. (retornar ao texto)

(19) K. Marx - Miséria da Filosofia, ed. russa, E.P.E., 1941, pág. 149. (retornar ao texto)

(20) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. XIII, pág. 22. (retornar ao texto)

(21) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ªed. russa, pág. 561; ver História do P. C. (b) da URSS, 2.ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 54. (retornar ao texto)

(22) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. X, pág. 239. (retornar ao texto)

(23) C. Marx e F. Engels — Cartas Escolhidas, ed. russa, E.P.E., 1948, pág. 370 (retornar ao texto)

(24) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. XXVII, págs. 243-244. (retornar ao texto)

(25) J. V. Stálin — Discursos nas Assembleias Eleitorais dos Eleitores da Circunscrição Eleitoral Stálin, Moscou, a 11 de dezembro de 1937 e 9 de fevereiro de 1946, ed. russa. 1952, pág. 18; ver Discurso aos Eleitores, Ed. Horizonte, Rio, 1946, pág. 12. (retornar ao texto)

(26) J. V. Stálin — História do PC(b) da URSS, ed. russa, pág. 98; ver História do PC(b) da URSS, 2.ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 43. (retornar ao texto)

(27) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, págs. 28-29; ver revista Problemas, nº 28, pág. 50. (retornar ao texto)

(28) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 63. (retornar ao texto)

(29) O P.C. (b) da URSS. nas Resoluções e Decisões dos Congressos, Conferências e Plenos do C.C.. ed. russa. E.P.E 1941 Parte II, pág. 727. (retornar ao texto)

(30) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 21. (retornar ao texto)

(31) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. I, pág. 146; ver Obras Escolhidas, ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1955, t. I, pág. 141. (retornar ao texto)

(32) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11.ª ed. russa, pág. 537; ver História do P.C. (b) da URSS, 2.ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947. pág. 45. (retornar ao texto)

(33) V. I. Lênin Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 197. (retornar ao texto)

(34) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. XXII, pág. 296. (retornar ao texto)

(35) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. VII, pág. 94; ver revista Problemas, nº 34, pág. 53. (retornar ao texto)

(36) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 36. (retornar ao texto)

(37) V. M. Molótov — O 30º aniversário da Grande Revolução Socialista de Outubro, ed. russa, E.P.E., 1947, pág. 31; ver revista Problemas, no 7, pág. 61. (retornar ao texto)

(38) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541; ver História do P. C. (b) da URSS, 2.ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(39) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XV, pág. 19. (retornar ao texto)

(40) K. Marx e F. Engels — OBRAS, ed. russa, 1929, t. V, pág. 569. (retornar ao texto)

(41) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XII, pág. 37. (retornar ao texto)

(42) Id., t. I, pág. 345; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio 1952 pág. 310. (retornar ao texto)

(43) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XVI, pág. 319. (retornar ao texto)

(44) J. V. Stálin — História do PC(b) da URSS, ed. russa, pág. 344. (retornar ao texto)

(45) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XII, pág. 199. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 05:

(1) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 328. (retornar ao texto)

(2) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 327. (retornar ao texto)

(3) Ibid., pág. 328. (retornar ao texto)

(4) Ibid., pág. 237. (retornar ao texto)

(5) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 539; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 45. (retornar ao texto)

(6) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 535; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 44. (retornar ao texto)

(7) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 169. (retornar ao texto)

(8) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1552, pág. 244. (retornar ao texto)

(9) O. B. Lepechínskaia — A Origem das Células a Partir da substancia Viva e o Papel da Substância Viva no Organismo, ed. russa da Academia de Ciências Médicas da URSS, 1950, pág. 180. (retornar ao texto)

(10) T. D. Lissenko — Agrobiologia. 4.ª ed. russa, 1948, pág. 635. (retornar ao texto)

(11) K. Marx e F. Engels —*Manifesto do Partido Comunista*, ed. russa, E.P.E., 1952, pag. 32; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1954, pág. 21. (retornar ao texto)

(12) Ibid., pág. 33; ibid., pág. 22. (retornar ao texto)

(13) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 327. (retornar ao texto)

(14) Ibid., pág. 328. (retornar ao texto)

(15) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 19; ver revista Problemas, n.º 28, pág. 45. (retornar ao texto)

(16) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXX, pág. 88. (retornar ao texto)

(17) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. VII, pág. 118; revista Problemas, no 34, pág. 69. (retornar ao texto)

(18) Ibid. (retornar ao texto)

(19) Ibid., pág. 119., pág. 70. (retornar ao texto)

(20) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págs. 537-558; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 52. (retornar ao texto)

(21) Compêndio de História do P.C. (b) da URSS, ed. russa, págs. 291-292; História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 122. (retornar ao texto)

(22) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. X, págs. 258-259. (retornar ao texto)

(23) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XII, pág. 145. (retornar ao texto)

(24) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 145. (retornar ao texto)

(25) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. X, págs. 330-331. (retornar ao texto)

(26) Ibid., pág. 331. (retornar ao texto)

(27) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XI, pág. 127. (retornar ao texto)

(28) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. VII, pág. 122. (retornar ao texto)

(29) Id., t. XI, pág. 114. (retornar ao texto)

(30) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XIII, pág. 18. (retornar ao texto)

(31) Ibid., pág. 24. (retornar ao texto)

(32) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XIII, pág. 25. (retornar ao texto)

(33) Id., t. X, pág. 331. (retornar ao texto)

(34) A. A. Jdânov — Intervenção no Debate Sobre o Livro de G. F. Alexândrov — «História da Filosofia da Europa Ocidental», ed. russa, 1952. pág. 40, ver revista Problemas, n.º 7. (retornar ao texto)

(35) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 31; ver revista Problemas, n.º 28, pág. 51. (retornar ao texto)

(36) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 31; ver revista Problemas, n.º 28, pág. 51. (retornar ao texto)

(37) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 317; ver ed. bra., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 286. (retornar ao texto)

(38) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, pág. 317; ver ed. bra., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 180. (retornar ao texto)

(39) Ibid., pág. 181; ibid., 183. (retornar ao texto)

(40) Id., t. XIII, pág. 226. (retornar ao texto)

(41) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XXXI, pág. 83. (retornar ao texto)

(42) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págs. 541; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(43) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págs. 537; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 44. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 06:

(1) J. V. Stálin — Questões do Leninismo. 11.ª ed. russa. pág. 541; ver História do P.C. (b) da URSS., 2.ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio. 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(2) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1552, pág. 147. (retornar ao texto)

(3) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 42. (retornar ao texto)

(4) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XXIII, pág. 43. (retornar ao texto)

(5) Id., t. XIV, pág. 160. (retornar ao texto)

(6) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 239. (retornar ao texto)

(7) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. I, págs. 312-313; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 283. (retornar ao texto)

(8) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(9) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 318. (retornar ao texto)

(10) F. Engels — Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, ed. russa, E. P. E., 1952, pág. 9; ver ed. bras., Ed. Horizonte, Rio 1945, pág. 18. (retornar ao texto)

(11) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica «lema, ed. russa, 1952, pág. 19. (retornar ao texto)

(12) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1552, pág. 187. (retornar ao texto)

(13) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 117. (retornar ao texto)

(14) Ibid., pág. 133. (retornar ao texto)

(15) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, págs. 132-133. (retornar ao texto)

(16) Ibid., pág. 243. (retornar ao texto)

(17) Ibid., pág. 245. (retornar ao texto)

(18) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 294. (retornar ao texto)

(19) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, págs. 246-247. (retornar ao texto)

(20) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 249. (retornar ao texto)

(21) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 249. (retornar ao texto)

(22) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1552, pág. 44. (retornar ao texto)

(23) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 254. (retornar ao texto)

(24) Ibid. (retornar ao texto)

(25) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 258. (retornar ao texto)

(26) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1552, pág. 197. (retornar ao texto)

(27) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. XIII. (retornar ao texto)

(28) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 162. (retornar ao texto)

(29) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 49. (retornar ao texto)

(30) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 162. (retornar ao texto)

(31) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 166. (retornar ao texto)

(32) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 168. (retornar ao texto)

(33) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 163. (retornar ao texto)

(34) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(35) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 182. (retornar ao texto)

(36) Id., t. XIV, pág. 4. (retornar ao texto)

(37) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1552, pág. 184. (retornar ao texto)

(38) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1552, pág. 182. (retornar ao texto)

(39) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 142. (retornar ao texto)

(40) Ibid., págs. 146-147. (retornar ao texto)

(41) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 544; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 48. (retornar ao texto)

(42) K. Marx — Crítica à Economia Política, ed. russa, E.P.E., 1951, pág. 7. (retornar ao texto)

(43) J. V. Stálin — OBRAS, ed. russa, t. XII, pág. 243. (retornar ao texto)

(44) Ibid. (retornar ao texto)

(45) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 432. (retornar ao texto)

(46) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 544; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 48. (retornar ao texto)

(47) Ibid., pág. 552; ibid., pág. 50. (retornar ao texto)

(48) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 553; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 51. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 07:

(1) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 15. (retornar ao texto)

(2) Ibid., pág. 16. (retornar ao texto)

(3) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa, t. XIV, pág. 321. (retornar ao texto)

(4) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 542; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 47. (retornar ao texto)

(5) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XIV, pág. 255. (retornar ao texto)

(6) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed russa, 1947, pág. 308. (retornar ao texto)

(7) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed russa, 1947, pág. 330. (retornar ao texto)

(8) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 54. (retornar ao texto)

(9) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, E.P.E., 1952. pág. 56. (retornar ao texto)

(10) Até mesmo G. V. Plekhânov rendia tributo a esse ponto de vista. (retornar ao texto)

(11) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. I, pág. 313; ver ed. bras.. Ed. Vitória. Rio, 1952. pág. 283. (retornar ao texto)

(12) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. I, pág. 317; ver ed. bras.. Ed. Vitória. Rio, 1952. pág. 287. (retornar ao texto)

(13) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa. 1952, págs. 18-19. (retornar ao texto)

(14) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XIV, págs. 134-135. (retornar ao texto)

(15) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed russa, 1947, pág. 88. (retornar ao texto)

(16) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, págs. 77-78. (retornar ao texto)

(17) V. I. Vernádski — Ensaios Sobre Geoquímica, Editora do Estado, Moscou- Leningrado, 1927, pág. 41. (retornar ao texto)

(18) Pode-se afirmar, por exemplo, que os solos em que não há um microelemento como o cobre, não podem ser usados para o cultivo de gramíneas; o solo que não contém boro não serve para o cultivo de beterraba, etc. (retornar ao texto)

(19) K. A. Timiriázev — Obras Escolhidas, ed. russa, Moscou, 1948, t. II, pág. 341, 340. (retornar ao texto)

(20) T. D. Lissenko — Agrobiologia. 4.ª ed. russa, 1948, págs. 459-460. (retornar ao texto)

(21) K. A. Timiriázev — Obras Escolhidas, ed. russa, Moscou, 1948, t. II, pág. 334. (retornar ao texto)

(22) Ibid., pág. 371. (retornar ao texto)

(23) T. D. Lissenko — Agrobiologia. 4.ª ed. russa, 1948, pág. 463. (retornar ao texto)

(24) A ciência dispõe de dados suficientemente autênticos sobre a vida em Marte. Os sábios soviéticos criaram um novo Setor das ciências naturais, a astrobotânica, que estuda a flora de Marte. Com insistência cada vez maior aumentam as suposições de que também em Vênus existe vida. (retornar ao texto)

(25) O. B. Lepechínskaia — A Célula, Sua Vida e Origem. Moscou, 1950, pág. 26. (retornar ao texto)

(26) Ibid., pág. 46. (retornar ao texto)

(27) Questões de Filosofia, nº 2, págs. 81-82. (retornar ao texto)

(28) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XIV, pág. 34. (retornar ao texto)

(29) I. P. Pávlov — Obras Escolhidas, ed. russa, 1951, págs. 181. (retornar ao texto)

(30) Ibid., pág. 183. (retornar ao texto)

(31) I. P. Pávlov — Obras Escolhidas, ed. russa, 1951, pág. 48. (retornar ao texto)

(32) Pravda de 18 de agosto de 1935. (retornar ao texto)

(33) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, 1951, t. IV, pág. 22. (retornar ao texto)

(34) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XIV, pág. 34. (retornar ao texto)

(35) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 78. (retornar ao texto)

(36) I. P. Pávlov — Obras Escolhidas, ed. russa, 1951, págs. 135-136. (retornar ao texto)

(37) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, 1951, t. III, liv. 1, pág. 65. (retornar ao texto)

(38) I. M. Sétchenov — Obras Escolhidas de Filosofia e Psicologia, ed. russa, E.P.E., 1947, págs. 414-415. (retornar ao texto)

(39) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, 1951, t. III, liv. 1, pág. 273. (retornar ao texto)

(40) I. P. Pávlov — Obras Escolhidas, ed. russa, 1951, pág. 196. (retornar ao texto)

(41) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, 1951, t. IV, pág.

24. (retornar ao texto)

(42) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, 1951, t. IV, pág. 26. (retornar ao texto)

(43) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa. 1952, pág. 132. (retornar ao texto)

(44) Ibid., págs. 140 e 176. (retornar ao texto)

(45) K. Marx — O Capital, ed. russa, 1951, t. I, pág. 185. (retornar ao texto)

(46) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed russa, 1947, pág. 67. (retornar ao texto)

(47) K. Marx e F. Engels — OBRAS, ed. russa. 1938, t.IV, pág. 21. (retornar ao texto)

(48) I. P. Pávlov — Obras Escolhidas, ed. russa, 1951, pág. 492. (retornar ao texto)

(49) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa. 1952, pág. 135. (retornar ao texto)

(50) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 46; ver revista Problemas, no 35, pág». 51. (retornar ao texto)

(51) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa. 1952, pág. 134. (retornar ao texto)

(52) I. P. Pávlov — Obras Escolhidas, ed. russa, 1951, pág. 234. (retornar ao texto)

(53) I. P. Pávlov — Obras Escolhidas, ed. russa, 1951, pág. 472. (retornar ao texto)

(54) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 39; ver revista Problemas, no 35, pág». 47. (retornar ao texto)

(55) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 22; ver revista Problemas, no 35, pág». 46-47. (retornar ao texto)

(56) Notas de N. G. Tchernitchévski à tradução da Introdução à História do Século XIX, de Cervinus; ver N. G. Tchernitchévski — Coletânea de Artigos, Documentos e Memórias, Moscou, 1928, págs. 29-30. (retornar ao texto)

(57) D. I. Pissárev — Obras Completas, 5ª ed. russa, 1910, t. IV, pág. 586. (retornar ao texto)

(58) Id., 1912, t. I, pág. 171. (retornar ao texto)

(59) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 26. (retornar ao texto)

(60) K. Marx e F. Engels — Obras Escolhidas, ed. russa, 1948, t. II, pág. 157. (retornar ao texto)

(61) Id., t. I, pág. 322. (retornar ao texto)

(62) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XIV, pág. 309. (retornar ao texto)

(63) K. Marx e F. Engels — Obras Escolhidas, ed. russa, 1948, t. I, pág. 322. (retornar ao texto)

(64) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. I, págs. 122-123; ver Obras Escolhidas, Ed. Vitória, Rio, 1955, t. I, pág. 113 (retornar ao texto)

(65) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 545; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 48. (retornar ao texto)

(66) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págs. 578-579. (retornar ao texto)

(67) K. Marx e F. Engels — Obras Escolhidas, ed. russa, 1948, t. II, págs. 467-468. (retornar ao texto)

(68) V. I. Lênin — OBRAS. 4.ª ed. russa, t. V, pág. 341. (retornar ao texto)

(69) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. VI, págs. 88-89. (retornar ao texto)

(70) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 546-547; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 49. (retornar ao texto)

(71) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed. russa, t. XXXIII, pág. 439. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 08:

(1) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, 1952, pág. 16. (retornar ao texto)

(2) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 90. (retornar ao texto)

(3) Ibid. (retornar ao texto)

(4) F. Engels — Ludwig Feuerbach e o Fim da Filosofia Clássica Alemã, ed. russa, 1952, pág. 18. (retornar ao texto)

(5) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, págs. 344-346. (retornar ao texto)

(6) J. V. Stálin — Questões do Leninismo. 11ª ed. russa, pág. 543; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 47. (retornar ao texto)

(7) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 288. (retornar ao texto)

(8) Ibid., pág. 106. (retornar ao texto)

(9) Ibid., pág. 39. (retornar ao texto)

(10) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, da Academia ae Ciências da URSS, Moscou-Leningrado, 1951, t. III. livro 1, pág. 122. (retornar ao texto)

(11) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, da Academia ae Ciências da URSS, Moscou-Leningrado, 1951, t. III. livro 2, págs. 335-336. (retornar ao texto)

(12) S. V. Krávkov — A Visão da Cor, ed. russa, 1951, págs. 15-16. (retornar ao texto)

(13) K. Marx e F. Engels — Obras Completas, ed. russa, 1938, t. IV, pág. 33. (retornar ao texto)

(14) K. Marx e F. Engels — Obras Completas, ed. russa, 1929, t. III, pág. 627. (retornar ao texto)

(15) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, págs.

135-136. (retornar ao texto)

(16) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 222. (retornar ao texto)

(17) Ibid., pág. 57. (retornar ao texto)

(18) S. V. Krávkov — A Visão da Cor, ed. russa, 1951, pág. 18. (retornar ao texto)

(19) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 106. (retornar ao texto)

(20) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 157.(retornar ao texto)

(21) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. I, pág. 319; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 288. (retornar ao texto)

(22) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 177. (retornar ao texto)

(23) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 329. (retornar ao texto)

(24) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 47; ver revista Problemas, no 35, págs. 51-52. (retornar ao texto)

(25) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 188. (retornar ao texto)

(26) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, da Academia ae Ciências da URSS, Moscou-Leningrado, 1951, t. III. livro 2, págs. 232-233. (retornar ao texto)

(27) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 22; ver revista Problemas, no 35, págs. 46-47. (retornar ao texto)

(28) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 153. (retornar ao texto)

(29) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, 1952, pág. 24; ver revista Problemas, no 35, págs. 47-48. (retornar ao texto)

(30) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, págs. 146-147. (retornar ao texto)

(31) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, págs. 180-181. (retornar ao texto)

(32) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 193. (retornar ao texto)

(33) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 130. (retornar ao texto)

(34) Ibid., pág. 127. (retornar ao texto)

(35) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 215. (retornar ao texto)

(36) F. Engels — Dialética da Natureza, ed. russa, 1952, pág. 145. (retornar ao texto)

(37) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 37. (retornar ao texto)

(38) T. D. Lissenko — Agrobiologia, 4ª ed. russa, 1948, pág. 608.

(retornar ao texto)

(39) Ibid., pág. 614. (retornar ao texto)

(40) Ibid. (retornar ao texto)

(41) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XXV, pág. 381. (retornar ao texto)

(42) J. V. Stálin — Questões do Leninismo. 11ª ed. russa, págs. 603-604. (retornar ao texto)

(43) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. VI, págs. 88-89. (retornar ao texto)

(44) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 126. (retornar ao texto)

(45) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 94. (retornar ao texto)

(46) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 164. (retornar ao texto)

(47) I. P. Pávlov — Obras Completas, ed. russa, da Academia ae Ciências da URSS, Moscou-Leningrado, 1951, t. III. livro 1, pág. 375. (retornar ao texto)

(48) J. V. Stálin — Questões do Leninismo. 11ª ed. russa, pág. 502. (retornar ao texto)

(49) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 185. (retornar ao texto)

(50) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 130. (retornar

ao texto)

(51) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 120. (retornar ao texto)

(52) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 118. (retornar ao texto)

(53) Ibid., pág. 110. (retornar ao texto)

(54) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 110. (retornar ao texto)

(55) V. I. Lênin — Cadernos Filosóficos, ed. russa, 1947, pág. 174. (retornar ao texto)

(56) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, págs. 81-82. (retornar ao texto)

(57) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 122. (retornar ao texto)

(58) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, págs. 295-296. (retornar ao texto)

(59) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 120. (retornar ao texto)

(60) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 249. (retornar ao texto)

(61) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 82. (retornar ao texto)

(62) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 117. (retornar

ao texto)

(63) V. I. Lênin — OBRAS, 4.ª ed russa, t. XIV, pág. 120. (retornar ao texto)

(64) Id., pág. 380. (retornar ao texto)

(65) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. II, págs. 312-313; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, págs. 297-298. (retornar ao texto)

(66) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págs. 544-545; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte. Rio, 1947, pág. 48. (retornar ao texto)

(67) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. VI, pág. 92. (retornar ao texto)

Notas de rodapé - cap. 09:

(1) J. V. Stálin — OBRAS. ed. russa, t. I, pág. 257; ver ed. bras., Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 270. (retornar ao texto)

(2) Ibid., pág. 331; ibid., pág. 298. (retornar ao texto)

(3) Ibid., pág. 352; ibid., pág. 316. (retornar ao texto)

(4) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XIV. pág. 312. (retornar ao texto)

(5) Compêndio de História do P.C. (b) da URSS, ed. russa, págs. 11; História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 7. (retornar ao texto)

(6) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. VI, pág. 74. (retornar ao texto)

(7) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. II, pág. 54. (retornar ao texto)

(8) F. Engels — Anti-Dühring, ed. russa, 1951, pág. 49. (retornar ao texto)

(9) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. II, pág. 7. (retornar ao texto)

(10) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(11) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXXI, pág. 81. (retornar ao texto)

(12) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(13) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(14) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXI, pág. 190. (retornar ao texto)

(15) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXI, pág. 58. (retornar ao texto)

(16) Ibid., pág. 40. (retornar ao texto)

(17) Id., t. XXXI, pág. 467. (retornar ao texto)

(18) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. I, págs. 300-301; ver ed.

Bras. Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 103. (retornar ao texto)

(19) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. I, pág. 308. (retornar ao texto)

(20) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XIX, pág. 503. (retornar ao texto)

(21) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXI, págs. 197-198. (retornar ao texto)

(22) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. IX, pág. 28. (retornar ao texto)

(23) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. VI, pág. 92. (retornar ao texto)

(24) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXIX, pág. 464. (retornar ao texto)

(25) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. VI, pág. 187. (retornar ao texto)

(26) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXI, pág. 33. (retornar ao texto)

(27) Correspondência de K. Marx e F. Engels com Políticos Russos, ed. russa, pag. 309. (retornar ao texto)

(28) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXI, pág. 58. (retornar ao texto)

(29) Ibid. (retornar ao texto)

(30) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. VI, pág. 151. (retornar ao

texto)

(31) Id., t. V. pág. 62; ver ed. bras. Ed. Vitória, Rio, 1954, pág. 59. (retornar ao texto)

(32) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXXI, pág. 63. (retornar ao texto)

(33) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. XIII, pág. 377. (retornar ao texto)

(34) Ibid. (retornar ao texto)

(35) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. XII, pág. 370. (retornar ao texto)

(36) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. IX, pág. 132. (retornar ao texto)

(37) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. VI, pág. 399. (retornar ao texto)

(38) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 541; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 46. (retornar ao texto)

(39) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. I, pág. 546; ver ed. Bras. Ed. Vitória, Rio, 1952, pág. 196. (retornar ao texto)

(40) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 546; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 48. (retornar ao texto)

(41) Ibid., pág. 544; ibid. (retornar ao texto)

(42) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. XII, págs. 322-323. (retornar ao texto)

(43) Ibid., págs. 244-245. (retornar ao texto)

(44) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 589. (retornar ao texto)

(45) Ibid., pág. 553. (retornar ao texto)

(46) F. Engels — Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, ed. russa, 1952, pág. 72. (retornar ao texto)

(47) Ibid., págs. 72-73. (retornar ao texto)

(48) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. XII, pág. 322. (retornar ao texto)

(49) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págs. 545-546; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 49. (retornar ao texto)

(50) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. XIII, pág. 353. (retornar ao texto)

(51) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, págs. 544-545; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 48. (retornar ao texto)

(52) F. Engels — Do Socialismo Utópico ao Socialismo Científico, ed. russa, 1952, pág. 73. (retornar ao texto)

(53) Ibid. (retornar ao texto)

(54) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XIV, pág. 177. (retornar

ao texto)

(55) Ibid., pág. 311. (retornar ao texto)

(56) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 547. (retornar ao texto)

(57) Ibid., pág. 558. (retornar ao texto)

(58) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 558. (retornar ao texto)

(59) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 598. (retornar ao texto)

(60) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. V, págs. 355-356. (retornar ao texto)

(61) Citação no livro A Geografia Burguesa a Serviço do Imperialismo Americano, ed. da Academia de Ciências da URSS, Moscou-Leningrado, 1951, pág. 104. (retornar ao texto)

(62) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXVII, pág. 375. (retornar ao texto)

(63) Id., t. XIV, pág. 329. (retornar ao texto)

(64) Ibid., pág. 177. (retornar ao texto)

(65) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 545. (retornar ao texto)

(66) Conferência Sobre o Problema da Substância Viva e o Desenvolvimento das Células. Notas taquigráficas, ed. russa, ed. da Academia de Ciências da URSS, 1951, pág. 9. (retornar ao texto)

(67) I. V. Mitchúrin — OBRAS, ed. russa, 1948, t. I, pág. 623. (retornar ao texto)

(68) Id., t. IV, pág. 245. (retornar ao texto)

(69) I. V. Mitchúrin — OBRAS, ed. russa, 1948, t. IV, pág. 158. (retornar ao texto)

(70) W. R. Williams — «A Fertilidade da Terra Soviética» in Ciência Soviética, no 12, ed. russa, 1939, pág. 101. (retornar ao texto)

(71) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. VI, pág. 275. (retornar ao texto)

(72) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, pág. 31; ver revista Problemas, nº 28, pág. 51. (retornar ao texto)

(73) J. V. Stálin — Questões do Leninismo, 11ª ed. russa, pág. 537; ver História do P. C. (b) da URSS, 2ª ed. bras. Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 44. (retornar ao texto)

(74) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed. russa, pág. 55; ver revista Problemas, nº 35, pág. 55. (retornar ao texto)

(75) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. IV, pág. 306. (retornar ao texto)

(76) J. V. Stálin – Obras, ed. Russa, t. IX, pág. 99. (retornar ao texto)

(77) Compêndio de História do P.C. (b) da URSS, ed. russa, págs. 339-340; ver História do P.C. (b) da URSS, 2ª ed. bras., Ed. Horizonte, Rio, 1947, pág. 142. (retornar ao texto)

(78) J. V. Stálin — *O Marxismo e os Problemas de Linguística*, ed.

russa, pág. 54; ver revista Problemas, nº 35, pág. 55. (retornar ao texto)

(79) V. I. Lênin — OBRAS, 4ª ed. russa. t. XXVIII, pág. 547. (retornar ao texto)